

*Casahuate
Al Nahjale*

DAYA ENGLER



DAYA ENGLER

**CASAMENTO
ARRANJADO**

Copyright © 2019 Daya Engler

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação sem autorização por escrito da autora.

Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da
PERIGOSAS ACHERON

imaginação da autora. Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

PERIGOSAS NACIONAIS

Dedicado a você que nunca desistiu

PERIGOSAS ACHERON

*“Em nossa perspectiva, nós sempre
seremos
os mocinhos e outro o vilão”.*

Daya Engler

Playlist

When I Was Your Man – Bruno Mars

I'm not her – Clara Mae

Na Sua Estante – Pitty

Sweet Nothing – Calvin Harris ft. Florence

Midnight Train – Sam Smith

Indecente – Anitta

Dusk Till Dawn – Zayn ft. Sia

How Would You Feel – Ed Sheeran

Just Be – Calum Scott

Say You Won't Let Go – James Arthur

Girls Like You – Maroon 5

Something Just Like This – The Chainsmokers &

Coldplay

Let It All Go – Birdy ft. Rhodes

Who You Are – Jessie J

Growing Pains – Maria Mena

If You Want Love – NF

All This Love – JP Cooper ft. Mali-Koa

You Are The Reason – Calum Scott

PERIGOSAS NACIONAIS

Home – Gabrielle Aplin

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[Playlist](#)

[Prólogo](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[Epílogo I](#)

[Epílogo II](#)

[Outras Obras](#)

[Contato](#)

PERIGOSAS ACHERON

Prólogo

GABRIELA DE NÓBREGA BRYANT

Eu deveria saber que aquele acordo seria a minha ruína. Um atestado de sofrimento e feridas assinado voluntariamente contra eu mesma. Mas a ignorância da idade e meu altruísmo em má hora me fizeram crer que aquele casamento não me afetaria em nada. Não tinha calculado os desvios, contornos e sentimentos inesperados, que surgiriam no caminho. Os pormenores insignificantes de outrora. Mas que com a convivência eles se voltariam significativos. E pior, me fariam chorar... por ele.

Não tinha avaliado nada, apenas foquei em um

bem maior.

Minha filha e ele.

Não eu.

Nunca eu.

Naqueles dias neutros não havia muito de mim para levar em conta, talvez por pura negligência minha mesmo, e por isso esqueci-me de refletir sobre o mais importante.

E o amanhã? Meu futuro? Como seria quando aquela tormenta passasse e minha vida estivesse de volta nos trilhos? Eu ainda iria me anular? Me manteria à margem de meus desejos e anseios, ignorando-os como fazia naqueles dias turbulentos?

Nada, exatamente nada, dura para sempre.

Tudo é mutável, o tempo faz isso.

O que não é bom hoje poderá ser amanhã e vice-versa. As mudanças são autônomas e apenas cessam com o silêncio mortal do coração.

Minhas perguntas e respostas vieram um pouco

tarde, confesso. Contudo, eu ainda estava firme, de pé e tinha uma vida toda pela frente. Sem ele. Entretanto, eu nunca o tive de verdade então, não havia lamentações de perdas ilusórias.

Não se perde o que nunca se teve.

Agora meu pacote me incluía. E ante todos os dissabores enfrentados no decorrer de quase quatro longos anos de casamento, eu sabia exatamente o que fazer.

Minha decisão estava tomada.

Só faltava meu coração entender que àquela era a decisão acertada para nós dois.

TY BRYANT

"Não espere perder o quê tem em mãos para perceber o quanto àquilo é importante para você, Ty. O tempo é bom, filho, cura muitas feridas e traz sabedoria ao homem disposto a aprender, mas nem

sempre ele é um amigo".

Este sempre foi o conselho do meu pai para mim desde que eu me entendi por gente, enfatizado, principalmente, quando decidi que atuar era o que eu queria fazer em minha vida e passei a ser conhecido mundialmente, após meu trabalho em Looser. Era um conselho sábio e, por isso, sempre tentei aplicá-lo em todos os âmbitos de minha vida, exceto um. O mais importante. Àquele que um dia me faria desejar retroceder no tempo e refazer cada passo para não machucá-la. Que me faria amaldiçoar a mim mesmo por não perceber o que eu tinha em mãos e, sobretudo, me faria largar tudo pelo que lutei e construí sem nem sequer piscar somente para ter uma única chance.

Em vez de abrir meus olhos e enxergar o que estava na minha frente, eu os fechei, ferindo-a gratuitamente com minha ignorância.

E agora, eu ansiava desesperado pela chance de
PERIGOSAS ACHERON

fazê-la minha...

... de ser o seu homem de verdade.

O único que a faria feliz. Que era comigo com quem ela envelheceria. Que eu, somente eu, era merecedor de seus sorrisos, de seus sonhos e de seu prazer.

Unicamente precisava fazer Gabriela entender isso.

Deixá-la ir sem lutar antes não era uma opção.

Agora, tarde ou não, eu iria atrás da chance que sempre esperei. Custe o que custar, eu provaria que nosso enlace não era um *Casamento Arranjado*. Era mais, era real. Tão real como o sol que nasce todas as manhãs no horizonte.

Gabriela seria minha assim como eu era dela...

... de corpo, mente, alma e coração.

Não havia lugar para mim.

— Venha, querida, — Cora disse, pisando em minha direção com um sorriso largo quando entrei na cozinha. — Daniel foi abrir a porta para o fotógrafo. Ariel e Ty já estão na sala e só falta você.

— Eu acho melhor não, dona Cora — me desvencilhei de sua mão. — Não estou vestida apropriadamente e não quero fazê-los esperar por minha causa. Acho...

— Oras, deixe de bobagem, menina! Está linda assim.

— Eu...

— Serão só quatro fotinhas.

— É melhor não. Não quero estragar o momento da família.

Ela cessou sua tentativa de me arrastar, o semblante sério fez-me arrepender de minhas palavras mal escolhidas.

— Primeiro, você, minha querida, faz parte da família. É uma Bryant, mesmo não possuindo nosso sobrenome. Já falamos sobre isso, não? Segundo, quando deixará de me tratar de *dona* e começará a me tratar por você? Sei de minha idade, mas não precisa me lembrar dela todo o momento, principalmente, na frente de Daniel.

— Desculpe, eu...

Envergonhada não sabia o que dizer.

— Estou brincando, querida. Apenas me trate por você, sim?

Em silêncio, olhei para ela pensando em como negar seu pedido, porém, no fim, tive de ceder ante seu olhar pedinte e sempre tão amável.

— Tudo bem... Cora.

O sorriso cresceu em seu rosto.

— Ótimo! Agora vamos às fotos. — Seu braço se embrenhou no meu então, ela nos encaminhou para a sala enquanto me falava. — Sabe que estes cartões já são uma tradição em nossa família? Antigamente, quando as crianças eram pequenas e vivíamos todos próximos, costumávamos a nos reunir e tirar a foto de toda a família. Não cabia de gente, mas ficava lindo. Com a loucura de hoje, isso ficou um pouco mais difícil.

— Sinto muito.

— Oh, não sinta! Isto é o que Ty quer. E, bem, se ele tem talento e há uma oportunidade de fazer dar certo, por que não apoiá-lo? Somos uma família e apoiamos uns aos outros. Se isso o faz feliz e a nós também no processo então, por que sentir?

— Tem razão.

Sem esperar, ela continuou:

— Não entramos nesta jornada às cegas, sabíamos o que iríamos enfrentar, porém optamos por apoiar nosso filho e enfrentar o que viesse. Quando tiver os próprios entenderá os sacrifícios que fazemos pelas nossas crias... E, bem, estamos aqui e felizes por ele estar realizando seu sonho, que é atuar e ter seu trabalho reconhecido.

— Não sente falta da privacidade?

— Ah, mas nós temos privacidade, apesar de não parecer. Ty sempre foi muito cuidadoso e pés no chão desde que tudo se iniciou, e nós também fazemos a nossa parte para nos manter a salvo, embora nem sempre seja possível. — Seus ombros se encolheram. — Este é o mal da profissão dele... Ele está feliz, nós também estamos.

Sorri comedida, e então, chegamos à sala.

Um tipo alto aparentando ter certa idade estava sentado no sofá conversando com o Sr. Bryant e seu filho enquanto Ariel, sentada na poltrona do

PERIGOSAS ACHERON

canto, olhava-os com tédio, tamborilando os dedos no braço da poltrona. Dona Cora me soltou e foi até eles.

— Ei! Quase criei raízes aqui. — Ariel saltou em pé e veio até mim enquanto eu sorria sem graça por seu escândalo atrair as cabeças na minha direção. Ela me entregou um gorro vermelho. — Tome. — Enfiou na própria cabeça o que ela tinha nas mãos. — Ponha o seu, também — orquestrou quando fiquei encarando a peça em minhas mãos sem saber o que fazer. — A foto com gorro é tradição. Mamãe não te disse?

— Sim, eu... — pausei, levando meus olhos para frente e vi todos com gorros em suas cabeças então, decidi não ser a empata-foto.

— Se Kevin pudesse te ver agora, ele gozaria nas calças... O quê? Vai dizer que não percebeu que ele só falta babar como um cão faminto quando você passa?

— Não sei do que está falando.

Kevin era um amigo em comum, que sim, arrastava uma asa para mim. Mas, francamente, não havia a mínima possibilidade de rolar algo.

— Pra quem tem 18 anos até que você é bem lerdinha, hein?

— E você bem abusada.

— Realista, minha cara. Realista.

Sacudi a cabeça, abstendo-me de qualquer resposta. Entrar numa discussão com Ariel era o mesmo que pedir a paz mundial. No final, morreria de cansaço.

Era uma mula mesmo!

— Vocês vão ficar cochichando o dia todo? — Seu irmão, o astro hollywoodiano da casa, chamou nossa atenção, com seu costumeiro tom implicante.

Ariel correu para perto de sua família, e eu me limitei a olhá-los enquanto mais uma discussão boba entre irmãos estava prestes a explodir, como

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sempre.

— Estou bonita, pai?

— Uma princesa! — O Sr. Bryant gracejou, colocando o braço ao redor dela.

— Eu sei.

— Convencida. — Ty cutucou.

Ariel olhou com desdém. — Só porque você está com ciúmes por eu ter herdado todos os genes de beleza da família — respondeu, cheia de si.

— Diga isso as minhas fãs.

— Elas não contam, bobão. São cegas pela ilusão.

— Suas amigas também?

Contive minha vontade de colocar os olhos em brancos.

— Mãe, olha o Ty me descabelando!

— Bebezinha da mamãe — zombou, apertando suas bochechas da forma que ela odiava e a faria soltar uns bons palavrões.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pelo menos não fui achada no lixo, adotado.

— Sua pirralhinha de...

— Chega! — Dona Cora bradou num tom que ninguém ousava a dar um pio, nem mesmo o Sr. Bryant. — Vocês dois parem já com isso. Santo Deus, parecem que tem 5 anos. — Olhou para o fotógrafo. — Perdoe-me pela traquinagem desses dois, Hudson. Como vê, estão crescidos, ainda assim se comportam como crianças.

O homem sorriu gentil.

Cora olhou ao redor. — Todos calmos e bonitos para tirar as fotos?

Um coral de vozes animadas ecoou com um sonoro “sim”.

O espetáculo havia acabado.

Hora das fotos!

E eu não sabia o que fazer, nem onde me encaixar no meio de toda aquela felicidade e amor intensificados pelo clima natalino.

PERIGOSAS ACHERON

— Ótimo! Podemos começar então —
demandou a matriarca.

Todos tomaram seus lugares na frente da lareira decorada.

E eu só pensei em como faria para fugir dali sem parecer grosseira, mas antes que o pensamento se firmasse em minha cabeça, dona Cora falou novamente.

— Gabriela, querida, se aproxime e fique ao lado de Ty.

Eu quase gemi com suas palavras. Não por causa de seu filho. Ty, para mim, não fedia nem cheirava, embora ele me cutucasse, às vezes, com indiretas irônicas, que eu fazia questão de abstrair e fingir demência.

— Venha, Gabriela. Eu não mordo — ele zombou.

Tentei não fazer uma careta e, relutante, fui para o lado dele. E, no outro instante, o olhei
PERIGOSAS ACHERON

espantada ao sentir sua mão em minha cintura.

— Vamos acabar logo com isso — resmungou.

Ele não fez caso da minha reação, olhou para frente e os flashes começaram...

— Você tá pronta pra ir?

A voz indiferente, soando da porta do quarto de Violet, me puxou de minhas memórias.

Sacudi a cabeça e fechei o zíper da bolsa-mala, que sempre levava quando saíamos com Violet por um tempo relativamente longo.

— Então?

Lancei meu olhar para ele, flagrando seus olhos em mim de uma forma... diferente, não sei. Não tive tempo para decifrar, nem mesmo para ter certeza se o que vi era real, pois eles rapidamente se voltaram como sempre estavam: isentos de calor.

— Estou pronta.

— Já coloquei os presentes no carro e meus pais ligaram, também. Só falta nós três. — Entrou

no quarto e apontou para bolsa-mala. — Quer que coloque no carro?

— Obrigada. Eu levo.

Ty se aproximou do berço, e eu me afastei enquanto ele tomava nossa filha de três anos nos braços. — Meu Deus, como minha princesa está linda! Quase me dói o coração, querida, de tão linda que você está. — Encheu-a de beijos enquanto ela ria.

— Vou pegar minha bolsa e encontro vocês no carro — murmurei seca, engolindo minha irritação e a decepção súbita e, em seguida, deixei o quarto.

Não deveria sentir-me zangada, muito menos ciumenta da minha filha por não ter ouvido um elogio dele, mesmo que fosse um "ei, você está legal". Deveria estar acostumada a sua falta de tato comigo, afinal de contas, desde que me descobri grávida tinha sido assim. Mas, droga, um elogio não mataria, nem cairia sua língua.

PERIGOSAS NACIONAIS

E era Natal!

Novamente, aquela época tinha chegado e com ela um misto de emoções controversas tornando o difícil pior. Era impossível não me sentir nostálgica e deprimida pela falta de meus entes queridos, agora, todos mortos, embora houvesse um sininho em minha vida, que me fazia querer sorrir e viver plenamente.

Minha Violet.

Ela era a luz dos meus olhos, por quem eu lutava a cada dia e dava meu melhor para lhe proporcionar uma vida feliz, tranquila e saudável. Era ela quem impulsionava minhas forças diariamente, apesar dos pesares.

Violet era minha força.

Uma parte minha e do homem, que hoje eu amava.

Expulsei meus pensamentos, ciente para onde eles me levariam.

PERIGOSAS ACHERON

Não era hora de choro, senão de alegria. Pelo menos, na teoria.

Peguei minha bolsa, e depois encontrei pai e filha acomodados dentro da Range Rover adquirida logo após o nascimento da nossa menina.

Como acontecera desde que vim viver em Calabasas, na Califórnia, com os Bryant há quase seis anos, quando minha tia Lurdes ainda era viva, a véspera do Natal era uma data comemorada na casa do Sr. e Sra. Bryant, com alguns poucos parentes (os demais chegariam amanhã), apesar de não ser costumeiro das famílias americanas comemorarem a véspera. Eu sabia que dona Cora adicionou essa pequena celebração no itinerário de Dezembro da família por minha causa, sendo a primeira logo que cheguei – um mês depois da morte de meus pais. Foi apenas uma reunião tímida. Na seguinte, ganhou mais animação, embora houvesse um buraco enorme no meu peito

por haver perdido tia Lurdes também. Então, as vésperas natalinas tornaram-se uma tradição, por assim dizer. Uma reunião de confraternização muita acalorada e cheia de quitutes próprios desta data. Era um esquentar para o dia 25, como Ariel costumava dizer.

Morávamos a sete quadras dos meus sogros. O que não fez do silêncio no carro, cortado apenas pelas palavras falhas de Violet, um incômodo constrangedor e maçante. Dona Cora havia escolhido a casa pela proximidade, com o aval de Ty, que pedira para que ela e seu pai fizessem a compra. Eu não achei ruim e concordei, afinal de contas, era dinheiro dele e não achava mal tê-los por perto, uma vez que era mãe de primeira viagem. Dona Cora tinha sido uma mão na roda na época de adaptação e ainda era, além do mais, a casa era linda e espaçosa para uma criança tão sapeca como Violet. A localização protegida de

PERIGOSAS ACHERON

curiosos nos dava total privacidade. O que era primordial.

Assim que chegamos, dona Cora foi nos atender na porta, com um belo vestido midi florido. Música pop estava tocando ao fundo.

Ariel e Hannah, claro!

— Ah, vocês finalmente chegaram! — Seus braços se enrolaram em nós três então, ela me olhou de cima abaixo. — Está linda, Gabriela, como sempre.

— Obrigada — sorri pelo elogio, meu ego dando um gritinho de satisfação, com direito a bochechas vermelhas e tudo mais.

— Oi, mãe.

— Oi, filho. Você também está muito bonito.
— Ela me olhou, novamente. — Dê-me esta bonequinha da vovó aqui, — disse, pegando Violet de meus braços, que foi alegremente para os seus com um sonoro "vovó". — Oi, amor..., mas como

PERIGOSAS NACIONAIS

esta garotinha está cada dia mais bonita. Que vestido lindo! Vovó adorou!

Meus lábios curvaram.

Olhar para a cena da avó e neta juntas sempre me fazia bem, talvez pelo fato de saber que Violet era muito amada. Dona Cora era a típica vovó coruja, o Sr. Bryant também não ficava atrás. Aliás, toda a família a paparicava muito.

Violet tagarelava pelos cotovelos, exibindo seu vestido novo, toda cheia de si pelos elogios recebidos. Sem dúvidas, ela era muito mimada e adorava os paparicos.

— Onde o pai está?

— Na outra sala com seu avô Andy e seus tios.

— Eu vou levar as coisas para o meu antigo quarto, e depois vou falar com eles.

Ty saiu enquanto ela colocava a neta sapeca no chão.

Fechei a porta e já fui falando:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Desculpe o atraso, dona Cora.

— Santo Deus, Gabriela! Quando deixará de me chamar de dona? O casamento com meu filho deveria ter acabado com este formalismo todo, não? E vocês não se atrasaram, chegaram no horário certo. Ariel está acabando com os biscoitos, mas não se preocupe. Eu guardei alguns pra você. O jantar logo será servido.

Encolhi os ombros.

— Então, acho que vou lá.

— Vou levar essa princesinha aqui para ver a bisa.

Comecei a sair, contudo, parei e dei a volta.

— Cora? — Esforcei-me para não soltar o "dona" junto.

— Sim, querida?

— Está muito bonita.

Seu sorriso se alargou, os olhos brilhando. — Obrigada.

PERIGOSAS ACHERON

Como era fácil nos fazer feliz, pensei. Éramos bobas, ou não, talvez só fôssemos fáceis de agradar. Não necessitávamos de grandes produções ou extravagâncias para termos nosso ego inflado, embora, vez e outra, apreciássemos estas, também.

Uma palavra, um simples gesto e já está.

— Boa noite, gulosas! — cumprimentei quando entrei na cozinha encontrando Ariel sentada no balcão, com uma travessa de biscoitos no colo.

Hannah estava sentada em uma das banquetas ao redor da ilha.

— Eeeeeeh! Ela chegou. — Hannah saltou e me cumprimentou calorosa. — Se demorasse mais um pouco, não encontraria nenhum biscoito pra contar história. Ariel está devorando tudo.

— Estou com fome, — ela empurrou a prima e me cumprimentou também. — E, se não sobrasse nenhum, a culpa seria sua.

— Minha? Que culpa eu tenho se você age

PERIGOSAS ACHERON

como um dinossauro com um buraco negro no estômago? Sabe que essas merdas irão diretamente para os seus quadris, né?

— Se ficar com o rabo igual o seu, eu não me importo.

— Rá, rá, rá! Muito engraçado.

Roubei um biscoito da travessa.

— Realmente não é. Uma bunda dessas é covardia com nós simples mortais.

— Verdade. — Hannah concordou. — Como a gente pode competir contra — apontou para mim, — isso? É desonesto. Um crime!

— Ainda bem que já está fora do mercado, caso contrário, seríamos obrigadas a abrir um processo contra você.

— Vocês são doentes — murmurei, mordendo o biscoito.

— Realistas, amor. Realistas. — Ariel tinha uma expressão consternada. Ela ficou de lado, sua
PERIGOSAS ACHERON

expressão ganhou um ar inocente quando correu a mão pela lateral de seu quadril. — Mas acho que estou chegando lá, uh? Sinto um crescimento aqui.

Uma gargalhada corporativa embalou a cozinha.

Aquela criatura era tão dissimulada quanto safada, nem parecia que a menor de idade ali era ela. Sua perversidade com certeza já era bem mais madura que seus 20 anos. Uma anciã, eu diria.

— Está muito bonita neste vestido — Hannah disse.

— Gostosa.

Num gesto involuntário, minhas mãos correram pelo tecido. — Obrigada, suas depravadas. Vocês também estão muito bonitas. Vão a algum lugar depois?

— Pode apostar! — exclamaram em uníssono.

— Jensen dará uma festinha mais tarde na casa dele. E você sabe que as festas dele são do caralho

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ariel comentou.

— Só porque você está dando uns amassos nele.

— Também. Não nego, — confessou. Jensen era um caso antigo de idas e vindas. Nada oficial, realmente. — Contudo, você tem que concordar comigo, Hannah, as festas dele são as melhores de toda Costa Leste.

— Absolutamente.

Ariel me olhou. — E você, boneca, se não fosse uma mulher enforcada com meu irmãozinho, eu te convidaria para balançar o rabo com a gente.

— Como se esse fosse o único motivo — ironizei.

— Ty é um chato. Não sei por que ele não vai com a cara de Jensen... Além disso, vocês dois já devem ter planos pra hoje à noite, uh?

Suas sobrancelhas balançaram sugestivamente.

Claro que tínhamos! Zombei em silêncio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Obrigada de qualquer forma — limitei-me, com um encolher de ombros.

— Ceeeeerto. Agora me mostre!

Ariel se colocou na minha frente, com os olhos brilhando, curiosos.

— Mostrar o quê?

— Como o quê? A pulseira ou os brincos, sei lá, o que Ty te deu hoje. — Suas mãos se agitaram em meus cabelos e braços. — Não está usando... Humm... Está deixando para usá-los amanhã ou talvez depois que forem pra casa?

— Só as joias e sua roupa de nascimento, hein? — refletiu Hannah.

Cerrei meu olhar, confusa com o diálogo delas.

— O que? Pulseira? Brincos? Do que estão falando?

Elas se entreolharam e Ariel sorriu sem graça, encolhendo os ombros quando Hannah bufou e deu tapa na cabeça dela. Entendi nada vezes nada.

PERIGOSAS ACHERON

— Acho que uma linguaruda quebrou a surpresa.

— Okay. Agora me expliquem isto.

— Não era nada — minha cunhada respondeu, jogando a mão para o alto num gesto fugaz. — Loucura da minha cabeça. Sabe que não bato muito bem.

Cruzei os braços sobre os seios. — Sério?

Hannah bufou novamente e lhe lançou um olhar reprovador. — Acho que agora não faz mais sentido mentir, idiota! Você já estragou a surpresa mesmo.

— Mas não foi minha intenção, Hannah! — defendeu-se, fazendo bico. — E, se eu me lembro bem, você também estava comigo nessa, não?

— Eu ainda estou aqui... e esperando minha resposta.

Ariel soltou um longo suspiro e me olhou.

— Tudo bem, mas não conte a meu irmão que

eu te contei quando ele for te dar o presente. — Assenti devagar, com suspeita. — Ty me chamou para ir com ele a uma joalheria conhecida esta semana para ajudá-lo a escolher uma joia pra você, é claro! Eu gostei de duas, um par de brincos de diamantes e uma pulseira fina muito bonita.

Meu olhar não deveria estar tão sereno como queria aparentar, senão esbugalhado com suas palavras, que ela prosseguiu:

— Você sabe que eu tenho bom gosto e escolhi o melhor. Não sei se ele comprou ambos, porque tive de sair às pressas. Tinha um compromisso e não podia faltar. Bem, acredito que ele comprou os dois. Sabe que Ty não é mão de vaca.

Ty não costumava me dar joias, muito menos levar alguém da família para escolher algo para mim, preocupado se eu gostaria ou não. Tinha joias. Claro! Porém, nada tão fino e escolhido exclusivamente para mim, ao menos não com o PERIGOSAS ACHERON

sentimento que eu esperava. As poucas que ganhei dele foram em datas comemorativas. Nem sempre foram joias. No entanto, eu sabia que aqueles presentes (joias ou não), mas, principalmente, as joias eram pela família, que sempre queria saber e, claro, ver o que Ty havia me dado nestas datas. Contudo, agora, pelo menos, um de seus presentes parecia ser espontâneo, sem o adicional da obrigação. O que talvez pudesse significar algo. Óbvio. Significava algo. E, Deus, eu estava em êxtase, um tão forte que me voltou torpe.

Um largo e brilhante sorriso repuxou meus lábios.

— Eu tenho certeza que vou gostar.

Pelo resto do tempo em que estive na casa dos meus sogros, fiquei lembrando e relembando o que Ariel contou. Fantasias se edificaram em minha mente e me encheram de expectativa. Não podia me conter. Um fio de esperança tinha surgido em

PERIGOSAS ACHERON

meu peito e feito moradia lá, de modo que eu não era capaz de deter a alegria. A noite tinha ganhado outro tom, cores mais vivas, sons mais alegres, fazendo-me quase eufórica. Nem lembrava mais de sua falta de tato antes de sairmos de casa. Não eram as joias, como Ariel disse, era o gesto por detrás delas, o significado que me embeveceu e fez-me ganhar o dia, se não o mês todo. Eu sabia que deveria ir com calma, não me deixar influenciar tanto por aquilo ou por meus sentimentos carentes de atenção, e esperar para ver o que acontecia. Mas, Deus, após tanto tempo só recebendo indiferença e obrigação, eu só queria saborear esse fiozinho de alegria me atravessando de uma ponta a outra.

O sorriso não largou meu rosto um só minuto.

Quase três horas depois, meu estado de contentamento atingiu seu auge, levando-me ao tempo em que eu era uma virgem desinformada, quando começamos a nos despedir, depois de um

PERIGOSAS ACHERON

monte de carícias quentes no Ano Novo.

— Deixem Violet aqui conosco, assim ela abrirá seus presentes logo pela manhã e vocês podem ter um momento de descanso.

Momento de descanso.

A insinuação quase imperceptível por trás daquelas palavras fez minhas mãos suarem. Meu coração agarrou a garganta. Olhei para Ty esperando sua resposta, e ele apenas maneou a cabeça em concordância. Aquele gesto não deveria fazer meu coração bater ainda mais rápido, não deveria fazer minha respiração querer se descontrolar e meu corpo aquecer, mas fez. Fez tudo isso e um pouco mais. Eu era uma pilha!

— Tudo que Violet precisa está na bolsa dela, os remédios, se der dor de ouvido ou cólica. Ou se ela começar a espirrar, o antialérgico também está na bolsa... Qualquer coisa é só ligar que eu venho correndo. Meu celular estará ligado, caso não

PERIGOSAS NACIONAIS

consiga me contatar pelo telefone de casa por um motivo ou outro, ligue no celular e...

— Gabriela, querida, eu tenho dois filhos, se esqueceu?

Pisquei, caindo na realidade. Estava falando como uma gralha enlouquecida, mas, homem, eu estava nervosa, e quando estava assim, falava pelos cotovelos.

Pelo menos, não danei a soltar meu português.

— Não senhora, me desculpe.

— Desculpo pela preocupação, não pela "senhora".

— Des...

— Não, tudo bem. Tenho fé que algum dia deixará a "senhora" e o "dona" pra lá, e então, usará somente o meu nome. Tem esse direito. Use-o.

Sorri constrangida, ao meu lado escutei o riso baixo de Ty. O que me voltou a lembrar do porquê de eu estar tão nervosa.

PERIGOSAS ACHERON

Abaixei, ficando na altura do meu bebê, abracei e lhe dei um beijo estalado na bochecha fofa. — Seja uma boa menina e não deixe seus avôs pirados, okay? — Ela assentiu com aquela cara de sapeca que eu tanto amava. — Vá dormir na hora que a vovó mandar. Amanhã eu estarei aqui. Eu te amo, abelinha.

— Te amo *tamém*, mamãe.

Seus pequeninos lábios encostaram-se aos meus num selinho carinhoso então, eu me levantei, deixando-a se despedir do pai.

Dona Cora saiu, e depois retornou com uma vasilha tampada.

— Separei alguns biscoitos antes que Ariel devorasse tudo — gracejou, entregando-me a vasilha. — Sei que gosta de comê-los em casa de madrugada.

— Obrigada. São deliciosos!

— Tchau, mãe.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ty se precipitou, cortando nossa conversa.

Parecia ansioso. Nervoso, talvez?

Eu vi isso como um bom sinal, e até me acalmei um pouco por ele compartilhar o sentimento comigo. Éramos dois bobos!

— Boa noite. Até amanhã, Sr. Bryant — despedi-me do patriarca com um abraço rápido.

— Boa noite, Gabriela. Até amanhã. E, por favor, prometa-me que ao menos amanhã me chamará de Daniel, sim? — Dona Cora o cutucou. — E a Cora também, aliás, todos nós. Somos todos de casa e da mesma família.

— Eu... Tudo bem.

Enquanto entrava na SUV pude ouvir sua mãe gritar.

— Até, crianças! E não se esqueçam, estejam aqui para o café da manhã.

— Estaremos, mãe. Não se preocupe — Ty gritou de volta e entrou no carro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

O misto de expectativa e ansiedade estava me comendo viva. Cada quadra que ficava para trás, aquelas emoções se tornavam mais intensas trazendo-me uma nova de onda, agora, de pânico pelo que poderia acontecer. Minhas mãos suavam enquanto eu tentava domar a turbulência dentro de mim, enroscando meus dedos uns nos outros.

Meu coração galopava tão forte no peito que por um momento pensei ser possível ouvir suas batidas pesadas estremecendo meu tórax.

Meu corpo estava quente.

Eu ia começar a hiperventilar a qualquer momento.

Seu perfume me envolvia, uma mistura

amadeirada, marcante.

Engraçado pensar que hoje seu perfume, ou melhor, perfumes (Ty tinha uma coleção) desencadeavam-me uma torrente de reações quando antes isto era algo completamente indiferente ao meu olfato. Hoje eu queria correr o nariz pela coluna grossa de seu pescoço. Respirá-lo pelo maior tempo possível. Inspirei profundo, enchendo os pulmões com o aroma delicioso. Estava cada vez mais cheia das vontades.

Um aperto conhecido castigou meu centro acalorado.

Ultimamente, eu estava assim: necessitada.

Tudo nele me atraía como moscas à luz.

Nada fugia de meus olhos apaixonados. E, embora Ty não me desse sinal de que me olharia algum dia como a sua mulher – até aquela noite –, e eu soubesse que suas saidinhas incluíam uma *feminina-nem-aí* ao fato dele ser casado, eu

PERIGOSAS NACIONAIS

sonhava com o dia em que fosse estar em seus braços, novamente. Não apenas uma noite, todas elas.

Logo quando a Range Rover virou a esquina entrando em nossa rua, eu não pude deixar de pensar que aquele dia talvez tivesse, por fim, chegado...

Eu possuía duas convicções absolutas e imutáveis. Palavras e gestos possuíam o poder de destruir e de arrebatrar. Muitas vezes, palavras acima dos gestos, pois as primeiras podiam concertar um gesto falho, mas este último não podia concertar as palavras jogadas ao vento por mais empenho que você coloque na ação. Palavras podem te fazer sorrir ou chorar. Simples e bobas. Porém, com um potencial de danos imensurável. Capazes de, num minuto, construir sonhos maravilhosos, ilusões doces e, em seguida, quebrá-las sem esforço algum. Foi assim que minha ilusão

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

se levantou alcançando o céu e abriu um buraco no solo num piscar de olhos. Palavras simples abandonando seus lábios quando Ty estacionou junto ao meio fio de nossa calçada. Palavras que tiveram o poder de rachar meu coração e enterrar minha alegria singela.

— Eu tenho de passar na casa de alguns amigos meus.

Meus cílios bateram frenéticos.

— O-O-Okay...

— Estarei de volta em uma ou duas horas — acrescentou ele.

Ficamos nos encarando por longos segundos, até que me toquei que estava travada no lugar enquanto ele esperava que eu saísse. Engoli duro. Constrangimento e vergonha me lavando. Levou cada fibra do meu ser para olhá-lo com um sorriso sereno nos lábios, antes de deixar o carro sem olhar para trás.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O choro oprimia minha garganta quando fechei a porta atrás de mim e me encostei nela, tremula e um pouco fraca. A decepção tornando difícil o simples ato de respirar, que levei a mão livre ao pescoço à medida que meus olhos se enchiam d'água.

Santo Deus, como pude pensar que tinha algo diferente?

Pior, como pude me iludir com tanta facilidade achando que Ty poderia ter a menor intenção de me retribuir um pouquinho só que fosse?

"Eu tenho que passar na casa de alguns amigos meus."

Eu sabia muito bem o que havia por detrás daquelas palavras inofensivas aos olhos de outras pessoas; nocivas ao meu coração estúpido. Idiota.

Como eu era tola!

Uma lágrima grossa caiu e outras seguiram.

Inalei com força algumas vezes e forcei meu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

choro para algum lugar longe da minha garganta então, limpei as lágrimas, com gestos bruscos.

Irritada comigo mesma, forcei minhas pernas para o quarto e, no caminho, deixei a vasilha com os biscoitos sobre o aparador do hall.

Em vez de me dirigir para ducha, parei na frente do espelho de corpo inteiro. Movi as mãos alisando o tecido do meu vestido azul marinho. Tinha escolhido aquela peça a dedo, pensando *nele* e tinha ficado bonita. Apesar dos quilos extras da gravidez, eu tinha conseguido recuperar meu peso, com muito esforço, para que ele tivesse uma mulher apresentável ao seu lado. Não estava igual, mas melhor, com curvas acentuadas, sensual. Entretanto, isso era insignificante aos seus olhos.

Patética, era isto que eu era. Uma tremenda patética!

Eu me senti feia. Muito ridícula e incapaz.

PERIGOSAS ACHERON

Segui para ducha. A água não só lavou meu corpo como as lágrimas silenciosas, também. Ali era meu lugar sagrado, meu confessionário, onde permitia as lágrimas brotarem dos meus olhos sem restrições. Quando terminei, minha cabeça doía, meus olhos estavam vermelhos e inchados, contudo, a raiva de mim mesma por ser tão burra sobrepunha a dor causada pelo vazio em meu peito. Vesti uma camisola e procurei Aspirina no banheiro, e, em seguida, me entreguei ao aconchego da cama.

Eu poderia sair, poderia ir para qualquer lugar, mas o quão único desejava era ficar quieta. Estava morta de vergonha e humilhada até o ultimo fio de cabelo.

Bzzzz! Bzzzz! Bzzzz! Bzzzz!

Às cegas, agarrei o celular sobre a mesinha de cabeceira.

— Feliz Natal! — Um coro entoou do outro

PERIGOSAS ACHERON

lado.

— O Natal é somente daqui a algumas horas, suas loucas.

— *Estamos en México y acá ya es Navidad, nena.*

— Mas eu não. Aqui ainda falta.

— Não importa. Estamos aqui num quiosque à beira da *playaaa*, admirando a lua cheia e umas pernocas... Uau! Você viu aquilo, Julie? Que traseiro! Gostoso!

Kendra e Julie eram minhas amigas, minhas melhores amigas e únicas desde que cheguei aos Estados Unidos. Ainda havia Ariel, e no decorrer da minha gravidez Hannah também se tornou bem próxima, mas elas eram diferentes, além do óbvio.

— Vocês estão bêbadas? Espero que não estejam dirigindo.

— Está brincando, fofa? Já enchemos a carcaça de mojitos que já não sinto mais nada! E depois

PERIGOSAS NACIONAIS

ainda tem uma baladinha pra ir. — Julie gritou ao fundo: *Dios mío, qué guapo!* Kendra continuou. — Você ainda está na casa dos sogrões?

— Estou em casa, na cama, pronta pra dormir.

— Ty?

Guardei o silêncio, de repente, mais triste que um minuto atrás.

— Deveria ter vindo com a gente. — E acrescentou. — Tem cada par de coxas aqui, que pelo amor de Deus! Não morri, mas já me sinto no paraíso.

— Sabe que não podia — protestei sem muita convicção. — Não sou desgarrada como vocês duas. Tenho uma filha e um marido...

— Que não está nem aí pra você — ela completou, duramente. — E outra, você poderia ter deixado Violet com seus sogros, ou melhor, com aquele bode do seu *marido* e vocês inverteriam os papeis. Quem sabe assim ele não cairia em si?

PERIGOSAS ACHERON

Suspirei forte.

Às vezes, a sinceridade de Kendra machucava, mas era preferível assim a mentira, destas já bastavam as que eu vivia dia após dia. Não as queria no meio das únicas pessoas com quem eu podia ser eu mesma, onde a verdade não teria consequências.

Kendra era consciente da minha realidade. Logo quando lhe falei da minha gravidez e casamento com Ty, ela ficou ressabiada, sabia que nós não estávamos apaixonados e de minha opinião geral quanto aos artistas. Me calei. Porém, com o passar do tempo, tive de lhe dizer a verdade, e ela, claro, odiou. Por ela e também por Julie, que sabia de todo o rolo que era minha vida, eu deveria fazer o mesmo que ele. Isso quando elas estavam sendo muito boazinhas, e quando não, a separação era a pauta alvejada, com algumas pitadas de sadismo. Elas compreendiam minhas razões, não

PERIGOSAS ACHERON

concordavam.

— Eu vou deixá-las se divertindo e ir para os braços de Morfeu. Acabei de tomar uma aspirina e acho que o sono está chegando, Kendra. Amanhã nos falamos, okay?

— Quer que voltemos? Podemos passar o Natal juntas.

A ideia era tentadora.

— De jeito nenhum! Aproveite suas férias com Julie, eu estarei bem. Além do mais, sabe que amanhã ficarei o dia todo na casa dos Bryant.

Despedi-me delas e desliguei o celular.

Ty era meu sem ser.

Quão irônico isso podia ser?

Muitas me invejavam por ser a mulher de Ty Bryant. Mal sabiam elas que isso se dava somente no papel e ante a mídia fantasiosa, que fazia de nós um belo quadro. O casal perfeito e inabalável de Hollywood. Era assim que eles nos pintavam.

Porém, esta era nossa verdade torta, cuja doía constantemente. E um lado meu, uma partezinha tola, acreditava ainda numa amanhã ensolarada coberta de flores coloridas.

* * *

Os presentes já haviam sido trocados e abertos quando meu adorável marido chegou à casa dos meus sogros, com a cara toda amassada. Isso mesmo! Suas duas horas se tornaram uma noite inteira, a primeira que ele passou fora de casa.

Eu não podia estar mais furiosa.

Também não era como se fizesse qualquer diferença se ele tivesse cumprido sua palavra. Que burra eu era! Deus!

— Desculpe. Bebi alguns drinks e acabei perdendo a hora.

Foi o que ouvi dele antes de deixá-lo falando

sozinho.

Sua desculpa, as palavras hesitantes como se realmente sentisse por ser tão cretino, não condiziam com sua cara amassada nem com a marca em seu pescoço, mas ele era um bom ator. Um merda de bom ator. Sua família acreditava que ele tinha estado em casa, que havíamos tido uma noite agradável para ele chegar uma hora depois de mim.

O que eu podia fazer? Dizer a verdade?

E eu estava tão enganada quanto a minha fúria. Descobri que podia sim ficar mais furiosa do que já estava quando vi sua ex-namorada de infância, Tara Harris, e puta nas horas vagas, entrar na sala, com um ar de superioridade e aquele sorriso que dizia: sim, eu estive com ele à noite tooooda. Sexo faz muito bem.

Tara era uma figura carimbada em minha vida desde antes do casamento. A amizade, hora e outra,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

florida e com a porra de um arco-íris entre eles, após o término do namoro, a trazia de vez em quando a casa dos Bryant. E eles a adoravam.

Parada ao lado do aparador, eu a observei sorrir para todos os lados e se sentar ao lado de tia Norah como se pertencesse ao lugar, e eu fosse a intrusa ali. E, de certa forma, este não era um pensamento errôneo. De nós duas, ela tivera a verdade. O real.

Para o meu desgosto, Violet saiu do colo do avô e foi para ela pegando o presente que lhe era oferecido, e lhe deu um beijo no rosto enquanto Ty me olhava discretamente. Seu olhar preocupado me fazia ainda mais raivosa.

— Conheço esse olhar — dona Cora disse ao meu lado.

Quase dei um pulo para trás.

— Desculpe. O quê?

— Esse olhar em seu rosto, eu conheço... Venha, me ajude a pôr a mesa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A segui, após um breve momento de hesitação, e começamos a arrumar a mesa.

— Tara é apenas uma amiga... Sim, eu sei que foram namoradinhos quando muito jovens, mas foi um namoro de adolescentes. Nada que valha à pena se preocupar.

— Eu não...

— Não? Você estava olhando para ela como se desejasse matá-la com o olhar. Eu conheço esse olhar por experiência própria. — Olhei para o lado sem saber o que dizer. — Escute, Ty e você estão casados. Vocês têm uma relação sólida e bonita. Também há aquela linda garotinha que é a alegria da nossa família. Isso sim é importante.

— Eu sei. — Forcei um sorriso ameno. — Confio nele.

Dê a Gabriela o que de Gabriela.

Um Oscar!

Não, espere.

PERIGOSAS ACHERON

Mil deles!

Eu deveria ser a melhor atriz do planeta, ou eles eram cegos demais para perceber que de casal e amor verdadeiro, Ty e eu não tínhamos nada.

Mas, então, éramos bons atores.

Talvez eu devesse tentar carreira também?

O almoço foi anunciado e todos se juntaram ao redor da mesa. E eu decidi aproveitar, minha menina estava feliz e eu também deveria estar. Ty estava ao meu lado, contudo, mantive-me distante. Não o olhei diretamente e lhe ofereci monólogos quando questionada. Embora eu pudesse notar que por trás de sua aparência relaxada, ele estava nervoso, lançando ocasionais olhares receosos. Não entendi o porquê daquilo. Não combinava com ele tal postura. Ninguém sabia da verdade de seus passos na noite anterior, além dele próprio, aquela vagabunda e eu. Nenhum dos três contaria a verdade. Um por não querer decepcionar sua

PERIGOSAS ACHERON

família. O outro por não querer estragar sua fama de boa moça. E eu, bem, já havia humilhação demais no cardápio, obrigada.

Conversas e risos embalaram a mesa enquanto eu me fazia omissa da presença daqueles dois. Ou tentava. A comida estava deliciosa, porém foi a sobremesa que fez meu estômago se retorcer e a ânsia espreitar minha garganta.

— Que joias lindas, Tara! — dona Cora comentou, atraindo os olhares de todos para a fulana, até mesmo o meu.

O que tinha engolido caiu em meu estômago como pedra enquanto mirava a vagabunda sorrir cheia de si, mostrando as joias, que outrora Ariel me pintou.

— Obrigada, Cora. São lindas mesmo.

— Muito até. — Escutei Ariel murmurar.

Rígida da cabeça aos pés, voltei o olhar para o meu prato. Bebi um bom gole de água, afogando o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

choro e a vontade que eu tinha de gritar, e bater na cara daqueles dois ordinários, até me esforcei a comer dois pequenos bocados da torta de maçã.

Por fora, um mar de calma.

Por dentro, um cheio de trovoadas e relâmpagos.

— Hmm, sinto cheiro de romance no ar? — Tia Norah perguntou.

— Faz é muito bem — biso Andy disse. — Uma menina bonita dessas solteira por aí. Onde estão os homens dessa cidade? No meu tempo já estaria casada e com filhos.

— Verdade. Eu não sei o que esses jovens de hoje pensam. Casamento nunca atrapalhou. As pessoas o fazem, não o matrimônio. — Nisso eu concordava. — Veja Ty e Gabriela, no ápice da juventude e são muito felizes. Tem essa menininha linda da vovó e ainda podem aproveitar a vida.

— Então, quem é ele, Tara?

PERIGOSAS ACHERON

— Apenas admirador secreto, Daniel.

Ty pigarreou e, pelos cantos dos olhos, vi tomar alguns goles de suco.

Filho da puta! Cretino! Babaca!

Limpei meus lábios no guardanapo e pedi licença aos presentes.

Tudo que tinha ingerido lancei na privada junto com as lágrimas até que não me restou nada, salvo uma dor de cabeça e um tremor de ira agitando minhas mãos.

Estava me sentindo sufocada, no limite.

Decidida a sair de lá, coloquei-me de pé e me recompus, antes de deixar o banheiro. Peguei minha bolsa no armário do corredor e rumei para a porta, mas antes que tivesse a chance de chegar lá, dona Cora me interceptou.

— Ah, aí está você! O pessoal acabou de se juntar a sala para ouvir Violet e Tom tocarem no pianinho que ela ganhou hoje de manhã. Precisa ver

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que graça ela está!

— Não estou me sentindo muito bem então, eu vou pra casa e...

Preocupação estragou suas feições.

— O que tá sentindo? Foi à comida? Alguma coisa te fez mal?

— Não, a comida estava deliciosa. — Sorri um pouco. — Não é nada demais, apenas minha enxaqueca que atacou, e quando acontece, preciso de silêncio.

— Tenho Paracetamol. Pode se deitar no antigo quarto de Ty.

— Não, não, obrigada. Vocês estão animados e eu preciso de silêncio. Prefiro ir pra casa. Não quero acabar com a festa de ninguém — disse rapidamente. — Tem algum problema se deixar Violet aqui? Ty pode levá-la quando for pra casa.

— Claro que não, Gabriela!

Assenti e comecei a dar a voltar.

PERIGOSAS ACHERON

— Mas espere, deixe-me ao menos chamar Ty para que te leve.

— Não, tudo bem.

Não esperei que ela contra-argumentasse, saindo em seguida.

A humilhação me queimava com ácido quando entrei no carro, desviando do caminho de casa e ignorando meu celular. Sentia tudo, exceto calma e paz.

No fundo o que mais me doía era saber que ela, Tara, estava certa.

Aquele não era meu lugar. Não pertencia àquela família. Aquele amor todo, ao clima, a nada, assim como há quatro anos.

As fotos continuaram a serem tiradas enquanto eu, parada num canto da sala, mais afastada quanto possível, observava aquela família outrora estranha para mim.

Mesmo as pequenas implicâncias entre os
PERIGOSAS ACHERON

irmãos, as broncas de dona Cora enquanto o senhor Daniel apenas se deixava levar, não fazia deles menos que uma família perfeitamente feliz. E ali, observando, eu os invejei profundamente e senti meu peito se contorcer pela dor incurável.

Eu teria dado tudo para ter minha minúscula família comigo outra vez. Teria os amado mais, teria até mesmo agradecido pelas broncas, se isso os trouxesse de volta.

Não é como se tivesse sido uma má filha, mas teria feito tudo com maior empenho, dedicado um pouco mais do meu tempo para eles sem me aborrecer por deixar meus amigos um pouco de lado para fazer coisas banais com minha família. Coisas banais, porém hoje tão essenciais para o meu coração. Contudo, por mais que eu desejasse, nada nem ninguém os traria de volta.

Um ano havia se passado. Um ano de uma saudade que jamais seria suprida, de um vazio que nunca poderia ser preenchido, novamente. Um ano inteiro de silêncio sem ouvir a voz deles, sem as risadas e gargalhadas, sem sentir seus olhos em mim e seus braços aconchegando-me ternamente, salvo em minha cabeça, em minhas lembranças

PERIGOSAS ACHERON

saudosas e sofridas. E quando pensei que aquela dor não pudesse mais aumentar, tia Lurdes, a única que havia me restado, também se foi, reavivando minha dor e tristeza à flor da pele. Um infarto a tirou de mim. E, por mais que aquela família alegre na minha frente se esforçasse para que eu me sentisse parte deles, eu não conseguia, não podia.

Estava grata e uma parte de mim se sentia profundamente agradecida pela hospitalidade, e, carinho que os Senhores e o restante da família pareciam ter por mim.

Mas como a última gazela do planeta se sentiria em meio aos leões?

Eles não eram os meus, àqueles cujos eu poderia ser eu mesma, dizer idiotices e ainda assim ser engraçada, até mesmo arrotar sem que morresse de vergonha, ou dizer que era para esperar porque eu estava no banheiro com uma puta diarreia. Coisas simples, bobas e até muito nojentas, mas que você somente compartilha com sua família. Não bastava apenas querer bem. Anos de convivência com um amigo não daria o tipo de intimidade que você só tem com os seus. Tia Lurdes
PERIGOSAS ACHERON

havia sido importante para eles, anos e anos trabalhando para os mesmos lhe havia outorgado um assento a mesa da família e em seus corações. Mas, então, eu era apenas uma desconhecida.

Intrusa, um peso, uma obrigação.

Eu não podia deixar de me sentir um incomodo desarmonizando o quadro feliz.

Agora, eu estava sozinha em definitivo.

Senti algo como um fio de arame farpado se apertando em volta da minha garganta, sufocada e dolorida, por todo aquele clima festivo, mas antes que as lágrimas brotassem dos meus olhos, deixei a casa sem saber exatamente aonde ir.

Odiava ser alvo de pena e compaixões quando tudo que eu precisava era estar só, longe de tudo que me afetasse e, principalmente, longe de lugares que me trouxessem lembranças tão dolorosas.

Na verdade, precisava de algo.

O quê? Não sabia.

Não prestei atenção aos meus passos nem ao tempo. Unicamente, caminhei a esmo até que cansada, parei, elevando meus olhos lacrimosos para um grande portão de ferro marcado com letras garrafais "CEMITÉRIO RECANTO DAS PERIGOSAS ACHERON

ALMAS". Assombrosamente, senti uma espécie de reconforto quando andei entre os túmulos no chão. Meus joelhos cederam e eu me deixei levar, sentando sobre meus calcanhares enquanto meus olhos corriam pela lápide a minha frente.

Em memória de

LURDES DE NÓBREGA

AMADA TIA E AMIGA

21-01-1966 † 18-08-2013

NOSSOS CORAÇÕES ESTARÃO SEMPRE
COM VOCÊ,

SEU LUGAR NINGUÉM PODERÁ
SUBSTITUIR

Minha cabeça caiu para frente. Lágrimas saltaram, uma após a outra. Lágrimas duras e grossas. E por elas me deixei levar, lavando minha alma, com aquelas gotas que segurei firmemente desde que recebi a notícia há quatro meses. Chorei até que estive trêmula, com os olhos inchados

demais para ver qualquer coisa, o nariz entupido, a garganta inchada, arranhando.

Não pensava, tudo que sentia era dor e uma saudade esmagadora.

— Jesus, Gabriela, graças a Deus, eu te encontrei! — Escutei no fundo de minha mente a voz irritada de Ty. — Faz horas que estamos te procurando. Meus pais estão loucos de preocupação, porra. Por que saiu assim sem avisar?

Levantei o olhar, turvo e confuso, para ele.

Meu queixo tremendo sem que eu pudesse conter.

Sua expressão suavizou.

— Eu... Desculpa. Eu não queria me exaltar, é só que... Ela faz muito falta, não é?

Abaixei os olhos em meus dedos juntos. Não queria falar.

— Sinto muito. Também sinto falta dela. Não posso nem imaginar como deve ser difícil pra você.

— Ele tornou a dizer, a tristeza em sua voz se familiarizou com a minha, e eu senti um pouco de conforto. — Vem..., vamos sair daqui.

Olhei para cima para sua mão estendida,
PERIGOSAS ACHERON

esperando pacientemente que eu aceitasse. Desviei o olhar para o seu rosto sereno e de volta para sua mão, vacilando, antes de aceitá-la... Um gesto, que eu não sabia, mas mudaria toda minha vida.

Aquele foi um dia muito difícil, o primeiro de uma data especial que eu passava sozinha. E também foi a primeira vez que chorei a dor da perda dos meus pais e de tia Lurdes, deixando meu luto extravasar em lágrimas. Não tinha podido fazê-lo quando as tragédias mudaram o curso da minha vida, talvez por ser tão inacreditável que algo tão terrível como aquilo pudesse acontecer comigo. Custava acreditar que eu não tinha mais ninguém, e a dor era tanta que me anestesiou. Mas, naquele dia, foi demais. O copo transbordou e eu só não me perdi quando isso já era certo, porque ironicamente o cara que eu sempre mantive distância, que me amolava indiretamente quando tinha oportunidade, foi o mesmo a me ajudar. Ty me deu apoio,

PERIGOSAS ACHERON

compartilhou do meu momento apenas ficando do meu lado sem me pressionar, e em silêncio. Mal sabia eu que ali começaria uma nova prova, uma nova dor, porém menos profunda. Ainda assim, dor.

Diferente em intensidade e profundidade.

Tinha sido uma órfã recente, que chegará a casa dos Bryant no mês das festividades natalinas. Um mês após sepultar meus pais. Isso porque não havia mais ninguém por mim no mundo, senão Lurdes, a única irmã de meu pai. Meus 17 anos na época me impediram de permanecer no Brasil, e então, me vi na casa de um ator hollywoodiano. Não havia ficado deslumbrada como eles esperavam, até mesmo tia Lurdes, quando coloquei meus pés na casa e soube de quem se tratava. Acho que o termo correto para minha descoberta foi choque e logo depois descontentamento. Havia regras para manter a privacidade da família, e claro, a do astro *teen*

PERIGOSAS NACIONAIS

segura, que eu não me importava de seguir, ao contrário, tinha de dar graças a Deus por isso, pois a última coisa que precisava era ter meu nome e meu rosto em tabloides, como a mais nova adição da família. A coitada. Ao contrário da maioria, eu não estava dando pulos de alegria por estar ali. Evitava como podia para não aparecer com o clã Bryant e me mantive às margens, principalmente quando se tratava do astro. Francamente, achava aquilo tudo uma palhaçada. Eu não tinha ídolos e, embora ignorasse quem tivesse os seus, para mim aquilo sempre foi de uma futilidade sem igual.

A vida sempre fora bem mais que amar e chorar por idealizações falsas.

Eu tinha por quem dedicar tal amor e lágrimas. Gente realmente importante, gente real, as quais valiam à pena e faziam a diferença em minha vida.

Claro, havia artistas dos quais eu gostava.

Mas ídolo? Só Deus.

PERIGOSAS ACHERON

Isso era válido. Não um garoto com status de deus falso.

No entanto, apesar de minha aversão ao glamour hollywoodiano, eu tinha de admitir: a vida na casa dos Bryant era muito comum. Não havia regalias para Ty, a vida era igual para todos, com direito a discussões bobas, castigos e represálias.

O Sr e Sra. Bryant eram bons, sempre foram, e cuidavam para que a família mantivesse os pés no chão.

Fui matriculada na mesma escola de Ariel (no último ano) e, lá conheci Kendra, e depois, Julie quando entrei na faculdade.

No ensino médio ou *High School* para americanos, conhecer Kendra foi uma mão na roda, pois, apesar de Ariel e eu nos darmos bem, ela já possuía seu próprio grupo de amigos. Sem contar o fato de algumas meninas serem fúteis e lambê-la devido ao seu irmão. Claro, ela tinha amigos reais,

PERIGOSAS ACHERON

mas os aproveitadores também estavam lá.

Kendra era do meu time, sem fricotes por causa de famosos, algo que impulsionalou nossa amizade. Julie idem.

Ty, eu não tinha o que dizer. Na época, ele era com quem eu menos falava, aliás, antes do episódio no cemitério, eu raramente lhe dirigia a palavra ou os olhos. Não o odiava nem havia motivo para cultivar tal sentimento. Ele era apenas indiferente aos meus olhos. Confesso que a fama era um fator predominante para a distância.

No fim, não fedia nem cheirava.

Ele também se mantinha a margem, apesar de vez e outra me cutucar indiretamente, mas logo tomava sua posição à sombra ao ver que eu ignorava.

No entanto, tudo mudou depois daquele dia. Inesperadamente, foi ele quem conseguiu trazer-me um pouco de conforto e risos moderados a minha

PERIGOSAS ACHERON

vida.

Não havia caído de amores, mas também já não era tão indiferente, e eu pude ver que por detrás do ídolo, o cara desejado, ele era comum, muito até.

Tudo aconteceu muito rápido, e quando dei por mim, já estávamos envolvidos.

Não amor, apenas rápidos momentos de diversão e paixão, sem maiores sentimentos e envolvimento. Ele foi o meu primeiro. Minha visão de virgindade era diferente da maioria. Ela, obviamente, não constituía amor, senão prazer.

Foi o momento e, apesar de tudo, não me arrependi.

Ele era a companhia que me trazia um pouco de tranquilidade, um pouco de sabor doce ao amargor dentro de mim e calor a frieza em meu peito. E também era ele, quer gostando ou não, apaixonada ou não, fazia eu me sentir viva novamente, apenas uma garota normal com seus hormônios doidos.

Dois meses de encontros às escuras e uma gravidez inesperada.

Respirei fundo, afastando a lembrança e olhei acima, lendo as mesmas palavras garrafais que li naquele dia. O que começou com um caminhar sem rumo se tornou um hábito nesta data, trazendo-me ali em todos os natais seguintes.

Fiz o mesmo caminho de sempre até a lápide conhecida.

Às vezes, eu pensava no que teria acontecido se tivesse seguido meu plano original, ao invés de, me deixar levar por um lance casual.

Naquele dia, eu buscava respostas, um caminho. Precisava tomar decisões, e então, seguir adiante por mim mesma. Pois, por mais que aquela família fosse acolhedora, eu não poderia ficar na aba deles para sempre. Não tinha nada mais que minhas mãos nuas, minha força de vontade e determinação. O pouco que meus pais deixaram foi

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tudo para as dividas pendentes, e então, eu estava com tia Lurdes que não me permitia trabalhar. Sempre dizendo que eu deveria me atentar unicamente aos meus estudos. Depois que ela se fora, eu literalmente fiquei com uma mão na frente e a outra atrás. Ela até possuía algumas economias que me foram dadas. No entanto, tinha a faculdade para pagar. Havia ganhado uma bolsa que cobria apenas a metade dos custos. Poderia viver num dos dormitórios da universidade e com isso tirar o peso de um aluguel, porém o custo da outra metade da bolsa era salgado e tive que usar suas economias. Não obstante, eu sabia que uma hora o dinheiro acabaria, afinal, não era muito. Três meses de mensalidades pagas. Então, havia os Bryant.

Eu já havia perdido tudo que poderia perder materialmente, contudo, meu orgulho ainda estava intacto. Mesmo que tivesse de abandonar a universidade, eu tinha o dever de me manter.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Pensando assim, arrumei um emprego de meio período após as aulas na própria lanchonete da universidade, duas semanas depois da morte de tia Lurdes.

— *Gabriela, querida, venha aqui e sente conosco, por favor.*

Tinha acabado de chegar. Com o trabalho na lanchonete minhas voltas eram mais tardias que de costume. Olhei para o Sr e Sra. Bryant sentados no sofá, fixados em mim, um pouco nervosos, eu diria. O que automaticamente me fez nervosa, também.

— *Aconteceu alguma coisa? — questionei temerosa.*

A última vez que os vi daquela maneira recebi a notícia da morte de tia Lurdes.

— *Queremos conversar com você por um instante.*

Era hora de ir. Eles me diriam que eu não poderia ficar ali mais.

— *C-Claro.*

Juntei minha bolsa em meu colo, apertando os

PERIGOSAS ACHERON

dedos nela com tanta força que eles doíam quando me sentei na frente dos senhores da casa. Eu queria falar antes que eles se embaraçassem por me dizer algo que era de direito deles, mas minha garganta estava fechada.

Sr. Daniel começou:

— Nós estamos preocupados com você. Estivemos reparando que você anda chegando mais tarde que de costume e queremos saber o que está acontecendo.

— Sabemos que está passando por um momento muito difícil em sua vida, um que uma garota tão nova como você não devia passar, mas estamos aqui para o que precisar. Sabe que pode contar conosco para qualquer coisa, não sabe?

Assenti.

— Não somos seus pais e nem queremos tomar o lugar deles, ou de Lurdes, aliás, eles são insubstituíveis. Porém, tanto eu quanto Daniel queremos que saiba que pode nos dizer qualquer coisa sem medo. Agora somos uma família e nós nos apoiamos seja no que for. Não está sozinha.

— Me desculpem, eu... Podem me dar licença por um minuto, por favor?

PERIGOSAS ACHERON

Hesitantes, eles assentiram e eu corri para o quarto que possuía na casa dos fundos, onde tia Lurdes havia morado. Embora o Sr e Sra. Bryant insistissem que eu fosse pra casa principal, preferi permanecer lá. Retornei pouco depois, trazendo comigo uma caixa de metal. Coloquei-a sobre a mesa de centro, na frente deles, e os olhei com humildade.

— O que é isto, querida?

— Abrão, por favor.

Sr. Daniel tomou a frente, pegando a caixa e abriu sob os olhos de dona Cora.

— Que dinheiro é esse? — ele perguntou devagar.

Meu coração começou a bater forte.

Engoli minha saliva com um ruído, moendo meus dedos juntos.

— Eu estou trabalhando na lanchonete da universidade, por isso tenho chegado tarde... E-Eu sei que deveria ter falado antes, mas..., uh... o trabalho não está afetando meu desempenho nem nada...

Calei-me, percebendo que estava balbuciando as palavras.

Eles olharam para o dinheiro na caixa, depois para mim e para o dinheiro novamente, então se entreolharam.

— Estava juntado para dar... a vocês. Eu sei que não é muito, — comecei a me justificar mais constrangida do que se eles tivessem me pegado pelada. — Não ganho um grande salário, mas tudo que ganhei está aí, podem conferir se quiserem... Sei que é pouco para pagar às minhas despesas aqui, mas eu...

— Desde quando está trabalhando? — dona Cora me cortou.

Bati meus cílios.

— Há dois meses.

Eles trocaram olhares novamente e depois me olharam.

— Venha aqui, querida — dona Cora me estendeu a mão.

Ela me guiou para estar sentada entre ela e seu Daniel.

Foi um curto momento de silêncio, que me afligiu.

Eles agora poderiam me colocar do lado de fora do portão por haver mentido. E eu nem mesmo
PERIGOSAS ACHERON

poderia reclamar, uma vez que haviam sido bons comigo e não mereciam minha ocultação, mesmo ela tendo um propósito bom, e eu, de fato, não ter feito nada de errado, exceto omitir.

Sra. Cora manteve nossas mãos juntas, seu olhar era amável e lacrimoso quando a mirei sem saber o que fazer ou dizer. Então, mantive o silêncio e esperei.

— Não estamos bravos por você estar trabalhando, mas gostaríamos que tivesse nos contado antes. — Seu Daniel explicou suavemente. — Acho sua atitude muito digna e estou orgulhoso de você, e tenho certeza que seus pais e Lurdes também estariam se estivessem aqui. Aliás, qualquer pai ficaria muito orgulhoso de ter você como filha.

Suas palavras me amorteceram e, em seguida, colocou lágrimas nos meus olhos.

Ele continuou:

— Em relação ao trabalho, eu particularmente e acredito que Cora também, preferiria que você apenas se atentasse aos seus estudos, mas não iremos impedi-la de trabalhar se assim quiser.

— Acho até que isso seja uma coisa boa, né,
 PERIGOSAS ACHERON

Daniel? Trabalhar é bom. Ajuda a ter responsabilidade, independência e também é uma boa maneira de manter sua mente saudável.

Eu os olhei, abismada, porém muito aliviada.

— No entanto, — seu Daniel disse. — Seu dinheiro é seu.

Tampou a caixa e a colocou em minhas mãos.

— M-Mas...

Ele levantou a mão e negou com a cabeça, e eu me calei.

— Sei que fez isso com a melhor das intenções. É bom termos orgulho, filha. Mas não podemos e não vamos aceitar seu dinheiro pelo simples fato de que você não nos deve nada. Seu único dever para conosco é em se manter bem e tirar boas notas. — Seu tom soou firme, porém terno e lembrou-me ao meu próprio pai, e meus olhos transbordaram. — Do resto, nós, Cora e eu, iremos cuidar.

— Não pense você que não entendemos o porquê de fazer isso. Como Daniel disse e eu vou imitá-lo, ter orgulho é bom. Querer e fazer por onde se manter é muito digno de sua parte. — D. Cora disse, escovando meus cabelos com a outra
 PERIGOSAS ACHERON

mão. — Mas não vamos em hipótese nenhuma aceitar seu dinheiro. Olhe em volta... Não há problema em cuidar de você. Queremos isso, não somente por termos prometido a Lurdes que faríamos isso caso ela viesse te faltar. Você fez por onde ganhar o nosso afeto e cuidado então, deixe que nós cuidemos de você, sim?

— E-Eu... — Lambi meus lábios secos e forcei as palavras. — Eu realmente agradeço, mas vocês não têm a obrigação de fazer isso. Eu...

— Não é obrigação. Queremos e vamos fazer, a não ser que você nos recuse.

Abri minha boca, mas nada saiu. Estava boquiaberta.

— Ouça Cora, filha. Não vai gostar de vê-la chateada e não acredito que deseje isto, verdade?

— Não, não quero — murmurei num fio de voz.

— Bom, já que isto ficou claro e que agora já nos tirou uma preocupação, vamos falar sobre a casa. Sei que já falamos sobre isso algumas vezes, contudo, vamos falar novamente. Queremos que venha morar aqui conosco, não é bom que fique sozinha lá. Sei que a casa te traz boas lembranças, contudo, não creio que seja saudável para você.

— *Agradeço, mas prefiro ficar lá por enquanto, se não for incomodo para vocês. Eu só... Não quero sair de lá ainda.*

— *Okay. Se quiser assim, assim será. Quando estiver pronta, me avise que eu a ajudarei se mudar para um dos quartos aqui em casa. Promete pra mim?*

— *Eu prometo.*

Ela me beijou a face e envolveu seus braços em torno de mim, firmes e fortes, e eu a retribui ainda em choque pela postura de ambos. Sr. Bryant foi o seguinte, me dando um abraço de urso.

— *Você é uma boa garota, Gabriela, e tenho certeza que será uma grande mulher. Sorte do homem que se casar com você.*

— *Será um homem sortudo. É a nora que toda sogra pediu a Deus. — Corei dos pés a cabeça. — Agora pode ir para seu quarto e fazer suas coisas, o jantar será servido às sete em ponto.*

Não fora somente minhas despesas que eles tomaram para si, mas também as mensalidades da universidade, e o dinheiro daquelas que eu havia

PERIGOSAS ACHERON

pagado voltou para mim. Ainda tentei devolver, mas não me sobrou escolha se não aceitar a atitude deles.

Eu realmente tinha muito que agradecê-los, muito mais do que o espaço de tempo e palavras poderiam fazer. Eles tinham sido bons comigo desde o primeiro momento sem nada pedir em troca que não fosse meu bem-estar, assim como os pais faziam. Minha gratidão para com aquele clã não tinha tamanho.

Mirei a lápide a minha frente e me ajoelhei.

Havia momentos em que eu pensava que Ty aparecer lá naquele dia tinha sido um sinal de tia Lurdes. Mas, então, isto me soava como uma ironia muito cruel ao me lembrar de tudo que havia passado e de como era minha vida agora.

Tia Lurdes me amava, eu tinha certeza disso.

Entretanto, havia Violet que era tudo para mim.

Suspirei pesado. — Está muito difícil, tia... Não

sei quanto mais eu posso suportar, se quero suportar mais... Cada dia está pior que o outro. Sei que deveria ser forte e aguentar por Violet, ela merece crescer com os pais. Às vezes, penso que serei muito egoísta se tirar isto dela, mas, então, eu também mereço ser feliz... Eu só estou... estou começando achar que nunca serei... Que isso, de alguma forma, foi arrancado de mim...

O que me doía mais não era a traição, mas Ty saber que estas datas festivas, principalmente, o natais eram difíceis para mim. E, mesmo assim, ele levou sua puta para uma reunião familiar. Não bastava ser vagabunda, ela tinha que me mostrar que eles passaram a noite juntos.

Ty não tinha o dever de me amar de volta ou de me fazer feliz, até mesmo de comprar presentes escolhidos especialmente para mim. Mas me devia respeito, não?

Caramba! Para todos os efeitos, eu era sua

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mulher e, de fato, mãe de sua filha.

Algun respeito seria bom.

Balancei a cabeça e limpei o rosto com as mãos.

— O que eu faço? Sinto tanta raiva que poderia surrar ele e desmascará-lo, mas penso em Violet, na família Bryant... Nenhum deles merece tal desgosto e, embora ele não mereça minha piedade, eu o amo e não quero lhe causar dano.

Eu era uma idiota, uma completa e perfeita idiota.

Iludida e esperançosa pelo amor bobo.

Irada e humilhada pela razão.

No fim, apesar de não haver respostas, o desabafo solitário tirou um pouco do peso que carregava e o que me restou foi uma fúria dormente.

Quando retornei ao carro, meu celular tocou.

— Oi, Kendra.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que acha de sairmos hoje?

— Como assim? Kendra não me diga que você está...

— Em L. A. Sim, baby, eu estou.

Houve uma pausa, e depois a voz doce de Julie ecoou. — Eu também estou, fofa.

— Eu disse para vocês não virem.

— Saí Julie! Porra... Gabi, você disse que ficaria o dia todo na casa de seus sogros, não à noite. Então, achamos que você merecia ter nossa companhia.

Soltei um riso frouxo.

— Suas loucas! Não estou mais na casa deles, estou indo pra casa, na verdade.

— Então, topa ir? Aliás, não aceitamos não como resposta, nós...

— Que horas?

—... vamos te arrastar pelos cabelos... Espere, você disse sim?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, Kendra, eu disse sim.

Encostei a cabeça no respaldo do banco e fechei os olhos.

— Pode ser às 8h?

— Uh-hum.

— Estaremos no Sonata. Sabe aonde é?

— Sei sim.

— Lá é bem tranquilo, música ambiente e tem até uma pista de dança bacaninha no andar de cima, onde podemos botar os esqueletos pra sacolejar. E eu conheço o dono então, não precisa se preocupar com flashes inconvenientes.

— Não importa. Eu estarei lá às oito.

— Certo. Acho que temos muito que falar.

Ela não fazia ideia.

Desliguei e dirigi para casa.

O silêncio me recebeu, e eu aproveitei para, enfim, descansar.

Quando acordei, dirigi-me até a ducha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Terminado, me sequei, entrei no roupão e envolvi uma nova toalha seca em meus cabelos. Retornei ao quarto.

Conferi as horas novamente. 7h em ponto.

Plantei a bunda na cama, sentindo minha vontade de sair escorregar por entre meus dedos. Tanto tempo sem sair, sem ter um tempo para mim, para simplesmente me divertir, e naquele instante, eu me sentia deslocada. Perdida. Com medo.

Nenhuma vergonha em admitir que o comodismo era um companheiro amado.

Estava seriamente pensando em ligar para Kendra e cancelar o encontro quando ouvi dois toques na porta.

— Entre.

Ty deu o ar da graça, entrando em meu quarto, me recordando a Violet quando sabia que fez algo de errado e levaria uma bronca.

Cretino.

PERIGOSAS ACHERON

— Você está bem? — perguntou com cuidado, e eu seria muito estúpida se acreditasse que ele estava preocupado comigo.

— Estou ótima.

Ele ficou em silêncio, parecendo estar surpreso com minha secura. Não que me derretesse antes. Mas, definitivamente, nunca havia o tratado às secas.

Humpf!

Nunca fiz um montão de coisas e o que ganhei?
Pares e pares de chifres.

— A mãe disse que você veio pra casa porque estava com dor de cabeça. — Ele esperou que eu respondesse, porém somente o olhei de volta, um olhar frio. — Violet queria vir aqui, mas achei melhor verificar primeiro.

Tão cuidadoso, que se ele soubesse o quanto aquilo me causava raiva depois da sua cachorrada, Ty nem mesmo estaria naquele cômodo ao alcance

PERIGOSAS ACHERON

das minhas mãos, que estavam coçando para marcar a cara de pau dele.

— Já estou melhor. Se não se incomoda, fique com Violet, depois vou vê-la.

— Não, claro que não. Eu vou mantê-la abaixo... A mãe mandou o jantar.

Assenti, me perguntando por que ele ainda continuava estacado ali.

— Foi ao cemitério?

Olhei-o por um momento pensando na resposta que daria a ele. Minhas opções eram bem cabeludas e mal-educadas, mas, por fim, optei por ser civilizada.

— Sim.

Foi à vez dele assentir, pensativo.

Deveria estar pensando na safadeza dele, talvez contrariado porque teria que cuidar de Violet quando devia estar fora, mas não sabia o que dizer.

— Eu vou segurar Violet na sala então. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Começou a dar a volta, mas parou retirando algo do bolso. — Ah, aqui... — me estendeu uma caixa pequena. Joia, pensei. — É seu presente de Natal.

A raiva me congelou. A imagem daquela vaca no almoço se achando com as malditas joias veio em minha mente e a minha fúria cozinhou em fogo brando.

Apertei os dentes, rígida da cabeça aos pés. Fui até ele com ânsias de esganá-lo, agarrei a maldita e a enfiei na primeira gaveta da cômoda.

— Não vai abrir?

— Depois.

— Tudo bem — disse, parecia desapontado, como se esperasse algo e não soubesse o que fazer. Ele olhou, ansioso. — Espero que goste... Eu gostei do que me deu.

Ty queria me matar de raiva por ser tão idiota.

— Uh-hum.

Ele ainda vacilou antes de sair, me deixando

PERIGOSAS ACHERON

sozinha com minha raiva e mágoa.

Não vou chorar. Não vou chorar.

Ty não sabia, mas sua atitude só reavivou minha vontade de sair.

Girei meus calcanhares e voltei ao banheiro, secando os cabelos com o secador e me maquiei. Tudo no automático, mas com zelo, apreciando o momento de vaidade. Não era com o sentimento certo, porém, nesta altura do campeonato tudo era válido.

Uma vez que estive em meu closet, fiquei mais puta ainda. Em meio aos pouquíssimos vestidos de gala que usava quando tinha que acompanhar Ty em alguma premier ou premiação, estavam meus jeans, shorts, camisetas e moletens. Foi difícil achar algo feminino e bonito, mas encontrei num canto quase esquecido um dos muitos vestidos que tinha comprado quando acreditei ser possível fazer nosso casamento real. Havia me produzido tantas

vezes depois do nascimento de Violet e de meu corpo em forma que até perdi as contas, mas nada do que usasse o fazia olhar diferente para mim. A indiferença, como se eu fosse um apetrecho de casa, sempre esteve lá. E, com o passar do tempo, eu desisti e acabei me entregando ao comodismo.

Era difícil manter a vaidade intacta quando se é ignorada, todas as inseguranças vem à tona e você acaba sendo negligente consigo mesmo, comigo foi assim.

Meu lado mulher adormeceu, embora tivesse uns surtos esporádicos. Eu me entreguei aos estudos, aos cuidados de Violet e da casa. Havia optado por não ter uma babá, uma vez que dona Cora sempre se dispusera a ficar com Violet e se chateava quando recorria ao serviço de *babysitter*, e também por eu mesma querer cuidá-la. Não possuíamos empregados fixos, exceto por Laura que vinha dia sim e dia não para limpar. Mas creio

que a autoestima da mulher nunca morra verdadeiramente, ela apenas adormece até que uma dose de animo é injetada. E foi o que aconteceu comigo.

Agarrei a peça Zara e rapidamente me vesti.

O vestido estilo frente única era um palmo acima dos joelhos, justo até a cintura então começava a ficar solto dando movimento à parte inferior. Estampado com flores e alguns abstratos. Nos pés, uma sandália nude com pedrarias.

Tirei o batom que havia guardado em minha bolsa e fui até o grande espelho, retoquei os lábios com a cor vinho quente e ajeitei meus cabelos soltos.

Então, conferi o resultado.

Meu ego gostou do que viu. Aplaudiu de pé.

Por um dia, pelo menos um dia, eu tenho o direito de me divertir. Mentalizei.

Guardei o batom na bolsa de mão e rumei para

o andar de baixo.

— Vai sair? — Ty questionou um pouco assombrado, seus olhos apertados correndo por mim e meu lado feminino vingativo deu um grito de guerra.

— As garotas e eu combinamos de tomar um drink. — Fui até minha filha e me despedi dela. — Tchau, querida. Vá cedo para cama. Mamãe te ama.

Depois de tudo, eu merecia um bom momento naquela noite. Ainda era Natal e eu poderia, finalmente, ter uma boa dose daquela data.

Sob os olhares pasmados de Kendra e Julie, eu engoli meu segundo shot de tequila numa só golada. E assim como o primeiro, senti meus olhos arderem, minha garganta queimou e meu peito aqueceu quando a bebida desceu rasgando.

Ignorei o limão e o sal.

Não precisava de nada para aliviar o gosto forte, embora eu não fosse acostumada às destiladas. Apreciava um espumante suave porque era doce e as borbulhas faziam cócegas no meu palato. Ou um vinho tinto. Mas, naquela noite, eu precisava de algo mais forte para acalmar ou ao menos tentar abrandar a fúria vulcânica em meu peito.

— Certo, agora cospe tudo — Kendra disse, afastando o terceiro shot de mim, seu olhar sério sobre o meu. — O que aquele cachorro fez desta vez?

— Jack traga uma água, por favor.

— É pra já.

Olhei para cima, vendo o tipo moreno ensaiar uma continência divertida e sair. Ele retornou, colocando a água na mesa. Julie empurrou a garrafinha para mim.

— Beba.

Bufei e cerrei meus olhos para ela. — Não vou beber.

— Vai beber sim, senhora! — interferiu Kendra. — Não tá acostumada a tomar bebidas fortes. E, Fofa, tequila não tem a fama que tem porque é suco de abacaxi, sabe?

Elas não tinham me chamado para me divertir, incluso beber? Porra, estávamos num bar! *Humpf.*

Bela hora para ter amigas responsáveis!

— Vamos lá! Não precisa beber tudo, apenas alguns goles. — Kendra voltou a dizer, adoçando. — Depois, se quiser, pode encher a cara que nós te acompanharemos, mas agora precisamos de você sã pra nos contar o que àquele pilantra fez.

— Sabe como é. Temos que ter certeza que não cometeremos um assassinato em vão. Então, seja boazinha.

Rolei os olhos para Julie e bebi metade da água.

— Satisfeitas?

Ambas assentiram divertidas com meu mau humor.

Kendra tomou a frente. — Agora solte à merda.

Murchei, desviando o olhar para a garrafinha, onde meus dedos brincavam com o rótulo da embalagem plástica.

— Ariel me disse que ele a chamou para ajudá-lo a comprar joias, e eu idiota acreditei que eram

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pra mim... Ela estava tão animada e certa do que dizia — pausei, respirando fundo e as olhei. — Ele não levaria a irmã a uma joalheria se não fosse para dar pra mim, certo? Isso vai contra... Não sei, traria suspeitas indesejadas.

— Mas? — Julie incentivou.

— Aquela cadela apareceu para o almoço na casa dos Bryant, logo depois que ele chegou...

Kendra me cortou, abismada:

— Opa, opa, opa! Espere aí! Ele passou à noite fora?

— Pelo que Ariel me disse, eu achei que nós... Achei que ontem nós poderíamos começar algo, não sei, que ele estava dando indícios de que queria, sei lá, fazer valer nosso casamento, qualquer coisa. Até o Sr e Sra. Bryant fizeram questão de ficar com Violet... Ty me deixou em casa, dizendo que tinha que ver uns amigos e que logo voltaria.

PERIGOSAS ACHERON

— Que filho da puta!

— Ele nunca passou à noite fora — Julie meditou.

Entendia o espanto delas, pois era o meu próprio só que em proporções e significados mais profundos, mais dolorosos.

— Ele nunca fez isso — confirmei, de repente, sentindo uma tristeza densa pesar em meu peito, atraindo lágrimas para os meus olhos.

— E então?

— Ele apareceu uma hora depois de mim e, em seguida, Tara apareceu. — Engoli o bolo e a raiva. — Eu me senti tão humilhada e estúpida... Estava na cara que eles tinham passado à noite juntos. Estava tudo lá! Até as malditas joias. Se vocês vissem a arrogância dela quando falou das joias e seu admirador secreto tão generoso... Eu quis matá-lo.

— Se ainda quiser, nós topamos — Julie

PERIGOSAS NACIONAIS

assinalou, me arrancando um sorriso breve. — Sei de um lugar perfeito para esconder corpos de maridos vagabundos.

— E eu tenho duas pás e acho que algumas balas também. Ou se preferir uma morte mais dolorosa, tenho um taco de alumínio muito resistente.

— Meu avô me deu uma adaga de presente no ano passado, acho que podemos fazer bom uso dela nos países baixos do cretino.

— Por que diabos seu avô te daria uma adaga?
— Kendra perguntou.

Julie colheu os ombros.

— É uma antiguidade. Eu não sei pra que ele me deu, mas sei que vale um bom dinheiro e é muito bonita, se quer saber. Corta os bifes que é uma beleza.

— Uh..., bem que sempre achei sua família meio estranha.

PERIGOSAS ACHERON

— Beija minha bunda.

— Passo.

— Vocês duas são loucas.

Elas me olharam, inocentes.

— Apenas tiramos o lixo para fora quando necessário. — Kendra zombou. — E por falar nisso, além de confirmar o que já sabemos, ou seja, que seu maridinho é um grande babaca. Ele arrumou um problemão e não estou falando de nós.

— Verdade. A irmã provavelmente reconheceu as joias, se ela o ajudou a escolher. Ele tem um problema e você deveria estar feliz por isso.

Minha boca caiu aberta.

— Feliz? Depois de humilhada, eu ainda tenho que ficar feliz?

— Você não tá acompanhando — Julie falou.

— Me iluminem.

— Fofa, essas coisas mulher nenhuma esquece. Muito simples. — Kendra particularizou. — Ariel

vendo as joias com a outra, que supostamente deveriam ser suas, não vai deixar barato pra ele.

Eu as olhei com um ponto de interrogação.

— Deus, hoje está difícil! Veja, você não acha que Ariel vai achar estranho ele dar pra múmia as joias que deveriam ser suas? Ele a levou para escolher joias pra outra, pelo amor de Deus! Realiza! É claro que ela vai ver que tem caroço nesse angu, não é assim que vocês brasileiros falam? Pois bem, vê? Você tem a faca e o queijo nas mãos, e só não fará bom uso disso se for tão boba quanto Ty pensa que você é.

— Obrigada — mofei-me.

— Sério Fofa, Julie tem razão. Ty pode dar a desculpa esfarrapada de que quis dar um agrado de Natal para amiga de infância, mas para todos os efeitos, ele é casado, e como Julie disse, levou a irmã para ajudá-lo a escolher as joias. Que homem em sã consciência levaria a irmã para escolher joias

que não são para esposa? É antinatural.

— Além do que, se Ty conseguir engambelar a irmã com uma desculpa idiota, pode ter certeza que ela não vai se esquecer disso, a pulga estará lá.

Eu realmente deveria ter esquecido meu cérebro em casa.

— Isso significa?

— Significa que você tem a desculpa perfeita pra dar o ponta pé que ele merece e acabar com esta farsa de uma vez por todas, e ainda sair por cima.

— Não é como se ela já não tivesse motivos suficientes pra isso, né, Kendra?

— A chave da questão é que nossa amiga aqui não quer dizer a verdade pelos motivos que conhecemos bem e não concordamos, mas com este fato novo já não há mais desculpas para manter essa situação.

— Tem certeza que são minhas amigas?

— Amorzinho, desculpa, mas sabe que temos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

razão.

— Sério, Julie? E isso me coloca aonde? No topo da ignorância? Da estupidez?

— Quer que a gente minta? Podemos fazer isso, se a faz se sentir melhor.

Exalei bruscamente. — Não Kendra, não quero isso. É só que... — me calei não conseguindo dizer as palavras.

— Sabemos. Você o ama, mas precisa se amar também. Não estou dizendo que não o faz, mas precisa se colocar acima dele. O que fez foi muito altruísta de sua parte e naquele momento foi o correto pra você, mas o tempo passou, e como alertamos, as coisas mudaram... Escuta, não quero te criticar, o que fez, poucos fariam, apesar de não aprovar, realmente entendo seu lado. Foi o certo pra você devido a tudo que estava passando naquele momento. Mas já deu. É hora de seguir em frente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você fez tudo que pôde — Julie disse, docemente. — Cumpriu seu papel. Infelizmente, no processo, você se apaixonou, tentou e tentou de novo, e nada. Desistir nem sempre é sinal de fraqueza, senão de respeito por si mesma.

Era isso que doía, pois, apesar das feridas causadas por seus deslizes, eu não podia culpá-lo por agir como agia, senão a mim mesma. Ele não fazia nada mais do que o tratado. Contudo, culpava. O amor era assim: insano, cego e irracional. Eu pensava.

— O que ele disse quando te viu pronta pra sair? Ou não viu? — Julie quis saber.

— Viu, e eu não esperei que ele dissesse nada.

— Gostei. Gabriela botando as garrinhas de fora.

Kendra olhou. — Nenhuma reação?

Dei de ombros.

— Surpreso, talvez.

PERIGOSAS ACHERON

O som de *Sweet Nothing* ressonando pelo ambiente apenas me deixava mais nostálgica e sem ânimo. A razão me dizia uma coisa, mas o coração era mais forte. Sentia-me impotente e vazia. A raiva, outrora fervendo em meu peito, havia se silenciado e tudo que podia sentir era uma tristeza solitária, porque, gostando ou não, eu sabia o que devia fazer. Entretanto, uma parte sádica dentro de mim se negava ao certo.

— Amorzinho, acha mesmo que os pais dele teriam aceitado o casamento se soubessem da verdade? — Julie chamou minha atenção. — Eu não acredito nisso. Eles amam o filho, mas amam você também. Eles praticamente te adotaram como uma terceira filha antes mesmo de saberem sobre vocês dois.

— Vocês não entendem, não é mesmo?

Kendra me deu um olhar firme. — Eu entendo que você não esperou pelos desvios no caminho,

PERIGOSAS ACHERON

mas precisa se lembrar que, além de mãe, é mulher. Uma jovem e linda, que está no auge da vida e precisa tentar ser feliz. Depois de Violet, esta é sua maior obrigação.

— E Violet como fica nisso? E se Ty tentar me tirar ela?

— Ty não faria isso — Julie disse. — Apesar das merdas todas, não creio que se atreveria a fazer uma atrocidade dessas, ainda mais depois de tudo que você fez por ele.

Ambas se olharam e, em seguida, me olharam.

— Okay. Vamos lá. — Kendra começou. — Eu posso estar errada e, se for assim, me perdoe desde já. Você está tentando arrumar desculpas, correto?

Direto na jugular, e eu não tinha palavras para respondê-la.

— Vocês casaram, e antes mesmo de se apaixonar, você fez seu papel. Brincou de casinha e depois continuou brincando quando percebeu que

PERIGOSAS ACHERON

estava apaixonada.

— Eu não brinquei de casinha, Kendra!

— Realmente não fez. Não depois que percebeu que estava apaixonada. Você quis fazer a brincadeira real. Tinha o marido, a casa, a filha, o pacote todo. Eu não julgo sua tentativa, porque acredito sim que todos devem tentar ser feliz, mas Gabi, não deu.

— É, amorzinho, não deu. Você se acomodou e se acostumou, apesar de tudo. Entendo que pareça ser mais seguro assim, mas não pode viver de mentiras. Está na hora de desfazer a brincadeira e conquistar o real. Imagino que deva parecer assustador, porque, de uma forma e outra, para você foi real, você quis que fosse.

— Nós estaremos aqui, sempre estivemos, não é? Vamos ajudá-la no que precisar.

Eu tentei, mas foi mais forte do que eu, e a primeira lágrima caiu.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Odeio te ver assim. — Kendra limpou a gota atrevida. — Ele é um babaca que não merece nem que o olhe nos olhos.

— Merece é que o capemos — Julie rosnou.

— Com a adaga do seu avô — Kendra assinalou.

Soltei um riso frouxo.

— Suas sádicas.

O riso voltou tímido. Era isso que gostava nas minhas amigas, pois, apesar de serem um tanto duras, elas me faziam rir apesar de tudo.

— Mas é sério, Fofa, pense no que conversamos. Não tem que acatar o que dissemos, até porque você nunca faz o que opinamos, se não... Bem, apenas pense com cuidado. Imagino que deva ser difícil tomar tal decisão, mesmo que seja pra acabar uma farsa. Porém, pense em você, só em você.

Julie completou Kendra:

PERIGOSAS ACHERON

— Ou poderia dar o troco, afinal de contas, chumbo trocado não dói. E outra, você estaria em seu total direito. — Fiz uma careta. — Certo. Nah! É melhor que acabe com isto de uma vez. Violet ficará bem. Mal fará se ela crescer e perceber que tudo não passa de uma mentira. Isto sim será danoso para ela e todos os envolvidos.

Engoli em seco e assenti. — Eu vou pensar. Prometo.

Kendra bateu as mãos juntas. — Ótimo! Agora que fizemos nossa conferência e chegamos a um acordo, podemos nos atentar ao aqui e agora.

— Sim, sim. Isto pede mais uma rodada! — Julie inclinou a cabeça para o lado e gritou, levantando o copo vazio. — Jack?

— Estou indo.

— Ele é uma gracinha, né? — ela cochichou, um momento antes do moreno forte e cheio de tattoos nos servir. — Eu disse, muito competente.

PERIGOSAS NACIONAIS

— É sempre um prazer servi-las. — O tipo disse, dando uma piscadela para Julie, que abriu um sorriso enorme antes dele sair.

Kendra e eu sorrimos discretamente pela cara de pau dela.

— Vamos brindar a quê? — Julie perguntou refeita do flerte.

— Já sei — Kendra se empolgou.

Pegamos os copos e levantamos.

— Um brinde ao retorno de Gabi ao mundo! — Kendra disse.

— E as muitas noites como estas que ainda virão — Julie adicionou.

— Saúde! — dissemos em uníssono.

Batemos os copos e entornamos os shots combinando com o sal e o limão. Fiz uma careta e meus olhos queimaram.

— Cacete, agora esquentou até meus pés — Kendra resmungou.

PERIGOSAS ACHERON

Levantei meu olhar para as duas.

— Obrigada. Sei que deveria estar zangada e me sentindo um tanto culpada por estragar as férias de vocês, mas estou feliz que estejam aqui.

Kendra agarrou minha mão e apertou. — Não estragou nada, Fofa. Sempre estaremos aqui quando precisar, além de mais, qual a graça de passar o Natal sem nós?

Dei uma risadinha. — Nenhuma.

Momentos depois, Julie se exaltou:

— Finalmente! — Ela colocou-se de pé e me puxou. — Vem.

Deixei-me levar enquanto Kendra nos seguia.

— Pra onde vamos, Julie?

— Quero te apresentar a alguém.

* * *

Pisquei, dando graças a Deus pelo remédio estar fazendo efeito em minha ressaca, presente da
PERIGOSAS ACHERON

noite anterior. Tequila era uma bebida do mal. Tirando isso, a noite tinha sido muito boa. Fiquei tanto tempo sem sair que tinha me esquecido de como era bom estar fora com minhas amigas. Tão bom que ganhei uma dor na canela pelos esbarrões que dei quando me certifiquei da hora pela manhã e percebi que estava atrasada.

— Não quer suco? — perguntei a Violet.

Sentada na sua cadeirinha na mesa da cozinha, ela balançou a cabeça para os lados, negando, seus cachinhos balançando com o movimento.

— Não *quelo*, mamãe. — disse ela, brincando com as frutas picadas em seu prato.

— Tudo bem, mocinha, mas o leite você vai beber.

Apesar de sua careta, coloquei o leite na sua mamadeira e entreguei a ela. Depois sentei e comecei a engolir meu próprio café da manhã.

— Bom dia, princesa. — Ty disse, entrando na

PERIGOSAS ACHERON

cozinha. Pelos cantos dos olhos, o vi beijar a cabeça de Violet. — Bom dia, Gabriela.

Não levantei meu olhar, estava mais preocupada em terminar meu café, porém a dureza na sua voz dirigida a mim não passou despercebida.

— Bom dia, Ty.

— O que tem para o café?

Eu apontei. — A vasilha fica naquele armário, o cereal no outro, os talheres na primeira gaveta a sua direita e o leite onde sempre esteve, ou seja, na geladeira.

Ty fixou em mim por alguns segundos, talvez surpreso pela falta de uma mesa arrumada e pronta pra satisfazê-lo. Não foi de propósito, senão por estar atrasada para meu compromisso da manhã. Seu maxilar marcou, porém ele nada disse. Ele pegou seu café improvisado enquanto eu mordida um pedaço de panqueca, que fiz às pressas.

— Chegou tarde ontem, não a vi voltar — ele

PERIGOSAS NACIONAIS

disse, após se sentar à mesa, com uma cara de azedume. — Violet demorou a dormir, queria você.

— Mas ela ficou bem, não? Você, o pai dela, estava aqui, além do mais, ela sempre fica enjoada quando você sai, e olha só, está viva e bem.

Ty novamente guardou as palavras e começou a comer. Não estava de bom humor, a expressão ainda dura. Mas, então, eu não podia fazer nada quanto a isso.

Ele não ia me fazer sentir culpada por ter tido um momento para mim.

Eu merecia essa noite!

— Se divertiu?

— O quê?

— Ontem. Você se divertiu?

— Sim.

— Ótimo.

Engoli meu suco, deixei a louça na pia e dei um beijo em Violet.

PERIGOSAS ACHERON

— Até mais tarde, querida. Mamãe te ama. —
Sua boquinha melada tocou na minha. — Pare de
brincar com a comida. — Olhei para Ty me
assistindo. — Faça-a comer. Eu tenho que ir e já
estou atrasada, e não posso me demorar mais.

Deixei-os, pensando ter escutado ele dizer "*não
estaria se tivesse ficado em casa*", contudo, decidi
ignorar e pensar que estava ouvindo coisas demais.

Abri a porta e dei de cara com sua irmã indo
tocar a campainha.

— Olá, Ariel. Bom dia e tchau.

— Oi. Bom dia. Tudo bem?

— Sim, sim... Desculpe, eu estou atrasada.
Tinha que estar no hospital há quinze minutos —
expliquei rapidamente. — Ty e Violet estão na
cozinha.

— Achei que estava de férias do estágio.

— Na verdade, estou. Mas eu e as demais
estagiárias combinamos de ir lá hoje, passar algum

tempo com as crianças. Bom, fique à vontade.

Ela assentiu enquanto eu passava por ela.

— Você foi embora ontem sem dizer nada.

Parei e dei a volta.

— Desculpe por isso, minha enxaqueca atacou, mas já está tudo bem, — tirando minha ressaca dos infernos, completei em silêncio. — Eu realmente preciso ir, Ariel.

— Tenha um bom dia.

— Obrigada. Você também.

Dirigi para hospital o mais rápido que pude.

Gostava de passar algum tempo com aquelas crianças carentes de um lar, assim como eu um dia fui. Mas diferente de mim que tive uma família para me acolher e também saúde, algumas delas não tinham ninguém, salvo as enfermeiras e os médicos. Eu, melhor do que ninguém, sabia o quanto era difícil estar só, principalmente o quanto era ruim o período festivo sem ter ninguém. Alguns

PERIGOSAS NACIONAIS

ainda tinham sorte, se é que poderia chamar de sorte a situação em que se encontravam, porém, ao menos tinham um dos seus junto. Outros nem isso. Era para esses que eu ia. Enquanto muitos passavam esses períodos festejando junto à família ou viajando, eu preferia dispor de algumas horas do meu tempo para estar com eles, mesmo que só para contar uma história e fazê-los sorrir.

Um sorriso naquelas carinhas e meu dia já se tornava melhor.

Lá, dentro de um hospital, que para muitos era sinônimo de morte, estava a verdadeira face da felicidade, do que era importante e vital para viver. A fome por vida, por querer estar bom o suficiente para andar e sentir o sol, o vento e a chuva bater no rosto. E, tristemente, algumas delas nunca havia sentindo nem um nem outro. E, embora desejasse do fundo do coração que todas pudessem ter a chance de agarrar a vida para a qual sorriam, eu

PERIGOSAS ACHERON

sabia, algumas não chegariam a ter nada disso.

O engraçado, e ao contrário do que muitos pensavam por pura ignorância, não era eu quem dava qualquer coisa àquelas crianças, senão o contrário. Mesmo lá, debilitadas, eram elas quem nos davam, ensinando, *me* ensinando o verdadeiro sentido da vida.

Quando me despedi, e como sempre acontecia, eu estava re-energizada e pronta para enfrentar qualquer coisa.

Fui para casa louca para encontrar minha filhota e encher aquela carinha miúda de beijos. Encontrei-a no seu quarto e aproveitei o resto do meu dia com ela.

Ty, deste eu não fazia ideia de onde estava nem me preocupei em saber. No final do dia, preparei o jantar com Violet. E, num dado momento, me surpreendi ao ver Ty na cozinha, observando-me enquanto cozinhava. Tinha a sensação como se ele

quisesse falar algo, mas ele não abriu a boca e eu tampouco perguntei. O jantar ocorreu tranquilamente. Violet estava a toda e comeu de tudo um pouco. Adorava ver o apetite voraz dela e sua pré-disposição para experimentar novos alimentos. Ty também parecia disposto a tornar aquele momento agradável, embora mal tivesse tocado na comida. No entanto, trocamos algumas poucas palavras e até rimos de uma e outra coisa que Violet fez.

Para minha surpresa, ele não parecia ansioso para sair. O que me intrigou de cara, mas preferi guardar o pensamento para depois. Enquanto Ty se ocupava de Violet, levando-a para o quarto, eu me atentei para arrumar a mesa e lavar a louça do jantar.

Uma vez que estive com tudo arrumado, meu celular tocou e eu sorri ao olhar para o visor. Coloquei-me confortável em uma das banquetas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

altas e atendi. Estava entretida na conversa, morrendo de rir das besteiras que ouvia do outro lado da linha.

— Adorei te conhecer também, querido. Foi uma noite muito divertida como há tempos não tinha... Ah, meu Deus! Você é um perverso! Você beija sua mãe com essa boca? ... Oh, Deus, aonde fui me meter? Uh-hum... Certo... Claro, vamos combinar sim...

O celular foi arrancado de minhas mãos abruptamente.

Estupefata, me virei, ouvindo Ty grunhir as palavras em tom baixo, porém enérgico enquanto me olhava com a cara amarrada, furioso até. — Escute aqui, seu filho da puta, minha mulher não vai marcar nada com você. Fique longe dela, porra. Ou eu juro que vai se arrepender. — Ele desligou com um palavrão e me estendeu, peguei no automático.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que...?

— Não me empurre, Gabriela.

PERIGOSAS ACHERON

Que diabos aconteceu?

Um lado meu – pequeno e bobo-apaixonado – se alegrou. *Minha mulher*. Ele disse com todas as letras. Isso inflou meu amor e agitou minhas esperanças, após o choque ter passado. No entanto, o outro lado – maior e racional – tomou sua atitude como uma afronta pessoal, dando as suas palavras uma conotação vil e arrogante.

Então, Ty podia sair e fazer o que bem entendesse, mas eu não?

Era muita cara de pau sua se sentir ofendido com uma ligação quando ele próprio fazia muito pior que ter uma conversa inocente ao telefone com um amigo.

Imaginava que seu piti toco tinha se dado além de uma simples ligação. Ele ainda não tinha engolido minha saída.

Bufei enervada, retornando a chamada e me desculpei.

Embora morresse de vontade de ligar para as meninas e contar sobre o ocorrido, me contive, pois a opinião delas seria a mesma que a minha: ego machucado.

De fato, após tanto tempo sendo a Amélia, uma situação muito cômoda a ele, era de se esperar que o mesmo se sentisse ofendido por eu ter tido uma folga, porém era o cúmulo do absurdo, também. Isso me levava a outras duas questões. Ele era crédulo de que eu era sua propriedade, um objeto de decoração pronto para servi-lo. Sem direitos. Isso pra não falar do receio desta minha saída ter sido flagrada por algum paparazzi, claro!

Tudo no mundo dele, uma coisinha de nada,
PERIGOSAS ACHERON

mesmo bem idiota, era motivo para os tablóides tentarem uma polêmica, meditei enjoada.

Não fora ciúmes que o levou a ter tal atitude, mas a posse e o controle, talvez por medo de perder sua comodidade e privilégios, pois para Ty era assim.

Recuei meus pensamentos quando Ty voltou para dentro de casa, após alguns minutos do lado de fora. Sua carranca era profunda. Ele não disse nada e se moveu.

Irritação me comeu viva quando o segui.

Ele me devia uma desculpa por seu chilique.

— O que deu em você? — perguntei quando ele alcançou a escada e me ignorou. O que só me fez mais odiosa. Eu plantei as mãos no quadril. — Estou falando com você, Ty, e exijo uma resposta agora. E um pedido de desculpa também!

Ele, finalmente, parou e voltou os lances de escada que subiu, a expressão dura quando me

PERIGOSAS ACHERON

encarou com seus olhos já diminutos em fendas, um vinco tenso marcava entre suas sobrancelhas.

— Um pedido de desculpa? Eu não acho que seja você aqui quem deva exigir qualquer explicação ou desculpas, senão o contrário, não é?

— Como é que é? Eu te devo explicação? Do que exatamente?

— Comece com você ficando de conversinha com um cara que provavelmente conheceu ontem ou já devia conhecer, o que nos leva a outra questão. Está tendo um caso, Gabriela? Se for assim, você me deve todas as explicações desde que está me fazendo de corno. Mas isso não é possível. Você nunca sai de casa, a não ser que esteja se encontrando com esse cara na universidade. Mas, então, lembro que seu tempo é cronometrado, de modo que, ou usa parte de seu tempo de aulas para seus encontros, o que eu não acredito... Ou mal conheceu o cara ontem e

PERIGOSAS ACHERON

resolveu ter um caso. É isso?

Confesso, eu estava tonta, mas era de raiva.

— Deixe-me ver se eu entendi bem — pedi numa falsa calma enquanto erguia o dedo. — Você está bancando o macho alfa porque eu, supostamente, tenho um caso ou estou começando a ter, e por isso acha que devo satisfações a você?

— Não pode me culpar por não estar pulando de alegria quando te pego toda íntima no telefone, marcando encontros, não é?

Tive de pegar meu queixo no chão.

— Ficou louco? Mesmo que eu estivesse tendo ou iniciando a merda de um caso Ty, você é a última pessoa na face da Terra que pode sequer cogitar a hipótese de me pedir qualquer explicação.

— Você é minha mulher, caralho! — Ele praticamente gritou as palavras como se elas por si só explicassem tudo.

— Agora, vejamos isso. Onde meu marido
PERIGOSAS ACHERON

estava na véspera de Natal? Em casa comigo? Não sou eu quem passou a noite fora, Ty. Não sou eu quem vive de saidinhas regadas de putaria. Não sou eu que tenho marcas no pescoço e não sou eu que levo meu *ex-velho-e-atual* casinho, caso tivesse um, para um almoço em família, Ty. Este é você. Então, não me venha exigir explicações quando você nunca me deu nenhuma.

— Eu não levei Tara lá — ele disse na defensiva. — Sabe que ela é amiga dos meus pais e de toda a família muito antes de você chegar.

O que me doeu não foi ele esfregar na minha cara a importância dela na família, mas não negar seu caso com ela, embora eu já soubesse que era verdade.

— Não foi com ela que passou a noite? — indaguei com a garganta fechada, raiva e choro juntos. — Não foi você quem deu a ela aquelas joias?

— Eu... — começou, porém se interrompeu enquanto seu pomo de adão movia e baixou o olhar, parecendo envergonhado. Não tinha o que falar.

Na verdade, a resposta estava cravada entre nós dois.

Tara sempre tinha sido seu estepe, pronta para satisfazê-lo. É por isso que ela se mantinha longe de relacionamentos. No fim, ela esperava que eles retomassem ao namorico de adolescência. Mas, então, eu não era inocente sobre isso. Muito antes de nós nos envolvermos, eu já havia pegado os dois em flagrante na casa dos Bryant, até mesmo dias depois de anunciarmos o casamento. Tara sabia da nossa condição.

— *Você não precisa se casar por conta de uma gravidez Ty, aliás, como não se cuidou? Você sempre foi tão cuidadoso. Nós mesmos somos provas disso.*

— *Eu me cuidei, mas a camisinha estourou. Cacete! Não adianta chorar. Agora eu só preciso resolver isso de uma forma que não me afete e a ela também, e claro, meu filho.*

— *E eu volto a repetir, não precisa se casar por isso. Há outros meios de resolver essa situação sem que chegue à imprensa. Ela vive aqui com vocês, deve ao menos gratidão.*

— *O que está sugerindo, Tara? Que ela tire meu filho? Acha mesmo que eu permitiria isso? Ele ou ela não foi planejado, mas não vou cometer uma atrocidade dessas.*

— *Desculpa, desculpa... eu não quis dizer isso. Estou nervosa, okay? A notícia me pegou de surpresa. Você tá certo. É só que isso... Deus, é... Tem certeza que é seu?*

— *Absoluta.*

— *Mas ela...*

— *Não tem 'mas', é meu.*

— *Gosta dela?*

— *Tesão é amor?*

— *Não.*

— *Tem sua resposta então.*

— *E ela?*

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, Tara. Não houve envolvimento emocional.

— Se é assim, já parou pra pensar que ela pode ter planejado isso? Não me olhe assim, vamos ser realistas. Você é rico, famoso, bonito. Que mulher não iria querer se casar com você?

— Está falando dela ou de você, Tara?

— Dela, claro! Gabriela tem uma situação, está vulnerável e se apegando a tudo que lhe dê o que ela perdeu. Você é um prato cheio, Ty. Não pode não ter sacado isso.

— Gabriela não seria capaz de algo assim.

— Como você sabe?

— Eu sei.

— E como ficamos? Aliás, não ficamos, não é? Agora vai ser um homem proibido. Sei que não estamos juntos de fato, mas vou sentir falta de nossos encontros.

— Nada muda. Tudo continua como antes...

— Só que você estará casado.

— Nunca ouviu dizer que proibido é mais gostoso?

PERIGOSAS ACHERON

Sacudi a cabeça espantando a lembrança e o olhei com desprezo.

— Faça um favor para nós dois, vá à merda, e não ouse me dar lições de moral ou exigir qualquer coisa quando você é o torto da história. E nunca mais me ofenda com suas suposições idiotas, pois eu não respondo por mim.

Não esperei ouvir sua resposta, passando por ele e tomei os lances de escada.

Em meu quarto, as lágrimas vieram, porém, desta vez, eram mais de raiva do que mágoa. Entretanto, era de mim mesma porque eu não podia exatamente reclamar.

Que homem não desejava ter o que ele tinha, mesmo sem amor?

Ty tinha o melhor da vida de casado e ainda usufruía a de solteiro.

Ty tinha um lar para voltar, uma casa bem cuidada, um banquete pronto todos os dias, seus
PERIGOSAS ACHERON

pertences sempre organizados e limpos, e uma mulher apaixonada apoiando-o a tira colo para fazer as vezes de casal perfeito. Tudo colaborando para que sua imagem correta e respeitosa perdurasse ante os holofotes. O que ajudava e muito em sua carreira na fantasiosa Hollywood. Afinal de contas, diretores renomados não queriam vincular um ator com a imagem *vida loka* á seus projetos grandiosos, cujos possuíam grandes chances de ganhar uma indicação ao Oscar e a outros grandes prêmios da área. Ty ansiava por uma daquelas estatuetas douradas. Porém, como em tudo, quando as cortinas se fechavam e a luz se apagava, a história era outra. A vida real entrava em cena, com seus obstáculos e dissabores.

Eu deveria saber que amor não estava no pacote quando concordei entrar neste casamento. Na verdade, eu sabia. Contudo, a vida real nem sempre segue o curso desejado por mais que tenhamos

PERIGOSAS ACHERON

cuidado. Ela sempre dará um jeito de burlar o sistema.

Novembro de 2014

Ao invés de uma viagem à Michigan como era costume da família, ficamos todos em Valência devido a meus últimos dias de gravidez. Ariel e eu estávamos na cozinha nos ocupando dos doces que seriam servidos no café da manhã e de sobremesa no almoço de Ação de Graças no outro dia. Sua mãe tinha saído por um momento para atender ao telefone.

D. Cora e Ty não ficaram muito felizes em minha insistência para ajudar, mas não tiveram alternativas se não cederem.

Aqueles últimos dias estavam sendo os mais difíceis da gravidez. Ficar sentada somente intensificava minha dor nas costas e no pé da barriga, deitada também não era uma opção viável, pois estava muito agitada para permanecer fixada a cama.

Estava em posse de uma bisnaga de chantili decorando os biscoitos quando senti um líquido
PERIGOSAS ACHERON

escorrer por minhas pernas. Eu parei de massacrar a bisnaga.

Doce Jesus! Eu não poderia ter feito xixi na roupa. Não mesmo. Visitava o banheiro mais do que fechava os olhos, porém ainda possuía controle do meu corpo.

— O que foi, Gabi? — Ariel perguntou, chupando os dedos lambuzados.

Roxa de vergonha, eu olhei.

— Se não foi a bolsa que estourou, e-eu acabei de fazer xixi.

— Bolsa...? — ela começou desconcertada, mas sua voz desapareceu quando a realização caiu, fazendo seus olhos grandes. — Ah, meu Deus! O bebê. MÃE! TY!

Sinceramente, eu não sabia se estava mais assustada com o líquido molhando minhas pernas ou com o grito ensurdecador dela.

Ty foi o primeiro a aparecer, assustado.

— O que foi? — Seu olhar desviou da irmã para mim e ele rapidamente esteve do meu lado. — Gabriela, o que foi? Aconteceu alguma coisa? A bebê? Está se sentindo bem? Eu disse que não era uma boa ideia você se esforçar, deveria estar PERIGOSAS ACHERON

deitada.

Abri a boca para responder, um pouco tonta por tantas perguntas, mas não tive oportunidade de começar, dona Cora chegava à cozinha com o Sr. Daniel logo atrás.

— Deus, Ariel, que gritos foram estes?

— Se machucaram? — Sr. Daniel indagou.

— Acho que a bebê vai nascer — Ariel respondeu.

Todos os olhares estavam sobre mim num bater de cílios.

Yeeeeeeeeeah! Surpresa!

— Tem certeza Gabriela? Você não teve contrações, — dona Cora disse caminhando até mim. Ty não se moveu. — Começou a senti-las agora?

Neguei com a cabeça e dei um passo para trás e outro para o lado.

Ty, segurando minha mão, moveu-se em sincronia comigo.

— Se isso não for a bolsa que estourou, — falei baixinho, mirando abaixo, — então, fiz muito xixi na roupa.

Minhas bochechas naquele momento pegavam
PERIGOSAS ACHERON

fogo, aliás, meu corpo todo.

— Oh, boy!

— Muito bem. Não vamos nos desesperar. Já tive dois filhos. Sua bolsa só rompeu.

Mas eu estava calma, muito até. Ty ao contrário, parecia em choque.

— Ty, você ligue para a médica, — ela pausou, acho que vendo o estado catatônico dele e acrescentou. — Aliás, Daniel faça isso e avise que estamos indo pra maternidade enquanto ajudo Gabriela a tomar banho.

Ty acordou.

— Banho, mãe? Não. Nós temos de ir pra maternidade agora. A bebê vai nascer, não podemos esperar mais. No caminho ligamos para médica. Gabriela, vamos, eu...

— Se acalme, menino! Gabriela está bem, não é, filha?

— Sim. Eu realmente preciso de um banho, Ty, não vou chegar lá assim.

— Eu não acho...

— Eu não vou sair daqui sem ter tomado um banho antes — pontuei irritada.

— Tudo bem, eu te ajudo e depois iremos — ele
PERIGOSAS ACHERON

disse, guiando-me para fora da cozinha.

— Eu posso tomar banho sozinha. Estou bem.

— Não vou correr o risco da bebê nascer enquanto está no banho. Já vi isso acontecer naqueles programas então, eu vou com você.

Meus olhos quase saltaram e meus pés frearam.

— Como assim? O que quer dizer com isso?

— Não estamos discutindo, Gabriela. Quer o banho ou não?

Eu sabia que não iria adiantar embirrar naquele momento.

— Teimoso!

— A mala da bebê? — D. Cora perguntou atrás de nós.

— Está em casa, no quarto dela. — Ainda não tínhamos decidido o nome.

— Ariel e eu iremos lá, vou pegar uma peça de roupa pra que você possa se vestir. Sua mala também está pronta, ou terei que separar algumas roupas?

— Está pronta e está no closet, a da bebê está na cômoda próximo ao berço.

Contrariada, Ty me ajudou no banho entrando
PERIGOSAS ACHERON

comigo apenas de cueca. Essa foi a primeira vez que ele me via nua depois de me descobrir grávida. A notícia foi um marco em nossos encontros sexuais, encerrando-os sem nenhuma palavra dita. Foi assim, natural da mesma forma que fora quando começamos a ficar. Não senti vergonha, em absoluto. Estava mais preocupada com o parto que viria. Mas não pude deixar de agradecê-lo em mente por não comentar nada sobre minhas curvas arredondadas. Na verdade, tanto ele como eu estávamos no automático. O foco era a bebê.

Logo que terminamos, tive minhas roupas limpas para vestir enquanto Ty usava o banheiro de seu antigo quarto. Então saímos com ele tomando a direção do carro.

— Ty, meu filho, se você não diminuir, vamos todos precisar de cuidados médicos quando chegarmos. Gabriela está bem — dona Cora disse ao meu lado.

Em questão de minutos, estávamos todos na maternidade, tão rápido como cheguei fui encaminhada para um quarto privado e muito luxuoso. Eu estava calma e, apesar do medo, feliz, pois achei que seria uma privilegiada isenta das
PERIGOSAS ACHERON

terríveis contrações, até que elas começaram e me fizeram louca. Não havia formalidade ou vergonhas. Só dor.

— Gabriela, querida, está falando em português.

Apertei meus dentes quando outra contração me cortou, rachando minha alma.

Ah, Deus! Infernos. Porra do caralho! Se eu morresse, e eu sentia que ia morrer a cada contração filha da puta, queria morrer falando meu idioma, cacete!

— Tudo bem, Gabriela. Pode falar em português. — Acho que ele adivinhou que eu estava pronta para rezar uma lista de palavrões. — Há algum médico, enfermeira, qualquer um, que fale espanhol?

Espanhol? Eu ia dar na cara daquele filho da mãe.

Ia matar todos e bater nele de novo!

Português não era espanhol, caralho!

— Ah, Deus, eu acho que vou morrer — lamuriei já não sabendo que idioma falava, as lágrimas enchiam meus olhos e molhavam minha face. — Por favor, me mate! Me mate agora

PERIGOSAS ACHERON

mesmo! Só me mate! Não posso... Não aguento mais...

Não havia nada de bonito naquilo.

Não havia paraíso, céu e o escambau.

Só havia uma dor alucinante me torcendo, virando-me do avesso por dentro, puxando e soltando. Ia me rasgar em pedaços.

— Respira... isso, fundo como no curso... — Volta e meia Ty me dizia.

Uma enfermeira apareceu.

— Sra. Bryant, preste atenção! Olhos em mim. Sei que está doendo, mas preste atenção em mim... Se quiser a epidural, tem que ser agora, depois não poderá tomar.

— Sim, merda. Quero toda epidural que tiver. Me dê tudo!

— Gabi, eu não acho... — Ty tentou.

Dei-lhe um olhar afiado, mortal. — Se tentar me parar, vou castrá-lo com a porra dos meus dentes! Juro por Deus que vou pendurar suas bolas no meu pescoço!

Ele engoliu, empalidecendo e assentiu.

Com a ajuda da enfermeira e de Ty, que me manteve parada, o anestesista entrou e me deu a
PERIGOSAS ACHERON

epidural. Eu sabia de todos os riscos, mas estava disposta a tudo, até mesmo de nunca mais andar se isso fosse fazer a dor parar. A dor amenizou, mas não passou totalmente. Entretanto, pude descansar por um momento e recobrar um pouco da razão. O problema se deu quando eu tive dilatação suficiente para expulsar a bebê.

— Agora você irá empurrar, Gabriela... Assim, isso mesmo, querida... Muito bem... Agora descanse um pouco e então iremos, novamente. — A médica me instruía.

Eu chorei. — Por favor. Só me mate. Tire-o daí e me mate.

— Shhhh, baby, ficará tudo bem...

Fechei os olhos, ofegando de dor. Eu queria gritar, queria matar alguém, queria que ela enfiasse o bebê de volta em minha barriga e ficasse lá o resto da minha vida.

— Eu não aguento, dói muito... — murmurei entre meus dentes travados.

— Aguenta, você é forte, vai conseguir. Não está sozinha, eu estou aqui, todos estamos. — Ty incentivou. — Vamos lá, já está quase.

— Vamos tentar mais uma vez, Gabriela... o
PERIGOSAS ACHERON

bebê já coroou... Vamos lá.

Deixei meu traseiro deslizar na cama quando um sorriso tímido brincou nos meus lábios. Agora aquele momento de trevas, porque era isso antes daquela coisinha minúscula sair de mim, primeiro enfrentávamos um inferno e só então o céu.

Hoje achava graça, mas no dia não teve nenhuma.

Nossa bebê nasceu forte e saudável, nos saudando com um choro agudo que logo fora cessado quando a enfermeira a colocou sobre mim, em meus braços, para que eu lhe desse de mamar pela primeira vez. O nome dela fora escolhido na hora por nós dois e ao mesmo tempo naquele momento mágico, e único para nós. Acho que foi ali que erroneamente comecei a olhá-lo diferente, ou talvez já sentisse algo, mas reprimi por um motivo e outro, e aquele momento por ser tão

especial fez desabrochar o que eu já sentia. Não sei. Não podia dizer com certeza. A questão é que daquele momento em diante eu comecei a repará-lo com um olhar mais atencioso, suas atitudes também não fizeram por menos. Ty não me abandonou naquela tormenta terrível, antes e durante o parto, incentivando-me e mostrando que eu não estava sozinha. Ele tinha segurado minha mão a todo instante e não reclamou em nem um momento quando eu apertei sem dó, somente a soltando para cortar o cordão umbilical. Ele esteve lá por mim, para mim e por nós.

Nos três primeiros meses e meio de vida de Violet, eu não me recordava de ter me levantado uma só noite para atender nossa filha, apesar de poder me mover sem maiores problemas. Todas as vezes que ela chorou foi Ty quem cuidou de suas necessidades, trazendo-a para mim somente quando tinha que lhe dar de mamar. Ele permanecia no

PERIGOSAS ACHERON

quarto até Violet estar pronta para ir para o berço. Eu nunca entendi bem isso, mas naquele momento tudo era tão novo e tê-la ali era tão especial, um momento só nosso – mãe e filha –, que minha última preocupação era Ty nos observando.

De fato, naqueles instantes, ele sumia e só existíamos nós duas.

Ele trocou muitas fraldas, deu muitos banhos, papinhas quando a hora chegou e mamadeiras, também. Muitas vezes o peguei contando histórias a ela, conversando ou até mesmo dançando para ela dormir, porém isto já era esperado. Ty havia sido atencioso e cuidadoso comigo durante toda a gravidez, sempre atento ao que eu queria e sentia, indo aos acompanhamentos médicos, e as aulas que tomei para mães de primeira viagem. No entanto, eu via isso como seu dever e, de qualquer maneira, embora a gravidez não fosse planejada por nós, ele estava feliz com o papel de pai. Mas uma coisa era

PERIGOSAS ACHERON

ver seu empenho quando Violet ainda estava na barriga, outra bem diferente era vê-lo exercer o papel na prática. E eu não tinha do que reclamar. Ty era um excelente pai. Infelizmente, isso o fez crescer diante dos meus olhos e meu coração invejoso foi atrás sem pensar nos pormenores que nos envolvia. Só foi. Então, comecei a sentir as consequências não medidas.

O nascimento de Violet foi um acontecimento, apesar de nos mantermos longe dos tablóides e curiosos. Todos, incluindo fãs, queriam conhecer a filha do astro.

Sabendo que não haveria modos de escondê-la por muito tempo, Ty e eu conversamos optando por fazer uma sessão de fotos para uma revista conhecida, e o valor do cachê fora investido na instituição de caridade para crianças com ELA, que ele tinha fundado.

Não ficava atrás de notícias, mas sabia por

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ariel que muitas fãs deram as suas filhas o nome de Violet, assim como sabia que uma aparição dela em público era motivo para uma nota e roupas serem copiadas.

Tudo tão insano e incompreensível para mim, porém ficava feliz que uma felicidade para nós poderia proporcionar outras tantas felicidades a outras pessoas.

Então, Violet começou a crescer junto com meu amor unilateral por Ty, e com isto suas saídas, que antes não me incomodavam, começaram a surtir efeitos colaterais.

Não era como se ele já não sáísse antes.

Eu sabia também que tinha uma e outra ali, e claro, sua eterna ex, mas até aquele momento eu não me importava, afinal, tínhamos um trato. Porém, quando os sentimentos entram na jogada, tudo muda e o que não dói passa a latejar constantemente.

PERIGOSAS ACHERON

Kendra e Julie estavam certas. Eu quis transformar a mentira em verdade, gostei de brincar de casinha quando não podia. Todavia, não podemos controlar o coração.

Depois de tudo que perdi, eu me vi novamente rodeada de um lar, com uma casa, um marido e uma filha que chegou trazendo novos sentidos a minha vida. E eu quis vivê-la plenamente em cima de uma mentira, ignorando seus alicerces fracos. Desafortunadamente, este não parecia ser os planos do destino, além deste não gostar de desvios, pelo menos não com Ty, talvez com outra pessoa, não sei. O “X” da questão era que, embora uma parte minha, masoquista, quisesse permanecer nessa relação só para tê-lo por perto, eu tinha que me lembrar de que não se travava mais só de mim.

Violet estava a salvo dos sensacionalistas, contudo, eu sabia que aquela segurança era vulnerável quando seu pai pertencia a um mundo

PERIGOSAS ACHERON

louco. Mais tarde, quando ela entendesse o mundo a sua volta, Violet teria que se adequar, também.

Muitos julgavam que não tínhamos direito de nos entristecer ou nos preocupar, uma vez que não tínhamos de nos preocupar com dinheiro já que aparentemente todos hollywoodianos nadavam na grana. Realmente, uma conta recheada poderia ser a solução em muitos casos, mas dinheiro vai e vem, e nossos problemas não se dão somente por cifrões. Havia coisas maiores e mais dolorosas, mais profundas que dinheiro nenhum poderia solucionar, e no mundo paralelo que optei viver buscando alguma normalidade, as coisas tomavam proporções e dimensões inimagináveis. Minhas preocupações iam além da maioria das mães comuns. Um vacilo nosso e tudo se voltaria em uma tsunami devastadora, e seria ela, Violet, a maior prejudicada.

Violet era tudo para mim.

Mas não era só isso, pois o maior de todos os erros estava em casa.

Nós. O convívio.

Um dia, não tardaria, quando ela entendesse melhor as coisas, iria perceber que havia algo errado. Que não éramos um casal como os pais de seus coleguinhas. Poderia dar-lhe ideias erradas como, por exemplo, que a vida dela era uma mentira.

A minha era, não a dela.

Porém, estas são coisas que respingam e Violet não merecia isto.

Deitei, fechando-me em meio aos travesseiros e lençóis macios, com uma certeza em mente: eu tinha de tomar uma decisão, pois a verdade era incontestável e uma só.

Ty não me amava e, se não tinha feito até aquela altura, não faria mais. A insistência naquele erro poderia futuramente nos causar danos

irreversíveis.

Contudo, uma decisão por mais acertada que seja, por mais que cada fibra de seu ser grite que aquele caminho, apesar de doloroso, é o correto, não é exatamente fácil decidir-se por um e outro. Eu sentia que o momento que meu coração temia estava bem perto de acontecer, e não haveria escapatória, pois ao contrário de quando me casei, hoje eu já não possuía a mesma fragilidade que não se importou de eu me autoanular.

Hoje eu não queria sobreviver.

Hoje eu queria viver.

Viver plenamente.

Sentada em uma das banquetas da ilha central e mais nervosa do que supus, observei com ânsias minha sogra cortar os legumes para o preparo do jantar.

Minha sogra.

As palavras me soavam tão irônicas, mas era assim, para todos os efeitos Cora era minha sogra. O que não deixava de ser uma verdade.

Ex-sogra. Dali algumas semanas seria ex-sogra, corriji-me amargamente.

Falar ou não? Sim... Não. Talvez este não fosse o momento adequado, depois do jantar seria ótimo. *Humpf!* Só se fosse para causar uma azia das brabas.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Algum problema, querida?

Sobressaltei com sua voz e, em seguida, me amaldiçoei por isso.

— Não. Está tudo bem.

Mentirosa!

Ela me olhou por um momento, analisando, e eu tentei plantar um sorriso convincente nos meus lábios, que pareceu dar certo.

Nunca tinha sido covarde. Talvez omissa em uma e outra coisa. Mas nunca, jamais, covarde, porém naquele dado momento eu tinha tudo, exceto coragem. Não era como se estivesse com medo de falar, apenas não queria lhe magoar com a notícia inesperada naquele dia tão bonito e tranquilo. Também não queria mentir. Ela não merecia mais uma mentira em meio ao pote que já havia lhe dado.

Gratidão é uma coisa, burrice é outra, queridinha.

PERIGOSAS ACHERON

Aquela voz endiabrada, que vinha me tentando, soou em minha cabeça.

Seu olhar, vez e outra, me sondava, e eu retribuía com sorrisos que não deveria enganar nem o mais tolo do planeta. Meus dedos tamborilavam sobre o mármore negro enquanto meus dentes capturavam meu lábio. A cada minuto que se passava estava mais apreensiva que no minuto anterior.

Entrei num árduo debate mental comigo mesma sobre o que fazer.

Digo? Não. Sim. Não... Sim, sim! Nãoooo!

— Vou pedir a separação. — Soltei as palavras, como se acabasse parir o mundo.

A faca parou na metade de outro pimentão e ela me olhou em câmera lenta.

— O quê? Do que está falando?

Respirei fundo.

— Ty e eu, — expliquei. — Vou entrar com o
PERIGOSAS ACHERON

pedido de separação.

— Como assim Gabriela? Separação? Ty está sabendo disso?

— Ainda não. Falarei com ele hoje. Eu só queria que soubesse antes... Não posso mais, quero dizer, nós não somos os mesmos, — o que era o mais próximo da verdade que eu poderia dizer. — Então, acho que o melhor para nós dois é...

— Calma aí. — Lavou as mãos e deslizou ao meu lado, com uma de suas mãos na cintura. — Explique-me isto, por favor, pois não estou entendendo nada, querida.

Santo Deus, como eu iria dizer a verdade? Não esperava ter que me explicar.

Suguei o ar com força. — Não está dando mais. Ty e eu... não dá mais. Acabou há um tempo... Eu achei que o tempo poderia ajeitar as coisas, mas não.

— Imaginei que algo estivesse acontecendo,
PERIGOSAS ACHERON

pois vocês dois andam um tanto quanto estranhos ultimamente, quero dizer, sei que Ty não é de ficar de mimos na nossa frente. Ele é muito reservado e você também sempre foi muito reservada desde que veio viver aqui... É tão sério a ponto de querer a separação?

— Nós queremos coisas diferentes, entende?

Ela deixou os ombros caírem parecendo aliviada. — Isso é uma crise, minha querida. Todo casamento passa por algumas crises. Vocês ainda têm o quê? Vão fazer quatro anos de casamento em pouco tempo. Isso vai passar, Gabriela. Vai ver. — Neguei com a cabeça. — É normal se sentir insegura às vezes, filha, achar que não dá mais, que tudo está acabado por um motivo muitas vezes bobo. Isto faz parte do casamento. Conviver com outra pessoa não é fácil, mas se há amor e querer tudo se resolve.

Aí está! Não havia uma gota de amor e querer

PERIGOSAS ACHERON

por parte dele. E, francamente, mesmo que hoje houvesse, eu não sabia se queria mais.

— Eu ainda o amo, não nego, mas nem sempre o amor é suficiente. Chegamos a um ponto que não dá mais para seguirmos juntos sem que acabemos chateando um ao outro. É preferível que terminemos nossa relação de forma pacífica e civilizada. Afinal de contas, não há somente nós dois. Violet não merece isso.

Ela se sentou na banquetta ao meu lado.

— Eu nem sei o que dizer..., estou estupefata.

— Não quero que pense que estou fazendo isto por impulso. Não mesmo. Eu pensei muito, avaliei tudo antes de tomar a decisão. Violet não será prejudicada, pelo menos, não tanto quanto seria se mantivermos uma relação que acabou. — Expliquei firme, não dando margens para dúvidas quanto à minha decisão final. Tomei sua mão na minha e continuei suavemente. — Eu sempre a trarei aqui,

vocês poderão vê-la e sair com ela sempre que quiserem. Ty também. Não vou privá-lo de nada. Só vamos seguir caminhos diferentes.

— Sim, eu sei. Obrigada por isso e por ter me avisado — ela disse, absorta na notícia então, sorriu fracamente e me abraçou. — Eu, como mãe, sinto tanto.

A mirei, fazendo-me de forte e positiva.

— Por favor, não sinta. Estaremos bem. Esta é a melhor decisão para todos.

Sua mão tirou uma mecha do meu cabelo que cobria meus olhos quando me disse em tom amoroso. — Não é por você, querida, mas por Ty que vai perder a melhor mulher que ele poderia ter ao lado dele.

Eu não ia chorar. Esta era a decisão mais certa que tomei depois de Violet.

D. Cora suspirou pesado ainda em choque pelo *extra*.

— Eu estou..., bem, estou triste com isso, não vou negar. Por mim, vocês permaneceriam juntos até ficarem bem velhinhos. Fazem um casal lindo, mas não é só isso, sei que ama meu filho e que ele a ama, também. — Abaixei os olhos, constrangida pela real verdade. — Deus, eu, me desculpe. Acho que preciso digerir isso ainda.

— Desculpe. Talvez esse não fosse o momento, mas tinha de dizer.

— Eu entendo, querida. Algo assim é difícil de segurar, acho que não existe momento ideal para uma notícia como essa. Mas, bem, só posso desejar sorte a você e que seja feliz, visto que já tem a decisão tomada.

— Obrigada.

— Você sabe que, embora não estejam mais juntos, sempre será bem-vinda a esta casa e poderá contar conosco para o que precisar, certo? É como nossa filha, sempre será assim e isso nunca irá

mudar.

— Acredite, é recíproco.

Ela assentiu e se moveu de volta aos legumes, mas parou e me olhou séria como se estivesse cogitando algo. — Ty fez algo específico?

Bem, vejamos... Ele me traiu inúmeras vezes. Não me ama. Não me quer. Sou seu adorno. Nosso casamento é falso... Enfim, a lista é enorme.

Dei os ombros. — Não. É como lhe disse. Queremos coisas diferentes. Pensei muito e chegou a hora de colocar a decisão em prática.

Ela não questionou mais, acredito que por ainda estar tentando assimilar a notícia.

O jantar transcorreu até que bem, tirando dona Cora que às vezes parecia chateada e um pouco aérea, olhando para mim e para Ty com pesar. Contudo, isso era normal depois do que dei a ela. O que não era normal eram os olhares de Ty para mim, algumas vezes me dando a impressão de que

PERIGOSAS NACIONAIS

estava raivoso, e em outras, duros e acusatórios. De fato, ele estava sério demais. Sem muita conversa que não fossem monossílabos rápidos e distantes. Talvez fosse paranoia minha pela expectativa em torno da conversa que viria mais tarde, apesar de saber que não seria nada d'outro mundo. Eu falaria e ele concordaria feliz então, cada um iria para o seu canto. Era tudo muito simples e sem complicação.

O caminho para casa foi silencioso. Violet já estava sonolenta quando deixamos a casa dos Bryant, e no curto caminho até em casa, dormiu de vez, nem mesmo quando Ty a tirou da cadeirinha, ela acordou.

Antes que ele subisse com ela, eu pedi:

— Eu quero falar com você.

Ele anuiu.

— Vou colocá-la no quarto e logo desço.

Deixei a bolsa no sofá e fui até a cozinha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sentia minha garganta seca e estava um pouco nervosa também, quero dizer, nervosa era subestimar meu estado, estava mesmo uma pilha de nervos.

Tomei água com açúcar e retornei à sala, sentando-me numa das poltronas.

Este era o melhor para nós dois, meditei, principalmente para mim.

Finalmente, poderia viver sem maiores preocupações que não fosse buscar a minha felicidade. Além do mais, seria minha saída desse poço de mentiras. Uma saída sem maiores danos. Reforcei a mim mesma.

Supõe-se que não deveria doer, senão aliviar. Um peso seria tirado das minhas costas. Porém, a dor também estava lá fazendo meu coração pequeno. Entretanto, términos sejam de qual âmbito for nunca foram e nunca serão felizes.

Há luto em toda finalização de etapas em
PERIGOSAS ACHERON

nossas vidas e comigo não era diferente, mesmo nada tendo sido real, exceto por nossa filha e meu amor por ele.

Fechei os olhos e flashes encheram minha mente...

— Grávida? Infernos, Gabriela! Grávida? — Ele praticamente gritou as palavras andando de um lado para o outro, após o médico dar a notícia e se retirar do consultório.

Ty tinha me trazido ao hospital após um desmaio logo depois que estivemos juntos. Eu tentei negar, acreditando se tratar de uma queda de pressão comum, mas descobri que ele quando colocava algo na cabeça era pior que mula empacada.

— Não grite, pois não sou surda — ladrei enervada. — E não me olhe como se fosse à única culpada, pois se me lembro bem não fiz nada sozinha.

Eu também estava perplexa com a notícia.

Aterrorizada, na verdade.

Nós tínhamos nos protegido. Teve aquela vez

que a camisinha estourou, mas eu usei a pílula do dia seguinte. Fiz tudo direitinho. E agora...

Um filho.

Como eu poderia ter um filho quando não tinha a mínima condição de cuidar de mim mesma?

Suas mãos correram pelos cabelos. Ele parou seu trotar pelo consultório, colocando as mãos no quadril, sua expressão longe por algum tempo. Então, me olhou.

— Vem. Vamos. — Ty me estendeu a mão. — Vamos pra casa.

* * *

— Ty Bryant, você promete diante de Deus e destas testemunhas, receber Gabriela, como sua legítima esposa para viver com ela conforme o que foi ordenado por Deus, na santa instituição do casamento? Promete amá-la, honrá-la, consolá-la e protegê-la na enfermidade ou na saúde, na prosperidade ou na adversidade, e manter-se fiel a ela enquanto os dois viverem?

— Sim, eu prometo.

Eu deveria ter insistido somente no casamento civil, pensei, ao ver o sacerdote se dirigir a mim e recitar as mesmas palavras que dissera a Ty. Aquilo era uma loucura, aliás, pior, muito pior. Não era para nada daquilo estar acontecendo, a cerimônia, aquele vestido, a igreja, os convidados, as madrinhas, todo o pacote matrimonial.

Meu coração batia na garganta. O desejo de fugir cresceu dentro de mim, porém sentia meus pés pesados demais para dar um passo sequer.

Não era uma devota, mas acreditava em Deus e tinha consciência de que aquela insanidade era um pecado sem medidas, talvez, imperdoável. Mentir num cartório, uma cerimônia reservada apenas com um juiz de paz era uma coisa, mas numa igreja e perante um sacerdote, todo o teatro tomava uma dimensão diferente.

— Gabriela? — Ouvi Ty me chamar e olhei. — Responda.

Desviei meu olhar incerto para o sacerdote, sem saber o que dizer.

>> Loucura. Loucura. Loucura. <<

Ainda dava tempo de acabar com aquilo...

— Quer que repita os votos, filha?

Pisquei e movi meu olhar para os Senhores Bryant, e lá na face de ambos vi confusão, expectativa, alegria e... Amor. Voltei meus olhos para o sacerdote, aguardando minha resposta e engoli às secas.

— Sim, eu prometo.

Naquela época, eu vi a loucura que era tudo aquilo, mas esqueci-me de analisar o principal dano naquele acordo estúpido, talvez pela minha fragilidade ou por pura estupidez mesmo. No entanto, a vida dá voltas, faz algumas curvas, e algumas vezes toma atalhos não planejados inicialmente. Mas ela é assim, não era? Uma caixinha de surpresas, com o objetivo de aprendermos no caminho, com nossos erros e acertos.

— Estou aqui.

Contive minha reação de pular e me levantei. Por um breve momento, o olhei continuamente

procurando uma expressão, qualquer coisa que denotasse o que se passava em sua cabeça. Então, nada. Seu rosto estava impassível.

Traguei uma lufada de ar, no processo me enchendo de coragem.

Era hora.

— Ty, eu quero...

—... Separação. — disse, com as mãos enfiadas no bolso da calça.

Vacilei batendo meus cílios rapidamente.

— C-Como você sabe?

— Escutei você dizer a mãe antes do jantar. — Minha cara de surpresa deve ter sido de outro mundo, pois ele acrescentou explicando-se na defensiva. — Não estava escutando atrás da porta, fui buscar suco para Violet e, quando cheguei, ouvi você dizer a ela. — Pausou, trançando seus braços na frente do peito. — Minha resposta é não.

Ceeeeerto. Eu não devia estar com minha
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

audição nos melhores dias então, continuei calmamente, como se ele nada tivesse me dito ou quase, já que meu coração parecia ter recebido uma descarga elétrica de alta voltagem.

— Escuta, podemos fazer isto de forma que não haja danos para ninguém, principalmente a Violet. Podemos optar em comum acordo pela guarda compartilhada dela, sei que são muito apegados até mais do que eu com ela. E, bem, Violet não será privada do convívio com nós dois nem com sua família.

— Não há com o que se preocupar, pois não haverá separação.

— Já falei com sua mãe, como bem sabe, então podemos resolver isso da melhor forma possível. Acho que podemos nos reunir com sua família ainda esta semana e oficializar a notícia. Só peço um tempo para que arrume um lugar para Violet e eu, e...

PERIGOSAS ACHERON

— Eu já disse que não. Que droga, Gabriela! Está surda? Não é não.

Meu queixo caiu aberto com seu corte grosseiro, mas logo me recompus e estreitei o olhar, estranhando sua reação e não gostando nenhum pouco do seu tom.

— Qual é o seu problema?

— Sua insistência em algo já resolvido é meu problema. — Exaltou-se, jogando as mãos para o ar.

Apontei o dedo em riste para ele. — Não grite e modere seu tom comigo, Ty. Não sou uma de suas vagabundas para que me fale assim.

Suas mãos plantaram no quadril enquanto seu olhar me penetrava, tranquilo.

— Era só isso?

Confesso, eu estava um tanto deslocada. Não era bem isso que esperava e, francamente, não tive espaço dentro de mim para me alegrar com sua

PERIGOSAS ACHERON

atitude.

— Certo..., — falei de forma arrastada e assinalei. — Quando você estiver sóbrio seja lá do quê tomou ou usou, nós vamos ter esta conversa.

— Não vamos e você sabe que não me drogo. Não há nada para ser conversado, não no que se refere a essa baboseira de separação.

Em algum momento, eu havia prometido a mim mesma que seria serena e tranquila, não iria perder o rebolado, mas ele sabia me cutucar como ninguém.

— Baboseira? Como você pode ser tão egoísta, seu arrogante trapaceiro?

— É minha mulher, Gabriela.

— Você sabe que isto é uma farsa!

— A certidão e o anel em nosso dedo dizem o contrário.

Plantei as mãos na cintura, muito enfezada. — Sério? E desde quando isso diz alguma coisa para PERIGOSAS ACHERON

você? Deixe-me ver... Quando comprou presentes para sua piranha? Quando passou noites e noites com ela, rindo da cara da idiota aqui? Isso sem falar nas outras. Quer uma empregada para o resto da vida? Contrate uma, porra!

Em silêncio, ante meu estouro, seus olhos me mediram, impudicos, e um sorriso torto surgiu em seus lábios. Estreitei meu olhar não gostando do que via e com a ligeira sensação de que gostaria menos do que ouviria ante sua postura relaxada.

— Nós já temos uma empregada, Gabriela. — disse ele, ignorando minhas acusações e acrescentou, com um tom faceiro. — Se bem que a ideia de ter você usando um uniforme curto, com cintas ligas e salto alto, limpando a mesa central enquanto finjo assistir o jornal da noite me soa muito atraente.

Minhas pestanas bateram, aturdida, enquanto abria e fechava a boca, mas nada saiu. As palavras

PERIGOSAS ACHERON

fugiram e por um momento eu fiquei sem reação.

O quê diabos aquilo significava?

Apesar de um lado meu começar a bater palminhas, me centrei na minha decisão, já havia me lascado inúmeras vezes quando dei ouvidos à esperança tola.

— Escute, vamos ser racionais, okay? — pausada, empurrei as palavras quando consegui e prossegui, tentando manter meu fio de lucidez. — Não há porque mantermos nossa situação por mais tempo, acho que o *dano* já foi mais que reparado..., o propósito cumprindo. Não haverá qualquer dano a você e a sua imagem. E você poderá voltar a sua vida de vez sem ter que se preocupar com um escândalo.

Ele apoiou o quadril contra o respaldo do sofá, com seus braços ao lado do corpo, tranquilo demais. E eu pensei que o juízo havia voltado a sua cabeça.

— E você também?

— Sim. Também não tem que se preocupar com seu dinheiro, se é isso que te preocupa. Ele é seu. Eu não quero nada. A propósito, a questão dos bens foi acertada antes do casamento, e eu garanto a você que não vou pedir pensão para mim. Se quiser, no dia que tivermos que assinar os papéis, eu assino também um documento abrindo mão de uma possível pensão. Há a de Violet, mas isso é um direito dela, enfim.

— Claro.

Uma parte de mim suspirou de alívio por sua concordância, mas doeu tanto que eu lutei para manter minha face serena. Forcei um sorriso sem dentes.

— Bem, é isso. Amanhã entrarei com o pedido e...

Ele ergueu o dedo me cortando. — Só me responde uma coisa. Quem é ele?

— Ele? Como assim quem é ele?

— Você sabe, Gabriela, o cara por quem está querendo acabar com nosso casamento, como se não fosse nada. Quem é? É o cara do telefone? Ele é tão bom assim a ponto de você querer acabar com nossa família? Ou é outro?

E eu achando que ele estava com o juízo perfeito.

— Você realmente está me perguntando isso?

— Se não é por outro, por que está querendo a separação? Há de convir que é muito estranho que venha com essa conversa logo agora, depois daquela sua saída pra sabe-se lá Deus para onde.

Eu não vou explodir. Não vou.

— Por que você acha, Ty? Crê que esta é a vida que toda mulher sonha em viver? Até quando acredita que eu tenho que me autoanular em prol de você? E eu? Você está vivendo, sua vida não parou em momento algum, apenas o curso deu uma

PERIGOSAS ACHERON

desviada, mas você segue vivendo plenamente. Então, eu te pergunto Ty, como eu fico nisso? Ou você me acha tão miserável a ponto de não merecer viver de verdade?

— Eu nunca disse que você não merece uma ou outra coisa, Gabriela. Não ponha palavras em minha boca — defendeu-se, aprumando a postura, sua face muito séria, feroz até. — Se não viveu plenamente como diz, não foi por minha culpa.

— Realmente não foi. Foi por culpa minha mesmo, que sou burra demais.

— Nunca pedi que se anulasse por mim, Gabriela. Nós tínhamos um acordo e tanto você como eu sabemos que não havia qualquer clausura que te impedia de *viver*.

Ri de nervoso, com uma mão fincada no quadril e passei a outra na testa.

— Pois é! Mas sabe? Cansei. Não quero mais. E, deixe-me dizer isso, seu babaca, nenhuma
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mulher gosta de ser traída, nem de ser usada, de se sentir um objeto de decoração da casa. E, se você não se lembra, eu ainda sou mulher.

Ele veio até mim parando na minha frente, zangado. Ambos exaltados e sua irritação, aquela teimosia e arrogância infernal somente me fez mais revolta.

— Você está me acusando do que *exatamente*? Porque se eu bem me lembro, você não queria se casar comigo, e quando fez, estava de acordo com o quê propus. Tanto que sequer me dava as horas. Não me amava, não havia sentimento entre nós. Nada além da atração, do tesão, que sentíamos um pelo outro, e depois a nossa filha.

Apertei meus lábios, furiosa comigo e com ele porque ele estava certo.

Nada, exceto Violet e a atração que sentíamos um pelo outro, era tudo o que tínhamos naquele momento, mas as coisas mudaram.

PERIGOSAS ACHERON

Um punho invisível agarrou minha garganta, segurando as palavras lá.

Ty me empurrou.

— Vamos Gabriela, me diga. Do que sou culpado?

— De nada... absolutamente nada, Ty — respondi desgostosa, olhando para frente sem encará-lo, me sentia uma merda. — Como disse, o propósito foi cumprido e não há porque mantermos o casamento por mais tempo.

— Não haverá separação.

— Eu não estou te pedindo permissão, Ty. Estou apenas te informando sobre uma decisão já tomada, então deixe de bancar o babaca comigo. Sabe bem que não pode me obrigar a manter essa farsa até quando queira e também sabe que isso não é justo comigo.

Ele fincou as mãos no quadril, por um momento manteve sua cabeça baixa, e então, me

PERIGOSAS ACHERON

deu um olhar firme, intenso. — Me dê um mês.

— Pra quê? Pra continuar me traindo e me tratando como nada mais que um objeto seu? Não, obrigada. Quase quatro anos já foram suficientes pra mim.

— Ah, então agora temos algo?

Foi só então que percebi o que tinha falado, mas já era tarde para tomar as palavras de volta. E, na verdade, eu já não queria engolir mais nenhuma.

— Você é tão estúpido... tão cego e egoísta, que não consegue ver nada além dos seus próprios interesses. — Pausei, tomando fôlego. — Dentre tantos, como eu pude gostar...? — deixei as palavras morrerem, incrédula de que pudesse amar uma criatura tão... Eu não tinha palavras.

— Eu não entendo.

Ergui o olhar para ele ante sua voz confusa. — Não?

Soltei um curto riso histérico e as lágrimas

PERIGOSAS NACIONAIS

malditas se acumularam no fundo de meus olhos enquanto lhe dizia:

— O que você não entende, Ty? Que estava preocupado demais em enfiar seu pau nas vagabundas com quem sai para ver que em casa você tinha uma mulher que fazia tudo por você? Muito além do combinado? Todo esse tempo estive tão preocupado em aproveitar sua *solteirice* e esconder suas cachorradas da mídia para manter sua imagem de bom moço intacta, que não sobrou espaço nessa sua cabeça de merda para ver que as coisas tinham mudado, que eu tinha mudado.

— O que quer dizer? Nós tínhamos um acordo...

Eu o cortei entre dentes, com minhas mãos frenéticas para ele.

— Se você me falar mais uma vez desse maldito acordo, eu juro que vou bater nesta sua grande cabeça de vento até que não me reste forças.

PERIGOSAS ACHERON

Meu peito subia e descia bruscamente, minha respiração estava pesada, e naquele momento, não percebi que ladrei as palavras em português, contudo, a ferocidade do aviso nelas fora inegável mesmo ele não entendendo uma só palavra.

Seu semblante estava assombroso, os olhos arregalados e fixos em mim enquanto sua boca pendia aberta, mas Ty se recuperou do choque rapidamente.

— Eu não faço ideia do que disse e do que quer dizer com... isso tudo, mas Gabriela, se eu não percebi qualquer coisa que deveria, talvez não foi porque eu estava preocupado com minha solteirice como diz, mas porque você nunca foi clara comigo. Então, não aja como se tivéssemos sentado e colocado a merda na mesa alguma vez.

— Está dizendo que é minha culpa você nunca ter me respeitado? Nem me dado isso aqui de consideração? Eu não achei que precisasse dizer

PERIGOSAS ACHERON

essas coisas pra você, Ty, porque é isso que fazemos, mesmo com os desconhecidos. Respeito cabe em qualquer lugar e em qualquer fodida situação.

Sua face endureceu.

— Não, porra! Você sabe bem o que quero dizer. Não posso adivinhar o que quer, o que sente, que caralho espera de mim. Você me joga esta merda e acha que tenho que adivinhar as coisas. Bem, aqui vai: eu não sou um fodido vidente, Gabriela. Então, me desculpe se não desvendi suas mensagens criptografadas, ainda sou só um homem.

— Não é como se você estivesse interessado em desvendar qualquer coisa, verdade? Esteve muito ocupado.

Ele bateu as mãos juntas. — Certo. Agora estamos conversando então. Vamos lá... Qual é a minha culpa? Porque até agora você está aí

PERIGOSAS ACHERON

posando de vítima, mas não me diz nada com nada. Fique quieta. — Sua mão ergueu me calando quando fiz menção de retrucar. — Não era isso que você queria? Então vamos conversar e esclarecer as coisas entre nós, porque, se pra você não é justo seja lá o que faço de tão errado, e segundo você própria, de propósito, tampouco é para mim que fique no escuro enquanto sou acusado de algo que nem faço ideia, não concorda? Sejam os justos então.

Ele tinha razão e isso me aborrecia profundamente, mas aquela conversa era inútil e somente serviria para me machucar mais.

— Não há nada para conversar, não mais. Minha decisão está tomada. Não há porquê fazer disto um escândalo. Casais se separam todos os dias, Ty. Não se preocupe com sua imagem, ela continuará intacta.

— Você me acha um idiota, não é mesmo?

— Neste momento você está se comportando como um.

Mudei o peso do meu corpo para a perna direita, minhas mãos nervosas fechadas em punhos ao lado do corpo.

Seu olhar me desafiou metódico.

— Você mudou.

— Essa é a finalidade da vida, não? Aprendemos com nossos erros, e quando não, sempre há uma queda maior, uma ponte mais longa a percorrer, e eu não quero mais perseguir nem um nem outro. Não tenho mais fôlego para tantas mentiras.

— Vai me responder, Gabriela? Ou continuará me enviando mensagens subliminares que você acha que tenho a obrigação de desvendar?

— Responder o quê, Ty? Não é óbvio? Não posso mais sustentar essa situação. Estou farta de fingir, de mentir. Eu quero viver... de verdade... Ser

feliz.

Sua face se aprofundou numa carranca, como se um pensamento ruim passasse por sua mente. Seu olhar me pregou no lugar. Não tive um bom pressentimento.

— É disso que se trata então? — perguntou ele, inquieto. — Quer recuperar o tempo que estive grávida? Não, eu não te culpo. Não é como se pudesse aproveitar sua adolescência, teve muito sobre si antes mesmo de se tornar adulta, nos casamos e logo Violet nasceu... Você só teve a mim e... É isso? Quer experimentar outros?

Se não estivesse tão declinada a exaustão daquela conversa, teria estapeado-o.

— Se trata de sentimentos, Ty, de estar cansada de sempre dar e nunca receber, de ser humilhada mesmo que não seja intencional, mesmo que minha razão diga que o quê faz, faz em seu direito porque eu estava consciente quando entrei nisso... Trata-se

de querer e não poder. Não ter nem mesmo o mínimo porque... porque pra mim mudou, e o que não me feria, agora fere, machuca e eu não quero mais isso para mim.

Pisquei, contendo as lágrimas e lambi meus lábios secos. Me sentia tão humilhada, mas era preferível sentir-me um fracasso a continuar guardando o que sentia.

Precisava soltar as palavras, mesmo que já não fizesse sentido, pois desta forma estaria em paz comigo mesma sabendo que fui corajosa o suficiente. Finalizaria aquela etapa e faria com toda a dignidade que possuía.

Então prossegui, as palavras fluindo além de meus lábios, tão naturais como a luz do sol aquecendo minha pele numa manhã ensolarada.

— Se trata de amor... Amor por você.

Vi sua face empalidecer, a boca abrindo e fechando enquanto seus olhos arregalados

elevavam suas sobrancelhas quase próximas à linha do cabelo.

Houve um comprido silêncio.

— Eu... Eu não... — Ele hesitou, as palavras se quebrando, morrendo antes de se completarem, mas estavam lá entre nós.

Ty não sentia o mesmo. Claro que não sentia, a não ser que ele pensasse que suas atitudes eram uma demonstração de amor, neste caso, realmente era um asno.

Alisei minha saia com as palmas das mãos, meu olhar desviando para o chão antes de encará-lo, novamente. Meu coração estava inchado.

— Sei. — murmurei num fiapo de voz. — Não programei isso. Se eu pudesse escolher, tenha a certeza de que jamais me apaixonaria por você, mas não mandamos nos nossos sentimentos. Eles estão além de nosso domínio, só temos poder sobre nossas escolhas. E eu demorei um bocado de

PERIGOSAS ACHERON

tempo, mas fiz a minha então, não faça disso um martírio para nós dois. Amanhã eu entrarei com o pedido.

Ele pareceu acordar do transe ou seja lá que estivesse passando em sua cabeça.

— Não. Espere. Não faça isso, okay?

— Você me ama? Sente alguma coisa? — perguntei, mas não havia qualquer fio de esperança em minha voz.

Vi seu pomo de adão mover e seus olhos piscaram.

— Gabriela, eu...

Vendo o embaraço retratado em sua face enquanto ele corria a mão nervosa pelo cabelo, como se buscasse um jogo de palavras educadas para reafirmar o que ambos sabíamos, eu balancei a cabeça para os lados.

— Não, não precisa responder, pois mesmo que houvesse qualquer sentimento de sua parte, tem

uma infeliz maneira de demonstrar e eu não quero um sentimento assim. Não quero migalhas ou gratidão. Acabou. Seja lá o que tivemos, acabou.

Suspirei, dando a volta para sair. Não havia mais o que falar, mas uma mão se fechou em meu braço. Encarei seu rosto e ele me soltou enquanto eu me afastava.

Ty parecia decidido. — Escute, eu não posso dizer uma coisa que não sinto. Não seria honesto, e eu nunca menti pra você, sabe disso, e não quero começar agora. Maldição, Gabriela! Eu sinto um grande carinho e... Amor? Não sei, eu... Sei que não quero me separar. Não vejo outra mulher no seu lugar e não quero outra, tampouco.

— As outras não seriam tão idiotas como eu.

— Você está entendendo tudo errado.

— Eu acho que não. E assim como você não quer desvendar minhas mensagens criptografadas, eu tampouco quero desvendar as suas, então pare.

— Você deveria ter me dito...

— E o quê? Você teria mudado alguma coisa? Acho que não. Provavelmente, somente teria escondido *suas coisas*. O que só tornaria isso entre nós pior. E, bom, não posso reclamar. Pelo menos, uma coisa boa teve nisso tudo, você foi sincero.

Vendo minha firmeza, ele passou a mão pelo rosto e insistiu, sem mais daquele ar de arrogante, parecia humilde até. — Por favor, eu só estou te pedindo um mês. Você não pode esperar que eu aceite tudo assim quando me joga isso do nada. Dê-me somente um mês, um tempo para pensar e depois acertaremos nossa situação.

— Não.

— Você disse que me ama.

Estreitei os olhos.

— E por isso acha que devo ser seu capacho?

— Infernos, não! Claro que não. — E acrescentou persuasivo. — Olhe, por favor, se não

quer fazer por mim, faça por Violet. Só um mês. Por favor, Gabriela.

— Eu não sei o que você quer com isso de um mês e, sinceramente, não tenho certeza se quero saber... Cheguei ao meu limite. Não posso mais. Não quero.

Ty cortou a curta distância entre nós, tocando meus ombros com suavidade quando me olhou nos olhos. Eu petrifiquei, desacostumada com aquela aproximação e daquela maneira tão íntima quando ele parecia desarmado, sincero demais.

— Não pense que não tenho consciência de que muito de quem eu sou hoje na minha carreira e na vida é devido a você. Eu sei, Gabriela, e agradeço por isso.

— Então sabe que não há mais motivos para mantermos isso — comentei mais calma, porém amarga, apartando-me de seu toque fazendo coisas que não deveria. Não naquele momento. — Embora

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

queira, eu não posso te culpar por continuar sua vida, pois sabia onde estava me metendo, e como você mesmo disse, tínhamos um acordo. Infelizmente, as coisas mudam.

— Gabriela...

Sacudi a cabeça em negação.

— Eu quero viver, Ty. Viver de verdade como uma pessoa normal. Sem mais enganos propositais. Obrigações e mentiras. Estou farta de tudo isso.

— Um mês, Gabriela. Somente um mês.

— Nada vai mudar em um mês, Ty.

— Por favor.

PERIGOSAS ACHERON

Se Ty achava que um mês arrumaria alguma coisa ou fosse lá o que estivesse maquinando naquela cabeça oca dele, ele estava redondamente enganado. Não me importava se tínhamos caído nesta roubada em comum acordo, pois se já era difícil recuperar quatro anos em um mês, isso contando com alguma força de vontade da parte dele. Ficar estagnado tornava aquilo ainda mais impossível.

Mas também o que eu poderia esperar de um cara que neste tempo todo nunca se deu ao trabalho de olhar além de seu umbigo?

Não era como se eu esperasse que da noite para o dia ele se transformasse num cavalheiro de

armadura brilhante, esbanjando romance e dedicação para construir um nós. Porém, depois de sua postura anormal era de se esperar por algo, mesmo que mínimo.

Definitivamente, eu era uma tonta.

Não tinha aceitado seu tempo e negado, tampouco.

A verdade é que na ocasião estive chocada demais com sua postura e fadigada daquela conversa para verbalizar sim ou não. Contudo, isso somente durou até eu me colocar nos eixos da razão novamente e a cada dia minha decisão se fez mais firme, até que tomei uma atitude.

Eu acreditava que para tudo na vida existia o tempo certo. Existia o tempo de começar e de acabar. Nada dura para sempre. E fora me apegando nisto que levei minha atitude de dias atrás da melhor maneira que consegui. A melancolia existia, é óbvio. Mas pensar no futuro e

PERIGOSAS ACHERON

nas novas possibilidades que se abririam ajudava a diminuir a dor. E claro, não poderia esquecer-me de minhas fieis amigas.

Uma família a quem recorrer quando se está na minha situação era o melhor remédio, seja para dar apoio moral ou apenas estar lá para amparar. Eu já não possuía a minha família biológica, porém tinha a família de coração que valiam igualmente.

Kendra, Julie e eu, tínhamos nos adotado, mutuamente.

— Tem certeza que quer ir agora? — Kendra perguntou quando ajeitei a bolsa no ombro e levantei. — Fique mais um pouco. Aluguei um filme daqueles de deixar a barriga doendo de tanto rir e ainda há uns dois potes de Häagen-Dazs de pistache.

— Está querendo me engordar, Kendra?

Ela rolou os olhos teatralmente. — Querida, nem se você comesse um boi por dia seria capaz de

engordar um grama sequer. Eu que não me cuide não, se brincar, até o oxigênio me faz parecer uma bola. Mas sempre posso abrir uma exceção.

— Tentador... Eu preciso ir.

Depois das aulas, eu tinha passado no apartamento, que ela dividia com Julie, para jantar com ambas e dar-lhes mais um episódio da minha novela mexicana, também. Sabe como é, colocar o papo em dia. E como sempre acontecia quando estávamos juntas, acabei perdendo a hora. Violet estava com Ty, e já deveria estar sonhando.

Julie caminhou descalça em nossa direção, segurando uma panela de brigadeiro.

— Já vai?

Assenti e despedi-me delas.

— Sabe que não está sozinha, não sabe? Iremos te apoiar sempre.

— Eu sei, Kendra.

— Amanhã entrarei em contato com a Sra.

Evans, — Julie informou solene. — Talvez possamos ver alguns apartamentos ainda esta semana, porque, é claro, que iremos com você.

— Você e Violet podem vir pra cá a hora que quiserem. Imagino que não vá ser fácil estar no mesmo ambiente que Ty. Há um quarto sobrando que vocês podem se instalar até que achem o lugar perfeito pra vocês duas. Ou podemos morar todas juntas.

Forcei um sorriso fraco. — Agradeço. Violet e eu precisamos de um canto só nosso. Além do mais, vocês já têm suas vidas e suas próprias coisas. Precisam de privacidade, e com uma criança na casa, privacidade e sossego é quão último temos.

— Sabe que amamos nossa bonequinha e não achamos ruim estragar ela um pouquinho. Quanto à privacidade, sempre podemos dar um jeito — Julie piscou.

— Certo. Eu vou pensar.

Kendra me olhou, suspirou e pegou minha mão na sua.

Julie estava lá, também.

— Eu sei que sempre disse para dar um pé na bunda daquele babaca, mas, sei lá, agora me sinto um pouco culpada.

— Kendra...

— Não, Gabi..., me deixe falar. Sei que não tomou essa atitude porque eu ou Julie te dissemos isso tantas vezes, se fosse assim teria feito isso há muito tempo. Mas eu me sinto um tanto culpada agora. Quero dizer, é fácil para Julie e eu te encher de soluções, porém também sei que quando se está dentro da situação a coisa toda muda de figura... Acima de tudo, queremos a sua felicidade, quer seja com o Bryant ou qualquer outro. Eu me sinto mal que você tenha de passar por isso, embora saiba que é inevitável, mas...

Apertei sua mão na minha e tentei soar

animada.

— Sei disso tudo, no entanto, não há felicidade sem luta, né?

— Sim. — E acrescentou. — Eu nunca tive nada contra Ty pessoalmente, tenho contra as atitudes dele em relação à você.

— Eu idem — pontuou Julie.

Kendra continuou:

— Gostaria muito que tudo entre vocês fosse diferente e desse certo, porque sei que está sofrendo mais do que realmente demonstra para nós.

— Não se aflija por mim. Nem você nem Julie. É verdade que estar fora do furacão torna as perspectivas melhores e mais fáceis, porém vocês duas não estavam erradas. É só que é difícil tomar uma decisão dessas, se desprender... Mas a vida segue.

— Eu sei que serei contraditória ao perguntar isso nesta altura do campeonato, mas preciso fazer,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

se não vou morrer com a dúvida na consciência, — Julie particularizou. — Tem certeza que quer fazer isto? Quero dizer, ele teve uma aversão a ideia da separação, talvez, sei lá, isso indique algo?

— Julie, — comecei tranquila —, mesmo que hoje houvesse uma pontinha que seja de vontade dele, honestamente eu não tenho certeza se aceitaria. Eu o amo, mas cansei. E não é como se ele estivesse preocupado em me demonstrar qualquer coisa.

Ela encolheu os ombros. — Talvez Ty não saiba como agir... Para ele deve ter sido um choque quando disse que o amava. Pensou nisto?

— Não só isso. Talvez Ty esteja demonstrando e você não esteja vendo porque espera algo diferente. Já falamos sobre isso, né? Embora desejamos ser amadas de uma determinada maneira, cada qual possuiu uma própria maneira de demonstrar afeto.

PERIGOSAS ACHERON

— Não quero mais falar sobre isso.

Julie suspirou. — Tudo bem.

Kendra me surpreendeu ainda mais. — A decisão está tomada, mas não é imutável. Sempre pode voltar atrás e isso não é vergonha nenhuma se há uma possibilidade real de fazer as coisas darem certo entre vocês. Não se sinta compelida a fazer valer a sua decisão por vergonha do que vamos pensar se acaso mudar de ideia e dar-se uma nova chance. Ou por medo de si mesma. Se existir uma possibilidade, não se preocupe com ninguém mais que não seja você. Não será eu, Julie ou qualquer outra pessoa que terá de conviver com sua decisão final, esta será você.

Julie olhou. — Não posso imaginar o quanto foi difícil para você todo esse tempo, ver quem ama... Bem, coragem você já provou que tem de sobra e tudo que poderia fazer para o bem-estar daqueles a sua volta, você já fez. Agora é a sua vez.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu mirei a ambas, sem palavras.

— Tudo bem, estamos te confundido agora... Seja feliz, fofa. Agarre qualquer oportunidade que acredita que te fará bem. Sabemos que tem maturidade suficiente e não irá cometer loucuras e excessos — Kendra assinalou.

Bem, eu não sabia o quê dizer.

— Obrigada por tudo. Eu amo vocês.

— Também amamos você. — Elas disseram em uníssono.

— Não se esqueça de que terça nós temos um encontro. — Kendra avisou quando entrei no meu carro, se referindo ao dia dos namorados nos Estados Unidos.

— Não esquecerei.

Eram quase 10h da noite quando entrei em casa, morrendo por um banho e cama. O silêncio me cumprimentou no hall, as luzes estavam apagadas então, avancei.

PERIGOSAS ACHERON

— Onde você estava?

Sobressaltei-me, levando a mão para o peito enquanto meu coração escalava a garganta. — Jesus Cristo, Ty! Que droga! Quer me matar de susto?

Desci o pé que tinha subido e olhei na direção que supus que ele estava, mas só pude ver sua sombra imóvel no umbral da porta, que dava acesso à sala de estar.

Ele me lembrava da cena de um pai à espera da sua filha adolescente rebelde, que tinha desobedecido a um castigo e fora pega no flagra. Ri baixinho.

— Por que está no escuro? Violet está bem?

Ele deu um passo à frente, porém ainda não podia vê-lo claramente.

— Violet está dormindo no quarto dela.

— Ok. Boa noite.

— Com quem você estava? — Eu parei e o

PERIGOSAS NACIONAIS

mirei em silêncio, processando aquela pergunta sem noção. — Com quem, Gabriela?

Seu tom mais forte fez-me cerrar os olhos.

— É melhor irmos dormir e amanhã conversaremos.

Num piscar, Ty esteve na minha frente e, apesar da pouca luz no ambiente, pude ver seus traços faciais transtornados nas sombras.

— Há quanto maldito tempo? Quem é ele?

— O quê? — Minhas sobrancelhas estalaram para cima em choque, mas ao puxar uma respiração senti o odor forte de álcool. — Ty, você está bêbado. Amanhã nós conversamos. Eu estou muito cansada para ter qualquer conversa agora.

Ele estava me cheirando?

— Esse cheiro não é meu — ralhou nervoso, fitando meus olhos.

— É difícil discernir um cheiro de outro quando se está bêbado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sua mão correu pelo cabelo, e eu pensei que ele ficaria careca.

— Maldição, Gabriela! Apenas responda, porra!

Olhei para Ty por longos segundos.

Agora, de fato, não lhe devia mais nenhuma explicação, todavia, dado a sua determinação e seu estado de embriaguez, achei melhor ignorar sua acusação descabida e dar-lhe o que queria. — Não há ele, Ty. Eu estava com minhas amigas, Julie e Kendra. Ligue e pergunte. Agora, se me der licença, eu preciso dormir. Tenho de acordar muito cedo amanhã..., como sempre.

Dei-lhe as costas e me precipitei para os degraus.

— Eu não pedi para você esperar? Custava ter esperado, Gabriela? — questionou mais calmo e, se não fosse por sua embriaguez, eu diria que ele estava magoado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Intrigada, olhei sobre o ombro.

Ele tinha papéis em sua mão.

Demorei um momento para compreender do que se trava e fechei a cara quando o fiz. Eram os papéis do divórcio, que meu advogado ficara de enviar ao advogado dele assim que estivessem prontos, só não achei que seria tão rápido.

Levantei o olhar para o seu rosto, determinada. — Não estamos tendo esta conversa agora, Ty. — assinalei, ignorando a pontada em meu peito.

Esse não era o momento, ainda mais com ele embriagado para ter tal conversa. Se tivéssemos de conversar sobre o assunto, que fosse com ele completamente sóbrio.

— Gabriela...

Recusei sua mão estendida para mim.

— Eu disse que não! Caramba, está surdo? Não é não!

PERIGOSAS ACHERON

— Vem, vem, mamãe! — Violet cantarolou, correndo na minha direção.

Abandonei a caneta e lhe dediquei um olhar amoroso quando ela jogou seus bracinhos no meu colo, olhando-me com os olhos brilhantes do pai.

— Por que está tão afobada, hein?

— *Passa alala* azul.

— Onde está sua meia?

— *Pedeu*, mamãe — ela disse, olhando para os pés, um com meia e o outro sem.

Retive meu riso, imaginando como ela tinha perdido a meia e como Ty deveria estar reclamando por isso. Ele não gostava de andar descalço e, apesar de seus inúmeros esforços, Violet adorava ter os pequeninos pés em contato direto com o chão. Por vezes o peguei no jardim resmungando atrás dela que ela devia colocar as sandálias enquanto ela corria dele pela grama e ria, provavelmente, achando muito divertido ter seu pai

perseguiu-a com as sandálias nas mãos. Devo confessar, eu também me divertia.

— Onde está seu pai?

— Papai na sala.

— Okay. Então vai lá com ele que a mamãe precisa estudar. E diga pra ele achar sua meia e colocá-la no seu pé. Não pode ficar andando descalça.

Ela murchou fazendo bico.

— Mamãe também *sisti alala* azul.

— Amor espere um pouquinho, — murmurei, acariciando sua cabeça. — Mamãe já está terminando aqui. Assim que acabar irei até vocês, está bem assim?

Ela se endireitou com uma expressão séria, teimosa, e apertou sua mãozinha no meu braço tentando me puxar com ela. — Nãããão. *Agola*.

Ponderei por um minuto, olhando para os livros a minha frente, os quais eu tinha enfiado minha

PERIGOSAS ACHERON

cara desde a primeira hora da manhã. Olhei de volta para minha pequena indiazinha esperando por minha decisão com uma expressão de expectativa, que dava vontade de beijar todo seu rostinho.

— Tudo bem — rendi-me, com um suspiro. — Que tal você ir com o seu pai enquanto eu faço pipoca pra nós?

— Eeeeba! — comemorou, jogando os bracinhos para o ar.

Sorri, observando-a correr de volta para a sala, com uma animação palpável.

Tirei meus óculos de grau e me levantei indo para o armário, onde peguei um pacote de pipoca, colocando-o no microondas, em seguida.

Considerando meus estudos de mais de uma semana para a prova, que teria no dia seguinte, eu já estava amiga íntima das teorias de Freud e Skinner. Um intervalo com minha bebê faria muito bem, pensei, olhando através da janela da cozinha.

Uma chuva fina tinha se estabelecido desde a manhã e pelo jeito seguiria por mais algumas horas.

O microondas bipou. Peguei a pipoca e caminhei para a sala. Mal tive tempo de entrar e Violet se voltou para mim, largando a capa do DVD no chão e mostrou-me todos os seus dentinhos. Sorri de volta. Ela estava usando meias nos dois pés.

Ty estava sentado no sofá grande. Por um momento, ele me olhou e eu pensei que não tinha sido uma boa ideia me juntar a eles. No entanto, havia minha filha, e eu não estava disposta a abdicar de meu tempo com ela, ou, até mesmo deixar de dar a Violet um momento em família quando ela não tinha qualquer culpa em nossos erros.

Fui até eles, coloquei a tigela na mesinha de centro e escolhi uma poltrona.

— Nããããoo... com o papai — ela se exaltou.

Forcei um sorriso e mudei para o lado de Ty, mas evitei aproximar-me mais do que nossas posições no sofá já faziam. Ainda não tínhamos conversado sobre o ocorrido da noite passada, e aquela espera pela conversa inevitável deixava o clima entre nós constrangedor e muito incomodo.

— E o que vamos assistir mesmo?

— *Alala* azul — Violet respondeu animada, com as mãozinhas cheias de pipoca.

— Posso apertar o play agora? — Ty perguntou distraído.

— Sim, sim, sim. — Violet repetiu dando pulinhos.

Sorri e Ty me imitou, finalmente, dando o play. O filme começou e aos poucos desvaneceu o clima pesado entre nós. Também não tinha como ser diferente, assistir filme com Violet sempre se voltava mais divertido do que o próprio filme em si. Em alguns momentos era uma calma, PERIGOSAS ACHERON

permitindo-nos acompanhar a história, mas na maioria somente podíamos a ouvir tagarelando, inquieta. A verdade é que ela não sabia onde ficava: se no colo de Ty, no sofá, no tapete ou na frente da grande televisão tocando a tela cada vez que a arara azul do filme Rio 2 aparecia na tela. Quando a música começou e os bichos dançaram, Violet ficou eufórica, acompanhando cada passo e arrancando risos meus e de Ty. Não era de se admirar que ela soubesse praticamente todos de cor pelas quantas vezes que assistiu àquele filme.

Nossa menininha amava animais, mas era um pouco exótica. Roxy, a cadelinha maltês de Ty, já não dava conta de sua energia então, ele decidiu dar a Violet seu próprio animal de estimação. Bel, uma coelha Fuzzy lop muito dócil, que ela adorava.

Em certo momento, o silêncio reinou no ambiente.

Eu estava distraída com o final do filme quando

PERIGOSAS ACHERON

senti algo cutucar a sola do meu pé descalço. Meu coração bateu na boca. Antes que eu pudesse pensar racionalmente ou deter minha reação, eu pulei, levantando minhas pernas para junto do meu corpo.

— Jesus! — exclamei ofegante, com o olhar arregalado pregado no chão, procurando.

— Cuidado com o seu joelho, minhas bolas não são de ferro. — A voz baixa e divertida de Ty soou muito próxima, tanto que pude sentir sua respiração morna em minha orelha, colocando meus pelos eriçados.

— O que...? — minha voz se quebrou e as palavras morreram em minha garganta quando virei o rosto para ele, e só então me dei conta do que tinha feito.

No terror do momento, não percebi que tinha pulado em cima da primeira *coisa* que encontrei. E lá estava eu, praticamente empoleirada em seu colo,

PERIGOSAS ACHERON

com meus braços enrolados em seu pescoço. Não tive a decência de me envergonhar, embora minhas bochechas queimassem. Era uma medrosa de alma e não tinha vergonha de admitir que uma simples barata poderia me colocar em cima do teto em questão de segundos.

Tirei meus braços dele e me afastei, não sem antes perceber que seu braço estivera em volta do meu quadril, segurando-me.

— Suba na poltrona agora, Violet — murmurei.

Ainda cagada de medo, engatinhei no sofá e varri o chão com meu olhar, ciente da minha posição constrangedora, ainda mais por ter Ty sentado atrás de mim.

Mas, foda-se!

Estava apavorada com a possibilidade de haver algum daqueles bichos pavorosos dentro de casa.

Deus, como eu iria descer de lá agora?

E, se fosse um rato asqueroso, daqueles bem

PERIGOSAS ACHERON

feios?

Meu corpo inteiro estremeceu e meus olhos cresceram em pratos enquanto minha mente fritava.

— Violet, volte aqui, menina! Violet, eu não estou brincando! — ralhei quando de soslaio a vi descer da poltrona e correr em volta do sofá. Olhei para Ty que até o momento não tinha movido uma palha. — Vai ficar aí parado? Tire-a do chão, ou melhor, use seu gene de macho e veja se há algum bicho aqui. Alguma coisa cutucou meu pé.

— E perder a visão que estou tendo daqui? Nah!

Se eu não estivesse tão apavorada com a possibilidade de algum inseto ou animal imundo subir pelo sofá, eu diria que seu olhar para mim foi terrivelmente perverso.

Rapidamente me endireitei, mantendo minhas pernas no sofá.

— Você sabe que os únicos animais na casa são PERIGOSAS ACHERON

Roxy e Bel. A casa foi dedetizada há pouco tempo, então relaxe, okay? Provavelmente foi Roxy que cutucou seu pé e você se assustou.

Fechei a cara e fiz bico. — Você acha que eu não iria reconhecer Roxy, Ty? Não foi ela. Merda. Foi alguns desses bichos nojentos.

— *Susto* Bel, mamãe. — Violet me acusou, com a cara amarrada quando voltou à sala. E eu me perguntei em que momento isso se sucedeu.

Laura veio logo atrás dela com um sorriso no rosto e o bicho na mão.

— Esse animal mi... — Um aperto firme em minha coxa nua me calou.

Olhei para a mão de Ty e depois para ele.

Demorou uns dois segundos para entender seu gesto e não me zangar com ele por imaginar que o mesmo estava se aproveitando da situação.

Não falávamos palavrões na frente de Violet.

Respirei fundo, controlando meu gênio, mas

PERIGOSAS ACHERON

minha voz não saiu menos irritada.

— Bel não deveria estar dentro de casa, por isso tem uma casinha no quintal própria pra ela.

Não tinha nada contra a coelha, ao contrário, gostava dela. Mas o animal tinha colocado o inferno fora de mim.

— Ela deve ter escapado, senhora — Laura explicou.

— Ou alguém a trouxe pra dentro, — sugeri, olhando diretamente para Ty.

Ele encolheu os ombros e desviou o olhar inocente para Laura.

— Leve-a pra fora Laura, por favor.

— Nããããooo — Violet gritou.

— Já parou de chover?

— Ainda não, senhor.

— Não, pai! Tá chovendo. Ela vai ficar dodói que nem eu, não é, mamãe?

— Se incomoda de levar Violet para varanda

dos fundos e olhá-la por alguns instantes? Não quero que ela arranque as orelhas da coelha por acidente.

Laura deu uma risadinha.

— Não, senhor. Eu ficarei com ela.

Ty olhou para filha, que já sorria satisfeita.

— E você, mocinha, coloque os tênis, senão não vai brincar com Bel. — Seu olhar se dirigiu a mim. — Eu vou pegar água pra você.

Ele saiu levando a tigela de pipoca.

— Bel boa mamãe. — Violet defendeu sua coelha enquanto eu colocava o tênis em seus pés. — Ela não pode ficar na chuva.

Se ela me assustar assim novamente, ela será uma Bel boa na panela.

— Bel não pode ficar dentro de casa, meu amor. Ela não é como Roxy, que faz as necessidades nos lugares certos, entende? — Ela ficou me olhando, como se eu tivesse falado russo

ao invés de inglês, e eu suspirei. — Sabe aquelas bolinhas no jardim, que papai e eu pedimos pra você não mexer?

— Caca.

Sorri um pouco mais calma.

— Exatamente. Ela faz caca pela casa toda se deixarmos ela aqui dentro. Então, vamos mantê-la no jardim, okay? Lá tem bastante espaço pra ela brincar.

— Eu *tamém*, mamãe.

— Sim, você também. Mas só quando não estiver chovendo. — Terminei de colocar o segundo tênis. — Prontinho.

Ty retornou e me entregou uma garrafinha d'água. Coloquei-a para baixo no meu colo então, segurei o rosto da minha filha e beijei sua bochecha.

Violet pulou do sofá e foi para Laura.

Destampeei a garrafa, percebendo minhas mãos

PERIGOSAS ACHERON

ainda um pouco trêmulas e bebi alguns goles de água enquanto observava Ty desligar a televisão. Ele se sentou ao meu lado, deixando seu corpo arriar no sofá e me olhou.

— Mais calma?

— Isso não tem graça, Ty.

— Sei. Desculpe. — Ele suspirou. — Não há nenhum bicho nojento na casa, foi apenas Bel. Provavelmente, foram os bigodes dela que você sentiu.

Apreciei sua justificativa em me relaxar.

— Mas ainda não a quero dentro de casa. E eu sei que foi você quem permitiu Violet trazê-la.

— Culpado... Não pude negar-lhe isso, mas permiti só por algum momento. Acabei me esquecendo de devolver Bel para o jardim.

Assenti e o silêncio caiu entre nós.

— Preciso voltar para os meus estudos — murmurei, de repente angustiada com seu olhar em

PERIGOSAS ACHERON

mim. Ainda sentia algum vestígio do terror de há pouco, mesmo assim joguei meus pés para o chão.

— Por que não esperou como prometeu?

Não havia acusação em seu tom, apenas frustração.

Eu não poderia fugir daquela conversa por mais que quisesse, pensei, deixando meu traseiro deslizar no sofá, novamente.

— Eu não prometi que esperaria.

— Tampouco disse não, e eu realmente acreditei que daria o tempo que pedi antes de... Seja por consideração ao nosso casamento, a nossa filha, não sei.

— Acredito que minha oposição á esse tempo foi suficientemente clara, não?

— Está tão ansiosa assim para se desfazer do nosso casamento?

— Você pode me culpar? E eu não estou ansiosa para me desfazer do casamento, mas da
PERIGOSAS ACHERON

infelicidade que ele me causa.

— Mesmo me amando.

— Justamente por isso.

Ele apoiou os antebraços nas pernas e me olhou.

— Não vou assinar.

Subitamente, as palavras se perderam em minha boca. Não sabia o que pensar. Mas uma coisa era certa. Se a intenção dele era me confundir com suas controversas, Ty estava no caminho certo porque eu não sabia se ficava feliz ou com raiva dele.

Com um suspiro frustrado, eu disse:

— Por que está fazendo isso? Eu juro que já tentei entender, mas nenhuma das conclusões que cheguei foram favoráveis a você. Então, o que você quer Ty?

Seu olhar suavizou em mim. — Você não sabe?

Neguei, realmente interessada em sua resposta.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu quero uma mulher, Gabriela. Uma de verdade. — As palavras saíram como um sussurro erótico, ludibriando meu coração e aquecendo meu corpo.

— O quê?

Seu sorriso surgiu lento e sensual quando ele me espreitou no sofá.

— Nós éramos bons juntos... Lembra-se de como nos dávamos bem? Do desejo que sempre nos queimou? Fazíamos bem um para o outro, baby.

Meus dedos seguraram firme no estofado quando eu me inclinei para trás, lutando para as minhas costas não se esparramarem no sofá. Minha mente se esforçou para entender o que estava acontecendo, inutilmente. Sua boca se aproximou, fazendo meu coração dar saltos para a garganta, e parou, quase roçando na minha, tão perto que minha vontade de beijá-lo beirou o insuportável.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você foi a única mulher com quem dormi na casa dos meus pais e não foi porque morávamos na mesma casa, mas porque você mesmo inexperiente me induzia a querer fazer loucuras e a quebrar regras, mesmo as mais sagradas pra mim... Me deixava louco.

Mas o quê...?

Pisquei, completamente atordoada.

— Sente, Gabriela, — ele se pressionou contra mim, contra minha coxa, e meu corpo não perdeu isso, reagindo a ele. — Eu sempre estive assim por você.

Ty estava me seduzindo, era isso mesmo?

Aliás, quando o clima tinha mudado tão drasticamente?

Perdi a linha de pensamento quando senti sua língua deslizar por meus lábios, roubando-me as batidas do meu coração. O ar a minha volta esquentou.

PERIGOSAS ACHERON

— Você sempre foi um mistério para mim...

Seus lábios beliscaram os meus.

—... Um que eu quis muito desvendar... ainda quero.

Minha respiração se deteve quando meu corpo mole deslizou abaixo, e não havia nada em que eu pudesse me agarrar, a não ser ele. Ty pairou sobre mim. Seu peso sustentado apenas por seus braços quando ele permitiu seu corpo sobre o meu.

Aproveitando-se de minha inércia, seus lábios saquearam os meus. Um beijo que foi provocante, incendiário. Sua língua contornou meus lábios e deslizou pela comissura. Eu não tive reação, fiquei e recebi seu beijo quando sua língua invadiu minha boca sensualmente, entrelaçando-a na minha com suavidade e erotismo. Ty me beijou sem demora até que meus lábios se moveram. Minhas mãos foram para os seus braços, e eu suspirei apertando meus dedos em sua pele quando ele empurrou seu quadril

PERIGOSAS NACIONAIS

contra o meu. Sua mão prendeu a minha cabeça enquanto seu joelho forçava as minhas pernas abertas e meu corpo trabalhou sozinho dando espaço a ele. Senti sua outra mão deslizar por minha coxa, que estava levantada sobre o seu quadril, e apertar. Ele se esfregou em mim, me deixando molhada. Então, sua boca rasgou para o meu pescoço.

Longe do sabor doce de sua boca, eu pude respirar e ter um fio de coerência em meio a névoa de desejo, que seus beijos em meu pescoço e colo induziam em mim.

Quanto tempo eu tinha desejado que ele viesse assim para mim? Quanto tempo eu aguardei ansiosa para me sentir desejada? Para me sentir mulher outra vez?

Muito, tanto que me parecia uma eternidade.

Mas, então, ele nunca veio.

Ty estava ocupado demais...

PERIGOSAS ACHERON

— Se você não tivesse sido tão safado, poderíamos... — me vi dizendo em voz baixa, mas suficiente para ele cessar seu ataque.

Ty levantou a cabeça, seus olhos se prenderam aos meus. Escuros e quentes. Sua expressão apertada numa tormenta de excitação.

Engoli às secas.

— Eu queria te foder, Gabriela, eu ainda quero.

— Esquece não vai rolar — sussurrei, com muito esforço, doendo por ele de tantas formas. — Da última vez fizemos uma criança. E, bem, estamos aqui.

— Nós já somos casados. — ele pontuou, com um sorriso na voz quando esfregou seus lábios nos meus, tentando-me.

— E daí?

— E daí que se rolar um bebê, não tem de haver casamento. Nós não estávamos esperando que uma gravidez acontecesse, mas hoje já

sabemos o que esperar.

Não sabia se ele estava brincando ou constatando um fato.

Sabe quando você quer muito uma coisa, mas não pode se permitir tê-la porque sabe que, se atrever, você irá se arrepender profundamente depois?

Eu queria Ty. Meu corpo, cada parte de mim, do meu coração bobamente inchado de alegria, ansiava tê-lo mais uma vez. Eu tinha sonhado com um momento assim, dormindo e desperta. Mas em meus sonhos, apesar de toda excitação do ato, Ty era meu. Era um Ty que me amava e se preocupava com o meu bem-estar, com a minha felicidade, com o *nós*. Este sobre mim não tinha nada disso, exceto tesão.

Bem, era isso que tinha mudado.

Não era arrependimento, senão desejo.

— Entendi. — Sorri sem humor, balançando a

cabeça para os lados. — Além de toda comodidade, também quer uma comidinha em casa para quando não estiver disposto a ir para rua procurar uma vagabunda que não se importa se você é casado.

— Está entendendo tudo errado, Gabriela.

Minha sobrancelha fez um arco. — Estou?

— Está. E também está buscando uma discussão que não quero.

— Eu não penso assim. Até dias atrás você sequer me olhava, Ty. Nada. Só quando eu trouxe a questão do divórcio que você assim, de repente, acordou e com ele seu desejo por mim. Isso depois de quase quatro anos... Eu teria que ser muito tola para acreditar que este tesão súbito seu vai além de uma tentativa nula de colocar minha decisão em panos quentes.

— Eu quero você e você também me quer. Não pode negar isso.

— Não nego, mas se eu estivesse à procura de

PERIGOSAS ACHERON

uma foda rápida, teria tido isso há muito tempo.

— Não quero uma foda rápida com você. Não gosto quando fala assim, diminuindo a si mesma e me colocando como um idiota que só quer trepar e nada mais.

— Desculpe se magoei seus sentimentos, Ty. Se queria que eu tivesse outra opinião a seu respeito, não deveria ter esfregado seu cio na minha cara, nem seu caso com sua amiginha.

— Agora você está sendo sarcástica — disse áspero. — E eu não estou com Tara. Não nego que saímos algumas vezes, e também que fui eu quem deu as joias a ela. Mas terminei qualquer coisa que tínhamos naquele dia. Ela não deveria ter aparecido lá...

— Transou com ela?

Ele se levantou, sentando sobre as pernas e plantou as mãos nas coxas.

— Por que está trazendo Tara a essa conversa?

— Ela está aqui muito antes de eu trazê-la, Ty.

Ele esfregou o rosto.

— Isso é passado, Gabriela. Não há mais Tara ou qualquer outra.

— Um passado muito presente — mofei-me, quando me levantei na posição sentada e ajeitei minha blusa. — A pergunta é muito simples, Ty. Transou ou não?

Observei seus ombros caírem numa demonstração de derrota.

— Transei.

— Eu não quero mais.

— Você escutou o que eu disse? Não temos mais nada. Acabou. Juro a você.

Eu acreditava, porém aquilo não fazia meu ciúme e humilhação diminuir.

— Qualquer valorização que sua atitude poderia ter se perdeu quando transou com ela, Ty. Quer saber? Não importa. Assine os papéis e

PERIGOSAS ACHERON

acabaremos com isso de uma vez.

Contornei o sofá, pronta para deixá-lo sozinho.

— Não vou assinar.

— Prefere o litigioso?

— Prefiro que deixe de ser tão teimosa e me ouça. — E completou. — Mas, se quiser entrar com o litigioso, entre. Eu não vou assinar qualquer coisa e, você bem sabe como um processo desses pode ser demorado e doloroso não somente para nós dois, como para toda nossa família, também. Violet será a mais prejudicada. E eu não acredito que deseja trazê-la para uma briga dessas quando tem a opção de não fazê-lo.

Peguei meu queixo no chão.

— Você é um cretino.

— Por quê? Por que não quero acabar com nosso casamento quando você insiste nisto, mesmo dizendo me amar? Bem, eu sou um cretino então.

A irritação se assentou em minha pele. —

Certo..., vamos lá, Ty! Fingiremos que eu te dei seu pedido de *um mês*, porque pelo que fala é como se você tivesse feito grandes coisas para manter, aliás, tentar construir alguma relação real entre nós. E, bem, já se passou uma semana desde que me fez este pedido descabido. Então, me diga. O que você tem feito para arrumar nossa relação, além de tentar me confundir? Porque, querido, eu tenho de dizer que o fato de não estar ciscando lá fora como de costume não é grande coisa. A propósito, você não faz mais do que sua obrigação.

— Eu estou tentando, está bem? Mas não é como se você desse muita abertura quando está, obviamente, mais preocupada em pintar o diabo em mim e se fazer de pobre vítima do que concertar algo entre nós.

Eu ri de raiva, de incredulidade.

— Eu estou me fazendo de vítima? É isso mesmo que eu escutei? Como se atreve a dizer isso

quando você é o filho da puta da história? Acha que tenho que agradecer aos céus por ter me traído mais do que pode contar? Tenho de ser feliz quando você não demonstra um pingo de respeito por mim? — Respirei fundo. — Eu não tenho que concertar nada entre nós quando foi você, só você, Ty, quem estragou tudo! Eu estive aqui o tempo todo enquanto você estava sabe-se lá Deus onde.

Enquanto eu ofegava de nervoso, ele apenas me olhou com calma.

— Você tem me acusado de desrespeito e traição sem ao menos pestanejar, mas já parou para pensar que é você quem sempre se intitula de pobre coitada?

— Eu não...

— Sim, você, Gabriela. Eu nunca disse qualquer coisa do tipo, já você não pode dizer o mesmo. Acho que você está precisando ver o seu valor, não eu. Pare de tentar outorgar a mim

responsabilidades que não me pertencem.

— Agora quem está sendo sarcástico é você.

Ele veio até mim. — Estou? Ou vai dizer que me amava quando nos casamos? Amava-me, Gabriela? — Meus lábios se apertaram e meus punhos também. — Não, você não me amava... Amou-me assim que disse sim ao padre?

— Não — empurrei a palavra entre os dentes.

— Eu te enganei em algum momento? Menti pra você quando propus o casamento? Eu te obriguei a aceitar as condições da nossa relação?

— Não, mas também não é como se tivesse me dado escolha.

— Na noite que conversamos e *juntos* estipulamos como seria nosso relacionamento, eu te dei todas as malditas escolhas. Fizemos tudo junto, porra!

— Eu não sei aonde quer chegar com isso. Não tem relevância nenhuma — resmunguei angustiada,

sentia meu coração pesado demais.

Cada palavra me machucava porque... era verdade.

— Claro que não tem. E sabe por quê? Isso não faz mim o diabo que quer que eu seja, ou melhor, te desnuda da pobre vítima que finge ser, porque você, Gabriela, estava de acordo com a porra dos termos da nossa fodida relação. Em momento algum deixou qualquer brecha para que o real pudesse ser uma possibilidade entre nós. Você não me queria para nada além do desejo que nutríamos um pelo outro.

— Isso não justifica seu descaso comigo, Ty. Não seja tão baixo assim!

— Mas o seu comigo sim? Quer me culpar, Gabriela? Culpe se isso a faz se sentir melhor, eu não vou me isentar da minha fatia do bolo, mas, querida, você também tem a sua. E deixe-me te dizer isso, ela é do tamanho da minha.

— Eu nunca te desrespeitei, Ty.

— Não? Quando me julgou um cara inútil por conta da minha carreira, não me desrespeitou? Quando achou que por isso eu não era homem pra um relacionamento sério, senão para uma boa foda? Que nome eu devo dar a isso? Você me julgou antes mesmo de me conhecer, Gabriela, tanto que me evitava como praga, até o dia em que estive com sua guarda baixa... No entanto, eu nunca te culpei por pensar assim, porque eu já estava acostumado que todos fizessem isso. Um ônus da minha carreira.

— E você não está me culpando agora por me sentir ferida por suas traições?

Ele exalou pesado e fixou seus olhos nos meus.

— Não a culpo por se sentir infeliz pelas minhas noitadas, mas você não tem o direito de me culpar por elas, tampouco. Eu não sentia nada por você, nem você por mim. Não queríamos uma

relação além da diversão que compartilhávamos. Mas, então, você ficou grávida e ao contrário do que pensa, não foi você quem me deu qualquer coisa com o casamento, embora não nego que tenha me ajudado.

— O que está dizendo?

— Não é óbvio? Gabriela, você é tão cega. Esteve tão presa dentro das suas perdas e da gratidão que sentia por minha família, que não enxergou que eu somente propus o casamento para dar a você algo de concreto, algo bom e por inteiro quando você já não tinha mais nada, nem ninguém. Por que acha que fiz isso? ... Acorda, Gabriela! A gravidez nunca foi um problema pra mim ou para a minha carreira.

— Não foi o que seus pais pensaram e nem você quando descobrimos a gravidez.

Ele riu, um som breve que estava longe de ser por diversão.

— Meus pais já te amavam e te queriam bem, como querem para Ariel e para mim. Ou pensa que eles pulariam de felicidade se hoje Ariel aparecesse grávida?

Eu o olhei sem saber o que dizer, um tanto envergonhada pela suposição que fiz aos Srs. Bryant quando eu sabia que eles eram incapazes de quererem o meu mal.

— Quanto a mim, ser pai não era exatamente a notícia que eu esperava receber aos 22 anos. E, apesar disso, eu não corri da minha responsabilidade... Eu poderia ter te mandado para qualquer parte do mundo, onde nunca descobririam sobre nossa filha, ou, foda-se, te mantido em total sigilo ainda que continuasse a viver aqui. Poderíamos ter interrompido a gravidez. Qualquer coisa. Sabe que eu tinha condições de fazer isso, e sabe também que você não recusaria. Assim como aceitou o casamento por gratidão a minha família e

PERIGOSAS ACHERON

porque pensou em Violet, você teria aceitado qualquer decisão pelos mesmos motivos... Você diz que eu estraguei tudo, porém a culpa não é só minha, ou é?

— Não Ty, não é. Mas nada justifica seus erros. Eu não faço caso omissa da minha culpa, sei o que tratamos há quase quatro anos, sei também que não tínhamos o compromisso de fidelidade entre nós, mas tínhamos o de respeito. Embora não houvesse amor, eu te respeitei, e você sabe disso. Realmente não posso te culpar por ser um asno, porém não sou obrigada a viver com você quando isto está acabando comigo.

— Isso é porque você me ama. Quero dizer, é tão fácil assim abrir mão de um futuro, de uma possibilidade de fazer dar certo, mesmo que eu queira tentar?

— Não Ty, você pode até ter razão em muita coisa do que disse, mas em uma você está

PERIGOSAS ACHERON

enganado. Não é fácil pra mim. Se fosse, eu teria entrado com o pedido de divórcio na primeira vez que me feriu sem perceber. Fácil é pra você dizer tudo isso quando tem feito tudo que quis e não sofreu isso aqui..., porque eu sempre te respeitei. E não é somente por amor não, é respeito por você, pessoa, seu idiota... Se você acredita que eu seria capaz de ficar com outra estando casada com você, mesmo que não houvesse me apaixonado, é sinal que não me conhece, nem me merece... Eu já fiz muito pelos outros, não estou disposta a me anular novamente só porque você agora diz querer.

— Me desculpe, eu... Não estou pedindo que se anule, só que me dê uma chance.

Eu o olhei por um comprido minuto, minha garganta apertada e meus olhos queimando.

— Não.

— Infernos, Gabriela! O quê que custa me dar só uma chance? A nós? A nossa família?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Custa o meu bem-estar, custa todas as feridas que me fez, toda dor que senti ao saber que estava se dedicando, dando as outras e aquela vadia o quê deveria ser meu. — Pausei, puxando um fôlego, mas não foi suficiente para deter as lágrimas que segurei até então. — Não vou, não posso e não quero me arriscar mais. Começamos errado e dificilmente dará certo então, o melhor que temos a fazer é cada um seguir a sua vida.

Ele cruzou os braços na frente do peito e me olhou com uma expressão teimosa, muito arrogante. — Eu sugiro que comece a cogitar o pequeno percentual então, porque não te darei o divórcio. Se depois do tempo que te pedi educadamente, você ainda quiser a separação, eu assinarei. Do contrário, não.

— Você sabe que posso ir embora à hora que quiser. — Quando vi, as palavras saltaram além dos meus lábios, mas não me arrependi.

PERIGOSAS ACHERON

— Por mais que queira, não posso te impedir se realmente quiser ir, mas, neste caso, Violet fica aqui. Eu não vou permitir levá-la pra não sei onde e privá-la de ter o melhor quando você não tem condições de mantê-la por si. Assim como sei, que não fará isso, pois tem apreço por minha família e não é nenhuma desmiolada para colocar nossa filha em perigo.

— Então é isso? Essa é sua decisão final? — perguntei fervendo de raiva.

Ele teve a petulância de sorrir.

— Quanto ao divórcio? Sim. Não vou assinar.

Se ele queria assim, que assim fosse!

Sexta-feira, 10 de fevereiro.

— Então? Está animada para amanhã? — Ariel perguntou.

Estávamos sentadas próximas à piscina enquanto olhávamos Violet brincar no jardim, correndo como uma louca atrás de Bel, com Roxy em seu encalço. Ariel tinha vindo passar um momento comigo e a sobrinha.

Estreitei meu olhar para sua pergunta.

— Pra...?

— Ué, é o aniversário do seu marido, garota. Não me diga que esqueceu?

— Ah! O aniversário dele.

Ariel riu.

— Não acredito que esqueceu o aniversário do seu próprio marido.

— Essa semana foi complicada — expliquei, com um encolher de ombros.

Sua diversão se foi e ela me olhou com cuidado.

— Algum problema?

A sanidade mental do seu irmão.

— O de sempre... Último ano na faculdade é terrível.

— Para mim sempre foi terrível desde o início, — ela resmungou. — Mas voltando ao aniversário de Ty. Papai e mamãe estão querendo fazer uma festa surpresa para ele aqui amanhã à tarde, só com os familiares e amigos mais próximos, se você permitir, é claro... Você sabe. Lá em casa já é manjado.

— Diga a eles que por mim não há problema.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ótimo! E o que vai dar a ele?

Um tapão nas fuças se insistir em me amolar.

— Não faço ideia. Tem alguma sugestão?

— Eu poderia estar sabendo que ele andou namorando um relógio da nova coleção da Bvlgari... — E completou depois de um tempo. — Mamãe disse para eu levar Violet para casa comigo, sabe, para vocês dois poderem sair e comemorar antecipado.

Lembrei-me das vésperas passadas de seu aniversário quando dona Cora fez o mesmo, e eu acabei passando a noite sozinha enquanto Ty estava comemorando ao seu modo. Desta vez, não mesmo!

— Não será necessário.

— Ah, vamos lá, Gabriela! Vai dizer que não quer um momento a sós com seu marido para namorarem pela casa toda sem correr o risco de traumatizar Violet?

PERIGOSAS ACHERON

— Você está pior a cada dia, verdade?

Ela deu os ombros.

— Sexo é bom. O que posso fazer? — Sorri, sacudindo a cabeça para o descaramento daquela garota. — Bom, o recado está dado. Se não quer, eu vou dizer à mamãe que você prefere ter Violet aqui, embora ache isso um tremendo desperdício.

Desperdício seria deixar Violet a cargo da minha sogra quando, na verdade, ele e eu não iríamos comemorar porcaria nenhuma.

Quero dizer...

— Na verdade, eu acho uma excelente ideia — eu assinalei, levantando-me. — Eu vou preparar uma bolsa para ela agora mesmo.

— É assim que se fala, garota! Sabia que iria pensar melhor e enxergar as vantagens de terem um dia livre do papel de pais. — Sorri discretamente. — Agora, se manda, que eu vou ajudar a minha garotinha pegar o maldito coelho.

* * *

Eu não estava bêbada, senão feliz. Muito feliz. E me divertindo como nunca, ou talvez fosse só o efeito das tequilas que tomei com Kendra e Julie desde que chegamos ao clube. Brazuca era um clube brasileiro, e hoje o palco da nossa diversão.

A roupa que escolhi com meticuloso cuidado para aquela noite resultou melhor do que eu esperava. O vestido florido de frente única, com um decote propício para imaginação masculina, aderiu ao meu corpo até a altura dos quadris e se soltava até quase metade de minhas coxas. Sandálias altas com tiras para combinar.

Por causa do enrosco de Julie com o dono do clube, um brasileiro super quente e muito charmoso, conseguimos entrar como VIPs e nos instalar num camarote privado, com direito a uma garçonete exclusiva para nos servir. De lá,

PERIGOSAS NACIONAIS

podíamos ver a pista de dança no térreo e também desligar o som quando quiséssemos conversar. A noite somente estava começando, mas a contar pela minha animação e a das minhas garotas, e das nossas risadas altas, ela seria uma criança. Bolsas e sapatos estavam jogados para todos os cantos. Ouvir músicas brasileiras era um bálsamo e fez-me sentir um pouco mais próxima do Brasil. Kendra e Julie eram boas dançarinas e rapidamente pegaram o ritmo sertanejo e outros ritmos brasileiros. Eu amava dançar seja qual ritmo fosse.

— Quem quer dançar comigo? — Julie gritou quando a balada mudou.

— Eu quero! Sobrancelhas

Kendra se levantou e me olhou.

— Vai lá, — eu disse, fazendo um gesto fugaz com a mão. — Prefiro ficar aqui sentada um momento pra ver se a sala para de girar. Depois eu me junto a vocês.

PERIGOSAS ACHERON

— Apenas tente — Kendra zombou risonha.

Elas riram e começaram a se mover no ritmo de *Indecente*.

Tomei o restante do meu *Bloody Mary* e me estiquei no sofá. Tinha dançado um bocado, um pouco de cada ritmo brasileiro, mas era o sertanejo que predominava na casa. Eu gostava. Música era música, e eu adorava qualquer som que fizesse meus ossos vibrarem. Quando elas finalmente se cansaram, se juntaram a mim. Kendra se deixou cair numa das poltronas e Julie escorregou ao meu lado.

— Eu amo música sertaneja! — Kendra gritou.

— Eu amo brasileiros. Ops! Brasileiro. — Julie disse, olhando para porta com um risinho, seguimos seu olhar encontrando Fernando Braga, o dono do clube. — Ele é quente como o inferno.

— Será que ele tem algum amigo?

— Não sei Kendra, mas vou perguntar. Ei,

baby!

— Sim, querida?

Fernando se aproximou com um sorriso de tirar o fôlego. Definitivamente, ele era quente. Julie se levantou indo para ele, que a ancorou em seus braços e beijou-a.

Kendra me olhou fazendo bico.

— Eu também quero um. Como faz?

— Vocês estão sendo bem servidas? — ele perguntou, depois de limpar os lábios sujos de batom.

— Oh, sim! — dissemos em uníssono, sorrindo como bobocas.

— Não tem nenhum amigo solteiro e bonito para apresentar a Kendra? — Julie perguntou. — Ela quer um brasileiro quente e gostoso assim como você, baby, mas já disse que eu não compartilho.

O tipo riu divertido enquanto Kendra e eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fazíamos uma careta.

— Vou ver o que posso fazer — ele garantiu solene.

Julie deu aceno brusco com a cabeça.

— Faça isso, homem, que serás recompensado.

— Terei isto em mente, anjo. Agora, eu preciso resolver algumas coisas no escritório. Logo venho checá-las novamente, tudo bem? Qualquer coisa que queiram, peçam a Kevin que ele providenciará para vocês.

Ele apontou para um dos seguranças próximo a porta. Era enooooorme e muito bonito. Ele deu um sorriso e acenou com a cabeça, Kendra e eu sorrimos de volta. Então, olhamos Fernando puxar Julie para um beijo incendiário. Suas mãos nas costas dela mantiveram seus corpos unidos e eu invejei aquele furor todo. Quando ele se foi, Julie nos olhou com as bochechas rosadas, calor flutuava em seus olhos deslumbrados.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu acho que gozei — Kendra gemeu baixinho.

— Tenho que trocar de calcinha — eu disse invejosa.

— Meu Deus, Julie! Ele é sexy.

— Eu sei! — ela gabou-se, com um suspiro. — Mal posso esperar para chegarmos ao apartamento dele e ter uma foda digna de fritar meus miolos. O homem é insaciável!

— A coisa é séria então? — eu quis saber.

Os olhos de Julie brilharam.

— No que depender de mim, ele não sairá da minha cama nunca mais.

Kendra se virou para ela.

— Não vai para casa comigo?

— Não. Mas quando estivermos prontas para ir, iremos deixá-las em suas casas. — Sua expressão se abrandou numa máscara perversa quando focou Kendra. — A não ser que queira nos ouvir a noite

PERIGOSAS NACIONAIS

toda. E deixe-me dizer isso, é a noite toda *meeeeeeeeesmo*.

Kendra fez uma cara de desgosto.

— Cadela. Nem pense nisso.

Eu ri.

— Estão ouvindo? — Kendra perguntou após um tempo.

Julie e eu encaramos ela, que estava com o cenho franzido e a cabeça inclinada.

— O quê? — perguntei, franzindo meu cenho também.

— Escutem, — Julie começou. — Eu sei que bebi um pouco a mais do que é permitido por lei, mas só eu estou sentindo a sala começar a girar?

— Essas bebidas deveriam ser proibidas. — eu disse, com um lamento.

Kendra bateu as mãos com força.

— Shhh... Cacete. Fiquem quietas e escutem.

Olhamos para Kendra sem entender, demos os
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ombros e fizemos o que ela pediu. O som da sala tinha sido desligado para que pudéssemos conversar.

Silencio total.

Juro a você. Um grilo estava cantando.

Tentei duramente não rir, buscando escutar seja lá que som fosse e... Julie e eu pulamos no assento. Acho que ela sentiu o mesmo que eu... algo vibrando em nossas coxas, e, em seguida, o som contínuo de uma música aumentou o volume.

Minha cabeça deu uma girada pelo movimento rápido.

Em outro momento, nós três buscamos, como débeis, a fonte do barulho.

— AHÃ! — Exclamei com o celular na mão, como se segurasse a tocha olímpica. — É meu celular.

Julie rolou os olhos.

— Dã! Claro que é o seu, besta.

PERIGOSAS ACHERON

— Que toquezinho mais vagabundo é esse? — Kendra perguntou.

Dei os ombros e dei um descanso para minhas pernas incertas. — Violet — articulei, como se o nome da minha pequena montadorazinha explicasse tudo.

— Nunca deixarei nada perto dela.

— Faça isso. Aquela garota parece à dona de um desmanche — aconselhei Kendra, com um risinho alegre.

O celular seguia se esgoelando na minha mão.

— Atende logo. Ou desligue de uma vez — Julie disse.

Concordei com um aceno e atendi. — Aloooooou. — A palavra se arrastou por minha língua enquanto eu me esforçava para não rir.

— Onde você está?

Endireitei minha postura ante o tom enérgico do outro lado da linha.

— Quem tá falando?

— Como quem? O seu marido, Gabriela.

— Outh! Número errado — cortei a ligação me desfazendo do celular sobre o sofá, como se ele fosse uma batata quente. As meninas riram e eu as imitei.

— Ty? — elas indagaram, com os olhos grandes em minha direção.

Bufei e afirmei com a cabeça.

— Deve estar querendo saber onde está a cueca da sorte dele — zombei, pegando outra dose que Julie me ofereceu. Virei o shot de uma vez.

Meu celular danou a tocar outra vez.

Mal atendi, e meu precioso já estava rosnando do outro lado da linha.

— Gabriela não se atreva a desligar essa porra na minha cara outra vez.

Respirei fundo, me concentrando.

— Gabriela não pode atender no momento,

PERIGOSAS NACIONAIS

deixe sua mensagem após o bipe. Biiiiiiiiiiiiipe. —
Coloquei a mão na boca rindo baixinho.

Kendra e Julie se acabaram de rir. Eu movi a mão, gesticulando rapidamente para silenciá-las quando meu maridinho voltou a falar. Tentei prestar atenção nele.

— Quanto você já bebeu?

— Mais do que posso e menos do que preciso.

— Me dê o nome de onde está.

— Senhor, eu já disse. Gabriela não pode atender no momento.

— Infernos, Gabriela! Pare de brincar comigo e me dê à porra do nome do lugar.

— O senhor está muito agressivo. Não passarei a mensagem.

— Não tem de passar caralho nenhum, porra. Está falando comigo, Gabriela.

— Ops! Secretária interativa. Nunca ouviu falar?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

As meninas estavam se matando de rir. *Assim não tem como fazer uma interpretação séria*, pensei, com um sorriso pateta nos lábios.

— Me dê o nome. Agora.

— Pra quê?

— Para que eu possa te buscar. — Ty suavizou.

— Você, obviamente, não tem condições de vir para casa sozinha e não a quero pegando um táxi.

— Não mesmo! Ainda nem mexi minha bunda direito — recusei, bamboleando meu traseiro no sofá, o que somente arrancou mais risos das garotas.

— E não vai mexer por um bom tempo se continuar me provocando. Agora me dê à porra do nome do lugar antes que eu me zangue de verdade...

Joguei o aparelho para o lado quando a garçonete retornou trazendo uma nova rodada de tequila. Pegamos os copos cheios e erguemos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— A quê vamos brindar? — questioneei confusa.

— A noite que só está começando! — Julie gritou.

— E ao Brazuca! — Kendra disse.

— Ao Brazuca!

Batemos nossos copos, um pouco de bebida vazou pelas bordas e, em seguida, viramos nossas doses. Meus olhos arderam e minha garganta queimou como fogo. A sala continuava a girar. Não tinha mais estômago para outra dose, assim não bebi mais, mas a noite continuava uma criança. Dancei mais três músicas com as garotas, antes de me jogar no sofá, novamente. Estava me sentindo tão bem, tão leve, que não queria mais me mover, a não ser os lábios. Eu ria das besteiras que Julie contava sobre seu relacionamento com o Sr. Dono do Clube, fazendo inveja em Kendra e eu.

— Sujou!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Antes que pudesse compreender o gemido de Julie, uma mão sujeitou o meu braço, içando-me para cima. Meu mundo girou e eu bambeie um pouco. Virei a cabeça pronta pra mandar quem quer que fosse a merda e dei de cara com dois Ty.

Meus olhos cresceram em pratos.

— Vamos para casa. Agora. — ele rosnou num tom baixo.

— Que diabo você está fazendo aqui? — Foquei nele, cerrando meu olhar. — Você sabe que tem dois de você aqui? Droga! Um já é de foder, dois não dá.

— Não há dois, há somente eu, Gabriela. Você bebeu além da conta por isso está vendo demais — ele resmungou, com um olhar intenso sobre mim.

Parecia que Ty queria me dar uma dentada.

— Como soube onde eu estava?

— Você deixou seu celular ligado comigo na linha enquanto brindava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ai, caralho.

— Celular mau. Muito mau. — Escutei alguém dizer ao fundo.

— Vamos! — E completou duro. — Sem discussão.

— Ceeerto. — Ergui o dedo na frente de seu rosto. — Mas antes preciso pegar minha bolsa e meu celular fofoqueiro e meus sapatos também. Não posso sair descalça!

Sentei e ele me ajudou a colocar os sapatos. Eu não fazia ideia de como ficaria em pé naqueles saltos mortais. Ty me entregou a bolsa e puxou-me para cima com ele, balancei, mas ele me segurou firme estabilizando meu corpo. Eu ri baixinho.

Inclinei a cabeça para o lado.

— Adeus, pessoal. O Neandertal aqui... Ops! O astro chegou. Preciso ir.

— Se ele te fizer mal, fofa, nos ligue, que chutaremos o traseiro dele — Kendra avisou séria.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quer ir com ele, Gabi? — Julie perguntou vindo na nossa direção.

— Por Deus! Ela é minha mulher. Não vou fazer mal a ela. — As garotas assentiram e sorriram docemente. *Traidoras*. — Vocês já têm quem as leve para casa?

— Julie está comigo. — Olhei para frente vendo Fernando dar um passo adiante. Ele era tão grande, parecia tão poderoso. — Eu vou levá-las.

— Ele é quente — sussurrei.

— Cale a boca, querida — Ty grunhiu para mim e, em seguida, focou Fernando e estendeu a mão livre. — Obrigado, cara. Boa noite.

Mandei beijos para as meninas e sacudi a mão, despedindo-me, antes de Ty me arrastar para fora do clube. Chegamos em casa e ele me ajudou a descer.

— O que você pensa que estava fazendo? — perguntou bravo assim passamos pela porta.

PERIGOSAS ACHERON

Parei meus vacilantes avanços para a escada e o olhei por cima do ombro.

— Me divertindo até que você apareceu e estragou tudo, babaca!

— Estraguei? Olha o seu estado, Gabriela. Está embriagada!

Sacudi a mão no ar. — Tá, tá, tá. Corta o papo Brant... Brynt, Bryant. Pooorra! Você não tinha um sobrenome melhorzinho não? Esse trem dá íngua na língua.

— Se você não tivesse enchido a cara, não teria problema em falar meu sobrenome, que é seu também.

— Tanto faz!

Tornei a sacudir minha mão num gesto fugaz e avancei para escada, subindo os quatros primeiros degraus numa lentidão que cogitei dormir por lá mesmo.

— Aonde você vai? — Sua voz endurecida

estalou atrás de mim.

Olhei para baixo, vendo-o parado no pé da escada.

— Para cama já que você cortou a minha diversão, bobão. — Fechei a cara. — Eu estava me divertindo até você chegar e bancar o gostosão.

— Eu deveria te dar umas palmadas.

Um risinho escapou dos meus lábios.

— Ui, que medinho! Devo me colocar na posição, papai? — Segurei no corrimão empinando a bunda na sua direção e o olhei sobre os ombros. — Assim tá bom?

Quando despertei, sentia como se alguém tivesse batido com a minha cabeça no chão por diversas vezes. Minha garganta de tão seca estava áspera. Espremi os olhos para a claridade incomoda, antes de abri-los de par em par e... Ty?

Ele acabava de sair do meu banheiro, com uma toalha cinza felpuda enrolada no quadril. O cabelo molhado. A pele ainda úmida do vapor.

Mas que porra é essa?

Perdi a linha de pensamento quando notei ele caminhar para mim. Sua expressão imperturbável para que eu pudesse arriscar um palpite sobre seu humor.

— Tem alguma coisa para me dizer? — Sua

PERIGOSAS NACIONAIS

voz era grave e exigente.

Não seria ele a me dizer? Afinal, este era o meu quarto. Ou não?

Pisquei confusa.

— Talvez. Ainda estou decidindo — balbuciei num fiapo de voz.

Meu olhar caiu para o seu peito muito nu. Atraído por uma hipnotizante gota d'água deslizando o caminho todo para baixo, perseguindo a linha rala de pelos escuros até desaparecer sob a toalha... Lambi os lábios. Meu coração tropeçou uma batida. Eu suspirei um fôlego pesado por meus lábios entre abertos. Afetada pela deleitosa emoção preguiçosa deslizando por meus olhos, cortando através da minha barriga... descendo... descendo... Despertando. Aquecendo. Querendo... Criando um desconforto.

De repente, eu tinha a garganta seca e a vontade insuportável de lamber algo.

PERIGOSAS ACHERON

— Quer que tire a toalha para uma checagem mais detalhada?

Por favor.

Minhas pestanas vibraram e minhas bochechas aqueceram.

Uh!

Certo.

Eu estava encarando seu quadril fixamente. Mas também não era minha culpa. Ele tinha invadido meu espaço. Aliás, por que raios ele estava lá?

Deus, eu estava muito confusa!

Pisquei, novamente.

Desviei o olhar para baixo para o meu próprio corpo...

Oh, merda.

... Eu somente tinha... a minha roupa de nascimento. O único traço descente de roupa se dava pelo lençol branco ferozmente amontado

acima dos meus seios. Não sabia o que pensar, nem o que dizer. Estava embaraçada. Tudo parecia uma grande merda confusa que eu não sabia como tinha me metido. Minha mente estava embaralhada enquanto eu tentava pescar alguma lembrança da noite passada.

— Nós...?

— O quê?

— Você sabe — murmurei baixo ainda sem olhá-lo.

— Não sou Deus.

Levei o olhar para o seu rosto pétreo.

— Eu estou nua, Ty. Por que estou assim?

Ele suspirou, lançando-me um olhar "não é óbvio?".

— Eu tirei a sua roupa.

— Nós... Então?

— Então o quê?

Ele foi até o closet não esperando minha

resposta. Parecia bravo e isso me deixou um pouco receosa. Havia roupas dele em meu quarto, que ele usava ocasionalmente quando algum parente passava a noite em casa. Tudo para manter as aparências. Ele voltou já vestido com uma calça jeans e passando a camiseta sobre sua cabeça.

— Você realmente vai me fazer dizer isso — murmurei para mim mesma e, em seguida, respirei profundo, observando-o se sentar na poltrona para calçar as botinas. — Nós transamos?

Ty parou e levantou o olhar para mim.

— O que você acha?

Encolhi meus ombros na defensiva.

— Eu não sei. Não me lembro de muita coisa. Sei que saí com as garotas e você foi me buscar... Estou pelada e você usou o meu banheiro.

— Se não tivesse tomado mais do que devia, se lembraria do que aconteceu.

Dizer que ele estava zangado seria um

PERIGOSAS ACHERON

eufemismo.

Possibilidades começaram a preencher minha mente.

— Eu bebi um pouco mais do que estou acostumada — admiti baixinho. — Mas isso não dá a você o direito de se aproveitar da situação, sabia?

Seu olhar escureceu quando Ty fixou em mim. Mau. Perverso. Linhas duras marcavam sua feição bonita. Eu senti um arrepio morno deslizar sob minha pele.

— Segundo o casamento, eu tenho a porra do direito de comer a minha mulher, mesmo que esta esteja bêbada como um gambá. Então, não. Não poderá me culpar por me aproveitar de você. Aliás, não me lembro de você recusar.

OH...

Deus!

Vermelho não fazia jus as minhas bochechas.

— Como não? Eu não tinha capacidade de

PERIGOSAS ACHERON

dizer sim ou não. — E acrescentei não sabendo se para ele ou para mim mesma. — Isso é abuso.

Seu olhar agarrou o meu, com uma sugestão de diversão maliciosa balançando entre eles. Traguei saliva enquanto apertava meus dedos em torno do punhado de lençol contra meu peito, como se Ty pudesse me despir de surpresa. Eu sei, era loucura demais. Ele já tinha me visto nua. Bem, estar pelada queria dizer algo, não?

— Eu não ouvi você reclamar quando ameacei bater no seu traseiro. Ao contrário, você até ficou em posição e me deu a palmatória.

— OH! Você não fez...

Ele abriu a boca para responder, mas foi interrompido pelo barulho da porta.

Deixei minha cabeça pousar no travesseiro, novamente.

Para a minha surpresa, ele trouxe uma bandeja com leite e comprimidos, colocando-a sobre a

PERIGOSAS ACHERON

mesinha de noite ao meu lado. Eu teria agradecido, se não fosse por sua face indiferente e a voz fria quando ele recomeçou a falar, agora, sem me olhar.

— Beba um pouco de leite antes de tomar o remédio para sua ressaca.

Ty se afastou, mas não sem antes me dirigir um olhar decepcionado. Eu me encolhi, sem saber ao certo porque me senti incomodada com aquilo. Quero dizer, eu sabia, era culpa. Contudo, coloquei o sentimento de lado.

Peguei o copo com leite e bebi dois bons goles.

— Sugiro que tome um banho e desça para o café. Meus pais devem estar aqui, com Violet em menos de uma hora — Ty disse da porta e saiu.

Droga!

Eu não queria me levantar agora. Precisava de mais algumas horas de sono para me recompor por completo. Ele também não tinha me respondido, e por mais que eu tentasse não conseguia me lembrar

de nada que tinha acontecido.

Motivada a descobrir se Ty estava zombando de mim ou realmente tinha enlouquecido, eu tomei o remédio e tirei minha bunda da cama.

* * *

— É impressionante. Nós tivemos uma filha. Transamos de todas as maneiras pervertidas, *muitas* vezes. Ontem você esfregou a bunda na minha cara. Agora, veja isso, você simplesmente me ignora com vergonha do que aconteceu entre nós?

Estávamos na mesa do café na cozinha. Uma bem farta que, provavelmente, devia ser obra de Laura. O remédio que Ty tinha me dado estava aliviando. E com a cabeça mais leve, pude me dedicar a outra necessidade do meu corpo. Comer. Estava faminta. Ty e eu não nos falamos enquanto eu me servia, porém, ele estava lá, atento a mim,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com seus olhos de falcão. Esperando por um pedido de desculpa que, francamente, eu não tinha razão para dar. Não fiz nada de errado... Certo, talvez, bebi um pouquinho além da conta. Ainda assim, não devia qualquer coisa a ele. Isso me deixou bastante confusa e irritada por ele cogitar que eu lhe devia satisfações, e pior, me fazer sentir culpada por algo que eu sabia não ter culpa.

Você vê, Ty tinha suas escapadas, até mesmo chegara a dormir fora de casa. E nunca, jamais, se dignou a dizer um sinto muito. E então, agora, eu tinha que me sentir mal por ter tido uma noite pra mim? Uma única vez? Só nos sonhos dele!

Você sente...

Mas Ty não precisava saber disso.

E, sim, eu estava ignorando-o de propósito desde que descí. Não por vergonha, senão porque havia muito em minha cabeça, e eu precisava de tempo para digerir.

PERIGOSAS ACHERON

Devolvi o garfo para o prato e limpei os cantos da boca com o guardanapo, antes de levantar o olhar para ele, minha voz era cautelosa. — Dado as circunstâncias, eu deveria estar furiosa com você por ter se aproveitado da minha alegria.

Ainda havia isso.

Sua sobrancelha curvou. — Embriaguez, você quer dizer?

— Que seja! Aliás, você vê como isso soa bizarro?

— Não vejo a razão.

— Eu não conhecia esse seu lado cínico.

— Você não conhece muitos lados meus, Gabriela. Mas não se preocupe, terá tempo para fazê-lo — disse ele, com um tom arrogante em sua voz e piscou.

— Voltando ao que dizia antes de ser grosseiramente interrompida — ralhei, colocando o copo com suco para baixo. — Eu
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

deveria estar muito zangada, mas prometo chegar lá. Além do mais, — espetei um pedaço de panqueca, — você não tinha nada que ir me buscar no clube como se eu fosse alguma incapaz.

— Você mal conseguia ficar em pé, então sim, você estava incapaz.

— Não sou uma incapaz!

Ele apoiou os antebraços na mesa e me olhou fixo.

— Eu disse que é?

— Não.

— Então pare de cavar culpas para mim, porra. Deveria me agradecer por ter ido te buscar quando você mal conseguia dar um passo sem dar com a cara no chão — ele mordeu fora, pausou, e acrescentou. — Já parou para pensar que hoje poderia estar com sua cara bêbada estampada nas revistas e em sites de fofocas?

Eu pisquei aturdida.

PERIGOSAS ACHERON

Não tinha pensado nisto...

Soltei um curto riso baixo. Claro!

— Ah, entendi.

Voltei minha atenção, agora, para a tigela de salada de frutas e comi um bocado.

— Entendeu o quê?

Soltei uma exalação brusca e o mirei irritada.

— Você está putinho porque um flagra desses poderia manchar sua imagem polida.

— Oh, é mesmo?

— Sim, é mesmo. E quer saber? Se isso tivesse acontecido, você seria o último que poderia me culpar de algo. A minha parte eu fiz e muito bem. Agora, se você não quer colaborar comigo, que culpa eu tenho?

— Essa é a hora que eu te coloco em meus joelhos? — Engasguei e, em seguida, bebi água. Dando a ele um olhar de “*que porra é essa?*” — Realmente, Gabriela, você está tão cheia de merda.

Fixada na sua ideia estúpida de fazer de mim um monstro enquanto você faz o papel de coitada, que não enxerga um palmo diante do seu nariz.

Apertei os lábios. — Assine os papéis.

Uma veia do seu pescoço pulsou. — Consegue pensar em qual seria a leitura da sua bunda bêbada estrelando num vídeo do TMZ? Ou no E! News? E em tantos outros meios? Vamos, Gabriela! Dê-me a manchete.

Abri e fechei a boca. — Eu... — bati meu olhar para baixo, as palavras engatando na minha garganta, de repente, muito seca.

— Não seria a minha imagem manchada hoje. Era você, porra! Hoje seu nome acompanhado de apelidos e manchetes de merda estaria correndo de boca em boca em cada canto do mundo, porque para eles é isso que interessa. Uma polêmica dada de graça. Isso que vende. A porra de uma esposa, da *minha* esposa bêbada numa casa noturna, com as

PERIGOSAS ACHERON

amigas. Puta seria o menor dos seus problemas, porque você, gostando ou não, eu nunca dei motivos para falarem um A de mim. Compreende, Gabriela?

Limpei a garganta e puxei uma lufada de ar.

Sentia-me, de repente, envergonhada, culpada e agradecida ao mesmo tempo. Eu não tinha pensado nesta perspectiva. Ty tinha razão. Os tabloides não eram bons, ainda mais quando tinham uma manchete em potencial e esta seria... um estouro.

Franzi os lábios, levantando o olhar para ele.

— Bem..., eu sinto muito. — E, realmente, fazia.

— Sente muito... Claro — resmungou, voltando atenção para o seu prato.

— Sinto, Ty. Desculpe. Eu... Eu aprecio seu gesto. Obrigada. Não pensei em todas essas coisas. Eu só estava tendo um bom momento com as garotas e, talvez, tenha passado um pouco da

conta...

— Você fez.

— O quê quer que eu diga? Que isso não vai se repetir?

— É um bom começo.

— Certo. Não vou beber daquela maneira outra vez, até porque a ressaca não vale a dose. No entanto, eu não vou deixar de sair com minhas amigas. — E acrescentei. — Mas terei cuidado, até que você caia em si.

Seu olhar fixou o meu, sombrio e ártico, a promessa de retaliação era apenas uma sugestão brincalhona em seus orbes, falsamente, calmos.

— Continue me empurrando, Gabriela, que terá as suas mãos cheias.

— O que quer dizer com isso?

Ty me deu o silêncio e nenhum olhar.

Homem, aquilo era tão ridículo!

Eu tinha errado e admitia. Mas, então, com ou

sem aquele deslize, nossa relação não ganharia pontos, ao contrário, a insistência dele em algo sem remédio somente fazia nossa já decadente relação se afundar mais. Eu estava farta!

— Escuta, — exalei com força, — não temos porque continuar com isso. Não faz bem a nós e logo afetará Violet. Agradeço pelo que fez ontem, mesmo que eu não tenha tido a intenção de fazer algo ruim. Eu só estava me divertindo, enfim.

Calei-me, olhando para ele. Meus olhos buscavam compreensão, uma pontinha sequer de entendimento e razão por parte dele. *Nós* não existíamos. Eu estava realmente cansada. Muito. E Ty com sua atitude arrogante estava fazendo as coisas mais difíceis.

Um irônico sorriso curvou o canto direito de seus lábios.

Ty limpou a boca no guardanapo e bebeu café. Silêncio. Ty era como uma pedra, a expressão de

PERIGOSAS ACHERON

rigidez. A irritação uma sombra escura sobre seu rosto apertado. Franzi meu cenho para sua postura, tentando entender porque ele estava tão irritado comigo.

Cristo, aquele dia estava do avesso!

— Mamãe!

— Bom dia, crianças.

Girei a cabeça, olhando para a minha sogra. O Sr. Bryant vinha logo atrás dela, com Violet no colo. Roxy rodeava-os, animada com os senhores e Violet.

— Bom dia — eu disse.

— Bom dia, mãe.

— Espero que não tenhamos atrapalhado.

Ty usou o guardanapo. — Não fez, mãe. — Ele se levantou, pegando Violet do pai dele enquanto falava. — Eu já acabei, mas sentem-se, por favor.

— Obrigado, querido. Já tomamos café em casa. Violet, também.

— Eu não vou recusar uma xícara de café — disse o pai dele, se sentando à mesa.

Cora riu e o acompanhou. — Claro que não.

Levantei e peguei Violet, que do colo do pai falava pelos cotovelos e agitava os braços para eu pegá-la. Sua boquinha pousou contra a minha um instante depois.

— Bom dia, abelhinha. Dormiu bem? Ou deu trabalho para os seus avôs?

Seus olhinhos brilharam.

— Não deu, mamãe. Dormi com vovô e a vovó.

— Oh, sim?

Ela sacudiu a cabeça, mostrando uma fileira de dentinhos.

— Acordei com um pezinho cheiroso na cara — seu Daniel disse.

— Ela é espaçosa — concordei, sorrindo.

— Ela foi um anjinho — comentou Cora. — Assistimos Nemo, e ela não resmungou para ir para

cama. Essa minha neta está uma mocinha. Ela só reclamou pela coelha.

D. Cora nem bem tinha acabado de falar quando Violet começou a se contorcer em meus braços, querendo ir para chão e logo atrás de sua coelha. Quando não me movi rápida o suficiente para baixá-la, ela gritou próximo aos meus ouvidos. Seu tom fino e alto cortando através da minha cabeça, lembrando que o remédio ainda não havia chegado a seu auge. Gemi com uma careta e a deixei no chão.

— Tudo bem? — Cora perguntou.

— Sim... É só uma dor de cabeça chata.

Ao meu lado, Ty bufou e colocou o braço sobre o meu ombro.

— Aparentemente, minha mulher tem uma queda por tequila.

Eu fiquei tentada a dar uma cotovelada nas costelas dele e o deixei saber disso quando bati

meus cílios para ele. — O papel de Neandertal lhe cai bem.

A mãe dele pigarreou e sorriu para nós, com os olhos esperançosos.

— Pelo jeito se divertiram ontem?

— Gabriela pode lhe responder melhor, mãe, não é, querida?

— E Ariel? — perguntei, tentando sutilmente me desvencilhar do braço de Ty, mas ele o colocou mais firme. Eu lhe dei um sorriso apertado.

Não é que não gostava, apenas que sua aproximação, sobretudo, quando havia a dúvida pairando sobre a minha cabeça, se tinha ou não transado com ele. Bem, isso me punha desconfortável. E, maldito fosse, se ele não sabia disso.

O senhor Bryant respondeu:

— Ela deve estar batendo aqui a qualquer instante.

— Já estou! — O assunto gritou atrás da gente.
— Bom dia, família!

Ela se enfiou entre Ty e eu, dando um beijo em cada um.

— Por que não veio com o pai e a mãe?

— Estava me arrumando para sair com meu irmão astro — brincou, embora para mim soasse como nervosismo, sutil, ainda assim nervoso. — Nunca se sabe quando um paparazzi estará a espreita. Tenho de estar apresentável para as fotos.

Ty estreitou os olhos não muito crente das palavras dela.

— E aonde vamos?

— Comprar o seu presente, claro! Aliás, feliz aniversário, mano.

Foi a deixa para a família parabenizá-lo.

Eu fiquei de lado, observando.

— Sem festa surpresa este ano... — D. Cora estava dizendo com um muxoxo tristonho. — Você

PERIGOSAS NACIONAIS

sempre sabe então, esse ano resolvemos fazer diferente, se você não se importar. Um jantar em casa com alguns parentes e amigos mais íntimos.

Ty balançou a cabeça.

— Não se acanhe por mim, mãe.

— Ótimo. À noite entrego a você o meu presente e do seu pai.

— E eu vou levá-lo para escolher algo — Ariel avisou.

— Sério? Achei que o presente fosse uma surpresa.

— Desde que eu quase nunca acerto, acho bom você escolher algo que queira. Assim não haverá erros. Mas não se anime, tenho um orçamento mínimo.

Ele riu. — Vou me lembrar disso quando for comprar algo para você.

— Ei! Você é o rico aqui, não eu.

— Certo.

PERIGOSAS ACHERON

— Vamos? — ela chamou, agarrando o braço dele.

Ty me olhou por um breve momento, perdendo seu olhar dentro do meu, e eu me senti corar, desconfortável. Tinha sido rápido, porém intenso. Então, eles se desviaram quando Violet correu de volta para a cozinha, mas não sem antes eu ver o brilho de decepção neles. Tive a sensação de haver perdido algo que não devia. Isso me incomodou. Esfreguei minhas mãos juntas e, em seguida, tomei Violet dele, implorando com o beicinho tremulo para ir com ele e a tia. A garota adorava passeios.

— Ty, ela nem bem chegou em casa — argumentei quando ele decidiu levá-la.

Seu olhar zangou-se sobre mim.

— Ela vai sair comigo, Gabriela, o pai dela.

É claro que rolaria uma festa surpresa.

Como não era nada extravagante, foi fácil ter tudo pronto.

Churrasco, bolo, alguns parentes próximos e os amigos mais íntimos.

Ty realmente ficou surpreendido desta vez. O que deixou dona Cora em êxtase. Conversas, risos e música fluíam pelo jardim decorado com balões. A mesa estava cheia de comida enquanto o Sr. Daniel continuava assando mais hambúrgueres.

Eu podia ouvir o mugido enervado das vacas protestando do além.

O dia estava quente, o céu límpido e mais azul que alguma vez já vi.

Eu observei Violet correr para toda parte, exibindo orgulhosa para "tios e tias" a fantasia de Fiona e sua espada, que Ty lhe comprou na saída de mais cedo.

O clima era descontraído, mas não relaxei um segundo sequer.

Essas festas, em particular, costumavam ser meio tensas para mim, pois elas exigiam um teatro a mais e situações realmente constrangedoras. Na maior parte do tempo eu estava desconfortável, para dizer o mínimo. O presente que dei a Ty ocasionou uma ovacionada de pedidos de "beijo", como sempre. Você deve pensar que eu deveria ficar feliz com isso e aproveitar a valer para tirar uma casquinha do meu marido. O que em parte era ridículo. Ele era *meu* marido, oras! E eu confesso, para minha vergonha, fiz isso muitas vezes. Desejando que seus lábios se demorassem mais contra os meus. Ou que eles se partissem e sua

PERIGOSAS ACHERON

língua buscasse a minha. Nunca aconteceu. Ty, ao contrário das vezes passadas, deixou um beijo em minha testa.

Bem verdade que o beijo não vindo me chateou um pouco, mas em secreto eu apreciei a maciez e o calor de seus lábios beijáveis contra a minha pele.

Última vez.

Ty estava aborrecido comigo, e ainda que ele pudesse disfarçar isso muito bem perante os convidados, eu sentia a mágoa em seus olhos me bombardeando.

Muitas coisas estavam diferentes neste ano.

Eu não conseguia aliviar a tensão e o nó no estômago, nem meus pensamentos confusos. Agoniada com a possibilidade de termos dormido juntos.

Meu coração disparava no peito cada vez que pegava seu olhar.

O que isso significava?

Ainda tinha mais essa. O cretino tinha se aproveitado do meu estado de alegria para colocar as mãos em mim. O interessante é que eu não podia discernir se estava zangada por ele ter se comportado como um cafajeste. Ou por eu não ter estado em posse da minha lucidez para participar de sua investida. Caramba! Eu sonhei com isso por meses... anos... E quando a chance apareceu, eu não podia me manter em pé.

Fantástico. Realmente fantástico!

Certo. Eu não deveria seguir por esse lado, uma vez que estava decidida a pôr um fim em nossa relação, contudo, uma despedida digna e real não faria mal.

Humpf!

Peguei uma travessa com louças sujas e me movi para cozinha.

Não havia ninguém lá.

O barulho de fora abafado pelas paredes me

PERIGOSAS ACHERON

deu certo alívio.

Respirei profundo e deixei os ombros caírem, relaxando um pouquinho.

Meu olhar caiu para a minha direita na ilha central.

Eu pensei ser uma má ideia enquanto paquerava a garrafa de vinho tinto quase em seu final. Não parecia muito inteligente beber uma só gota de álcool quando eu tinha acabado de me curar de uma resseca tenebrosa.

No entanto...

Foda-se!

Eu preciso disso.

Esvaziar a garrafa me rendeu meia taça. Bebi devagar em goles curtos.

Ty não se aproveitaria de mim, certo?

Digo, ele tinha seus direitos como meu marido, e por muito tempo eu quis que fizesse uso deles, mas Ty não seria capaz de me usar enquanto eu

PERIGOSAS NACIONAIS

estava bêbada.

Deus, precisava tirar isso a limpo!

Ocorre que ele não parecia nenhum pouco disposto a explicar aquela dúvida. Ele estava com raiva de mim, se divertindo com minha incerteza angustiante.

Tomei mais um gole.

Afinal, o que isso importa realmente?

Mudaria algo?

Significava algo?

Eu, particularmente, não estava sentindo qualquer diferença, exceto seu aborrecimento direcionado a mim, que me conduziam a resoluções não tão atraentes e talvez um tanto quanto loucas e depressivas. Precisava deixar isso pra lá.

Baixei a taça para pia e joguei a garrafa vazia no lixo...

Congelei, o olhar fixo.

O que era aquilo?

PERIGOSAS ACHERON

Mantive aberta a tampa do lixo da cozinha, atraída por...

Eca!

Eu não deveria mexer lá, mas já era tarde.

Cerrei o olhar quando a confusão me pegou enquanto observava o lixo.

Flores. Um grande buquê de flores silvestres.

Comida.

Eu não fiz aquilo.

Oh, meu Deus...

Minha boca caiu aberta e meu coração encolheu um pouquinho, doendo.

Será que Ty trouxe alguém aqui?

Isso seria explorar um novo nível de humilhação.

Ele não seria capaz, seria?

— Eu comprei para você ontem.

Endireitei minha postura, lentamente. Olhando para Ty na outra ponta do balcão. Mais perplexa

por sua fala do que por ele ter lido minha mente.

Ele me olhava de volta de um jeito que eu não podia lê-lo.

— Pra mim?

— Por que o espanto? A mãe ficou com Violet para que pudéssemos ter um momento para nós dois. Ariel disse que você tinha aceitado.

— Eu deveria ter adivinhado? — espinhei, endurecendo a coluna ao ouvir a acusação em sua voz baixa, seus olhos não estavam diferentes. — Achei que fosse sair.

Sua cabeça balançou bruscamente.

— Pois é. Eu deveria ter feito exatamente isso — ele resmungou, pegando dois packs de Budweiser na geladeira. — Mas não, cheguei em casa e você já não estava. Comprei as flores, preparei o jantar, pensando que poderia te surpreender e tirar um momento pra gente, você sabe, só ficarmos confortáveis e conversar sobre

PERIGOSAS NACIONAIS

nós, nosso casamento... qualquer coisa, mas você estava ocupada bebendo com suas amigas.

Ele não esperou minha resposta, nem me deu um segundo olhar.

Ty deixou a cozinha e a culpa ficou pulsando no ar.

O fato de não haver acusação na sua última sentença, apenas decepção crua, resignada, só fez eu me sentir pior. Eu passei de angustiada para culpada num minuto.

Puxei uma respiração funda, brava comigo mesma de repente.

Joguei uma última olhada para o lixo, tentada pelo súbito apego, que senti por aquelas plantinhas, a resgatar as flores, agora, murchando, porém não fiz.

Eu estava lívida, culpada... e derretida.

Ele tinha mesmo feito um jantar para mim?

Comprado flores?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Uau! Quero dizer, minha nossa! Isso... isso era... Nossa!

Juntei-me aos outros no jardim e entrei no modo automático.

Eu queria falar com Ty, mas sabia que aquele não era o momento certo.

Mais tarde.

Ele tinha feito um jantar pra mim... E comprado flores, pontuei em mente.

O chiado de alegria fez meus lábios oscilarem por um bom tempo enquanto me dividia cuidando de Violet pulando loucamente em todas as direções e fazendo o social com os convidados. Talvez um resquício de esperança, que mesmo eu não sabia possuir ainda, tivesse inflamado dentro de mim. Expectativa crepitou no ar.

Eu me sentia estranha... hesitante... muito confusa e agitada.

Olhava para Ty falando com os primos e minha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

barriga gelava, e quando ele pegava minha encarada, eu não podia desviar. Meu coração queria sair do peito.

Eu podia não identificar meus sentimentos corretamente, contudo, uma coisa era certa: minhas paredes endurecidas estavam menos resistentes e mais baixas.

Não sei se era certo ou saudável. Era um risco. Incontrolável, no entanto.

Baixei a guarda com extremo cuidado, lentamente, pronta para reerguê-la de imediato ao menor susto, ainda que houvesse uma forte desconfiança. Você sabe. Há coisas que você não pode lutar contra, exceto sentir e ver o que acontece.

Eu não era uma das mais corajosas, mas também não era uma completa cagona.

Talvez Ty realmente quisesse tentar.

Talvez não fosse tão tarde assim para tentar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Será que ainda podíamos concertar as coisas entre nós?

Construir um verdadeiro nós?

Possibilidades encheram minha mente, brotaram em meu coração e cantou em meu sangue com uma comoção animadora e inquietante ao mesmo tempo.

Sinos de alerta soaram no fundo da minha cabeça. Ignorei.

Eu podia dar uma chance a ele?

Era seguro?

Antes que formulasse as perguntas na cabeça, eu sabia as respostas.

Não era uma questão de poder, senão querer.

Eu *queria* dar uma chance a Ty. Precisava. Queria que ele de verdade, enfim, fizesse bom uso dessa chance. Que quisesse nos dar algo real no que trabalhar. Porque eu estava muito cansada de nunca ter, de só imaginar, das ilusões intocáveis...

PERIGOSAS ACHERON

Necessitava da coisa real entre meus dedos, da sensação corpórea e da realização real.

Não havia segurança quando se tratava de viver.

Olhando para Ty de canto de olho, eu não sabia se iria acreditar nele caso ele realmente fizesse uma aposta em minha direção, mas estava disposta a pagar pra ver.

Meia hora depois, nós cantávamos os parabéns e Violet assoprava as velas com o pai. Toda festa de aniversário da família acabava se tornando dela no fim.

— Quem sabe no ano que vem não comemoramos com mais um membro na família, hein? — Seu Daniel brincou. — Não devem demorar muito para ter outro filho. Seria bom para as crianças crescerem juntas assim não terão muito trabalho.

Um bebê? Na nossa situação atual um bebê era

PERIGOSAS ACHERON

uma possibilidade inexistente. Mas a ideia do treino... Bem, eu não vou mentir, era muito atraente.

Enrubesci e dei um olhar tímido para Ty.

— Letty gostaria de um irmãozinho ou irmãzinha, não é mesmo, princesinha da vovó? — Dona Cora gracejou entusiasmada, pegando Violet do filho.

Eu não a culpei por achar a ideia salvadora, ainda que louca.

Ty deu um sorriso de lado, misterioso. Muito bonito. Tentador. E eu puxei uma respiração, nutrindo meu coração com calma quando minhas reações zombaram de mim. Ele pesou o braço em meu ombro e deixou um beijo em minha têmpora.

— Talvez possamos pensar em algo.

Ty não estava me olhando quando falou, ainda assim me fez fraca.

Espere... Isso era malícia?

PERIGOSAS NACIONAIS

Minha barriga esfriou em níveis glaciais.

De repente, eu estava ansiosa demais para estarmos sozinhos.

Dona Cora e o Sr. Daniel sorriram um para o outro, como se estivessem satisfeitos com eles mesmos. Eles assentiram, sorridentes, e começaram a servir bolo.

Depois que Violet deu conta de se banhar de suco de uva e sujar toda a cara com o bolo, eu a levei para o banheiro, limpei e retornamos ao jardim com os outros.

O sorriso em meu rosto morreu no instante que girei o olhar.

A figura magricela de longos cabelos e sorriso vadio ao lado de Ty me fez ferver até os ossos, as garras do ciúme cavou fundo no meu peito e eu incendiei.

Sério, porra?

Era assim que Ty-fodido-Bryant queria se
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acertar comigo? Me jogando essa atitude de merda? Trazendo sua cadela para nossa casa? Debaixo do maldito teto, onde sua filha e eu morávamos? A mesma cadela que ele disse não ter mais nada?

Minhas mãos tremiam quando as fechei em punhos apertados.

Minha respiração veio dura.

Humilhação me lavou com ácido.

E eu idiota pensando que ele queria tentar. Eu até queria dar essa droga de chance a ele. Merda. Baixei minha guarda disposta a dar esse passo... a deixar...

Existe um limite para estupidez?

Eu deveria ter superado todos eles!

Meu nome tinha que estar no maldito livro de recordes de idiotas.

Respirei, tentando soltar meus nervos em vão. Eles estavam rígidos sob a pele. Eu podia me sentir endurecer até a espinha, minha mandíbula tão

PERIGOSAS ACHERON

apertada que doía.

A raiva combinada ao ciúme, um montão de humilhação e frustração me empurrou quando caminhei para Ty. Determinação marcando meu rosto fechado. Eu sei que ele me leu tão claramente como se eu fosse um livro aberto. Seu olhar se tornou alerta num instante, a postura relaxada tencionou e me enraiveceu mais.

Ty fez metade do caminho antes que eu tivesse a chance de alcançá-los.

— O que ela está fazendo aqui?

Grunhi a pergunta quando ele esteve perto o bastante.

Ocorre que eu não queria escutá-lo, não queria realmente uma resposta. Minha atenção estava focada demais para que me desviasse de meu objetivo.

Passei por ele, me desviando de sua mão.

O sorriso em meu rosto era tão falso quanto à

PERIGOSAS ACHERON

atitude *nem-aí* de Tara.

Eu a matei de mil maneiras diferentes nesse curto espaço entre nós.

Ela sabia. O reconhecimento lampejou em seus olhos grandes demais para seu rosto de dissimulada simpatia. Sorri sem mostrar os dentes, jurando a mim mesma que não ia pegá-la pelos cabelos quando ela me olhou de volta em desafio.

Ty estava bem atrás de mim, tenso e irritado.

A traiçoeira amabilidade em minha voz baixa fluiu quando parei na frente dela.

— Tara.

— Gabriela.

Não dê na cara dela.

— Está se divertindo?

Ela bebeu de seu copo e sorriu, vacilando.

Não tão segura, hein?

— Não é nada badalado como costumávamos fazer, você sabe, antes dele se casar, mas os
PERIGOSAS ACHERON

aniversários de Ty são sempre um acontecimento.

— Deve sentir falta da solterice dele, estou certa?

— Gabriela — ele rosnou, tocando minha cintura.

— Eu seria louca se dissesse que não. — Ela riu. — Quero dizer, olhe para ele. Seu marido é um pedaço de mau caminho. Aposto que as fãs dele concordam comigo.

— Oh, é mesmo?

Eu olhei para o vagabundo, minha atenção rapidamente capturada para o colar em seu pescoço. Um que não estava lá antes. Estreitei o olhar, desconfiada.

Sabe quando todos os alertas em sua cabeça soam?

Eu tinha todos esses sinos malditos batendo.

— Não fique chateada, e, por favor, não me entenda mal. Você é casada com um astro de
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Hollywood. É natural que ele tenha uma gama de admiradoras.

— Isso para não falar na gama de vagabundas disposta a serem usadas, ainda que ele seja casado e tenha uma filha, certo? É, eu sei. Boa coisa que eu seja oficial, né?

— Tara talvez seja hora de você ir. — Ty não disse, ele ordenou.

Eu assisti o lampejo de raiva cruzar seu olhar, antes dela se voltar toda amável.

— Ah, é verdade. Preciso encontrar minha mãe no Sansa. — Ela deixou o copo na mesa ao lado e, em seguida, olhou para ele, depois para mim e voltou a fixar-se nele. — Espero que tenha gostado do seu presente. Passei semanas procurando por ele.

— O que exigiu semanas? — perguntei curiosa.
Ela sorriu.

— O colar.

PERIGOSAS ACHERON

Eu olhei.

Não bata nela.

Ele colocou...?

— Eu não queria colocar — ele disse se explicando.

— Bobagem! Precisávamos ver se ficaria bom — ela cortou com arrogância. — Tenho certeza que Gabriela não se sentirá ofendida por isso. É apenas o presente de uma amiga. Deu-me tantos. Não podia deixar de escolher algo para você, também.

— Posso ver? — falei, já alcançando ao redor de seu pescoço, e tirei o colar masculino. Era a posse dela. Uma marca, que eu odiei com todas as minhas forças. Olhei para o objeto na minha mão e senti vontade de vomitar. — É bonitinho.

Ela olhou indignada. — Bonitinho?

Com o colar seguro em minha mão, fechei a outra em seu braço.

— Está com sua bolsa, querida?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim... Mas o que está...?

Meu olhar a calou e eu firmei meu aperto, certa de que lhe daria uma marca.

— Gabriela...

— Vá cuidar da nossa filha enquanto acompanho sua amiga até a saída.

A arrastei comigo antes que qualquer um pudesse contestar. Cora nos encarou quando passamos por ela, e eu sorri simpática. Ela nos olhou apreensiva.

De soslaio, vi Ariel ao lado do seu Daniel na churrasqueira, olhando para nós.

— Está tudo bem?

— Sim. Eu só vou acompanhá-la até a porta.

— Está na minha hora, Cora. Até mais.

Eu realmente não sei o que faria se Tara dissimulasse a vítima agora.

D. Cora assentiu, sorrindo com estranheza, mas não se opôs e me olhou se desculpando. Eu sorri.

PERIGOSAS ACHERON

Fiz meu caminho até a porta, parei no limiar e soltei Tara.

De frente para Harris, eu deixei todo meu nojo por ela transparecer.

Eu não a deixei falar. Ela não precisava. Ela só precisava escutar.

— Eu não sei quem te convidou, se ele ou Cora. Isso realmente não importa. Eu sei que você gosta de ser a cadela dele e também sei que cadelas como você não tem respeito nem por si mesma. Então, não vou exigir que você faça o esforço de ter o que nunca possuiu. Mas, enquanto eu viver aqui, com a filha e o marido que você gostaria que fossem seus, nunca Tara, nem mesmo por um fodido segundo sequer ouse colocar sua imundice na minha casa, novamente. Putas não vêm aos lares dos amantes. Putas vão para os becos e hotéis para serem usadas da única maneira que elas servem. Sempre escondido. Sabe por quê? Lixo a gente não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

expõe com orgulho diante dos amigos e da família. Lixo se esconde, varre-se para debaixo do tapete.

Ela abriu a boca, mas parecia perplexa demais para falar.

O peso da sua sem-vergonhice na minha mão me chamou atenção. Se fosse possível, teria derretido a peça, feito-a em cinzas antes de assoprar isso na sua cara.

— Seu presente não é bonitinho, é ordinário como você. — Joguei o colar em sua cara, querendo mesmo que fosse o peso da minha mão. — Passar bem.

Bati a porta em sua cara.

Minha respiração alta e dura. Raiva crua.

Plantei as mãos tremendo no quadril, fechei os olhos e respirei fundo.

Eu, porra, não ia chorar!

— Gabi?

Pisquei a queimação para longe dos meus olhos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e limpei a expressão doente do meu rosto, antes de virar para minha cunhada, olhando-me com preocupação.

— Está tudo bem?

— Claro.

— Tara já foi?

— Sim.

— Vocês brigaram?

Levantei a sobrancelha. — Desculpe?

— Você e Tara. Vi vocês vindo pra cá. Vocês brigaram?

— Não, é claro que não! Por que brigaríamos? Ela tinha outro compromisso, com a mãe dela, se não estou enganada... Eu apenas a acompanhei até a porta. Só isso.

Movi-me na intenção de ir para cozinha.

Sua mão me alcançou.

— Você não precisa fingir. Não comigo. Sabe disso, não sabe?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

De maneira nenhuma, eu estava expondo minha humilhação para ela.

— Eu confio em você, Ariel... Está tudo bem.

— Sei que não gosta da Tara... talvez... bem, talvez com *muita* razão...

— Está tudo bem, Ariel — garanti, com um aperto em sua mão.

— Okay. Se precisar conversar, você sabe...

— Sim, eu sei.

— Você precisa?

— Não. Não agora. Está tudo bem. Realmente. Vamos voltar.

PERIGOSAS ACHERON

Depois que todos tomaram seus caminhos, logo após o pôr do sol, eu me entreguei a um demorado, silencioso e merecido, banho de espuma perfumado.

Os senhores Bryant ficaram um pouco mais para ajudar com a limpeza.

Ty e eu não falamos, nem trocamos olhares. Também não acho que tínhamos muito que falar depois da aparição de Tara. Toda e qualquer inclinação de dar uma oportunidade a ele foi enterrada pela minha humilhação. Minhas ilusões estavam por terra, como sempre. Se antes a minha guarda estava forte, agora ela estava blindada. A parede tão alta que um maldito alpinista radical

desistiria da escalada só de olhá-la.

Eu já deveria saber que com a gente sempre seria assim, fracasso sobre fracasso.

Minha raiva tinha diminuído dando lugar à mulher conformada, que eu havia me tornado ao longo dos anos, e agora, não gostava mais de ser. Porém, não havia nada que eu pudesse fazer até que Ty se tocasse que nós não estávamos indo a qualquer parte. Eu daria este tempo a ele. Um mês. E então, eu tomaria minha saída.

Entrei num vestido jeans estilo camisa e calcei chinelos.

Na cozinha, guardei o restante de louça limpa, peguei um copo com água e comecei a responder as inúmeras mensagens das minhas garotas. Sorrindo maliciosa ao descobrir que compartilhamos a dura ressaca.

Uma nova mensagem de Kendra apareceu.

Jantar? Nós duas? Nobu?

— O pai e a mãe foram embora quase agora. Eu já coloquei o lixo pra fora. Ariel deu banho em Violet, fez a mamadeira e a deixou na sala vendo Shrek, antes de ir.

Ty entrou na cozinha. Ele foi até a pia e lavou as mãos.

— Eu vou colocá-la na cama então. — Saltei da banqueta, com a intenção de ir até a minha menina, mas parei. — Você pretende ficar em casa hoje?

Ele me olhou em branco por um longo minuto.

— Você fez planos?

— Na verdade...

— Na verdade porra nenhuma, Gabriela — rugiu baixo. — Você não vai tirar seus pés de dentro de casa hoje, e eu quero dizer exatamente isso.

Ergui o queixo, incrédula.

— Oh, é mesmo?

Ty pisou para mim, inclinou a cabeça para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

baixo, os olhos nos meus.

— Continue me empurrando e eu vou te colocar em meus joelhos, e, deixar seu rabo vermelho e brilhante, até que perca essa atitude de merda.

Olhei chocada. — Como se atreve?

Ty deu um longo suspiro e, em seguida, respirou fundo.

— Eu estou tentando aqui, Gabriela, mas você insiste em me empurrar para longe. Me dê uma folga, porra. Ou vou acabar acreditando que tudo que me disse é mentira.

— Eu não me importo com o que você acredita, Ty.

— Sim, você se importa. Só é muito orgulhosa para admitir que está brava comigo por causa de Tara. E, como sempre faz, prefere se calar e me culpar, ao invés de conversarmos e esclarecer qualquer porra de mal-entendido entre nós.

PERIGOSAS ACHERON

Não respondi, meus lábios apertados com raiva.

Eu odiava que ele tivesse razão, mas não estava lhe dando isso. Poderia haver uma sugestão de vingança, que me era muito convidativa, de ignorá-lo, ser indiferente. Fazê-lo provar um pouquinho do que passei em silêncio enquanto ele festejava por aí.

Não dar chances a ele.

Só deixá-lo perseguir isso sem nunca alcançar.

No entanto...

Ty se afastou, esfregou a mão no rosto e a plantou no quadril. Seus ombros caíram com se ele estivesse cansado, e eu me perguntei do quê. De ser safado, talvez?

— Eu quero me acertar com você, Gabriela. Tentar um recomeço para nós dois, para nossa filha, nosso casamento, mas você está tornando isso muito difícil.

— Quer tanto que aceitou sua puta na minha

PERIGOSAS ACHERON

casa.

— Eu não convidei Tara nem ninguém, Gabriela. Não a chamei para qualquer parte perto de mim. Não falo com ela desde o natal. Eu nunca a traria aqui.

— Não haja como se não tivessem tido uma história — ralhei, de repente, com raiva de tudo. Todos os motivos girando ao redor da minha mente.

— Não estou negando — ele refutou, se irritando e correu a mão pelo cabelo num gesto frustrado. — O que quer escutar, Gabriela? Namoramos no passado, e depois a comi por um longo tempo, mas acabou. Não a amo. Não estou apaixonado por ela.

Cruzei os braços, meus olhos cerrados, ignorando a onda de alívio.

Ty podia não amá-la, não estar apaixonado, não tê-la convidado, ainda assim ele teve mais

PERIGOSAS ACHERON

consideração por ela do que por mim. Dando a ela o que nunca me deu.

Tara fez questão de me lembrar os muitos mimos recebidos. Presentes que deveriam ser meus, que ele escolheu para ela. Deu-lhe noites, carinho, prazer... Não se tratava apenas disso. Era a consideração, a demonstração de afeto, a representação por trás de cada ato.

Meus olhos pinicaram enquanto meu coração apertava com rancor.

Olhei para ele querendo esganá-lo.

Estava louca de raiva e queria despejá-la nele.

— Eu não acho que ela viria aqui sem ser convidada.

— Você está se ouvindo? Como, porra, eu poderia ter convidado alguém se não sabia que minha mãe tinha preparado uma festa? Deveria ter adivinhado?

— Por favor! Ela não apareceria aqui se você...

— pausei, assistindo com desconfiança, ele pegar o celular e discar. — O que está fazendo?

Seu olhar se trancou no meu. Pura determinação.

— Ei, mãe... Sim, sim. Tudo... Poderia me dizer quem convidou Tara?

Meus olhos cresceram em espanto por ele trazer sua mãe para isso. Era muito vergonhoso. Humilhante. Ainda assim, uma parte minha queria muito ouvir a resposta.

Ty me deu isso.

A voz de dona Cora soou clara no viva-voz.

— Eu fiz. Bem, não realmente. Você sabe. Todo ano fazemos algo, e ela sempre participou, pelo menos até o casamento... Encontrei-a essa semana e ela... uh... sabia que íamos fazer algo e me perguntou se poderia participar... Por que, querido? Não me diga que arrumei problemas pra você? Eu sinto muito. Não achei que, bom, sei que

Gabriela tem ciúmes... É, agora vejo que fiz uma burrada... Sinto muito mesmo, filho.

— Tudo bem, mãe.

Corei, embaraçada, com seu olhar insistente.

— Gabriela ficou chateada, não é? Eu posso falar com ela e explicar.

— Está tudo bem, mãe. Obrigado. Eu preciso desligar agora. Boa noite.

Ty desligou, mas não disse nada. Não precisava. Sei como eu parecia.

Uma boba ciumenta.

Quanto mais nós nos olhávamos mais vermelha eu ficava.

O silêncio cavou um buraco fundo entre nós, deixando-me inquieta. Respirei fundo, enchendo-me de coragem, muito por não aguentar aquela situação.

— Não importa o que aconteça, você sempre pensará mal de mim, antes que eu sequer tenha a

PERIGOSAS NACIONAIS

chance de me explicar. Você nem me deu os parabéns, Gabriela.

Deixei meus braços caírem, os dedos apertados contra as palmas.

Não queria me sentir culpada, nem que Ty visse isso. O pensamento de dar a ele qualquer poder extra para me machucar, aterrorizava-me. Ele já tinha pavimentado essa estrada, não precisava começar outra.

— Eu te dei um presente. — E completei bruscamente incapaz de me segurar. — É muito mais do que você merecia depois do que fez comigo.

— Você não escutou a mãe dizer...?

— Eu não estou falando disso. — Me recusava a pedir desculpas.

— Então de que porra é?

— Você abusou de mim enquanto eu estava bêbada.

PERIGOSAS ACHERON

Eu mal registrei seu movimento, engolindo meu susto quando ele entrou na minha cara, o rosto tão duro quanto o mármore. Duro e cruel. Muito furioso.

Raiva rolou através dele, atingindo-me em cheio.

— Você realmente acha que eu te comeria bêbada, caralho? Quando você mal podia se manter em pé? Que tipo de cara pensa que sou, Gabriela?

Eu olhei, corando violentamente, envergonhada, minha própria raiva abrandando, dando-me conta de quão boba fui. Ty tinha algumas formas de me ferir, mas ele nunca me machucaria assim. O *sinto muito* formigou na ponta da minha língua.

— Não foi justo me deixar pensando que fizemos algo — eu disse, ao invés.

Ele me deu um olhar malvado. — Ainda que não tenha sido uma real punição, ela foi mínima e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

muito justa comparada ao que você merecia depois de ser tão descuidada consigo mesma e se colocar em perigo. E, francamente, Gabriela, eu pensei que me conhecesse o suficiente para saber que nunca te feriria desta forma. Isso só me faz pensar o quão bem pensa de mim.

Eu olhei... olhei... olhei...

Eu segui olhando para Ty com a mente em branco. Incapaz de falar. Muito cansada para sequer pensar... sentir por mim ou por ele... de lutar... de tentar...

Derrotada.

Resignada.

Conformada.

Nada do que falássemos, nenhuma ação mudaria a trilha de erros e de feridas deixadas para trás. Algumas dores não podiam ser curadas ou amenizadas não importa o quanto tentasse. Eu já estava bem farta, muito entregue, para batalhar por

PERIGOSAS ACHERON

algo agora.

Enchi os pulmões de ar e deixei meus ombros caírem quando baixei o olhar.

— Tudo bem. Desculpe, eu... Boa noite — murmurei baixinho.

Girei e comecei a sair.

— Você está muito cega para enxergar além do seu papel de pobre vítima — ele zombou, com um riso distorcido na voz irritada.

Parei, lançando um olhar sobre o ombro.

— Eu sou tão culpada quanto você foi santo neste casamento.

— Nosso casamento ainda está aqui, Gabriela, nós ainda estamos aqui.

— Nosso casamento assim como o nós nunca existiu, Ty.

Ele cruzou os braços sobre o peito. A expressão. O olhar. A pose. A voz muito arrogante e provocativa, fez-me querer arrancar os meus

PERIGOSAS ACHERON

cabelos e depois os dele.

— E nunca existirá no que depender de você, não é? Não é assim que sempre foi? Não existiu antes, não existe agora, pois, ao que parece, desde o início eu sou o único que deve trabalhar para esse relacionamento dar certo, embora uma relação para existir dependa de duas pessoas olhando na mesma direção. E você, Gabriela, sempre olhou para a sua própria bunda. Eu até entendo, sua bunda é deliciosa, eu poderia olhar para ela durante anos sem enjoar, mas querida, não pode exigir de mim o que nunca me deu.

Poupei-lhe um olhar, inconformada.

Ele estava me elogiando ou ofendendo?

— Está brincando, né?

— No dia que entender que eu sou um simples homem sem nenhum poder, que assim como você, eu nunca serei capaz de adivinhar o que sente, o que quer ou espera de mim a menos que me diga

PERIGOSAS NACIONAIS

isso... talvez nós então possamos recomeçar do zero.

— Talvez você só devesse ter olhado com um pouco mais de atenção.

Ty deixou os braços caírem, a expressão suavizando quando deu um passo para mim e parou. Sua voz perdeu a dureza para uma entonação macia.

— Eu te olhei, Gabriela, e não enxerguei nada além de distância.

— Então não olhou direito — mordi, dura da cabeça aos pés.

— Ou talvez seja você que não tenha demonstrado do jeito certo. Você também não me viu, no entanto, não me vê jogando isso na sua cara toda vez que tento uma conversa.

Eu ri, de raiva, de nervoso. Meus olhos queimando.

— Oh, eu vi... E o que vi, eu não gostei.

PERIGOSAS ACHERON

— Não, não viu — replicou, com um olhar penetrante, chegando até mim. Tentei empurrá-lo, colocar alguma distância segura que não me fizesse quebrar em sua frente, mas Ty não permitiu agarrando meus pulsos, obrigando-me a ficar. — Se tivesse me enxergado como queria que eu fizesse com você, agora nós estaríamos na nossa cama fazendo amor, não tendo essa conversa... Esteve tão focada em minhas falhas e em cauterizá-las em sua mente, que não viu que eu esperei por um longo tempo que você me desse qualquer sinal para me aproximar, que me pedisse para ficar ou, foda-se, me convidasse para fazermos algo juntos. Que me convidasse para me juntar a você na cama enquanto amamentava nossa filha e compartilhasse isso comigo. Eu estive lá todo o maldito tempo, observando, esperando paciente você me chamar para perto, qualquer maldita coisa, mas você nunca me viu, Gabriela. Esteve cega antes e está cega

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

agora.

— Você fez um grande trabalho ao me demonstrar que queria mais — debochei, me aborrecendo mais quando ouvi o choro em minha voz embargada.

— Um trabalho tão bom quanto o seu.

Eu olhei por uma infinidade de tempo, muda, mal absorvendo o impacto de suas palavras, e então, olhei por mais um bocado, antes de desistir balançando a cabeça.

— Isso é inútil.

— Claro que é — zombou ele. — É inútil porque seu orgulho e rancor são maiores do que o sentimento que diz ter por mim, para admitir que é tão culpada quanto eu.

— Seu canalha! — exclamei, enfurecida, tentando bater nele com meus punhos sem sucesso. — Eu nunca te desrespeitei! Nunca. Nem uma só vez!

PERIGOSAS ACHERON

— Desrespeito não possui uma única cara, Gabriela.

Pisquei loucamente, espantando as lágrimas.

— Isso não muda nada — ladrei, sentindo meu controle escorregar para mais longe.

— Muda se você quiser que mude.

Desta vez, sacudi a cabeça mais bruscamente.

— Não posso fazer isso comigo mais... Não posso...

Ty soltou meus pulsos, agarrou meu rosto em suas mãos e fez-me olhá-lo.

— Sim, você pode. Não vou aceitar um não. Essas recusas acabam hoje.

Ele me beijou. Assim, do nada, de repente. À princípio, eu estava muito chocada para uma reação quando sua boca usurpou a minha, sua língua empurrou trilhando meus lábios com paciência e sedução. Eu relaxei tão devagar que o mundo pareceu girar em câmera lenta quando, com um

suspiro trêmulo, parti os lábios e deixei Ty me beijar.

Ty enfiou a língua na minha boca, construindo o beijo sem pressa.

Intenso... Aprofundando... Persuadindo...

Ele roubou meu ar. Meus pensamentos. Meu controle.

Meu coração batia muito forte.

Eu apenas fiquei lá, fraca e impotente, enquanto Ty movia seus lábios cheios.

Arrisquei um movimento contra sua boca... e parei arrebatada pela súbita onda de desespero com um quinhão de incapacidade, meu coração doendo, toda a mágoa nadando em minhas veias. Confundindo-me. Inquietando. Molhando meus olhos pela tristeza daquilo que nunca tive. Jogando as palavras através de meus lábios levemente inchados e úmidos de seu beijo, que no outro momento me fizeram sentir ainda mais estúpida por

PERIGOSAS NACIONAIS

deixá-lo saber o quanto sua atitude me afetava.

— Deu presentes pra ela.

— Eu quero dar o futuro para você, Gabriela.

Neste ponto, eu estava chorando contra sua boca.

— N-Não... quero mais...

Ele me deu um pequeno beijo molhado.

— Quer sim.

— Isso é...

— Não diga que é inútil — ele disse, estudando-me de perto. — Pode dizer que não se importa, que não me quer mais, mas você sabe que está mentindo.

Eu fitei, muda, através dos meus olhos turvos, sentindo seus polegares deslizarem com suavidade traçando a linha da minha mandíbula. Ty não tirou os olhos de mim.

— Eu quero você, Gabriela.

— Não...

PERIGOSAS ACHERON

Um novo beijo cortou minhas palavras e, em seguida, ele recuou.

Seu fôlego se fundiu ao meu, tentando-me tanto.

— Eu quero construir algo com você, mas preciso de você nisso também.

Eu olhei. Meu peito subindo e descendo com a respiração pesada. Ele também estava afetado recordando-me de tempos atrás, quando ele me fazia queimar e eu sabia que o queimava de volta. Ty foi meu único homem. O primeiro de muitas primeiras vezes e, para ser franca, eu estava bem com isso. Seus olhos escuros ardiam com um aquecimento de algo, que eu me recusava a reconhecer. Eles pareciam sinceros.

Eu quis acreditar nele. Eu acreditei.

Enquanto nos olhávamos, a tentação cercou as bordas do meu medo.

Ty abaixou a cabeça, me olhando, e pausou,
PERIGOSAS ACHERON

dando-me a chance de correr. Eu fiquei. Ele me beijou de uma forma que nunca tinha me beijado antes. Com paixão incendiária, queimando meus sentidos, pulverizando minhas reservas com cada beijo.

Estiquei as mãos, traçando-as em seu pescoço e o beijei de volta com tanta força, com tanto desejo, tanta vontade, que minha boca doeu. O leve gosto metálico só me fez beijá-lo mais. Ty não se afastou, nem reclamou. Ele me beijou mais forte, ao invés. Injetando calor em minhas veias. Violento. Abrasador. Suas mãos perseguiram meus flancos indo para baixo, e na altura do meu quadril deslizaram para trás, enchendo-as com minha bunda. Ele amassou, me puxando, pressionando contra ele. Forte. Fazendo-me senti-lo.

Ele me queria.

Oh, Deus...

Ele realmente me queria e não estava

escondendo isso.

Calor floresceu entre as minhas pernas.

Eu tinha esses sinos tocando fraco em uma parte remota da minha mente, mas não dei ouvidos para eles, não quando os lábios quentes de Ty trilharam meu pescoço.

Fechei os olhos, dobrando a cabeça para dar espaço a ele, perdida na sensação.

Sentia-me quente. Cada parte em mim. Eu não tinha uma contagem para fazer comparações, mas duvidava que houvesse outro homem tão bom quando Ty.

Ele me fazia arder, derretendo-me até os ossos.

Ele voltou a pegar minha boca.

Uma mão escorregou por debaixo do vestido e subiu levando a peça junto até agarrar meu seio, deixando-me seminua da cintura para baixo, com o vestido amontoado em seu braço. Ele não moveu a mão. Só a deixou lá. O contato íntimo endurecendo

meu mamilo contra sua palma grande. Eu não tentei afastá-lo, arqueando-me contra seu toque, ao invés.

Ty gemeu rouco em minha boca e não deixou de me beijar.

Ele desviou o ataque de volta para meu pescoço, e eu pude oxigenar minha mente, tentar pensar um pouco no que estava fazendo... Meus olhos nublaram e um gemido baixo de prazer se derramou dos meus lábios. Ty lambeu meu mamilo, molhando com a saliva, antes de chupar com um estalo cheio. Eu não deveria me entregar, mas já era tarde demais quando pousei a mão em seu cabelo e o segurei, mantendo-o para o meu peito. Minha outra mão em sua cintura, apertando, induzindo-o a se pressionar mais contra mim, e ele me deu exatamente isso. Flexionando os joelhos e impulsionou o quadril para cima, se esfregando em mim. Minhas pernas se afastaram num movimento involuntário. Ty chupou mais forte, e me fez

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

suspirar com a sensação. Com um movimento hábil, ele me içou para cima e minhas pernas se trancaram ao redor dele enquanto ele caminhava, e, em seguida, senti minhas costas pressionarem contra a geladeira. Coisas caíram. Ty não desperdiçou nenhum minuto. Nenhuma vergonha ou inibição. Ele se esfregava, moendo forte contra meu centro. A sensação áspera de seu jeans, a protuberância dura produzindo o atrito perfeito em meu ponto mais sensível. Eu comecei a ficar molhada, logo estava doendo, pulsando.

Sua boca rasgou para cima em minha orelha.

— O dia que comer você novamente, Gabriela, e eu vou, eu a quero bem acordada e sóbria, seus olhos nos meus quando estiver dentro de você, para que não tenha dúvidas a quem você pertence. Eu.

Seu sussurro foi perverso.

Estremeci, choramingando, com seu encanto sedutor.

PERIGOSAS ACHERON

Estava cheia de necessidade feminina. Uma que eu tinha me acostumado a ignorar, e agora, efervescia em cada extremidade do meu corpo. Fez-me querê-lo tão duro.

Ty empurrou mais forte, quase violento, moendo mais e mais. Um frenesi delicioso. Meus olhos rolaram com prazer enquanto minha cabeça caía para trás contra a porta da geladeira. Se ele continuasse me tentando assim, eu iria molhar seu jeans.

Fechei os dedos em seus cabelos, engolindo golfadas de ar...

— Mamãe?

Eu me afastei de Ty tão rápido, que foi um milagre não ter dado com a cara no piso quando minhas pernas vacilaram quando coloquei os pés no chão. Ele segurou minha cintura me estabilizando, antes de apertar minha roupa e meu cabelo em tempo recorde. Evitando olhar para ele enquanto

fazia isso. Eu estava uma confusão quente. Muito consciente de como me parecia perante seus olhos. Uma mulher necessitada.

A sensação dolorosa entre minhas pernas não diminuiu, mas o desejo recuou com o banho frio no segundo que Violet entrou no meu campo de visão.

Sorri alegremente, tremendo, peguei-a no colo e fugi de lá o mais rápido que pude.

O tempo que Violet levou para dormir foi o mesmo que levei para acalmar meus ânimos exaltados. Eu estava com a bagagem cheia, mas não queria pensar agora.

Tomei mais um bom momento lá. Só respirando. Olhando para o meu bebê.

Havia raros momentos especiais como estes, onde a paz reinava e eu era capaz de me desligar do mundo e apenas existir, assistindo, admirando sem pressa.

Dei um beijo na minha menina e, em seguida,
PERIGOSAS ACHERON

deixei seu quarto.

Estava para entrar no meu próprio quarto quando uma mão se fechou em meu cotovelo. Olhei para trás me deparando com Ty. Digitalizei-o, vendo que tinha mudado para uma roupa de dormir confortável, calça moletom azul escuro e camiseta branca, o cabelo ainda molhado do banho. Ele fazia meu coração doer. Engoli, respirando.

Encarei seus olhos, certa de que estava enrubescendo.

— Ty não...

Com uma puxada firme, eu estava pressionada contra seu peito, seus lábios calaram meu protesto com um beijo lento e profundo de boca aberta.

Meu coração deu uma cambalhota no peito.

— Escuta, Gabriela, — ele disse sobre meus lábios, antes de recuar para olhar em meus olhos. Eu olhei de volta, muito atordoada para reagir. — Sinto por toda essa situação com Tara.

PERIGOSAS NACIONAIS

Esclareci a garganta, zonza.

— Tudo bem.

— Não está tudo bem.

Ergui a mão pousando em seu peito para pará-lo. — Ty...

— Só escuta, okay? Eu não a chamei aqui, mas deveria tê-la convidado para sair no segundo que a vi. Foi desrespeitoso com você e com nossa filha. Eu sinto mais do que posso pôr em palavras. Tara puxou o colar e já estava colocando-o em volta do meu pescoço antes que eu tivesse a chance de recusar. Não quis ser mal educado. E, no outro momento, você estava caminhando para nós. Sinto por isso também. Não estou pedindo para acreditar, apenas explicando como as coisas aconteceram. Eu não minto, Gabriela. Nossa relação é fodida, temos muita coisa para trabalhar aqui, mas uma coisa sempre foi certa entre nós. Não mentimos um para o outro.

PERIGOSAS ACHERON

Eu acreditei simplesmente porque era assim.

Podíamos ocultar coisas um do outro, não falar, mas não mentíamos.

Eu relaxei, apesar do receio forte dentro de mim, e depois derreti um pouquinho quando ele abaixou a cabeça quase tocando meus lábios de novo.

— Não quero que pense que não estou a sério aqui, porque eu estou.

Balancei a cabeça, tentando um sorriso fraco e molhei os lábios.

— Eu também sinto muito por ter duvidado de você e por minha reação... E, bem, por não ter te felicitado. Foi muito rude da minha parte.

Yep! Eu estava fazendo isso e estava levando cada onça de orgulho meu admitir essas palavras. Estava tão sem jeito quanto um cachorrinho.

— Você pode dar agora.

Bati os cílios para ele, mais encabulada que um
PERIGOSAS ACHERON

segundo atrás.

— Parabéns — resmunguei baixo sob minha respiração.

Ty fez uma careta.

— Só isso?

— Muitas felicidades?

— Não quer adicionar "muitos anos de vida" só pra ficar mais completo?

Eu bem que tentei, porém uma risada autêntica me ganhou.

— Obrigado — ele ralhou sério, mas podia ver um sorriso lá.

— Desculpe — eu disse quando me controlei.
— É só que isso é difícil para mim.

— É difícil me dar os parabéns?

Não havia acusação, senão uma genuína curiosidade divertida.

— Não... Digo, sim... Não... É só... É essa situação toda. — Fixei em seus olhos, a diversão

cedendo espaço para a seriedade. — Eu não desejo seu mal, Ty.

— Estamos melhorando — ele disse, divertido, sorrindo, e eu não pude deixar de sorrir também. Gostava desse Ty brincalhão, o mesmo de tempos atrás. — Mas acho que pode fazer melhor — ele acrescentou, sedutor, e com uma piscada sugestiva.

Empurrei para trás, tensa, desconfiada, meu coração batendo mais rápido.

— Eu não vou transar com você, Ty... Aquilo, lá embaixo, aquilo... bem... n-nós perdemos um pouco o controle. Isso acontece quando... quando...

— Sentimos tesão.

— Eu não...

Ele sorriu. — Você sim.

Eu olhei hipnotizada ele pegar minha mão e levar a boca, beijando meu pulso, antes de me liberar, com um sorriso indulgente, a voz calma e pausada.

— Eu também não desejo seu mal, Gabriela. E não estou pedindo que transe comigo. Não acho que teria tanta sorte, ainda mais com o timing perfeito da nossa filha.

Ri um pouco com ele.

Eu gostava de como estávamos agora, este clima agradável raro, deste homem na minha frente sendo suave e divertido, ainda que sobrasse uma leve tensão no ar.

Nossa súbita trégua não apagava todos os motivos de estarmos nesse ponto, mas por aquele ínfimo momento, ambos, Ty e eu, podíamos desfrutar dessa paz.

— Vem aqui.

Engoli. Um passo. Minha frequência disparou, novamente.

Ty envolveu a mão em minha nuca, desceu a cabeça fazendo uma pausa no meio do caminho, o olhar no meu buscando uma negação que eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

deveria dar, mas não fiz. E então, eu o tinha lá, novamente. Seus lábios pressionaram contra os meus de leve.

Não houve pressa nem aspereza.

Sua boca era gentil e paciente contra a minha, balançando a língua, chupando meus lábios entre os seus em um beijo doce. Mesmo seu toque era suave.

— Agora, — ele chupou meu lábio — este sim é um parabéns.

— Papai? Mamãe?

Compartilhamos um risinho contra a boca um do outro.

— Eu disse, timing perfeito — ele resmungou enquanto eu corava envergonhada ainda sorrindo sem jeito. Da posição que estava, Violet era capaz de ver apenas as costas de Ty. Ele acrescentou, cabisbaixo. — Eu vou cuidar dela.

Empurrei um sorriso, olhando em seus olhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estamos bem, Ty.

— Não está tudo bem, Gabriela. Nunca as coisas entre nós estiveram realmente bem. Mas eu quero que fique e preciso que você queira, também.

PERIGOSAS ACHERON

No passado...

— Nós vamos nos casar.

Pisquei atordoadada, minha boca abrindo e fechando diversas vezes.

— C-Como?

— Isso que ouviu, Gabriela. Nós vamos nos casar, acho que podemos ter tudo arrumado em um mês ou menos.

Respirei fundo, juntando os fragmentos da minha sanidade.

— Eu não vou me casar com você — assinalei devagar e, em seguida, declarei o óbvio, tentando pôr algum juízo em sua cabeça de merda. — Eu

não amo você, nem mesmo estou apaixonada e você tampouco por mim. Sem casamentos, Ty.

Eu ainda estava digerindo a gravidez, mas casar? Não.

— Por que não? Muitas mulheres gostariam de estar no seu lugar.

Bufei e me acomodei no sofá.

— Peça uma delas em casamento então.

— Elas não estão esperando um filho meu, Gabriela.

— Isso é facilmente resolvido...

— Está sendo teimosa — ele rosnou.

— Você está sendo teimoso, — retruquei, me irritando. — Faz ideia do que está dizendo? Nós... Deus, nós apenas tivemos alguns bons momentos. Só isso. Como diabos acha que vou me amarrar a você num casamento? Ficou louco, garoto?

— Você acha que não pensei nisto? Pensei em tudo, Gabriela, e cheguei à conclusão que o melhor

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

será nós nos casarmos.

— Não.

— Você só tem a ganhar com esse casamento.

— Está tentando me comprar? — resmunguei.

— Eu sei que não tenho nada no momento, quero dizer, além do bebê, mas ainda me resta dignidade e eu não vou me casar com você por dinheiro nenhum no mundo.

Ty me mirou em silêncio, o desafio brilhando em seus olhos, mas havia aborrecimento também. Respirou fundo e se sentou na mesinha na minha frente.

— Escuta, não estou tentando te comprar, jamais faria isso, — começou, parecendo mais calmo. — Eu tampouco quero me casar...

— Ótimo! Não vamos nos casar.

Seu maxilar marcou.

— Vai me deixar falar?

— À vontade, mas não vou me casar.

PERIGOSAS ACHERON

Acredito que se ele pudesse teria explodido naquele instante, mas o fato é que casamento e nós dois era um erro sem tamanho. Pelo amor de Deus, estávamos em pleno século 21 e ninguém mais se casava por uma gravidez.

— Não tem que ser real, — ele recomeçou, fazendo meus olhos se estreitarem, desconfiados.

— Escuta, nós não estamos ligados emocionalmente, mas o fato é que, querendo ou não, agora temos uma ligação inquebrável. Nunca me passou pela cabeça ser pai tão cedo, nem sei se estou preparado pra isso. Não que agora isso faça muita diferença agora que está grávida. Imagino que pra você seja igual. Mas podemos fazer isso juntos. Ainda teremos nossas vidas e ao mesmo tempo podemos oferecer um lar ao nosso... filho, como tem que ser. Ninguém precisa saber que não é real.

— E como fica sua família nisso? Seria muita

PERIGOSAS ACHERON

desonestidade da minha parte, e eu não quero mentir para os seus pais. Eles me ajudaram muito. Pra você, isso pode não ser nada, mas pra mim é muito — expliquei calmamente para ver se entrava algum juízo em sua cabeça oca. — Podemos resolver essa situação de outra forma que não envolva mentiras.

— Você está se esquecendo de só uma coisa, Gabriela. Quem eu sou.

— Ah! Você está preocupado com sua imagem imaculada.

— Não vamos ser hipócritas aqui. É claro que estou preocupado com minha imagem, é meu trabalho, meu ganha pão. Pra você, meu mundo pode não ser nada, mas é a vida que escolhi, é o que gosto de fazer. E você não é boba, Gabriela, sabe como isso vai cair na mídia quando vir á tona e virá. Não tem como esconder algo assim. — Suspirou, correndo a mão pelo cabelo, frustrado. —

Nenhum de nós dois pensávamos em sermos pais agora e não estávamos preparados pra isto. Mas aconteceu. Podemos nos ajudar mutuamente, não estou dizendo que temos que estar juntos realmente.

— Um casamento de mentira? Apenas no papel? — sondei, achando aquilo uma loucura sem igual.

— Sim.

— Não — refutei. — Não que queira que isso seja real, mas é loucura, sabe? Eu acho que devemos dar um tempo e esfriar a cabeça então, quando estivermos livres do choque e com a cabeça no lugar, acharemos a melhor solução.

— Quando? Quando sua barriga começar a aparecer e os questionamentos vierem? — Abri a boca, porém não tinha resposta. — Eu não vou mentir e não preciso fazer isso, você é esperta demais para saber o quanto isso irá afetar minha

carreira, nada que eu não possa resolver, mas podemos fazer isto bom para nós dois.

— Casando. — Não foi uma pergunta, senão uma constatação.

— Nós três ganharemos. Não pensei que iria me casar tão cedo, tampouco ter um filho, mas, se for pra ser, que seja do jeito certo dando um lar a ele ou ela. Não é justo privar o bebê de uma família quando podemos oferecer isso a ele...

— Ou ela.

— Ou ela. Você poderá continuar com sua vida, a faculdade, fazendo suas coisas... É claro que terá de ser cuidadosa, assim como eu.

Não respondi, entendia bem aonde ele queria chegar com aquilo, um *Casamento Arranjado* que ajudaria a ambos, talvez mais ele do que eu.

E eu achando que estávamos no século 21. Rá! Mas o fato é que o bebê merecia a segurança de um lar. O que eu sozinha não podia lhe dar.

Porém, ainda assim, de mentira ou não, era um casamento.

— Eu realmente não acredito que esta seja a melhor solução... Não, espere. É um casamento, sabe? Uma amarração. Se aceitasse, iríamos manter essa situação até quando? E, se lá na frente acharmos alguém que realmente queremos? Se nos apaixonarmos? Aliás, você acha mesmo que seus pais vão comprar essa coisa de casamento assim? Sei que com a mídia é uma coisa, mas seus pais, sua família, é diferente, sabia? Eles vão desconfiar que há algo errado. E eu não quero e não vou mentir pra eles. Não me peça isso.

— E o que sugere? Acha que eles ficarão mais felizes sabendo que terá um filho meu na nossa situação? Como vai ser isso, Gabriela? Moramos na mesma casa, você terá o bebê e sabe que continuará aqui. Não é melhor nos casarmos e darmos um lar de verdade ao bebê e evitarmos os eventuais danos?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ainda será uma mentira — assinalei, não sabendo se ele me ofendia ou apenas relatava os fatos.

— Droga! Você é teimosa como o inferno. Apenas pense, okay? Só não demore muito, pois não é como se pudéssemos esperar tanto.

* * *

— Vocês têm certeza disto?

— Sim, pai. — Ty respondeu firme, sua mão em posse da minha.

Estávamos na mesa, Ty ao meu lado e os senhores na nossa frente.

— Gabriela? — dona Cora me chamou atenção.

Eu mal podia olhar em seus olhos. Era loucura demais.

— Sim, senhora.

— Não precisam se casar por causa de uma

PERIGOSAS ACHERON

gravidez... Deus, Ty, acho que de tudo que temia de você, isso não estava na lista. Uma gravidez.

— Como se envolveram sem que nós percebêssemos? Não..., não precisam responder — Seu Daniel disse. Era nítido o desapontamento de ambos. Eu me senti suja. — Vocês têm ideia do que é ter um filho? De como é difícil cuidar de uma criança? Educar?

— Me desculpem — pedi não sabendo se pela gravidez fora de hora, pela mentira ou por ter ficado com o filho deles quando dependia deles.

De fato, um envolvimento nosso era o quão último eles esperavam.

— Não estamos bravos por isso, talvez pela gravidez precoce, mas não por terem..., enfim, são jovens e... Deus, eu preciso de um tempo. Não esperávamos que vocês tivessem se envolvido, quanto mais uma gravidez, um casamento.

— Mãe, eu sei que não esperavam. Iríamos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

contar, mas a gravidez surgir e antecipou tudo. Sei que ambos estão chateados. Sinto muito. Eu mesmo não esperava ter um filho tão cedo e fora de um casamento, mas aconteceu.

— Não Ty, não aconteceu. Vocês foram imprudentes, irresponsáveis.

— Não fomos irresponsáveis, pai.

— E como explica isso, Ty?

— A camisinha estourou e a pílula do dia seguinte não funcionou.

Jesus, eu queria me afundar na cadeira, aliás, sair correndo e nunca mais voltar. Mas, então, estava pregada na cadeira, a culpa fazendo de mim um peso morto.

— Ty já pensou como isso caíra na mídia? Sabe que eles aumentarão mais do que realmente é? Isso vai abalar sua imagem... E Gabriela...? Deus, eu nem quero pensar em como vão tachá-la. Ela vive conosco, sabe como colocarão isto?

PERIGOSAS ACHERON

Meus olhos já estavam cheios d'água neste ponto, morta de vergonha.

— Sei, mãe. Me desculpe. Atropelamos as coisas, mas eu gosto de Gabriela e ela de mim, então podemos resolver tudo da melhor maneira...

— Espere aí, Ty, — dona Cora o cortou. — Vocês não estão pensam em casar somente pela gravidez, ou estão? Porque certo como o inferno que não foi isso que planejamos para você, aliás, te demos outro tipo de educação. Te demos *educação*!

— Mãe não é nada disso. O casamento é uma solução, não nego. Mas, como disse, eu gosto de Gabriela e ela de mim então, não é somente pela gravidez. Fizemos merda, mas podemos fazer uma coisa certa.

— E você Gabriela? O que tem a dizer?

Ai, lascou. Eu não queria casar.

— Eu sinto muito mesmo. — Respirei fundo.

— Nenhum de nós dois esperávamos isso, é
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

verdade. Mas nos gostamos... Concordo com Ty, podemos fazer isso. O bebê só fez adiantar as coisas, contudo, estamos dispostos a tentar, a fazer o certo. Sabemos que não será fácil ainda mais em nossa idade, porém não há mais o que fazer.

— Eu não sei, quero dizer, um casamento seria o certo. Okay. Não estamos mais no meu tempo, mas uma criança merece uma família e vocês dizem se gostar. É o suficiente?

— Mãe, não quero meu filho ou filha crescendo longe de mim. Se será fácil? Não sei. Apressamos tudo. Nos queremos. Por que não fazer o certo?

PERIGOSAS ACHERON

*♪Cabeça, ombro, joelho e pé.
Joelho e pé ♪*

Forcei um sorriso para Violet batendo palminhas e, em seguida, girei o olhar, pausando em Ty cantando com ela, antes de fitar através da janela do carro.

*♪Cabeça, ombro, joelho e pé.
Joelho e pé♪*

Em outra ocasião, eu teria cantado com ela, mas agora não podia deixar de pensar para onde raios estávamos indo enquanto a Costa ficava para trás.

O trânsito naquele horário estava em um fluxo

normal, mas conforme as horas avançassem isso iria virar uma loucura. Tudo devido ao Valentine's Day.

Ty ficou ausente toda a manhã então, ele apareceu pouco depois do almoço e praticamente colocou Violet e eu dentro do carro, sem muitas explicações. Dois dias se passaram desde a nossa trégua e ela ainda seguia de pé. Ele não tinha tentado me beijar outra vez ou forçado uma situação, coisa pela qual eu estava agradecida, mas também, não sei, me sentia incomodada. Ty estava mais presente e participativo do que jamais estivera. Ele sempre estava me tocando de alguma forma. Pequenos toques com grandes efeitos. Eu permiti, desconfiada e curiosa ao mesmo tempo, atenta para ver qual seria seu próximo passo. Fizemos as refeições juntos, ele inclusive me ajudou a cozinhar e também assistimos a um filme e começamos a ver uma série juntos. Violet esteve

PERIGOSAS ACHERON

lá quase o tempo todo, mas isso era o de menos. Ty e eu conversamos. Nada profundo, somente amenidades e risos como duas pessoas normais. Foi estranho de início, mas em poucos minutos as palavras estavam apenas fluindo.

Suas ações eram novas e inesperadas, porém a maneira como ficamos confortáveis na presença um do outro foi quase instantânea, e de alguma forma, natural.

Nos anos passados, nesta mesma data, nós não tínhamos saído de casa. Bem, pelo menos, eu não tinha feito enquanto ele deu suas escapadas...

Fechei os olhos com força, cortando o pensamento.

Eu estava me esforçando para não pensar nas coisas tristes, que estragariam meu humor e me deixaria chateada com Ty. Mas também tentava não criar expectativa. Então veja, esperança é uma coisa engraçada. Basta um simples movimento,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma atitude tão pequena, para ela despertar do sono dos mortos e crescer incontrollável. Com vontades próprias, ela me desestruturava, quebrava e remodelava.

Ty guiou a Range Rover por uma estrada arborizada aos arredores de Malibu, e em poucos minutos, chegamos a uma fazendinha ZOO. Havia várias dessas espalhadas por aqui. O estacionamento estava praticamente vazio.

Não acho que hoje este era o programa favorito dos casais.

Humpf! Como se fossemos um casal.

— O que estamos fazendo aqui Ty?

Ele deu a volta no carro e pegou Violet.

— Tem um haras aqui — disse, como se isso explicasse tudo.

— Por que estamos aqui?

— Eu pensei que seria bom levar minha família para um passeio.

PERIGOSAS ACHERON

Eu fiquei olhando para ele sem saber o que falar.

Ty parecia muito bem em seus óculos escuros, boné, regata cinza com uma camisa xadrez azul aberta por cima, jeans preto e botinas.

Ele mantinha a barba aparada. Eu gostava muito.

Ele fazia meu coração acelerar com dor, meus pulmões pesarem.

Ty estava muito bonito e atraente. Eu queria me aproximar, enfiar meu rosto na curva de seu pescoço e inalar seu cheiro bom. Senti-lo contra mim.

— Vamos, vamos papai! — Violet gritava impaciente em seus ombros. Ty ignorou seu pedido, olhando para mim com uma expressão preocupada.

— Quer voltar Gabriela? Nós podemos...

— Não — refutei. Não ia acabar com a alegria

da minha menina. Isso não era o que eu esperava, porque sim, eu esperava algo. Mas, novamente, isso não era sobre ele e eu, sobre nós, sobre minhas besteiras floridas. — Ficaremos.

— Tem certeza?

— Sim. Só me deixe passar protetor solar nela antes.

— Você já passou quando saímos.

— Não custa reforçar.

Ty a segurou no colo para mim.

— Você sabe que esse chapéu não vai durar, né?

Deixei meus ombros caírem com um suspiro pesaroso.

— Ela se comporta como um menino — lamentei, desistindo do chapéu e aproveitei para passar protetor em mim, também.

— Ela é criança, Gabriela.

— Ela é uma bagunceirinha, isso sim —

PERIGOSAS NACIONAIS

brinquei, dando uma batidinha no narizinho perfeito da minha molequinha. Ela riu com vontade.

— E em mim? — resmungou quando fui guardar o protetor.

— É, mamãe, no papai *tamém*.

Ty deu um sorrisinho enquanto eu estreitava os olhos. Espremi uma boa quantidade nas pontas dos dedos e me aproximei. Ty tirou os óculos, seus olhos foram para os meus, brincalhões e ardentes, a combinação hipnotizante que fazia coisas para meu corpo e mente. Tentei manter a expressão neutra.

Eu queria rir de como ele tentava parecer inocente como Violet.

— Você não é criança, Ty.

— Mas sou seu para cuidar.

Congelei, olhando para ele sem palavras, novamente.

Meu coração e minhas bochechas queimando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Papai é da mamãe — Violet pontuou, risonha. — Eu sou da mamãe e do papai.

— Isso mesmo, garotinha — Ty beijou a bochecha gordinha e, em seguida, trouxe seus olhos para mim. Engoli com a firmeza neles. — Nós pertencemos.

— Prontinho.

Puxei os óculos sobre meus olhos, querendo me esconder dele.

Violet fez o pai de cavalinho. Ela não cabia em si de tanta felicidade quando chegamos ao curral dos animais. Patos, gansos, ovelhas, carneiros, vaca, lhamas e outros tantos. Ty colocou um punhadinho de milho em suas mãozinhas para ela dar as galinhas e outro punhadinho de ração para peixes quando alcançamos o lago. Tirei foto de tudo, esquecendo-me por aquele momento quem éramos, as poucas pessoas que lá estavam, as câmeras discretas que eu sabia que estavam

PERIGOSAS ACHERON

apontadas em nossa direção — cliques que em questão de segundos estariam na rede e sendo compartilhadas pelo mundo todo —, não importava o quão discretos parecíamos. Todavia, nós podíamos nos comportar como uma família normal fazendo coisas normais.

Ty foi ao banheiro. Eu observei Violet pendurada na cerca de madeira com seu mais novo amigo, um garotinho ruivo de cachinhos, um pouco maior do que ela, conversando e rindo como se existisse apenas os dois lá.

— Seremos obrigados a levá-los para tomar sorvete juntos.

Eu fitei o homem de voz profunda que deslizou ao meu lado e sorri encabulada. Não muito certa se ele me flertou ou estava apenas sendo simpático.

Ele se parecia muito com o garotinho.

Era um homem alto, corte de cabelo baixo e incríveis olhos verdes, a barba aparada tão

PERIGOSAS ACHERON

vermelha quanto seu cabelo. Não era feio, muito pelo contrário.

Movi o olhar para suas mãos. Sem aliança. Corei.

— Se pudéssemos engarrafar essa incrível habilidade de socialização que eles têm, ficaríamos ricos — continuou.

— Você não parece encontrar dificuldades nisso.

Ele deu um largo sorriso, que foi impossível não sorrir de volta. Franzi o cenho, e então, franzi ainda mais dando uma sacudida leve de cabeça.

— Irmã? — ele apontou para Violet.

— Filha.

Seu assovio me fez encará-lo.

— Confesso que não sei para qual das duas dar os parabéns.

Pisquei como uma tonta, rubra até o pé.

— Thomas Hills. E aquele lá é o Jax, meu

filho, acredite se quiser.

Ri, aceitando sua mão enorme engolindo a minha.

— Gabriela...

— Bryant.

Dei um pulo para trás de susto, movendo os olhos para Ty. Ele não me olhava, senão ao homem na minha frente. Sorri sem graça e engoli, soltando a mão do tipo. Ty envolveu minha cintura, a mão pesada em mim, dissimulando.

Ty ofereceu a mão. — Ty Bryant. Esposo.

— O ator?

— Em carne e osso — Ty zombou, cáustico.

Eu podia jurar que eles se mediram, antes que se soltassem.

— Foi um prazer Sr. e Sra. Bryant — disse Thomas, chamando Jax em seguida.

As crianças se despediram com um aceno de mão triste e eu peguei Violet.

— O que ele queria?

Dei de ombros.

— Nada. Ele só estava aqui.

— Claro que estava.

Não dei atenção ao sarcasmo dele, mas não podia ignorar essa pequena explosão de alegria em meu peito então, comecei a caminhar na direção oposta que o Sr. Hills tinha ido. Ty estava bem atrás de mim, exalando chateação.

— Você quer ir lá? — perguntei quando chegamos a um curral, onde havia uma égua pequena que era usada para dar curtos passeios para as crianças.

— Quero, mamãe.

— Tem certeza?

Violet balançou a cabeça para cima e para baixo, frenética.

Olhei para Ty.

— Está tudo bem, Gabriela. Não há perigo. É

seguro. Ela está amarrada para andar em círculos. Essa e outros cavalos daqui são treinados para passeio.

— Tudo bem.

— *Yuuuuuuup!* — Violet comemorou quase se jogando dos meus braços para os braços da funcionária do local, que conduziria o passeio.

— Ei, ei, calma aí, garotinha. — Ty a pegou antes e ela deu um gritinho contrariado. — Se comporte e obedeça à senhora Teller ou voltaremos para casa.

Seus olhinhos se arregalaram com horror e rapidamente ela assentiu.

— Tá bem, papai.

— Boa menina. Amo você.

— Amo você, papai.

Ty a beijou e recebeu seu beijo de volta, e depois ela se inclinou para mim e fez o mesmo, apressada para fugir para os braços da senhora

Teller.

Observei elas se aproximarem da égua e Violet acariciar o pelo escuro enquanto a mulher falava. Violet sorria, excitação pura brilhando em seu rostinho.

— Ela é muito nova para ter tanta pressa de fugir de nós — resmunguei de brincadeira, pegando a câmera para tirar mais fotos dela.

Ty riu, deslizando a mão em meu quadril, e eu tentei não estremecer.

— Ela só está animada para conhecer a égua de perto.

Ele se afastou e eu não olhei para ver aonde ia, pois estava concentrada e um pouco nervosa vendo meu bebê ser posicionada sobre o animal muito maior do que ela. Ao contrário de mim, Violet estava à vontade em cima da égua. Eu acenei quando ela passou na minha frente na primeira volta, me sentindo muito orgulhosa pela coragem

PERIGOSAS NACIONAIS

que ela esbanjava. Ela olhou, sorrindo, e eu bati lindas fotos.

Ty agarrou minha mão.

— Vem, vamos!

— O quê?

Ty começou me puxar em direção a um cavalo marrom escuro parado a alguns metros de nós. Eu puxei de volta, parando, e o fiz me olhar.

— Violet não pode ficar sozinha lá, Ty.

Ele olhou para trás de mim e eu segui seu olhar em nossa menina, que não parecia notar nosso distanciamento. Na verdade, ela nem buscava por nós.

Ele me olhou, novamente. — Ela ficará bem.

Eu sempre admirei a capacidade desenvolta e espontaneidade de Violet em abstrair. Ela não era uma criança que mal podia ficar longe dos pais sem abrir o berreiro. Ela era uma criança segura e independente demais para sua idade.

PERIGOSAS ACHERON

Violet comia de tudo e falava com todos.

— Ela está se divertindo.

Eu não me convenci.

— Espere aqui. — Ty se distanciou para a cerca do curral e trocou algumas poucas palavras com um funcionário então, ele voltou. — Ela estará bem até voltarmos.

Voltarmos?

— O que quer dizer com "voltarmos"?

Ty segurou minha mão e puxou com ele, sem responder, parando ao lado do enorme cavalo. Ele me soltou e montou o animal, que estava sendo segurado por outro funcionário do local. Balancei a cabeça, sorrindo de nervoso.

— Oh, não — dei um passo atrás.

— Venha. Não vamos demorar — prometeu, com a mão estendida.

— Ah, não! Obrigada. Eu não monto. — Ty me deu um olhar que me fez ficar roxa de como aquilo

saiu. — Nunca andei a cavalo antes.

— Gosto de ser o dono das suas primeiras vezes.

Fiz meu melhor para ignorar sua malícia e o rosto sério, que o homem segurando o cavalo, tentava manter. Mas bem vi seu canto da boca tremulando.

— Eu não acho que possa fazer isso.

Ty arqueou a sobrancelha, zombando.

— Está com medo?

— É claro que estou! — ralhei, fazendo valer minha covardia. — Olhe o tamanho desse animal. Não vou andar nele. Pode ir que eu ficarei olhando Violet.

— Violet está entretida com o passeio dela. — Ele me deu um sorriso que não podia ser confundido. — Vem Gabriela, eu monto bem. Está segura comigo.

Eu queria bater o pé como uma criança, mas a
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

expressão no rosto do funcionário da fazenda aliada a de Ty me deu uma súbita coragem.

O problema?

Eu não fazia ideia de como montar o animal.

Vendo minha confusão, o homem veio ao meu socorro e me ajudou, colocando-me de lado na frente de Ty. Meu coração estava disparado.

— Ai, não vai dar certo, Ty. Eu... eu vou cair.

— Gabriela olhe para mim.

Eu fiz. Estava apavorada mesmo. Eu já tinha lido ou ouvido, não sei dizer, enfim, em algum lugar, que os animais podiam sentir nossas emoções. Eu não estava exatamente transmitindo tranquilidade para que o cavalo se sentisse assim.

— Eu não quero mais, Ty — choraminguei.

Ele inclinou a cabeça nivelando nossos olhos.

— Você confia em mim?

Fiquei estática por um momento antes de assentir devagar.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu estou te segurando e não a deixarei cair — disse calmo, as mãos em minha cintura. — Agora, passe a perna direita sobre o corpo dele.

Obedeci, morta de medo. Confiava nele. E quando estive sentada como ele, minhas pernas abraçadas ao poderoso corpo do animal, Ty deslizou os braços para frente, ainda me mantendo segura, quando o funcionário lhe entregou as rédeas. Eu estava lutando contra minha covardia, segurando firme em seus braços quando o animal começou a trotar suave e lentamente. Era emocionante e aterrorizante ao mesmo tempo.

— Faz tempo que não me deixa marcado — ele disse, de repente.

Seu comentário me deixou tensa, e depois sem graça. Meu primeiro impulso foi soltá-lo. Mas eu não queria nem podia fazer isso então, relaxei o aperto.

— Passe a mão no pelo dele, Gabriela.

Movi a mão bem devagar, mal relando no pelo, antes de tocá-lo.

— É macio — sussurrei encantada.

— Esses cavalos, em especial, são treinados para serem dóceis.

Continuei correndo a mão pelo pescoço do animal, cada vez mais corajosa, e acariciei a crina espetacular, que faria inveja a muitas mulheres.

Aos poucos relaxei, mal prestando atenção para onde estávamos indo, deixando que a calma de Ty e do que o toque no animal provocava, se infiltrasse em mim. Fiquei hipnotizada com a suavidade e maciez dos pelos.

— Se continuar assim, eu vou ficar com ciúmes — brincou.

— Ele é tão macio.

— Você já disse isso.

— Desculpe — parei de escová-lo, mas não tirei a mão, movendo, enfim, os olhos ao nosso

PERIGOSAS NACIONAIS

redor. Estávamos em uma estradinha de terra arborizada dos dois lados. Outros cavalos estavam indo na nossa frente e outros voltavam.

Uma senhorinha passou do nosso lado, o galope rápido me fez inveja enquanto Ty mantinha nosso cavalo em um trotar suave, provocativo até.

Estava consciente de cada movimento, sobretudo, dele.

Não queria me apegar à sensação maravilhosa que era ter seu corpo contra o meu, o cheiro, o calor, a dureza, em como me sentia segura e protegida... mas era inútil.

Bom demais para recusar, para resistir.

— Eu gostava de montar quando era mais novo.

— Você não é exatamente um velho, Ty.

— Quando eu era adolescente. Melhor assim?

— Eu poderia discordar — espetei, só metade brincadeira.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É mesmo?

Não respondi.

— Eu gosto de estar em contato com a natureza — continuou. — Você sabe que nem sempre vivi na loucura de hoje. Quando ainda em Michigan, eu costumava ir pescar, montar e acampar. Não que hoje não possa mais fazer essas coisas, é só mais difícil.

— Violet tem a quem puxar.

Sua risada era fluída.

— Oh, se tem! Mas eu não quero falar da nossa menina.

Eu estava tentando não emprestar atenção em como nossos corpos roçavam com o trotar, a tentadora sensação que me fazia querer empurrar contra ele.

Precisava de distrações, assim, questionei:

— E quer falar do quê?

— De nós.

PERIGOSAS ACHERON

Experimentamos um agradável momento de silêncio.

— Lembra quando nos conhecemos? — Ele riu ligeiramente, e eu me mantive calada, esperando-o concluir. — Você me olhou como se eu fosse um rato e você não pudesse se distanciar rápido o suficiente.

Desta vez, Ty gargalhou.

— Eu não te olhei assim — discuti, franzindo o nariz.

— Fez. Mas tudo bem — ele murmurou baixo ao pé da minha orelha, e eu preendi o fôlego. — Eu me lembro de olhar para você e te achar um sonho.

Eu quase chorei de tanto rir.

— Ai, que mentiroso!

— É tão difícil assim acreditar que você me impressionou?

— Você me maltratava, Ty.

— Eu te maltratava? — Assenti. Ele tomou um

momento antes de prosseguir. — É, talvez tenha razão... Sinto muito. Eu estava bravo com você.

Olhei para trás morta de curiosidade.

— Comigo? Por quê? Eu nunca te fiz nada.

Ty corou mesmo, a expressão quase tímida.

— Por isso mesmo. Nunca sequer me deu uma hora do seu tempo.

— Sério?

Virei o rosto para esconder o sorriso.

— Você era diferente.

— Diferente como?

— Pra começar, você não estava desesperada para ter um pedaço meu.

— Ah! Eu feri seu ego.

— Bem, sim. — E acrescentou. — Não me leve a mal, baby, mas havia essas garotas, fãs, colegas e amigas da minha irmã e de Hannah, garotas se aproximando, muitas delas com a intenção de chegar a mim. Não você... É, foi uma pancada dura

PERIGOSAS NACIONAIS

em meu ego. Por algum tempo eu achei que estivesse fingindo para chamar minha atenção.

— Eu não estava.

— Eu sei — ele riu de novo. — Foi por isso que fiquei com raiva. Eu era mais novo, mal acostumado, um pouco arrogante e imaturo. Tinha essas garotas atraídas por mim, exceto você. Enquanto eu era agradável você sequer me olhava.

— Então você começou a ser desagradável.

— Eu sei, é uma péssima maneira de demonstrar interesse. — Eu poderia jurar que Ty soava envergonhado. — O que posso dizer? Garotos são bobos.

Nisso concordávamos.

— Essa era a visão que tinha de mim?

— Que era inalcançável? Boa demais para mim?

— Uau! Isso... Nunca pensei que me enxergasse assim.

PERIGOSAS ACHERON

— Por que acha que não te larguei mais depois que baixou a guarda?

— Não sei, Ty... Talvez por... pena?

Ele amaldiçoou.

— Porra, não! Fiquei sentido por você? Claro que sim. Nunca desejarei que outra pessoa passe pelo que passou. E você não precisava da minha pena ou de qualquer outra pessoa, Gabriela, você só precisava de apoio e conforto.

— Eu não te odiava — confessei.

— Tampouco gostava de mim.

— Não é isso. Eu... — pausei, os olhos apertados, buscando as palavras, pensando, tentando identificar meus sentimentos naquela época. — Sua família foi fantástica, mas eu não podia deixar de me sentir um incomodo. Minha vida virou do avesso e, de repente, eu estava em uma casa nova, com desconhecidos e suas próprias rotinas, além de você... Não exatamente você. Sua

fama e tudo que ela traz. Eu não queria ser um peso, a obrigação de pessoas, que por mais bondosas que fossem, e Deus sabe que sou muito grata a eles, não tinham qualquer dever comigo.

— Ainda se sente assim?

— Assim como?

— Um incomodo? ... Claro que sente. Por isso que ainda os trata com formalidade. Mesmo que alguns anos tenham se passado, você tenha se casado e tido uma filha comigo, ainda assim, não se sente pertencente à família.

Não era uma acusação, nem uma pergunta.

Eu não sabia o que dizer.

— O pai e a mãe te amam como uma filha — murmurou docemente.

— E eu amo eles.

— E a mim.

Calei-me, o silêncio abrindo caminho entre nós enquanto Ty fazia o cavalo virar, voltando para a

PERIGOSAS NACIONAIS

fazendinha. Fechei os olhos quando senti seu sopro longo e pesado espalhando calor em minha nuca. Ele não falou, no entanto.

— Ficar na minha e causar o mínimo de incomodo era um bom plano.

— Eles nunca te acharam inconveniente, Gabriela. Mamãe ficou tocada por você, todos nós ficamos, não apenas pela tragédia com seus pais. Foi você. Você conquistou todos com sua simplicidade, sua força e humildade. Decência tem grandes encantos e você encantou a todos. Eles se apaixonaram por você na segunda olhada.

Meu coração inchou com amor e pesar ao mesmo tempo, os olhos queimando, e eu pisquei as lágrimas para longe antes que elas caíssem.

— Estar na casa de estranhos depois que se perdeu quase tudo e, em seguida, perder esse pouco que resta, é... não posso pôr em palavras o quão terrível é, Ty.

PERIGOSAS ACHERON

— Sinto muito, querida.

— Seus pais foram... Eu não tenho palavras. — Fiz uma nova pausa, respirando fundo. — Eles me acolheram quando eu mais precisei. Eles até quitaram a universidade e me fizeram aceitar de volta o dinheiro que usei para cobrir algumas mensalidades, sabia? Eles poderiam ter me enxotado, mas não fizeram.

— Não seriam meus pais se fizessem isso.

— Um dia vou pagá-los de volta.

— Não há necessidade disso. Tenho certeza que eles fizeram de coração, e mais certeza ainda de que eles não aceitarão nenhum pagamento.

Sabia disso, contudo, não iria discutir esse assunto com ele.

— Eles são pessoas incríveis.

— Você é incrível, sabe disso, não é?

— Sei — murmurei com uma risadinha.

O trotar parou, de repente. Os dedos de Ty

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

beliscaram meu queixo, obrigando-me a olhar para trás para ele. Seus olhos duros e intensos.

— Você é — insistiu. — É mais do que beleza, e você tem o bastante para deixar as modelos da Victoria's Secrets com inveja. Você é forte, Gabriela. Determinada, inteligente e muito decente. Nunca deixe que ninguém te diga o contrário.

Ty tirou o dia para me deixar desconcertada.

Outra vez, eu estava sem palavras e minha esperança de barriga cheia.

— Eu não te ouvi — ralhou paternal.

Lambi os lábios secos.

— Eu não deixarei que ninguém diga o contrário.

Ele sorriu amplo. Me deixou tonta. E, em seguida, me soltou.

— Por que não fizemos isso mais vezes?

— Isso o quê?

— Conversar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu abri a boca, mas fechei ao me dar conta de que não sabia a resposta.

— Nós, definitivamente, faremos isso mais vezes.

O trotar recomeçou e eu me permiti relaxar contra seu peito, confortavelmente, o resto do percurso de volta a fazendinha.

Na hora de ir embora, Ty escorregou o braço ao redor da minha cintura e eu fiz o mesmo com ele enquanto seguíamos para o estacionamento com Violet andando na nossa frente. Foi um ato inesperado, tão natural quanto respirar.

Eu me senti agradavelmente bem.

Estar assim, tão próximo dele e ele de mim, porém era mais que isso, ia além da sensação física de seu corpo. Era o querer estar perto, o carinho, o zelo.

Eu me senti cuidada. Feminina e delicada. Senti-me dele.

PERIGOSAS ACHERON

Pertencer, quando se deseja, é mais do que um mero ato de possessão. Não há nada mais intenso nem mais sutil arrebatamento do que este. São pequenos gestos com impactos assombrosos capazes de te elevar ao céu em questão de segundos.

Eu sempre quis pertencer. A sensação era como seda viciosa deslizando em minha pele, deixando um rastro invisível de uma comoção febril, que rastejava direto para o meu coração. Eu só estava feliz nesta pequena e momentânea bolha.

Observei Violet correr em direção a uma pequena moita na lateral da estrada, ela se curvou atenta, pegou uma florzinha amarela e correu para nós.

— Olha mamãe, que linda! Que linda!

Ela estava feliz por seu pedacinho de independência. E eu estava feliz por poder dar isso a ela, e também por Ty e eu estarmos lá para ver

PERIGOSAS ACHERON

isso.

Violet pegou mais algumas florzinhas, quicando de felicidade para cima e para baixo com um sorriso brilhante. Entregou uma para mim e outra para Ty, e guardou as outras como se fossem preciosos diamantes. E, novamente, experimentamos mais algumas rodadas de "cabeça, ombro, joelho e pé", antes de estacionarmos nos meus sogros. Violet correu afoita para os avôs e deu a eles as florzinhas, e ficou um pouco decepcionada porque a tia não estava lá para pegar seu presente. Dona Cora garantiu a ela que guardaria o mimo para Ariel. Não nos demoramos lá, uma vez que seus pais tinham planos para a noite. Quando saímos, Ariel ainda não tinha voltado.

Ty sugeriu que saíssemos para jantar, mas recusei.

Não dava para ir a um restaurante com Violet,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pelo menos não na noite de hoje. E também seria impossível arrumar alguém para ficar com ela.

Ty não insistiu. Isso me chateou um pouquinho, porém não falei nada.

Violet e eu tomamos banho juntas, e quando saímos, Ty, já de banho tomado, nos surpreendeu com um jantar mexicano na piscina.

Não era nada grande ou excêntrico, mas era algo.

Valentine's Day, diferente do dia dos Namorados no Brasil, era o dia para confraternizar o amor em todas as suas formas, casais ou não casais.

Eu tentei me apegar a isso. Quero dizer, ei, estávamos confraternizando pela primeira vez. Isso era importante. Que não tivéssemos um momento casal de verdade, era o de menos, certo? Estávamos singelamente comemorando o amor.

Mas eu estava decepcionada.

PERIGOSAS ACHERON

Será que eu estava sendo exigente demais?

Por que isso não era o bastante?

Quase duas horas depois, quando Violet já estava dormindo em pé, demos o jantar por encerrado. Ty a levou para cama enquanto eu levei a louça suja para a máquina de louças. Respondi as mensagens das minhas garotas desejando um feliz Valentine's Day. E, em seguida, encontrei Ty no quarto de nossa filha. Beije seu rostinho, dei boa noite para ela e deixamos o quarto. Ty me acompanhou até o meu, como se tivéssemos acabado de sair de um encontro e ele estava me deixando na porta de casa.

Eu ri com meu pensamento bobo.

Ty olhou curioso.

— Não pergunte — avisei, sorrindo.

Paramos na frente da minha porta.

Essa situação me dava nos nervos e me deixava angustiada, pois eu não sabia como agir, o que

falar. Nem mesmo podia me decidir com certeza o que queria.

— Você teve um bom dia?

Ergui a cabeça para olhá-lo.

Quando ele tinha se aproximado tanto?

— Sim.

— Eu gostaria de ter feito algo só para nós dois, e acredite-me, foi difícil não fazer...

Então, por que não fez?

—... Não quis forçar uma situação. Eu quero você, de verdade, Gabriela. Mas antes, quero que se sinta vontade ao meu redor, que queira estar comigo sem forçar a barra. Nada de pressão nem equívocos que compliquem depois. Podemos ir lento... Eu posso ir lento por nós... por você. Não há pressa, okay? Só vamos deixar rolar.

Como isso podia me aborrecer e fazer feliz ao mesmo tempo?

Ele tinha razão. Porém, uma partezinha minha,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

talvez a rebelde, queria que ele forçasse, ainda que soubesse que amanhã pudesse haver chances de piora.

Às vezes, só às vezes, eu gostaria de desfrutar do errado sem me arrepender, apenas deixar ir e dar o dedo para as consequências quando elas surgissem.

O certo não possuía grandes encantos no momento.

— Eu tive um bom dia, Ty. Todos nós tivemos. Obrigada.

Forcei um sorriso. Meu estômago dando um nó.

Ele não disse nada, olhando-me de perto por um minuto inteiro.

Fechei os olhos quando ele esticou a mão, colhendo uma mecha de cabelo para detrás da minha orelha. Seus longos dedos pousaram abaixo, o polegar perseguindo a linha da minha mandíbula. Sua testa apertou contra a minha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Me dê sua boca, Gabriela.

Ty não estava forçando. Ele só estava lá, paciente, próximo o suficiente para que eu apenas levantasse o queixo e pegasse sua boca na minha.

Meu coração correu, o estrondo das batidas estremecendo meu peito.

O ar pesou em meus pulmões.

Em um único movimento, sem hesitação, ainda que minha respiração estivesse trêmula, eu pressionei meus lábios contra os seus e o beijei.

Ty me deixou conduzir o beijo casto, sem línguas, até que a necessidade de mais rugiu através de nós. Ele moveu as mãos para baixo e para trás, entrelaçando-as na parte baixa da minha coluna, os braços tensos ao meu redor, as mãos pousadas displicentes sobre minha bunda puxaram, apertando forte, quando ele dominou minha boca, dando-me um beijo puramente carnal, que me fez toda mole.

Ele não pediu.

PERIGOSAS ACHERON

Não seduziu.

Ele tomou com uma fome que me devorou lenta e crescente.

Calor floresceu em meu corpo, cantou em meu sangue e pulsou entre as minhas pernas em forma líquida. Arredio. Voraz. Minhas mãos se moveram do seu peito e desapareceram em seu cabelo. Eu me entreguei ao beijo... ao seu desejo.

Mais rápido do que eu poderia contar, eu estava pressionada entre a porta e Ty, seu corpo flertando o meu, minhas reações, minhas vontades.

Eu era dele. Do jeito que fosse, do jeito que ele quisesse, eu era dele.

— Eu gostaria de entrar e passar a noite com você e todas as outras que vierem depois desta — ele rasgou a boca para o meu pescoço.

— Eu gostaria disso também — confessei, morrendo para estar com ele, novamente. Não havia luta em mim, só uma desesperada espera por

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ele.

— Porra! — rosnou, a cabeça ao lado da minha, sua respiração áspera chicoteando minha orelha, enviando calafrios sob minha espinha.

Nós ficamos lá pela eternidade, o desejo lascivo pulsando entre nós como um vício. Nossa respiração alta era o único som sussurrante no corredor.

Expectativa pura torcendo minha barriga.

— Vá se deitar antes que eu faça uma besteira — grunhiu.

Ty levantou a cabeça.

— Feliz Valentine's Day, Gabriela.

Fiquei olhando para Ty, piscando, como uma boba.

Eu queria essa besteira.

Eu queria ser irresponsável. Que ele fosse irresponsável, droga!

Exalei num sopro pesado.

PERIGOSAS ACHERON

De repente, muito aborrecida e decepcionada.

Desconcertada com ele, comigo, devolvi suas felicitações num sussurro baixo e me atrapalhei com a porta. Ty a segurou antes que pudesse abri-la.

Senti-me um lixo, totalmente incapaz de seduzir um homem.

Talvez eu já não fosse atraente o suficiente.

Talvez eu não fosse suficiente para ele.

Bem, e quando eu tinha sido, hã?

— Eu daria tudo para entrar com você, Gabriela, cada parte minha implora por isso... por você. Mas não quero arrependimentos amanhã. Não quero que ao acordar amanhã e me vir na cama com você, que nosso momento se torne um motivo para nos manter ainda mais afastados. E eu não tenho certeza se isso não vai ocorrer. Não da minha parte. Eu sei o que quero, e eu quero você. Mas a quero por inteira nisso e certa do que quer.

PERIGOSAS NACIONAIS

Balancei a cabeça, doida para fugir daquela situação embaraçosa.

— Tudo bem.

— Está tudo bem não estar tudo bem, Gabriela.

O carinho em sua voz baixa murmurada próxima a minha orelha fez eu me sentir a maior idiota. Olhei para ele, roxa, forçando um sorriso sem graça.

Empurrei a porta aberta e sua mão se fechou em meu cotovelo.

Por favor.

— Você abriu meu presente?

— Presente?

— Do natal.

Culpa levou minha voz quando lembrei que tinha enfiado o embrulho pequeno em uma gaveta e o esquecido lá. Balancei a cabeça, negando.

— Abra — disse ele, deu-me um beijo na testa e me deixou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Entrei no quarto e fechei a porta atrás de mim com um suspiro alto.

Estava ficando difícil, muito difícil.

Bati os olhos abertos, liguei o interruptor de luz e paralisei.

Mas o que...?

Oh, meu Deus.

Oh, meu Deus.

Oh, meu Deus.

Oh, meu Deus.

Oh, meu Deus.

Oh, meu Deus.

Oh, meu Deus.

Oh, meu Deus.

Oh, meu Deus.

Oh, meu Deus.

Sacudi a cabeça, tentando pensar em outra coisa, mas...

OH, Deus!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Pisquei, esfreguei os olhos, pisquei de novo.

Chocada, eu olhava ao redor do meu quarto, agora com o colorido de buquês e mais buquês de uma variedade de flores fazendo um elegante contraste com o creme.

Eu contei.

Um.

Dois.

Três.

Seis.

Oito.

Uma dúzia de enormes buquês... OH, Minha Nossa!

Eu não conseguia pensar em nada.

O único som que saia, abafado, por minha mão, era UAU!

Belisquei-me, só no caso.

Era real. Muito real. Eu não estava vendo coisas pela taça de vinho que bebi mais cedo no PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

jantar. Todas as flores estavam realmente lá, espalhadas pelo quarto.

Engoli saliva, minhas mãos apertadas juntas, os olhos queimando com lágrimas quando digitalizei cada canto do quarto. Sentindo meu coração inchar. Eu andei até elas, tocando-as com extrema delicadeza. Muito possessiva e zelosa.

Elas eram minhas. Todas elas.

Como Ty fez isso, eu não fazia ideia.

Eu estava... Nossa!

Eu queria ir até ele, me jogar em seus braços e... chorar.

Há alegrias que de tão profundas e intensas podem ser confundidas com tristeza ou se assemelharem de tal forma que é impossível distinguir uma da outra. Eu estava estupidamente feliz, tanto que me sentia melancólica, também.

Eu não queria mais fazer amor com ele.

Eu queria ser abraçada e cuidada por ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu olhei... olhei... olhei...

Sentei na cama, segurando o poste, como se precisasse daquela segurança extra para não desabar sobre minhas pernas bambas.

Lembrei das palavras de Ty e fui atrás de seu presente.

Se eu pensei que as flores tinham me afetado com brutalidade, seu presente de Natal de semanas atrás quase me fez ter um colapso nervoso. Eu não sabia que era possível um coração parar de bater e você ainda permanecer vivo, até agora.

Com os dedos trêmulos, os olhos embaçados pelas lágrimas e completamente atordoados, peguei o suntuoso anel de noivado.

PERIGOSAS ACHERON

— Ty, eu estou falando sério — resmunguei, caminhando atrás dele.

— Eu ouvi da primeira vez, Gabriela.

— Isso é importante pra mim. Se você furar comigo...

Ele parou abruptamente a poucos metros da porta, que dava para a garagem, e girou quase me fazendo bater o nariz em seu peito largo. Ty segurou meu queixo com os dedos, o olhar dentro do meu, firme e hipnotizante, enquanto sua sobrancelha fazia um arco sexy.

— Querida, eu estarei aqui antes que possa sentir minha falta.

Pisquei atordoada, meus lábios vacilando, não

sabendo como lidar com esse homem amoroso de fala mansa e olhar gentil. Pigarreei, recompondo-me.

— Não fure comigo — adverti, com um olhar ameaçador.

Ele sorriu e se inclinou, pegando-me num beijo rápido.

— Não vou. Até mais tarde, baby.

— Não se esqueça de pegar Violet na volta.

Sua boca torceu com uma careta zombadora. — Quando eu esqueci?

Ty me deu as costas e saiu para sua reunião de trabalho. Enquanto eu fiquei lá, parada, olhando para a porta fechada, ainda mais perturbada que um minuto atrás.

Esses carinhos – toques sutis e beijinhos aqui e acolá – eram uma novidade chocante, que sempre me deixavam sem reação, a qual ainda estava me adequando. Desconcertante ao ponto que eu ainda

não sabia como me sentir e/ou pensar a respeito.

Bem verdade, que também gostava muito.

Quase quatro dias tinham se passado desde o Valentine's Day. Nada sobre as flores e o anel fazia qualquer sentido, mas era o último que me colocava doente de curiosidade, ainda assim, não tocamos no assunto. Tinha esperado ele tomar à dianteira na manhã seguinte, porém, quando não aconteceu, por uma razão que eu não entendia e me deixava ainda mais confusa com suas ações, tratei de engolir a curiosidade. Mesmo assim, eu estava na espera, morrendo para que Ty tivesse piedade e tirasse à dúvida me corroendo até os ossos. Muito covarde para confrontá-lo, receando ouvir respostas que não eram boas o bastante para suprir as expectativas enchendo o meu peito.

Por que ele me deu aquele anel?

Por que as flores?

O que isso significava, se é que significava

PERIGOSAS NACIONAIS

algo? Então, o quê?

O que Ty estava tentando me dizer?

O que eu devia fazer?

Eu deveria fazer algo, afinal?

Ou esperar e ver no que dá?

Havia hipóteses espreitando minha mente.

Hipóteses que eu sabia que se desse ouvido iriam inflar minhas esperanças a um nível perigoso. O estrago também era uma delas, caso nada fosse real e eu mais uma vez estivesse construindo ilusões que iriam cavar mais fundo em minhas feridas.

Nunca antes o incerto me pareceu tão certo.

Assim, diminuí o volume das minhas inquietações e das dúvidas sussurrantes, e guardei o silêncio, um terreno seguro e confiável, que eu conhecia bem.

Era uma covarde!

Não uma covarde, corrija-me, se tratava de
PERIGOSAS ACHERON

proteção.

Balançando a cabeça, girei em meus calcanhares e regressei a cozinha.

— Precisa que faça algo, senhora? — Laura perguntou quando enfiei a carne no forno, que assaria lentamente por algumas horas e estaria se desmanchando quando pronta.

— Obrigada, querida. Eu assumo daqui. Pode ir pra casa.

Depois que Laura saiu, chequei os últimos detalhes dos preparativos para o jantar, a louça que iria usar estava limpa e polida, as flores frescas nos vasos, guardanapos separados, a sobremesa estava na geladeira e estaria perfeita na hora de servir.

Como eu não tinha o hábito de sair de casa, onde passava a maior parte do meu tempo, Kendra e Julie costumavam vir para jantares e sessões de cinema esporádicas, a noite das garotas, que por motivos óbvios, ocorria obrigatoriamente em casa.

Isso era passado, no entanto. Não mais! Eu superei isso. Hoje era diferente. Não estava mais disposta a ficar em casa e assistir, estagnada, minha vida passar pela janela enquanto o resto do mundo vivia. Enquanto ele vivia... Sacudi a cabeça... Não vamos aí.

Horas mais tarde, eu estava pronta, Violet na cama e Ty no banho.

Ele tinha se atrasado, mas cumpriu sua palavra.

John Mraz ressonava baixinho através do ambiente em uma melodia suave.

Conferi meu visual no espelho do hall e sorri para o resultado.

Usava um vestido azul longo casual de alcinhas e sandálias rasteiras. Mantive os cabelos soltos e fiz uma *make* basiquinha. Estava refrescante.

A campainha tocou, e no outro minuto, Kendra, Julie e James entraram.

— Que casão! Até parece a casa daqueles
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

artistas famosos — James exclamou embasbacado, o deslumbre infantil enchendo sua voz, enquanto eu cumprimentava as garotas. — Linda, gostosa, educada e rica. Que mulher, meu Deus!

— Bobo. Não exagere. — Bati de leve no peito dele, antes que o mesmo me segurasse pelos ombros, digitalizando-me da cabeça aos pés com premeditada malícia.

— Boneca, você está... Uau! Molhou a minha cueca novinha.

O riso transformou a minha voz. — Obrigada, querido.

— Olhe só para você! — James me fez dar uma voltinha, meu ego saltitou. — Santa porra! Se não gostasse tanto de rola, eu seria hetero por você, garota.

Dei uma risadinha, cumprimentando-o com um abraço.

— Estou lisonjeada, seu perverso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— OH. MEU. DEUS.

As palavras foram ditas de forma pausada e arrastada.

Soltei James e segui seu olhar fixo por cima do meu ombro e me deparei com Ty ao pé da escada, olhando-nos de uma forma que não consegui decifrar.

Minha boca secou, caindo aberta.

Meu coração acelerando quando perscrutei sua figura. Jeans, camisa azul marinho de botões, com as mangas puxadas até os cotovelos deixando à mostra um montão de pele bronzeada, os pelos e as veias saltadas. Ty era uma visão de matar.

Alto. Incendiário. Poderoso.

Delicioso.

Meu sem ser.

Ele me cegava.

Eu o amava tanto.

Deslumbrava-me e entristecia igual.

PERIGOSAS ACHERON

Bagunçava minha mente com todos esses sentimentos ambivalentes, querendo tê-lo de uma forma real. Não essa mentira que contamos para todos.

— Ei, Ty — Kendra disse.

— Boa noite, Ty — Julie murmurou solene.

Ele se aproximou, seu braço serpenteando ao redor da minha cintura, a outra mão enfiada no bolso da calça numa pose que era relaxada e dominante, ao mesmo tempo. Não perdi o movimento e o aperto firme quando ele me puxou junto ao seu corpo.

Simultaneamente, sua presença maior era quase opressora, bem como protetora. Fazia eu me sentir minúscula, quase engolida. Protegida. Segura.

Seu perfume masculino me envolveu.

Fiz-me de forte, natural, mas por dentro estava liquefeita com seu toque, seu cheiro, sua posse, mesmo que teatral... Eu fingi. Sempre fingia ser

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dele, e ele meu.

Nas minhas fantasias nós éramos perfeitos. Eu queria viver lá para sempre.

— Boa noite, garotas. Como estão?

— Estamos bem — Julie disse.

— E mortas para ter um gostinho do Brasil registrado bem aqui — Kendra esfregou o estômago sem nenhuma vergonha. Ela era doida pela comida brasileira.

— Você é casada com o meu homem?

Todos nós olhamos para James, que só tinha olhos para Ty.

— Seu homem? — perguntei, confusa.

James deu um passo à frente, o sorriso de tubarão.

Ty, que até então estava todo possessivo, foi se movendo, colocando-me na sua frente como uma barreira. Rolei os olhos, zombaria esticando meus lábios.

PERIGOSAS ACHERON

— Comporte-se, James.

— Mas é meu crush, Kendra... em carne, osso e gostosura! — ele disse a última parte de maneira arrastada, o olhar preguiçoso cravado em Ty.

Na falta do que dizer, eu murmurei:

— James Kurt. Ty Bryant.

Ty deu um aceno. — E aí, cara?

James estendeu a mão e Ty pegou após um momento de hesitação.

— *God!* Mãos grandes, dedos longos... Grande, grosso e forte. — Riu, parecendo meio histérico, meio bobo. Então a coisa mais bizarra aconteceu, James se inclinou, beijando as costas da mão de Ty.
— Encantado!

Mal contive o riso, as garotas estavam igual.

— Solta, James — Julie puxou-o para trás, tentando parecer séria.

— É tão lindo! E cheiroso... Puta merda! Engarrafe isso para que eu possa levar para casa. —

Ele me olhou. — Não fique ciumenta, nem egoísta. Você tem esse *boy* todinho só para você. Pode me dar o travesseiro dele de presente? Algo simbólico?

— Para com isso, James! — grunhiu Kendra, dando uma cotovelada nele.

James me olhou pidão, como uma criança. — Me dá ele?

— Merda — Julie xingou.

— Vem! Vamos jogar um pouco de água na cara — Kendra ordenou, bruscamente, agarrando o braço dele, forçando-o na direção do lavabo.

— No rabo, você quer dizer? — Julie resmungou, com um bufo.

— Fiquem à vontade — falei, com um abano de mão alegre.

James deixou seu escrutino deslizar sobre Ty enquanto se deixava levar pelas garotas, sorrindo bobamente, os olhos focados em Ty, com derretimento, o lábio preso nos dentes numa careta

PERIGOSAS NACIONAIS

de prazer. — Meu Deus... Ele é tão lindo...

Na esquina do corredor, James segurou na parede e espiou.

— Pode assinar meu pôster depois?

— Claro, cara. Sem problema — Ty disse, dissimulando.

— Lindo e educado do jeito que...

— James, você prometeu que ia se comportar

— Kendra resmungou, voltando a puxá-lo. — Nunca mais vou te levar a lugar nenhum, bicha oferecida.

— Cadelas! Nenhuma de vocês disse que viríamos à casa do meu homem.

— Ele não é seu homem, puta — Julie cortou, com a voz dura, mas bem podia ouvir o mais leve traço de diversão subjacente em sua entonação.

Não escutamos mais, pois Julie conseguiu arrastá-lo.

— Puta que pariu! — Ty amaldiçoou.

PERIGOSAS ACHERON

Dei-lhe um olhar mediador. — Não foi tão ruim assim.

— Não foi? Eu pensei que ele fosse saltar em mim.

Rolei os olhos, mas antes que pudesse respondê-lo, a voz de Kendra soou.

— James não faria isso, Ty — disse ela, voltando à sala.

— Não tenho certeza disso — ele replicou, ainda atrás de mim.

— Desculpe. Erro nosso. James é seu fã e ficou abalado. Deveríamos ter dito a ele, mas nem lembrei desse detalhezinho... Eu vou voltar lá para ajudar a Julie...

Dei uma risadinha enquanto assentia para ela.

— Tomem o tempo que precisar.

— Talvez devêssemos ir e remarcar...

— De forma alguma! James foi sucumbido pela surpresa, mas tenho certeza que irá superar estar na

frente de seu ídolo, e Ty também.

Ty olhou, com falsa acusação depois que Kendra saiu, mal disfarçando a própria diversão. — Está se divertindo?

— É engraçado, vai.

— Não vi graça nenhuma aqui.

Sua indignação me divertiu ainda mais então, eu debochei, gesticulando com as mãos. — Ui, com medinho? Você não estava com medo até dias atrás.

— Não entendi.

— *Minha mulher não vai marcar nada com você* — fiz uma imitação grotesca dele enquanto andava em direção à cozinha e colocava meus olhos em branco.

— O quê? Era ele?

Balancei a cabeça, sorrindo. — Uhum!

Depois disso, conferi o assado e, em seguida, retornei a sala para aguardar meus convidados.

PERIGOSAS NACIONAIS

James e as garotas se juntaram a nós. James estava mais controlado, mas não menos fascinado. Ty, apesar do receio, relaxou e preparou bebida para todos.

Em poucos minutos, com o álcool fluindo em nossas veias, todos nós ficamos mais confortáveis, mesmo Ty se divertia com o jeito pavoneado de James.

Jantar servido, nos reunimos ao redor da mesa.

— Meu Deus do céu, mulher! Que delícia!

Sorri satisfeita e peguei minha taça. — Que bom que gostou.

— Gostei? Eu amei! Se soubesse que comida brasileira era assim, só estaria comendo isso. — Ele pegou mais um bocado, gemendo em seguida.

— Tenho que concordar. Comida brasileira é uma delícia. Uma das melhores que já provei — Julie engoliu e enfiou outro bocado de purê de mandioquinha na boca.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É uma das minhas preferidas — Kendra encheu o prato sem modéstia.

— Não é só a comida. É Gabriela. Ela tem a coisa — Julie disse.

James a encarou, confuso.

— A coisa?

— É, James. A coisa, o talento, mão pra isso.

Ele assentiu, e depois pegou uma garfada para si, sua careta de prazer puxou um sorriso dos meus lábios quando ele fechou os olhos e gemeu, novamente.

— E ainda cozinha como uma deusa. O que você não faz bem, garota?

— Gabriela faz tudo perfeito — Ty pegou minha mão, dando um aperto, sorrindo para mim, a voz calma e relaxada, mas foi a expressão intensa que me prendeu.

Ignorei os olhares em nós, meu corpo não.

Tinha esse comichão de ansiedade perpassando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meus membros, fazendo minha barriga gelada com a expectativa do que viria depois.

— Está com uma raridade, meu homem. Cuide bem dela, porque crush ou não, se não cuidar bem da minha deusa, darei a ela um mapa direito para a minha casa.

— Como se você gostasse da fruta — Kendra zombou.

— Não gosto, mas há mulheres que valem o milagre — replicou então, me fitou, com um ar travesso. — Podemos fazer um acordo?

Todos congelam por um ínfimo segundo, pude sentir a tensão rastejando para o cômodo, criando um ligeiro desconforto, mas antes que nos oprimisse, eu agi.

— Esse foi o elogio mais lindo que já me fizeram, James. Obrigada.

— Merece todos eles — piscou.

Comemos envolvidos por um clima

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aconchegante e amigável, risos e conversas triviais. Depois da sobremesa, levamos as amenidades para a piscina.

Com uma taça de vinho tinto nas mãos, eu aproveitei o momento, sentada no colo de Ty quando ele me puxou, causando-me estranheza a princípio. Mas, então, afrouxei como se ali, aconchegada a seu corpo, fosse o meu lugar, onde pertencia desde sempre.

Ignorei tudo... os olhares espertinhos das garotas, meus próprios temores.

Em instantes, era como se tudo isso fosse a coisa mais normal do planeta, como se sempre tivesse sido assim, natural como respirar. Os toques despropositais envoltos de uma familiaridade íntima, que me era desconhecida, o sopro aquecido de sua respiração na minha pele quando ele encostava sua boca em mim despretensiosamente, o tremor de seu corpo com sua risada reverberando

PERIGOSAS ACHERON

em mim, sua mão displicente em meu quadril, o braço jogado em minhas coxas. Ele compartilhou da minha taça.

Eu estava solta, leve e feliz...

... Mesmo depois, quando todos tinham ido, eu ainda me sentia assim.

— Não foi tão ruim, uh?

Ty coçou a cabeça, a boca entortando com diversão. — É, sobrevivi.

— Deus, como é dramático! — ri. — James pode ser... uma força da natureza, mas é um cara legal... E seu fã... Ele faz um bom encaixe com as garotas.

— Tirando o olhar castrador delas, é, pode ser.

— Não quis dizer nesse sentido — expliquei.

— As garotas são ótimas, vai.

— Elas são protetoras com você — comentou, erguendo a garrafa de *Chardonnay*. Neguei. — Eu gosto que elas sejam assim, ainda que seja eu a

pessoa de quem elas querem te proteger. — Ele se sentou ao meu lado na espreguiçadeira.

— Sinto muito.

— Por quê?

— Eu... Ah...

Ty girou devagar, casualmente, até que me enfrentou. Sua expressão suave e compreensiva. — É normal que haja um receio e elas puxem sardinha para o seu lado. São suas amigas. Kendra e Julie sempre estiveram lá quando você precisou.

— Não falo mal de você para elas — defendi, a voz estridente pelo nervosismo, muito por não saber como agir com essa nova faceta de Ty.

Quase quatro anos de ausência, eu tinha me desacostumado com seu jeito descontraído. Ele podia ser sexy, sério e divertido, ao mesmo tempo.

Desnorteava-me.

Enfeitiçava-me.

Deixava-me louca, e em consequência, em

PERIGOSAS ACHERON

sempre fazia papel de boba.

E então, eu estava dizendo coisas que não queria dizer, pelo menos não da maneira que elas saíam da minha boca, e depois era tarde demais para tomá-las de volta.

Ty baixou a taça para a mesinha do lado.

— Não, não faz — disse ele, pacientemente. — Você só dá a elas a sua versão dos fatos, que bem sabemos ser distorcida e não me privilegia tanto... e tudo bem.

— Não é como se pudesse me culpar por isso.

— Não culpo.

— Não é o que parece.

— Gabriela. — Advertência encheu seu tom.

Balancei a cabeça, deixando escapar uma curta risada pelo insulto.

— Impressionante! — mordi, colocando-me em pé no intento de sair de lá, antes que o caldo entornasse de vez e transformasse a noite numa

catástrofe.

Seus dedos se enrolaram em meu pulso.

Girei a cabeça para ele tão rápido que meu cabelo balançou na frente do meu rosto enquanto eu ralhava, nervosa. — Solta.

— Gabriela, não faça isso...

— Essa noite acabou, Ty.

Seu olhar estreitou em mim. Era quase aterrador. — Por quê? Por que você se sente confrontada e não pode lidar com isso como uma mulher adulta? Por que uma conversa honesta comigo ameaça o castelo de ilusões que construiu para se proteger? Não precisa dele, Gabriela. Só precisa ser honesta comigo, com a gente, com você mesma.

No segundo que seus dedos me libertaram, eu apressei meus passos, estarrecida com a ideia de que ele pudesse jogar o fracasso de nosso casamento em minhas costas. Não podia suportar

isso. Não era errado me proteger quando ele foi o principal autor das minhas feridas. Estava em meu direito, pois enquanto tentava demonstrar de todas as formas possíveis o meu amor, Ty estava focado nas suas safadezas para me enxergar.

— Porra. Por que você sempre faz isso?

Parei, o olhar entrecerrado quando mirei sobre o ombro. — Isso o quê?

Ty ainda estava lá, sentado na espreguiçadeira, as pernas abertas, o tronco inclinado, os cotovelos descansando nos joelhos enquanto ele me encarava com um ar fadigado.

— Fugir. Sempre, toda fodida vez, que tento conversar contigo sobre nós, nossa relação, você me insulta e foge. Eu entendo que isso protege seus status de vítima, mas não poderá fugir para sempre, Gabriela. Nem de mim, muito menos de si mesma.

— Não estou fugindo — gritei inconformada.

Suas mãos esfregaram o rosto num gesto

PERIGOSAS ACHERON

agressivo, frustrado. — Estou ficando cansado dessa merda, porra — grunhiu, furioso. — Cala a boca. Sério, Gabriela. Não fale nada, a não ser que seja para ser honesta aqui e agir como uma mulher madura.

— Que pobrezinho é você, hein?

— É você quem se apropriou deste papel, Gabriela.

Apertei os dentes, louca da vida, queria esbofeteá-lo.

Ele continuou:

— Toda vez você faz a mesma coisa. Toda maldita vez. Não importa o meu tom, as palavras que use, minha sinceridade... É você quem sempre tenta me culpar, quem sempre tenta se isentar e atirar toda responsabilidade sobre mim.

— O quê? — sussurrei, baixinho, chocada com sua observação.

— Se a conversa não irá legitimar seu pedestal

de vítima, você faz aquilo do qual me condena. Me culpa por tudo, como se somente eu tivesse a responsabilidade de fazer dar certo. Mas não funciona assim, Gabriela. Enquanto permanecer nessa redoma, não importa os meus esforços, eles serão inúteis, até que você decida fazer algo além de se lamentar como uma pobre coitada incapaz. E, foda-se, estou farto disso.

Fúria cobriu meu rosto, atou meus nervos.

— Não posso acreditar como fui... — pausei, tragando duro. — Seu cretino! É fácil para você vomitar essas merdas quando sempre teve tudo, mesmo aquilo que nunca se dignou a emprestar atenção, a dar valor. Se você está farto, como imagina que eu estou depois de todo esse tempo, dando tudo de mim e recebendo nada em troca? Aliás, recebendo nada é um eufemismo meu. Recebi descaso, desrespeito, dor. — Engoli, recusando-me a chorar. — Está certo quando diz

PERIGOSAS NACIONAIS

que não sou uma vítima, mas você tampouco é esse santo. Está cansado, querido? Eu estou exausta!

Meu coração trovejava com raiva e mágoa, tão pesado quanto minha respiração errática, fazendo meu peito se mover, subindo e descendo a cada dura tragada.

Tudo em mim, de repente, doía, latejando.

No minuto seguinte, eu estava pra lá da raiva, inconformada com suas alegações, por termos chegado a isso depois de um momento razoavelmente bom.

Odiava quando ele me empurrava a ponto de ruptura.

Dei a volta. Eu estava saindo quando sua voz grossa e autoritária encheu meus ouvidos, freando meus passos com a exigência espessa de seu tom.

— Qual foi o nosso acordo?

— O quê?

— O acordo. Qual era?

PERIGOSAS ACHERON

— Eu...

— A verdade, Gabriela — demandou, duramente.

Cerrei os dentes, minha mandíbula tensa com a raiva.

— Nosso casamento seria de fachada.

— E?

— Poderíamos ter uma vida privado... separados — forcei-me a completar a última parte, odiando-a, odiando ele por me fazer verbalizar essa declaração.

— Isso incluía nos relacionar com outras pessoas?

— Sim. — Essa pequena palavra me chocou terrivelmente, meus olhos lacrimejaram quando o choro voltou a obstruir minha garganta. — Por que está fazendo isso?

Ele ficou de pé. — Não quero machucá-la, Gabriela. Mas estou cansado de você me culpar, de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dizer que a desrespeitei deliberadamente. Me responda.

— Sim.

— Isso te feriu naquela época? Desrespeitei-a?

Abri e fechei a boca, angustiada quando a resposta surgiu por detrás das sombras, iluminada com a verdade que eu sabia, mas custava reconhecer o peso dela.

— Seja honesta, por favor. Trata-se de nossas vidas. Não haverá ganhos aqui se não formos honestos, apenas perdas. E eu estou farto delas. Creio que você, também.

— Não — respondi, com voz tensa, sentindo uma dor no peito.

— Sentiu algo? Sentia algo por mim?

— Não. Mas não te odiava.

A voz do Ty estava cheia de impaciência quando disse:

— Tampouco estava apaixonada por mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nem você por mim — protestei, desesperadamente, tentando me agarrar a algo.

Ele me dispensou com um gesto fugaz, a voz tranquila. — Não há necessidade de ficar na defensiva, Gabriela. Não estamos em um ringue. Não te colocarei na cruz ou em uma cela. São fatos, coisas reais que aconteceram. É verdade, eu não era apaixonado por você. Estava encantado. Encantado o bastante para me deixar levar quando você me usava como âncora e distração da sua dor, e tudo bem. Eu adorava ser útil, ter alguma importância para você. Era melhor do que a indiferença que sempre me ofereceu.

Ofeguei surpreendida com sua declaração.

— Quando minhas saídas começaram a incomodar?

— Quando me apaixonei por você, satisfeito? — eu quis gritar fora de mim, furiosa, quando me vi encurralada por suas inquisições.

PERIGOSAS ACHERON

— Nem perto. Quando? — ordenou, sua voz gritante, escura com a mesma emoção que brilhava em seu olhar. A dor lá, me chocou ainda mais, aquietando minha fúria.

— Depois que nossa filha nasceu — falei, respirando com dificuldade.

— Mas antes disso nada do que eu fazia te atingia, certo?

Empertiguei, cheia de desconfiança, com medo. — O que está tentando fazer? Acha que é minha culpa você ter sido um sacana esse tempo todo?

— Sacana? E como eu fui sacana com você, Gabriela, se você mesma aceitou um casamento de fachada? Um casamento que não nos dava exclusividade? O que deveria ter feito? Ter adivinhado? Lido seus pensamentos? Suas intenções submersas?

Eu olhei tão firme quanto era minha cólera.

As palavras se amontoaram na minha garganta,
PERIGOSAS ACHERON

asfixiando, tirando-me o ar, inflamando minha raiva e me fazendo impotente, ao mesmo tempo.

Raiva dele, de mim, da nossa situação.

Ele estava me empurrando sem piedade, levando-me onde eu não queria estar.

— Em nenhum momento, por mais liberdade que tivesse, e você tinha, tinha toda liberdade para fazer suas exigências, mas não fez qualquer objeção... Está me culpando do que exatamente? Em que momento a obriguei aceitar o que te propus? E atenha-se a essa palavra, eu *propus*, nunca *impus*. Era sua decisão aceitar ou não... Então me diga, por amor da porra, o que esperava de mim? Sinto-me lisonjeado com a idealização que faz sobre a minha pessoa... Mas, porra, Gabriela, não sou esse deus capaz de ler seus pensamentos. Não posso adivinhar o que quer, por mais que coloque toda minha atenção você. Sempre se escondeu muito bem. Pare de exigir de mim o

PERIGOSAS ACHERON

que nunca me deu.

Eu estava sem palavras, observando-o com os olhos embaçados.

Não conseguia falar, isso me angustiava ainda mais.

— Eu sinto muito por ter te ferido, ainda que não tivesse o propósito, ainda que tenha sido um parvo ignorante... Não se trata de culpa, senão de responsabilidade.

— Isso não tem diferença — espezinhei, sem realmente acreditar.

— Sabe que tem. Está em negação, Gabriela. Mas quem sou eu pra falar disso? Você é a futura psicóloga aqui, não eu. Mas, aparentemente, é cega para si mesma.

— Está tentando jogar isso sobre mim?

Ele deu um passo à frente, espreitando-me.

— Não, porra! Claro que não. Está se escutando? Está *me* escutando?

Cerrei meus lábios, não conseguia falar.

Ele suavizou. — Gabriela, baby, você não pode ficar se escondendo atrás de seus medos para sempre, seja lá do que quer que acha que te fez.

— Eu não...

Ty suspirou. — Sabe que sim. Está se escondendo porque tem medo de admitir, porque então não terá como me culpar. E aqui está o ponto... Eu errei. Você errou. Erramos ao não nos comunicarmos quando deveríamos. Somos honestos um com o outro, mas fomos omissos... Então, me diga. Diga-me o que precisa. O que eu preciso fazer para que possamos transpor essa ponte? Quer se vingar? Quer estar com outros? Quer noitadas? O quê? O que você quer, Gabriela? O que você precisa?

Minha voz soou estrangulada, irreconhecível.

— Eu nunca quis estar com outros.

Enquanto ele dava um passo mais perto, seu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

corpo duro e pesado se movendo com fluída graça e masculinidade, ele murmurou, cálido e tão docemente que estilhaçou minhas defesas. — Podemos ficar nos culpando a cada conversa, expondo os erros um do outro, competindo essa merda, mas nada disso nos levará a qualquer lugar, que não seja de mais dor... Nossas omissões, as esperas em silêncio, foi tudo isso que nos trouxe onde estamos. Eu quero me resolver com você. Quero tentar. Então, o que você quer?

Deixei meus ombros caírem, minha raiva escoando.

Ty não se moveu, ele ficou lá, encarando-me.

O rogo humilde de seu olhar esperando por um movimento meu.

Ele tinha me forçado para fora da minha zona de conforto então, lá estava eu, encarando-o de volta, com os olhos alagados de temor, meu coração na garganta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fim de linha.

Tudo ou nada.

Agora ou nunca.

Era assim que me sentia, presa em um momento catártico que definiria o rumo da minha vida daquele ponto em diante. Estava tentada e também desesperada.

Enquanto eu olhava, meu coração batia mais e mais rápido.

Eu seria uma tonta se não reconhecesse.

E, Deus, isso era difícil.

Havia essa voz no fundo da minha mente irritada, exigindo vingança.

Eu odiava isso. Odiava esse sentimento.

Ty me desnudou.

Eu sabia o que queria...

... E eu queria ele.

Eu sempre quis ele.

Eu queria ser feliz.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Por um momento que fosse, eu queria ser feliz... com Ty.

Eu esperei por isso, por esse momento, por essa chance de construir um nós. Sonhei com isso. Fantasiei por tanto tempo, tantas horas gastas... e agora... Tinha tanto medo que me vi paralisada por um instante. Mas também havia essa vontade inegável.

Meus dedos gelaram, suando, enquanto reunia minha coragem.

Eu estava sem fôlego, as mãos tremulando quando tomei minha decisão e dei o primeiro passo... para ele... e depois outro e mais outro, até que estive na sua frente.

Engoli minha saliva, o coração só faltando sair pela boca.

Ignorando as lágrimas, ergui a cabeça para olhá-lo.

— Dançar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ty sorriu. Uma deliberada e lenta curva de seus lábios cheios enquanto seus olhos se enchiam de regozijo. Seus polegares limpavam abaixo dos meus olhos.

As grandes mãos seguraram minha cabeça para o seu beijo em minha testa.

Fechei os olhos e suspirei, deleitando-me com o momento.

Ty rodeou minha cintura com o braço, e eu enfiei a mão na sua quando ele me ofereceu e apoiei a outra em seu ombro, e, em seguida, nos movemos ao som de Ed Sheeran. Descansei a cabeça em seu peito, enchendo meus sentidos com seu cheiro bom enquanto ele pressionava de leve seu queixo contra o topo da minha cabeça.

Estava encantada com nossa aproximação íntima... com seu coração batendo forte contra a minha orelha... Sorri em segredo, deslumbrada com meu efeito nele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Obrigada pelas flores — sussurrei, minha voz abafada por seu peito, após um momento dele balançando-me suavemente para lá e para cá.

O embargo em sua voz surpreendeu-me.

— Você gostou?

— Eu amei.

— Bom.

— Eu deveria te dar algo. Se soubesse que...

Paramos de nos mover, suas mãos embalaram meu rosto.

— Você me deu, Gabriela. Está aqui. Me deu uma chance de tentar. — Sua voz se voltou rouca, aveludada, o olhar caindo, demorando-se em meus lábios.

Poderia ter passado dias, semanas, meses, anos... Não importava. Estávamos presos em um momento mágico e decisivo, tão intenso, que transbordávamos.

— Eu vou te beijar, esposa.

PERIGOSAS ACHERON

Não pude conter o impulso de necessidade, nem queria.

Não respondi verbalmente, embora o "por favor" estivesse entalado na minha garganta. Em um movimento rápido, certo e totalmente desesperado, eu dei vazão ao meu desejo quando subi em meus pés e cobri sua boca com a minha.

Eu o beijei com todo o meu amor. Com fome. Gananciosa. Cheia de uma necessidade crua... com a necessidade que de ser dele... de ser amada por ele. Toda aquela libido, aterrada pela acomodação, veio à tona num rompante violento.

Não havia suavidade, nem timidez.

Só uma forte urgência de pertencer, possuir e tomar.

Ty gemeu contra meus lábios, chupou minha língua. O choque, o frescor dos nossos lábios se movendo com estalos molhados e cheios. O deslize de sua mão desde a minha lombar até minha nuca

PERIGOSAS NACIONAIS

fez todo tipo de coisas deliciosas em meu corpo. Estremeci. Arrepiada com a antecipação. Meu gemido não podia ser retido. Não quando ele abriu a mão na minha nuca e fechou em meus cabelos, sujeitando-me para o seu beijo.

Ali, com sua mão segurando a minha junto ao seu peito, nossos corpos pressionados um contra o outro, Ty me possuiu com aquele beijo devastador.

Devorou-me.

Despertou-me para vida.

Eu me agarrei a ele como se minha vida dependesse disso.

Ele me beijou como se nada mais importasse.

O desejo febril cresceu, até que estávamos desesperados e ofegantes, até que a necessidade de mais explodiu ao nosso redor e encheu nossos corpos.

Em um acordo mudo, ele parou de me beijar e nos guiou para dentro de casa.

PERIGOSAS ACHERON

Estava quente, suando frio, a comoção agitada fazendo meus pulmões trabalharem duramente, respirando alto. As mãos geladas, meu coração trovejando, quando em meu quarto, parada em pé na frente da cama, ouvi Ty fechar a porta, e depois caminhar até mim. Seu corpo me cercou, as mãos em meus quadris, segurando-me quando ele se pressionou contra mim, sua boca perseguiu uma linha imaginária em meus ombros.

Suspirei de prazer, deixando minha cabeça cair para o lado, meus olhos entrecerrados, encapuzados pelo magnetismo erótico envolvendo-me.

O calor fez erupção em minhas coxas.

Ele estava duro e louco para transar.

Eu o queria tão perversamente, aqui, agora mesmo.

Tinha a impressão que o quarto pulsava num aperto difícil acompanhando o meu coração, com meu sexo dilatado, se preparando, ansiando-o com

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um desespero que deveria me envergonhar. Mas não fiz. Não havia espaço para mais nada.

Era Ty e eu e o desejo pulsante, turvando minha mente.

Tudo muito intenso que meus olhos queimaram com emoção.

Ty me girou de frente para ele e me olhou nos olhos, a fome e o desejo queimando, uma demanda clara, mas seu tom era suave, solícito. — Podemos parar quando quiser... Foda. Vai me matar... Mas tudo que tem que fazer é dizer as palavras.

Mal podia respirar pela excitação.

Suas palavras encheram meu coração. Resisti ao impulso de fechar os olhos para que ele não visse em meu rosto a felicidade que sentia. Recusava-me a esconder dele.

Traguei forte e rapidamente. — Não quero parar, Ty — disse, minha voz era um pequeno e quente suspiro de profunda necessidade feminina.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que você quer, Gabriela?

— Você. Só você.

PERIGOSAS ACHERON

O choque, ao invés de me assustar, uma vez que estava desacostumada, instigou um sorriso secreto quando despertei com um bombardeio de deliciosas sensações.

Não podia me decidir qual era a melhor.

Pequenos sons arranharam minha garganta, suspiros leves.

Lábios macios e uma língua atrevida exploravam meu pescoço, deixando um rastro úmido e quente em minha pele, dentes beliscando em provocação. Estremeci. Calafrios eróticos percorreram minha pele, arrepiando. Uma mão corpulenta amassava meu seio enquanto a outra

estava entre as minhas pernas, dedos hábeis estimulando-me. Nua e melecada. A sensação física de um corpo duro masculino pressionado em minhas costas certamente era bem chocante, para dizer o mínimo. Era mais que isso, no entanto. Eu estava me sentindo de uma forma que há muito tempo não sentia. Era quase nova, surpreendente... e tão, tão, tão boa. Ty não tinha me deixado depois que fizemos amor. Ainda lá, segurando-me, mimando. O medo que eu não sabia que tinha segurado até aquele momento, se dissipou. Então, só havia regozijo.

Deus, eu amava isso!

Recusei-me a abrir os olhos.

Deveria estar sonhando.

Mesmo que duvidasse de minha sanidade, meu corpo era um atestado inegável do que ocorreu nesse quarto. Isso, pra não dizer, de agora. Ty estava sendo o provocar que eu me lembrava.

Talvez melhor. Não podia me decidir enquanto ele me tocava assim.

Não contestei. Não era louca.

De olhos fechados, apreciei pelo maior tempo que pude.

Suas provocações estavam me levando ao orgasmo...

Respirando forte e entrecortado, pequenos gemidos escapando apesar de meus esforços, balançando contra ele antes que pudesse me conter.

Seu fôlego pesado aquecia meu pescoço.

De conchinha, ele se esfregou contra mim, estava duro e pulsando. Não queria abrir os olhos, podia continuar sonhando pela eternidade. Sua boca procurando a minha depois que gozei, forçou-me a recuar, quebrando o encanto, abri os olhos.

— Não.

— Não?

— Sem beijos sem escovar os dentes —

resmunguei, cheia de vergonha. Não iria beijá-lo com o bafo da manhã. Ficaria morta de vergonha.

Ty riu, meu corpo balançando com o dele.

No segundo que ele me soltou, eu saltei da cama, quase indo ao chão enquanto tentava me equilibrar com o lençol ao meu redor, recusando a sensação dolorida em meus músculos. O cabelo era um ninho ao redor do meu rosto.

Ty se esticou, confortável com sua nudez, enquanto eu ficava embaraçada.

Corri para o banheiro, escondendo minha reação boba. Sua risadinha me perseguiu até que fechei a porta atrás de mim, mas não passei a chave.

O sorriso era espontâneo, contudo, eu me sentia congelada.

Deixei o lençol cair em meus pés, e no outro instante, fiz um som abafado, o coração batendo forte, ao passo que, descia o olhar pela imagem

PERIGOSAS NACIONAIS

refletida no espelho. Estava uma bagunça completa. Tinha marcas pelo corpo. Atrevimento entortou o canto direito dos meus lábios. Escovei os dentes, minha mente reprisando a noite passada e momentos de agora há pouco. Nenhum sonho. Era bem real.

Enxaguei a boca, usei a toalha e encarei o espelho.

Não sabia que atitude tomar então, enfrentei a ducha.

Fechei os olhos e senti a água.

O toque em minha cintura me sobressaltou, chocada que não o tivesse escutado entrar no banheiro e na ducha comigo. Depois fiquei sem fôlego, a mente em branco, atenta aos seus movimentos à medida que suas mãos perpassavam, contornando minhas curvas, reconhecendo-as, memorizando. Ty não disse nada. Nem eu. Receosa com seu veredicto. Temendo que o que ele via, às

PERIGOSAS ACHERON

claras, não fosse tão bom quanto o que viu ontem à noite nas sombras, com o álcool correndo em nossas veias. Não estávamos bêbados, mas, definitivamente, o álcool desligou minhas inibições.

Ty estava gostando do que via?

Eu me esforçava, era bom olhar no espelho e gostar da imagem, estar segura de que ele gostaria também, de que era atrativa para ele. Mas, agora, todas as dúvidas estavam de volta. Podia sentir a insegurança cravando as garras na minha pele.

— Por um longo tempo, eu fantasiei vê-la assim, toda deliciosa e com essas curvas de matar, tocar você, senti-la outra vez... É mais do que eu sonhei, Gabriela.

A luxúria em sua voz rouca derramou erotismo em meu ouvido, fez-me desperta nas partes certas, naquelas que ainda doía pelo uso... e queria mais.

— Você gosta?

— Se eu gosto? Gabriela, baby, não sei como vou fazer para manter minhas mãos longe de você. Não podia antes, e, foda-se, se posso agora... É linda. Juro por Deus, não sei como consegue, mas cada vez te olho, você parece melhor que antes.

Meu corpo foi puxado contra o seu. Resfoleguei. Ele estava pronto. O sopro de sua respiração no pé da minha orelha fez-me conter a respiração.

Estava me segurando, retendo a vontade louca de agarrá-lo e tomar tudo dele.

Seus toques.

Seus beijos.

Seu corpo duro esfregando contra o meu.

Queria beijar cada centímetro dele.

Correr minhas mãos por todas as partes.

Tinha feito exatamente isso na noite anterior, e não tinha sido suficiente.

— Me dá sua boca, baby.

PERIGOSAS NACIONAIS

Em minha demora, sua voz reverberou, novamente.

— Eu escovei os dentes antes, juro.

Dei uma risadinha enquanto ele me girava.

Por mais que tentasse, não pude esconder meus receios.

Ty sorriu, um curvar lento, hipnótico, os olhos ardentes de desejo, aumentou minha frequência cardíaca quando ele dobrou a cabeça, e a minha própria caiu para trás ao receber seu beijo em minha garganta. Enviando arrepios por todo o meu corpo. Engoli duro, expulsando um fôlego pela boca à medida que sentia seus lábios e língua rastrear minha pele, traçando caminhos que fizeram minha mente turvar. Estiquei as mãos, pousando-as em seus flancos, os dedos apertando sua carne. Deslizei-as pelas suas costas, o peito e a nuca. Não sabendo bem se o mantinha quase que numa ordem muda.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Precisava de palavras.

Precisa... dele.

Ty me deu isso.

Ty me deu prazer.

Deu-me gemidos...

Um coração batendo nas costelas.

Deu-me sorrisos...

Lágrimas de felicidade.

Depois do banho, eu não quis pensar em mais nada. Estava aproveitando cada momento como se a qualquer instante tudo fosse acabar. Mas...

Por que eu estava com tanto medo?

Por que temia tanto a resposta?

Estava pronta para caminhar até o closet para me vestir, quando fui surpreendida ao ser jogada para o alto em seus braços, e depois na cama.

Eu olhei meio assustada, meio divertida.

— Deus, Ty, o que está fazendo?

Ele colocou um joelho no colchão e veio para

PERIGOSAS ACHERON

cima de mim, espreitando-me como um gato cheio de malícia. — Ainda é cedo. E eu não tive o bastante de você.

— Não pode estar falando sério — ralhei, numa mistura de choque e diversão.

— Dê-me alguns minutos e eu vou te mostrar o quão sério estou aqui. Por enquanto, eu quero te saborear e brincar um pouquinho com você.

— É um pervertido.

— Eu só quero te tocar, Gabriela... Lamber aqui...

Ty sorriu, e foi tão lindo, que eu derreti, sorrindo de volta.

Minha toalha tinha sumido, a sua também.

Então, ele estava me beijando... tocando... acariciando...

Deitado do meu lado, ele e eu ficamos em silêncio. Estava curtindo sua mão deslizar indo da minha barriga até minha clavícula. Ty embalou

PERIGOSAS NACIONAIS

meu rosto.

— Está arrependida?

— Não — respondi sincera.

— Graças a deus, porra.

Ri. Ty me acompanhou.

Depois, ele me beijou lento e suave.

Segurei sua mão em meu rosto. — Por que o anel? Não entendo. Deu-me no natal, mas você... esteve com ela... — perguntei enfim, com uma careta no final.

Ty exalou forte. — Eu estava decidido a tentar, a dar minha cara à tapa, como deveria ter feito quando esperei que me desse uma dica.

— Difícil acreditar nisso quando procurou ela.

— Naquela noite, eu quis fazer a coisa certa. Terminar com ela. Não ter o rastro de qualquer outra entre nós. Dei a Tara uma última noite. Foi errado. Eu sinto muito mesmo por ter te machucado. Não vou me justificar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não há como se justificar.

— Está certa — resmungou, demoradamente. O polegar correndo por meu maxilar, lábio, o olhar no meu. — Não sei mais o que dizer, Gabriela. Não há o que dizer, exceto meu arrependimento. É sua escolha acreditar ou não.

Ty tinha razão, não havia o que dizer.

E isso nos deixava aonde?

— Pode me perdoar? Pode, pelo menos, tentar?

— Sim — murmurei antes sequer que tivesse a chance de pensar a respeito, porque era verdade. Eu queria perdoá-lo. Queria dar-nos essa chance.

Eu amava como estávamos. Estava morta de medo, mas amava.

Estava me agarrando a tudo para não perder isso.

— Por que o anel? — insisti.

— Eu quis fazer o nós real. Achei apropriado que te desse um anel. Não tivemos um, não do jeito

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

certo. Eu quis, *quero*, que carregue no dedo, caso me aceite.

— O que está dizendo?

— Eu quero me casar com você.

— Ty, nós já somos casados.

— Não assim. Sei que não podemos fazer isso como na primeira vez, mas quero que dessa vez seja tudo real, com os sentimentos e desejos certos, começando pelo anel em seu dedo, o sacerdote, as flores, o seu sorriso, o olhar emocionado e de ansiedade pelo momento. Real como seu coração bate por mim e o meu bate por você.

Ty se virou, e depois voltou com o anel, que estava em meu criado-mudo. Nos movemos em sincronia, estiquei meus dedos da mão esquerda, deixando-o deslizar o anel suntuoso em meu dedo. Meu olhar maravilhado acompanhou o movimento como se ocorresse em câmera lenta. Meu coração batia igual. Eu quis chorar.

PERIGOSAS ACHERON

O peso simbólico do objeto encheu meu coração de regozijo.

Isso era meu. Algo só meu. Pensado em mim.

—... Em 3 meses iremos fazer 4 anos de casados — disse, lentamente, quase velado. — Nunca comemoramos do jeito certo. Quero renovar os votos com você.

Demorou, até que pudesse respondê-lo de forma débil.

— Eu... Desculpe... Eu não sei o que dizer.

— Não é porque algo começou errado que não pode dar certo, Gabriela. Só depende de nós. Eu quero. Espero que você ainda me queira.

Não respondi. Não ainda.

Mas, Deus, eu queria.

Desejava-o com todo meu coração.

Desejava tanto que meus olhos inundaram.

Meu corpo inflou com prazer.

Ty me beijou, seu corpo movendo até estar

PERIGOSAS NACIONAIS

entre o meu, possuindo-me de uma forma terna, paciente. Foi mágico. Intenso. Fez-me sorrir e chorar...

A batida na porta seguida da voz infantil de nossa filha quebrou o clima, após um momento em que estivemos conectados, envolvidos numa atmosfera sensual.

Ty saiu da cama e vestiu a cueca boxer. Recusei o embaraço enchendo meu rosto, e agarrei sua camisa, envolvendo-a no meu corpo, amando a sensação, seu cheiro, desejando tanto ser amada, e depois me preparei para entrada de nossa pequena.

Ty veio com Violet nos braços.

Era como ver meu sonho se tornando realidade bem na minha cara.

Tão belo. Tão incrível.

Eu só sabia sorrir, envolvida por aquela bolha de puro contentamento.

O restante do dia foi perfeito, como se tivesse

PERIGOSAS ACHERON

sido pintado em um quadro.

Entreguei-me ao clima me engolfando, a sensação boa de um prazer genuíno que não me permitia pensar em nada além dos momentos vividos. O café foi uma nova experiência. Ty, Violet e eu, de um jeito que nunca estivemos antes. Uma família real. Mágica, fantástica. Risos, conversas e beijinhos. Deus, eu amava isso, amava ele. Esse momento. Nunca antes senti uma felicidade como essa, nunca antes me senti assim, como se tivesse o mundo na palma das minhas mãos. Isso era pavoroso. Surreal.

Então, eu só relaxei e aproveitei.

O rosto vermelho, embaraçada e tímida, mas não me permitindo recusar nenhum carinho que me era oferecido ou que quisesse dar/retribuir.

Natural como respirar.

Eu sempre quis isso. Ty assim.

Essa família, esse modelo perfeito de homem

que me amava, respeitava e me tinha em consideração e importância, a filha... a família primorosa a qual eu pertencia, que merecia. Minha própria família. Eu merecia tudo isso. Não merecia?

Kendra abriu a porta, e eu me xinguei por não poder conter o sorriso besta que insistia em esticar meus lábios, as reminiscências do temor também estavam lá.

— Se isso não é a própria personificação do prazer e realização feminina, eu não sei o que é — Julie disse quando se juntou a nós, sentando no outro sofá.

Tinha deixado Violet com meus sogros depois que Ty saiu e eu quase tive uma síncope por estar sozinha e sem ninguém para falar abertamente.

Então, corri para as minhas garotas.

— Será que isso é o que estou pensando que é?
— Kendra perguntou.

PERIGOSAS NACIONAIS

Julie saltitou, com direito a palminhas.

— Conte! Conte! Conte!

— E não se esqueça de nenhum detalhe sórdido.

Meus olhos se encheram d'água.

Kendra se inclinou, preocupada. — Ei, o que é isso?

— O que está errado, Gabi?

— Nada — resmunguei, limpando o rosto. — Sério, nada. Sou só eu, uma bobona. Nem sei porque estou assim... Certo, eu sei... Nós ficamos juntos.

— Deve ter sido um horror pra você estar assim — Julie disse, com uma careta.

— Deus, não! Ele foi... maravilhoso.

— Devo confessar, que gostei do que vi ontem — Kendra disse, e eu só queria que ela falasse mais. Mais o quê? Ela, no entanto, esperou por mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nós tivemos uma longa conversa depois que saíram — confessei, medindo as palavras, não sabendo exatamente o porquê. — Eu posso ter sido um pouco teimosa.

Elas continuaram me olhando, o que me deixava mais nervosa e inibida, ao mesmo tempo em que o nervosismo impulsionava minhas palavras.

Que louca eu era!

Levantei andando para lá e pra cá, não podendo me conter num canto só. Então parei, as palavras saltando. — Estou tão feliz que tenho medo. Não sei porque estou sensível assim, eu só estou... Tudo que ele fez ontem, hoje, é... Não sei...

Na verdade, eu sabia, apenas não queria verbalizar por vergonha.

Tinha sido desprezada, depreciada, minha autoestima sendo esmagada por tanto tempo que agora não sabia lidar com o mais leve gesto bom.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Estava sensibilizada, emocionada por ser tratada com consideração, valorizada. Causava-me estranheza, receio, ao mesmo tempo em que queria me jogar de cabeça e festejar. Eu só não podia ignorar essas duas forças contrárias me puxando então, estava sendo cautelosa.

— Sexo é um remédio milagroso, né? — Julie disse, sorrindo.

— Eu amei estar com ele. Ser dele. Mesmo que fosse só um momento. — Funguei. — Ninguém deveria mendigar amor assim, mas eu... Deus, isso é difícil.

— E foi só isso? Um momento?

— Não sei, Kendra.

— O que quer dizer? — Julie perguntou com cautela.

Sentei-me. Confusa, alegre, triste, tantas emoções fluindo.

Elas esperaram pacientes. Sempre pacientes.

PERIGOSAS ACHERON

Engoli o choro, puxando uma respiração funda.

— É como viver um sonho e agora eu apenas tenho muito medo de acordar. Não sei o que pensar, o que dizer... Quis isso por tanto tempo... — engoli mais uma vez, e mostrei o anel para elas, que não pareciam tão chocadas. Foquei nele. — Ty disse que comprou quando decidiu tentar um verdadeiro nós... Ele comprou aquelas joias pra Tara..., eu odeio isso, mas não posso ignorar o que ele fez, nem por mim nem por ela.

— E o que ele fez por ela? — a pergunta de Julie me pegou de surpresa.

As lágrimas estavam lá antes que pudesse contê-las.

— Ele lhe deu as joias como forma de compensação. Disse que iria terminar, e lhe deu uma noite, além das joias, para finalizarem, seja lá o que tinham.

— Filho da puta! — Kendra grunhiu.

— Maldito de merda.

— Não é como se pudesse culpá-lo — murmurei, recebendo olhares exaltados. — É verdade, sabem disso melhor do que eu. Não posso ignorar o sofrimento que seu tratamento me causou, tampouco posso recusar a verdade dos fatos.

— E que verdade seria esta? — Kendra perguntou devagar.

— Fundamos nosso casamento numa farsa. Não podia exigir dele, quando aceitei tudo de bom grado — confessei, e, Deus, era doloroso admitir isso.

— E o que você quer fazer agora?

Olhei de Kendra para Julie, e de volta para Kendra.

Sabia a resposta, mas...

Julie agarrou minha mão. — Kendra te disse não tem muito tempo e eu irei reiterar isso. Não nos deve nada. Não tem que se privar do que deseja por

causa de ninguém, de vergonha ou orgulho. Conhece nossa posição. Nunca escondemos de você, bem como nunca escondemos que desejamos vê-la feliz, quer seja com ele ou com outro.

— Mas, principalmente, definitivamente, feliz com você mesma. Se com Ty ou outro, não importa. Você precisa estar bem consigo mesma. — Kendra adicionou.

— Isso mesmo. — Julie me olhou com afeto. — Se Ty quer tentar, se você quer se dar uma chance com ele, vá em frente. Será você quem viverá isso, fofa.

— O que não pode é deixar de viver algo por receio do que os demais irão pensar, e depois, mais tarde, quando mais velha, ficar cheia de arrependimento.

Julie assentiu. — Isso é duro.

— Eu que o diga, deveria ter fodido Joseph quando tive a chance, agora nunca saberei se aquele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pau faz mesmo mágica durante horas.

— Horas?

— Uhum! Pode imaginar isso?

— Tanto que já me sinto assada.

— Uma assada feliz, admita.

— Fernando que o diga. Ele pode fazer isso por muitooooo tempo.

Kendra lhe mostrou o dedo.

Ri alto. Então, todas nós estávamos rindo.

— Vocês são loucas, mas eu amo vocês.

Kendra me fixou, com um sorrisinho inconfundível. — Se divertiu?

Fiquei rubra dos pés a cabeça.

Julie bateu seu ombro no meu. — Cadela. Espero que Ty tenha te dado orgasmos múltiplos, caso contrário, teremos que capá-lo.

— É uma sádica, Julie.

— Esqueça essa ideia de capá-lo — recusei, veemente.

PERIGOSAS ACHERON

— Pau inútil deveria ser crime — disse ela dissimulada, dando os ombros.

Sorri, mas não chegou aos olhos.

O silêncio preencheu o cômodo, até que Kendra o quebrou.

— O que está acontecendo?

Suspirei, deixando meus ombros caírem enquanto afundava no assento.

As palavras fluíram naturalmente, dei-lhes tudo ou quase isso.

— Certo — Julie disse, demoradamente. — E? Digo, fico feliz por Ty ter dado esse passo e sido honesto, ter te dado uma grande noite. Mas, e aí?

— Não vê, Julie?

— Não estou entendendo.

— Tivemos uma conversa honesta, uma noite que francamente, estou feliz. E agora? Como será daqui pra frente?

— Eu acho que essa pergunta terá que ser
PERIGOSAS ACHERON

dirigida ao senhor do seu caos — Kendra pontuou, paciente. — Só Ty pode te responder. E eu espero, para o seu próprio bem, que seja honesta com ele. Não esconda nada. Não omita. Seja honesta também.

Elas tinham razão, uma partezinha em mim não queria admitir, sim, muito orgulhosa e amedrontada para reconhecer. Ficar em minha casca parecia à coisa certa a fazer, embora o resultado dela já fosse conhecido e não tão bem recebido. Mas era seguro. Era o que eu podia, o que eu sabia lidar, enquanto o desconhecido...

— Chega de se esconder, você não acha? — Kendra tinha me dito quando me acompanhou até a porta.

Eu olhei para ela, sem saber o que responder.

— É sua vida. Se arriscar um pouquinho não fará mal — Julie comentou.

— Esse passo já foi dado, Gabi. Cabe a você

escolher qual caminho quer seguir. E eu espero que sua escolha seja baseada no que você quer de verdade.

Separação ou dar-nos uma chance.

Fácil na teoria, terrível na prática.

Entrei no carro e fui para casa, com suas palavras ecoando em minha cabeça. Confiante e contente ao mesmo tempo sobre o futuro, sobre o que deveria fazer.

Minha confiança, porém, durou até que estivesse na frente de Ty.

— Graças a Deus — brincou quando parou na minha frente, segurando meus quadris. Ele me deu um beijinho. — Pensei que tivesse fugido.

— Estava com as garotas.

— Espero que tenha passado no teste — disse, divertido.

— O quê?

— É o que vocês, garotas, fazem, não é?

Avaliar seus homens. Eu, francamente, espero que tenha me dado uma boa avaliação... E então?

— Então o quê?

— Sua avaliação.

— Não te avaliei — respondi, com uma careta, incerta se minha conversa com as garotas poderia ser considerada uma avaliação de seu desempenho sexual.

Ele me olhou com dúvida, zombando de mim.
— Não?

— Está sendo inconveniente — resmunguei, certa que estava ficando rubra.

Ty riu, e eu estreitei os olhos enquanto ele me puxava para um abraço.

Então, aquela antecipação desagradável me atingiu. Por mais que tentasse relaxar e curtir o momento, não conseguia. Fiz o que pude para estender nosso momento família, mas não podia continuar com isso depois que colocamos Violet na

PERIGOSAS ACHERON

cama.

Caminhando ao lado dele no corredor, a ansiedade estava me comendo viva.

— Tenho que acordar cedo amanhã. — Mal olhei para Ty quando andei quase correndo até minha porta e entrei. Um braço cercou minha cintura, puxando-me para trás contra o corpo forte, antes que fosse muito longe. Sua respiração no meu pescoço.

Ouvi a porta bater fechada, suavemente.

— O que foi isso? — O sorriso contornou sua VOZ.

Contorci-me, até que Ty me permitiu virar de frente para ele. Engoli. Balancei a cabeça, humilhada. Exalei forte, deixando meus ombros caírem.

— Desculpe, eu... O dia foi longo. Estou cansada.

— Eu posso ter contribuído com isso —
PERIGOSAS ACHERON

galhofou, abraçando-me mais forte.

Meus dedos apertaram sua camisa.

Sua boca roçou na minha, a carícia suave, aquecida, quando Ty me beijou quase com reverência, construindo o beijo, lentamente. — Precisa parar com isso — sussurrou roucamente enquanto roçava os lábios em meu pescoço.

— O quê?

— Fugir toda vez que algo a incomoda, ao invés de falar comigo.

Empurrei para trás, e ele me deixou escapar.

— Eu não... — parei, vencida com seu olhar firme.

— Falamos sobre isso ontem, pensei que tivesse concordado que essa atitude não é legal e não nos leva a qualquer lugar bom e produtivo.

— Como ficamos? — falei, ao invés.

— Como ficamos?

— Você sabe. Nós. Deus, Ty, nos ficamos

juntos.

— Transamos. Fodemos. Fizemos amor.

— E agora o quê?

— O que você quer?

Eu abri a boca então, fechei.

Ty veio até mim, decidido, a expressão séria cheia de honestidade.

— Eu vou te dizer o que eu quero. Você pode concordar ou não. Pode acrescentar algo que seja do seu interesse e funcione para nós, ou não. Sua escolha.

Eu olhei ansiosa.

— Quero estar aqui todos os dias, todas as noites. Dormir e acordar com você. Quero possuir não apenas meu lugar na cama, quero possuir você, tocá-la e beijá-la quando quiser. Quero minhas roupas em seu closet, minhas coisas entre as suas.

Eu não podia falar enquanto o observava, com os olhos arregalados. A emoção funda, aquela

PERIGOSAS ACHERON

sensação livre de felicidade estava me sufocando ao passo que meu coração martelava loucamente. Ele estava me enfraquecendo.

— Quero tudo, Gabriela. Inteiro, nada pela metade. Você está bem com isso?

Balancei a cabeça, muda.

Lágrimas brilharam em meu olhar.

Ty tocou meu rosto.

— Estou começando a me preocupar com essas lágrimas, baby. Se não quer, só tem que me dizer isso, Gabriela. Irei aceitar qualquer que seja sua decisão.

— Não... — lambi os lábios ressecados pelo nervosismo, incapaz de reter as grossas gotas manchando minhas bochechas. — Eu quero.

— Então, por que está chorando?

— Não estou chorando.

Sua sobrancelha arqueou, zombando. — Não é o que vejo. Desde ontem, fica assim cada vez que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

te toco. Estou te desagradando? Machuquei você?

— Estou feliz, Ty... Feliz o bastante para chorar.

— Bem, se não sou o cara, não sei quem é.

Bati em seu braço, rindo.

— Idiota. Não fique convencido.

— Impossível. — Embalou meu rosto, o olhar terno e sua voz hipnótica seduzindo-me. — Tenho uma mulher incrível dizendo que a faço tão feliz que a emociono.

Rolei os olhos, tentando em vão manter um ar entediado.

— Tinha me esquecido desse seu lado bobo.

— Podemos relembrar várias coisas — seus dedos limpavam os fios de cabelo do meu rosto. — Inclusive podemos conhecer outras que ainda não conhecemos.

— Eu gostaria disso, Ty.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Os dias passaram, levando minha desconfiança e temores. Assim pensei. A cada dia ficou mais fácil, mais natural, mais Ty e eu, mais uma família normal. Tão natural, que foi fácil me familiarizar, como se sempre tivesse sido dessa forma.

Ty se mudou para o meu quarto, fez dele nosso. Mesmo quando não estávamos juntos, ele estava lá comigo, a lembrança em minha memória, em meu corpo.

Nos primeiros dias, estive em um estado de puro contentamento, fiquei obcecada em olhar para suas coisas no meio das minhas. Deslumbrada cada vez que deparava com ele se barbeando de manhã. Os banhos que compartilhamos, os cuidados, um

simples esfregar as costas, encontrá-lo esparramado em minha... *não*... nossa cama.

Era como estar vivendo um sonho.

Entramos em uma rotina familiar, algo que sempre quis. E talvez por isso, fosse tão simples me acostumar. Normal. Soava assim. Sentia assim. Então, não pensava.

Ty estava presente todas as noites.

Rindo, brincando. Sendo carinhoso, instigante e sensual.

Discussões bobas que acabavam em beijos, e devo dizer, eu amava.

Nossas reconciliações eram as melhores.

O sorriso ficou tatuado em minha cara, ainda que a rotina batesse sobre nós.

Kendra e Julie tinham razão, eu devia me arriscar mais.

Eu estava tentando, lutando com tudo que tinha para afastar as dúvidas e mágoas margeando minha

frágil segurança, tentando manchar minha felicidade. Era tentador voltar para o meu casulo seguro, mais tentador era me deixar levar por Ty.

Meus sogros, sobretudo minha sogra, estavam em êxtase.

D. Cora fez questão de me dizer o quão contente e satisfeita estava com nossa situação atual numa tarde de sábado que fomos almoçar lá.

— Gosto do que vejo aqui — disse ela, depois que Ty se afastou com o pai para ver sua mais nova invenção. Sr. Bryant era cheio de truques para melhorar o jardim.

Sorri, corando. Sempre corando. Odiava isso. Mas era incontrolável.

— Nós decidimos nos dar mais uma chance — confessei. — Uma última tentativa antes de irmos aos extremos.

— Isso me faz muito feliz e aliviada, querida.

— Obrigada.

Ela se inclinou para mim. — Estou sendo repetitiva, mas gosto muito mesmo do que vejo. Nunca antes os vi tão íntimos como agora, isso me conforta e me faz feliz por vocês. Mas, filha, não quero que se sinta pressionada ou obrigada a qualquer coisa.

— Eu não...

D. Cora abanou a mão e eu me calei.

— Você é uma mulher muito especial, Gabriela. Pensa nos outros antes de você. Isso é louvável, filha, mas não pode ser sempre assim. Em algum momento, precisa se pôr em primeiro lugar. Sua decisão tem que ser, principalmente, por você.

— E é — garanti, comovida com suas palavras. Ela assentiu, sorrindo.

Tomei um pouco de refresco, recostei-me na cadeira enquanto observava Ty e o pai conversando ao longe, com Violet saltitando ao redor deles.

— Eu amo minha família — murmurei, de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

repente. Olhei para ela. — Eu amo seu filho. Tudo que sempre quis foi que nosso casamento desse certo, que fossemos felizes nessa empreitada. Não vou dizer que não estou com medo, porque estou. Não sei se podemos concertar as coisas, mas quero tentar... fazer dar certo.

Ela deu tapinhas na minha mão.

— Se for o que ambos desejam de coração, irão conseguir.

— Estou torcendo por isso.

Não achava que seria capaz de passar por outra decepção.

— Confesso que estava temerosa de ir nessa viagem. Não poderia relaxar, sabendo que vocês estavam enfrentando uma situação difícil aqui.

— Não mudem seus planos por nós. Ficaremos bem.

— Por isso, irei mais tranquila.

Eles tiraram férias, tinham planejado para o

PERIGOSAS ACHERON

aniversário de casamento um cruzeiro para o Caribe. Duas semanas. Infelizmente, Ariel teve um acidente ao praticar esporte em sua faculdade, bem nada data da viagem e teria de ficar de molho por alguns dias. Ariel escolheu vir para a casa dos pais, e claro, dona Cora estava toda preocupada. Então, conversei com Ty. Nós ficaríamos na casa de seus pais para ficar de olho em Ariel que, suspeitosamente, não queria ficar em nossa casa. Aliás, nem sei o porquê dela ter vindo pra cá, não era como se ela estivesse gravemente ferida precisando de cuidados 24h por dia. Seria inconcebível que dona Cora e seu Daniel perdessem a viagem por algo do qual não tinha controle. Eles, ficando ou indo, não faria diferença. Logo Ariel estaria boa.

Lancei um olhar para cama. Violet estava nos braços do pai, enquanto Ty lia para ela a história de Ferdinando. O sono ganhando terreno no rosto da

PERIGOSAS ACHERON

minha menina.

Eles estavam compenetrados.

Era uma bonita imagem, tanto que deixei de lado nossa roupa, que estava dobrando, e agarrei meu celular, tirando uma foto do momento.

Uma mensagem chegou, em seguida.

Era Ariel.

Preciso de você. Não fale nada para Ty.

Na sala.

A urgência explícita na mensagem me deixou de cabelo em pé.

Deixei o celular na cômoda e olhei para Ty. Ele ainda estava compenetrado na leitura, embora Violet tivesse caído no sono. Enfieei na gaveta as peças de roupa.

— Eu vou à cozinha — disse baixinho. — Quer algo?

— Obrigado, baby.

PERIGOSAS NACIONAIS

Dei a volta.

— Quem era no celular?

Olhei sobre o ombro, surpresa.

— Então estava prestando atenção em mim?

— Sempre presto atenção em você.

— Bom saber — sorri.

Seus olhos estreitaram.

— Kendra — murmurei, dando os ombros.

Ele assentiu, e depois eu saí.

Encontrei Ariel aflita na sala. Ela estava usando uma bota ortopédica. Os olhos selvagens e impacientes. Tencionei, ficando em alerta quando me aproximei.

— Qual o problema? Está sentindo algo?

— Que vou morrer em menos de 10 minutos se não me ajudar.

Franzi o cenho, confusa.

Ariel poderia ser a rainha do drama.

— O que quer dizer?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela baixou a bunda para o braço do sofá.

— Meu namorado está vindo pra cá.

— Espere. Seu o quê?

— Namorado.

— Desde quando está namorando?

— Desde que Jensen me pediu — piscou. —
Ele está vindo pra cá.

— Estão sérios?

Seu sorriso iluminou a sala.

— Seus pais sabem?

— É claro. Ele até veio aqui conhecê-los.

— Uau!

— Não sei o porquê do espanto. Estávamos destinados — disse séria, a mais leve zombaria subjacente em seu tom uniforme.

— Seu irmão não vai gostar nadinha disso.

Seu beijo projetou. — Pensa que não sei? Não vou enfrentá-lo agora. Estou muito debilitada pra isso — dissimulou, batendo os cílios.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então, por que...?

— Não era pra vocês estarem aqui...

— Oh!

—... Não pensei que mamãe colocaria babás em meu rabo.

— Ele poderia ter ido ao seu apartamento.

— Jensen não pode viajar agora. Ele está com um trabalho novo. Sabe o quanto é difícil conseguirmos um tempo pra nós?

— Não se machucou de propósito, né?

— Claro que não!

Olhei desconfiada.

— Por favor! Você acha mesmo que seria capaz disso? Cale a boca! Não preciso da sua resposta. Preciso de ajuda pra sair dessa enrascada que minha mãe me enfiou.

— Ela estava preocupada, e eu posso ter me oferecido... Não me olhe assim, estava preocupada também. E outra, não podia deixá-los perder a

PERIGOSAS ACHERON

viagem.

Ela bufou, indignada. — Mamãe! Ela armou isso.

— E por que sua mãe armaria isso para sua própria filha?

Não podia imaginar dona Cora armando tal coisa.

— Ela quer que abra o jogo com Ty. Talvez, porque nós estejamos juntos há um bocado de tempo... Não me dê esse olhar. Cora já fez isso. Não gosto do meu irmão e namorado brigando como selvagens. Se puder evitar, farei isso.

— E o que acontece se ficarem mais sérios?

— Não chegamos lá ainda. Um passo de cada vez, ok?

— Ligue para Jensen então e desmarque.

— Acha que já não fiz isso? Ele não está atendendo.

Comecei a ficar nervosa, Ty detestava Jensen.

PERIGOSAS NACIONAIS

Não tinha um bom pressentimento desse encontro, ainda mais na calada da noite. Seria desastroso.

— Precisa me ajudar, Gabi — choramingou ela.

— E o que quer que faça?

— Distraia Ty.

— E como diabos vou fazer isso?

Ela me deu um olhar, entediado.

— Sério que terei de ensinar a missa ao padre?

Use seus atributos.

Eu não estava corando.

Abri a boca então, pensei melhor.

— Não gosto disso.

— Do quê? De usar seus dons com meu irmão?

Revirei os olhos. — Palhaça. Não o deixe tocar a campainha. Se Ty ouvir, irá querer saber quem é. E, pelo amor de Deus, que ele vá embora antes que seu irmão desça.

— Já sei. Ficaremos na casa da piscina —

PERIGOSAS ACHERON

sorriu maliciosa.

— Mande a mensagem, novamente.

Enquanto ela fazia isso, perguntei:

— Precisa de algo?

— Só que distraia meu irmão neandertal. Já preparei o resto.

Balancei a cabeça. — Espere por ele lá fora. E cuidado com a luz. Se ty vir algo suspeito, ele irá atrás para saber o que está acontecendo.

— Então, não o deixe sair. Mantenha-o no quarto.

Peguei água e levei para cima.

Entrei no quarto, Violet estava dormindo no meio da cama. Levantei o olhar para a porta do banheiro quando Ty surgiu, com uma toalha enrolada no quadril. Lambi os lábios e engoli saliva enquanto corria o olhar sobre ele, isso até lembrar do ocorrido.

Nervosismo agarrou meus membros enquanto

PERIGOSAS ACHERON

eu lutava para parecer normal.

Estava me sentindo uma garotinha pega em flagrante.

— O que foi?

— Nada.

Seus olhos estreitaram, a sobrancelha negra curvando.

— Nada? Não parece nada.

Balancei a cabeça com desdém, mas não podia fazer nada para conter a vermelhidão subindo pelo meu pescoço. Uma reação dos meus nervos. Ele sabia.

— Está vendo demais — bebi um pouco da água, e depois deixei o copo na cômoda.

Ty ainda estava me olhando, ainda me estudando.

Eu dei o meu melhor para recuar aquela sensação atijando meus nervos.

— Gabriela — sua voz, baixa e autoritária, me

fez olhar para cima, sua mão estava em meu braço, exigindo minha atenção. — Fale comigo.

— Não há nada pra falar, Ty.

— Está nervosa. Não estava assim antes de descer... Ariel. Ela está bem?

— Perfeita!

Engoli, talvez tivesse falado com um pouco mais de entusiasmo que pretendia.

Ele assentiu devagar. — Ok. Eu vou vê-la antes de deitar.

— Ela não está morrendo, você sabe, né?

— Sei. Ainda assim, vou vê-la.

Meu coração só faltou pular fora do peito. Agarrei seu pulso. — Não! — pigarreei, recompondo-me. — Ela já está na cama. Não deve atrapalhá-la.

Ty me olhou ainda mais desconfiado.

— O que está me escondendo? Comece a falar, ou melhor, deixe que eu mesmo vou conferir o que

PERIGOSAS NACIONAIS

te deixou tão nervosa — ele disse, tentando passar por mim.

— Você — quase gritei, a única palavra que me veio em mente, amaldiçoando-me, em seguida. Meus dedos fortemente agarrado em seus ombros nus, consciente das minhas unhas fincadas na pele. Joguei uma olhada para a cama, Violet ainda dormia.

— Eu? Eu o quê?

Tentei pensar em algo, mas nada me ocorria.

— Gabriela?

— Estava na... na cozinha.. e-e pensei em nós...

— Em nós? Em que sentido?

— Uh-oh... — estava roxa, o embaraço me engolindo, respirei fundo, enfrentando-o, espalmei seu peito. — Em nós juntos... *íntimos*. E-Eu quero estar com você *assim*.

Seu sorriso foi arrasador, fez meus joelhos moles.

PERIGOSAS ACHERON

— Não precisa ter vergonha porque quer foder o seu homem.

Cristo, ele tinha uma boca suja.

Seus dedos agarraram meu queixo, erguendo, e sua boca roçou na minha num beijo breve, provocador. — Se me quer, venha até mim. Eu sou todo seu.

Ty me beijou, construindo nosso desejo.

Seus braços me cercaram, apertando quando o erotismo cresceu entre nós. Essa sensação, como se fosse a primeira vez, como se estivéssemos nos conhecendo e desfrutando da atração entre nós agora, me encheu.

Podia senti-lo ficando animado, crescendo...

— Banheiro — sussurrou eroticamente.

Ergui a cabeça, olhando em expectativa e o deixei me levar.

Ty me agarrou no segundo em que a porta foi fechada, sua boca estava na minha, suas mãos na

minha bunda, puxando fora meu short e calcinha. Ele me içou, minhas pernas abraçaram seu quadril. Então, o soltei quando ele me colocou sentada na pia.

— Tire a blusa — rosnou, deixando cair à toalha, totalmente ereto.

Atrapalhei-me um pouco, mas consegui a peça fora, assoprando o cabelo do meu rosto. Deixei escapar uma risadinha nervosa e excitada.

Respirava forte, o peito subindo e descendo.

Estava começando a ficar molhada, enquanto me sentia pulsar com desejo. Meus mamilos endureceram com o ar gelado. Estremeci.

Ty fechou os dedos em seu membro, masturbando-se quando andou até mim, sua mão livre bateu minhas pernas abertas. Desejo líquido corria pelas minhas veias, aquecendo meu sangue, fazendo minha cabeça crepitar de vontades.

Sua boca desceu para o meu pescoço, seus

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

beijos e chupões me atiçando.

Minhas mãos avançaram, agarrando seus flancos.

— Quanto você me quer?

— Muito — choraminguei.

Ty ergueu a cabeça. — Mostre.

Ainda que eu quisesse não podia negar isso, o tesão comandava meus movimentos, dando a nós dois o que queríamos.

Esqueci-me de Ariel e de todo resto, e me concentrei em nós.

PERIGOSAS ACHERON

Ty não flagrou Jensen na manhã seguinte, mas não tardou a ter conhecimento do namoro entre Jensen e Ariel. O que, como esperado, não foi bem recebido. Logo depois que os senhores Bryant regressaram, um jantar formal foi marcado, e cá estávamos.

Jensen não colaborou, chegando atrasado.

— Está brincando, porra?

Ty tinha grunhido com uma carranca furiosa quando se deu conta que o namorado de sua irmã era seu archi-inimigo. Sei, isso soava infantil. Todavia, ele atuava assim quando se tratava de sua irmãzinha. Os irmãos Bryant sempre foram como unha e carne. Não era segredo que Ty adorava a

PERIGOSAS NACIONAIS

irmã e morria de ódio por Jensen. Não que eu entendesse bem. Ty nunca tinha falado disso.

Jensen parecia um bom cara, um desses californianos cheio de charme, o sorriso faceiro que fazia as garotas suspirarem. Ariel tinha suspirado por um longo tempo.

— Ty! — recriminei, com um olhar feroz.

Violet segurava o pedaço de brócolis na boca, o olhar em nós.

— Papai disse a *lavra* feia, mamãe.

Sorri para ela.

— Ele está sendo um mau menino, querida.

— Não pode, papai.

— Desculpe, princesinha — ele disse a ela, a voz suavizando, mas o olhar continuava duro e arredo sobre o novo casal quando os olhou, novamente.

— Ty, eu te ensinei melhor do que isso — D. Cora ralhou.

PERIGOSAS ACHERON

A tensão encheu o ambiente, fazendo todos desconfortáveis.

Ariel encarou o irmão, zombando. — Supere, irmãozinho.

— Estou te protegendo. Você não o conhece.

— Não? O que eu não conheço, Ty? Que ele teve uma vida agitada? — ela não estava feliz ao dizer isso, mas sentia a firmeza lá. — Eu também tive.

— Ele é um canalha — Ty disse, entredentes.

— Bem, algo que vocês têm em comum então.

— Ariel! — D. Cora exclamou, horrorizada.

Vi o desafio lá em seu olhar, emputecendo ainda mais seu irmão e me deixando com os nervos à flor da pele, cheia de medo. Suei frio, o coração disparado.

Os senhores Bryant suspiraram com pesar.

— Vamos nos acalmar, sim? — seu Daniel disse. — Ty, filho, sua irmã cresceu e está

PERIGOSAS ACHERON

namorando. Supere. Agora podemos jantar em paz como uma família normal?

Bem podia ver sua frustração.

Eles não tinham aliviado, e quando digo eles, quero dizer seu Daniel. Não houve discussão, questionamentos. Eles só queriam saber se ela estava ok. Penso que no fundo, Daniel, esperava que Ariel fosse muito covarde para enfrentar o irmão. *Homens!*

— Perdi a fome — grunhiu, jogando o guardanapo na mesa, levantou e saiu.

Ariel resmungou algo sob sua respiração.

— Ty, filho...

O clima não poderia ser mais desagradável.

Sem graça, eu imitei Ty, mas antes olhei silenciosamente ao redor da mesa.

— Desculpem por isso. Eu vou falar com ele.

— Não peça desculpa pelo asno do seu marido.

— Ariel! Contenha-se! — D. cora repreendeu.

Ela encolheu o ombro, deixando o copo na mesa.

— Ela tem razão — eu assinalei devagar, antes que Ariel se pronunciasse. — Ty está se comportando como uma criança e precisa de uns bons tapas na bunda.

— Tapa não, mamãe — Violet negou, balançando a cabeça e lançando seus cachos ao redor do rostinho perfeito. — Papai bom.

Houve um pico de silêncio então, uma explosão de risadas.

— Sim, querida. Papai é bom, mas se comportou mal. — Olhei para Cora. — Cuide dela para mim, por favor. — Foquei Violet. — Coma tudo.

— Ah, filha! — seu Daniel gracejou, segurando minha mão. — Como meu filho foi arrumar uma mulher tão boa. Eu não sei. Só espero que ele nunca a perca.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, filha. Vá e dê uns tapas no rabo daquele menino. Ele está precisando de uma lição. Se eu for, sou capaz de colocá-lo em meus joelhos.

Violet resmungou, e dona Cora galhofou com ela.

— Posso assistir? — Ariel perguntou com um olhar inocente.

— Não seja uma provocadora — sua mãe ralhou.

— Bem, eu vou lá. Aproveitem o jantar.

— Ele está sendo infantil — Ariel grunhiu.

Saí, as vozes ainda me alcançando.

— Jensen, desculpe. Ty é um pouco territorial com Ariel.

— Tudo bem, Sr. Daniel.

Encontrei Ty sentado nos degraus do alpendre dos fundos, uma cerveja na mão e o olhar vagando pelo jardim. Rolei os olhos. Isso era tão infantil. Bonitinho, mas infantil.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não foi legal, nem o comportamento de um homem adulto, você sabe.

Ele ficou em silêncio.

— Pode ser mais criança, Ty? — perguntei, não me aguentando quando sentei do lado dele, não escondi o sorriso. — Violet foi mais madura que você.

— Violet não o conhece como eu conheço.

Ceeeerto. Ele ainda estava puto.

Eu o observei tomar um gole de cerveja.

— E o que você conhece?

— Não vou falar disso com você.

— Sério? Por quê?

Ele não confiava em mim para dizer seja lá o que o atormentava?

— Deixe isso pra lá, Gabriela. Vá terminar o jantar, e depois nós iremos pra casa.

— Desculpe? — grunhi, irritada.

Ele se virou para mim, de repente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Era isso, não era?

— O quê?

— Naquela vez que ficamos aqui quando meus pais viajaram. — Continuei olhando, silenciosamente. — Por isso estava nervosa, não porque queria foder. Mas porque estava encobrindo ela. Não acredito que me enganou.

— Enganei? Oh, por favor! Está sendo um bebezão.

— É, Gabriela. Enganou. Pode negar que não estava encobrindo ela?

— É um idiota, Ty!

— E você uma mentirosa. Nunca pensei que pudesse mentir pra mim.

Estreitei o olhar, indignada. — Estamos quites, não?

Quando ele não disse nada, eu me enfureci.

— Sua irmã tem razão, é um asno. E sim, ele esteve aqui naquela noite, encobri eles, e também

PERIGOSAS ACHERON

queria estar com você. Não cometi nenhum pecado, até onde sei.

— Eu odeio quando me esconde as coisas, porra — rosnou ele, passando a mão pelo cabelo, a voz era tranquila, mas estava a um passo da fúria.

— Engula essa atitude de machão e supere que sua irmã está namorando — ralhei, colocando-me em pé, com a intensão de sair de lá.

Seus dedos se fecharam em meu pulso.

— Desculpe. Fique.

Olhei com raiva, o semblante fechado, não querendo ceder.

— Por favor. Fique. Eu sinto muito. Estou nervoso. Perdi a cabeça.

Demorou, mas cedi, baixando a bunda no degrau, novamente.

— Não te enganei — resmunguei, não podendo esconder a irritação em minha voz arenosa. — Talvez, tenha omitido... O que queria que eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fizesse?

— Seria bom se tivesse me dito que aquele cuzão estava aqui.

— Não podia falar — refutei, quase batendo o pé.

— Sei, mas não gosto.

— Qual é o ponto?

Ele sacudiu a cabeça e esfregou o rosto.

— Poderia ter me preparado pra isso — resmungou.

Quase ri.

— Não acho que iria superar sua raiva dele, Ty.

— Não mesmo. — Ele se moveu para pegar outra cerveja.

— Eu acho melhor você não tomar mais nada, a não ser que iremos dormir aqui.

— Você dirige. — Abriu a garrafa e bebeu um gole longo sob meu olhar, talvez um pouco abobado. — Deus sabe que preciso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Lambi meus lábios, recusando o desejo de sentir os seus.

Ele olhou... olhou... olhou...

Seu olhar caiu para os meus lábios.

Enrubesci, a boca seca, de repente.

Nervosa, eu disse: — Vai me dizer por que tem tanta raiva dele?

— Depois — prometeu, inclinando-se para me beijar.

Me distraíndo, o sacana.

Aceitei seu beijo, provando o gosto de cerveja em seus lábios, sua língua. Essa era a única forma onde gostava do gosto, em sua boca. Fresco. Geladinho.

Ele me deu pequenos beijinhos, provocando.

— Promete não me esconder nada mais?

— Prometo — sussurrei de olhos fechados, a mão infiltrada em seu cabelo macio.

Ty me beijou, novamente. Longo e

PERIGOSAS ACHERON

apaixonadamente.

Crescendo...

Nossas mãos entraram em ação, então estávamos envolvidos, ofegantes, os corpos quentes, cheio de uma energia sexual que estava me fazendo faminta.

— Por que não usou uma saia, ou, foda-se, um vestido? — disse, com a mão lá, esfregando-me sobre o jeans, construindo meu prazer.

— Não pensei que tivesse intenção de se aproveitar de mim em um canto escuro.

— Me aproveitando, hein? Por que está montando a minha mão?

— Culpa sua, me provocou — resmunguei, divertida.

— Use mais vestidos... ou saias.

— Perverso.

— Você adora — ele estava sorrindo contra a minha pele.

De algum jeito, Ty tinha chegado até o decote da minha blusa e revelado um seio, sua boca era tão quente, exigente. Minha pele estava arrepiada.

Estremeci com a sensação cortante.

Tão bom.

Tão incrível.

Suspirei, meu fôlego entrecortado.

— Vamos pra casa da piscina — disse, se levantando e me levando com ele.

Ajeitei minha roupa. — Ty, não. Estamos, supostamente, num jantar. Isso não é legal. Você já se comportou mal. Não precisamos adicionar mais ao pote.

— Vai me deixar de castigo?

O idiota, ele estava brincando comigo.

— Bem que você merece.

— Por que você se castigaria assim?

— Eu não...

— Quer voltar lá? Eles provavelmente estão

terminando.

— Não acho isso educado.

— Não será educado se eles nos pegar fodendo nos degraus, com meu pau enterrado na sua buceta apertada. Vem, baby, vamos ser rebeldes.

Vermelho me cobriu dos pés a cabeça e eu dei graças a Deus por estar escuro lá. Mas não podia negar que sua boca suja me excitou mais do que podia verbalizar.

— Está louco?

Seu braço me cercou, puxando com força contra seu corpo duro, a boca explorando meu pescoço. — Possivelmente. Preciso comer.

— Então, va... — me interrompi ao me dar conta da fome em seu olhar, não tinha nada a ver com a comida sendo servida na mesa.

Calor líquido reuniu entre as minhas pernas antes de me permitir ser arrastada para onde, antes, foi nosso ninho de amor.

PERIGOSAS NACIONAIS

Depois de nossa travessura, Ty e eu nos reunimos com a família.

Eles não sabiam o que tínhamos feito, poderiam desconfiar, ainda assim não tinham como ter certeza, mesmo assim fiquei toda acanhada.

Ty bem que tentou, deu o seu melhor para tratar Jensen com o mínimo de educação. Recolhendo aquela atitude de garotinho contrariado, pediu desculpas a todos, mas era certo que Jensen não teria sua confiança tão cedo, nem tão fácil. Desde que se respeitassem, isso era melhor que nada.

Naquela noite, tivemos uma conversa de travesseiro.

Ty me explicou sua resistência a Jensen, que vinha desde a adolescência. Suas referências sobre o mesmo não eram as melhores. Mas, então, tanto Ty quanto qualquer outra pessoa tinha tido uma vida a parte, novas experiências, vivenciado essa rebeldia...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

... Eu não.

Meu humor morreu, deixando-me irritadiça, espinhosa.

Eu estava tentando tão duro, colocando toda a minha energia nisso, recusando meus temores, as dúvidas latentes. Segurando com tudo que tinha.

Não queria ser a do contra, não parecia certo.

Tinha minhas reservas, claro.

Eu quis fingir que não. Que tudo bem. Eu queria isso, queria com tanto afinho crer que desta vez tudo seria diferente, que seríamos felizes não importavam as dúvidas. Aliás, me fiz crer que elas eram inválidas, que eu estava louca. Que não tinha direito de tê-las. Que se quisesse ser feliz, eu deveria ignorá-las, por mais forte que elas gritassem. Afinal, Ty estava aqui, disposto a tentar, a fazer de nós uma família, a dar-me o que sempre desejei. Eu deveria seguir o fluxo, não ficar ruminando cada aspecto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tudo estava bem, não estava?

Ty me fazia sentir mulher, desejada, apreciada, amada, com gestos e palavras.

Ele tinha me dito um dia desses. — Nunca quis tanto alguém como quero você. Me faz leve, completo. E eu amo quem eu sou com você, como me faz sentir.

Eu tinha ficado em êxtase completo.

Não precisava de “eu te amo”. Certo, talvez, lá no fundo, estivesse ansiosa por essas palavras serem verbalizadas ao pé da letra. Mas, por enquanto, estava amando e curtindo o que tinha. A forma que me sentia com ele era mais do que alguma vez pensei.

Por que estava com medo então?

Por que eu estava duvidando?

Isso não me soava justo.

Isso soava como se eu fosse uma megera procurando um pretexto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Recusei-me a este papel.

PERIGOSAS ACHERON

Nossa ida a Michigan, na fazenda dos avós de Ty, poderia ter sido melhor apreciada se não houvesse o terror da desconfiança fazendo meu cérebro fritar.

Os avós de Ty estavam completando 50 anos de casados. Um recorde para os tempos atuais. A viagem tinha me pegado de surpresa, mas dado ao motivo dela, não pude recusar. Tampouco podia ignorar as incertezas me assolando. Eu tinha aguentado firme, participado das festividades, feito meu papel de boa mulher. Então, aqui, na segurança do quarto que estávamos ocupando, eu podia sair do disfarce da perfeição.

Rezava por uma negação, para minha estupidez

não ter trazido consequências para um inocente. Culpendo-me. Ao mesmo tempo em que sentia autopena.

Isso é, quando relaxei, e Deus sabe que me esforcei para isso. Para ignorar esse fio condutor que insistia em me levar para o mesmo campo minado que eu me recusava a pisar. Nem sempre nossa mente era nossa amiga, e a minha não estava exatamente num momento amistoso. Quando pensei que tinha deixado minhas reservas para trás, um rompante mental e uma olhada no calendário fez-me terrivelmente ansiosa e aflita.

O temor agarrou minha garganta, sufocando.

Estava errada. Tinha que estar.

Ty entrou no quarto, de bom humor e rindo, falando algo sobre Violet e sua tia fazendo um bolo. Balancei a cabeça automaticamente sem dar atenção.

— Ei, qual o problema?

De onde estava sentada na beira da cama, com meu casaquinho de frio dobrado sobre as pernas, levantei o olhar para ele.

Ty estava me olhando de perto, estudando com preocupação.

Não me passava nada na cabeça, as palavras tinham evaporado.

— Tem estado aérea todo o tempo em que estivemos aqui. Quando pensa que não estou observando, que ninguém está olhando, você foge dentro de sua mente.

Eu olhei, silenciosamente, ainda sem saber o que dizer.

Ele deu alguns passos na minha direção. — Confiança é um exercício diário, baby, e eu espero que sinta o mínimo para saber que pode me contar qualquer coisa que esteja te preocupando. Talvez eu possa te ajudar.

— Não acho que isso seja possível —

PERIGOSAS ACHERON

resmunguei baixinho, com pesar.

— Agora você está me preocupando.

— Eu acho que posso estar grávida.

Ele me olhou, só me olhou.

Fiquei ainda mais nervosa, angustiada até.

Não tinha nada contra um bebezinho, qualquer criança nossa seria amada com loucura, mas trazer uma inocente para a nossa vida nessa altura do campeonato quando ainda estávamos andando em uma corda bamba, me punha preocupada.

Estava tomando a pílula, mas nem sempre era regrada nos horários.

Ty moveu a cabeça devagar. — Tem certeza?

— Não. É um palpite. Não fiz o exame... Parece, quero dizer, é estúpido. Só hoje me dei conta que estou atrasada. Eu nunca atraso. Nunca mesmo.

Ele se agachou na minha frente, as mãos em minhas pernas. — Tudo bem, Gabriela. Se tiver

PERIGOSAS NACIONAIS

um bebezinho aí, vamos cuidar dele como cuidamos de Violet.

Comecei a me sentir em pânico.

O coração acelerado, a respiração dura.

— Não posso estar grávida — chorei.

— Eu acho que é um pouco tarde para isso.

Ty se mudou para a cama, e me abraçou, esfregando minhas costas. Relaxei contra ele, apesar da dureza que insistia em atar meus músculos.

— O que vou fazer?

— O que *vamos* fazer você quer dizer?

Funguei.

— Gabriela, nós vamos cuidar dele ou dela. Sei, esse não parece ser o momento adequado para uma gravidez, sou consciente disso. Violet também não era.

Chorei baixinho e copiosa.

Ele tentou me acalmar. — Podemos comprar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um exame de farmácia quando voltarmos. Ou posso ir à cidade hoje mesmo.

Enxuguei meus olhos. — Não. Está tarde. De qualquer forma, estamos voltando para casa amanhã... e... — me calei, incapaz de verbalizar meus temores.

Um bebê era tudo que não precisávamos naquele momento.

Se fosse em outro momento da nossa vida, um bebezinho seria uma realização, motivo para risos e choros de felicidade. Antes de Violet, antes de perder tudo, meus pilares, eu sonhei com uma grande família, uma casa barulhenta. Esse quadro parecia incrível. Então, as tragédias se abateram sobre a minha vida e tudo em mim pareceu morrer, depois Violet aconteceu, trazendo-me um fôlego de vida. Ainda assim, agora...

Por melhor que nossa relação estivesse, era só... errado...

PERIGOSAS ACHERON

— Eu já mandei uma mensagem para minha médica marcando um horário para essa semana — tornei a falar.

— Ótimo. Diga-me quando e iremos juntos.

No dia seguinte, era domingo, fomos embora de tardezinha.

Do aeroporto, seguimos para casa no carro de Ty.

Foi entrar no carro e o desconforto, que vinha sentido, se fez mais forte. Cólica menstrual. Levaria uns bons minutos até chegarmos em casa. Vasculhei na bolsa em busca de um absorvente, e depois bufei. Perfeito. Onde eu estava com a cabeça?

Eu nunca era desleixada. Nunca.

Ty parou num posto de gasolina. Usei sua camisa ao redor do quadril, com receio de que tivesse manchado meu jeans, e depois entrei no banheiro enquanto ele ia comprar tampões. Pouco

PERIGOSAS NACIONAIS

depois, ele bateu na porta.

— Sou eu, baby. Posso entrar?

Abri a porta um pouquinho. — Não. Eu já vou sair — falei, pegando a sacola da mão dele. Uma vez que estava pronta, retornei ao carro. Violet dormia.

Coloquei a sacola no banco detrás, e depois passei o cinto de segurança.

— Têm absorventes aí para uma vida, talvez duas.

— Melhor prevenir do que remediar.

— Não uso a maioria deles.

— Como eu ia saber?

Dei-lhe um olhar irritado.

É, como ele iria saber, hein?

Se tivesse sido o marido que deveria ser, saberia.

Fechei os olhos, empurrando o pensamento para baixo.

PERIGOSAS ACHERON

— Também comprei remédio para dor — ele comentou, solene.

Lancei um olhar para onde ele apontava, enquanto o carro voltava a se mover. Bufei, sacudindo a cabeça, minha irritação reavivando.

— O quê?

— É inútil. Esse remédio não surti efeito em mim.

Suas sobrancelhas ergueram, surpreendidas.

Talvez meu tom fosse mais afiado do que pretendia.

Estava irritada por estar irritada sem entender porque raios estava assim.

Em casa, Ty cuidou de Violet enquanto eu ia para o banho.

Limpa, com um pijama quentinho e confortável, tomei meu remédio usando a água da torneira mesmo, e, em seguida, me enfiei na cama. Demoraria até que o remédio surtisse efeito, e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dormir com dor não era a possível. Virei de lado, em uma bola apertada, o travesseiro entre as pernas. Cochilei um pouco. Minhas pálpebras revoaram com a entrada de Ty no quarto. Ele veio do meu lado. A dor estava mais amena.

Puxei meu corpo sentado, aceitando a xícara que me era oferecida.

— É chá de camomila — disse, cauteloso.

— Fez chá pra mim?

— Pensei que pudesse ajudar.

— Obrigada.

Bebi um golinho, apreciando o calor, e depois bebi mais, até quase a metade.

Exalei uma respiração cansada. — Desculpe, eu sei que você estava tentando me ajudar e eu agi como uma cadela ingrata.

— Bom, eu acho que sangrar todo mês te dá esse direito.

Ri. Ty sorriu.

PERIGOSAS ACHERON

— Bom ponto. Ainda assim, não foi legal da minha parte.

Ele balançou a cabeça, a expressão suavizando.

— Tudo bem, querida. Nenhum dano.

Enquanto terminava o chá, Ty entrou na ducha. E quando saiu, se juntou a mim na cama, com suas costas parcialmente apoiadas nos travesseiros arrumados contra a cabeceira. Depois, ele me puxou, minhas costas contra seu peito. Sua mão pesada e quente massageando minha barriga sob a camisa do pijama.

Suspirei, relaxando contra ele.

O contato era bom, o movimento da sua palma distraíndo-me do desconforto.

Ele tinha desligado o abajur, permitindo que as sombras da noite rastejassem para dentro do quarto, a baixa iluminação vinha de fora através da janela.

Era acolhedor, intimista.

— Está aliviada? — perguntou ele num

PERIGOSAS ACHERON

sussurro.

— Ah, sim.

— Não está grávida.

Era pesar em sua voz?

— Não, não estou.

— Queria estar?

— Não sei, Ty. Provavelmente não. Talvez isso faça de mim um pouco horrível, mas não acho que seria justo trazer uma criança no mundo agora.

— Não te faz horrível, te faz sensata.

— Está bem? Digo, pra você está bem?

— Compartilho seu pensamento, Gabriela. Amaria ter uma penca de crianças com você. Sempre pensei em mim sendo pai de um punhado de criança. E por mais que estejamos tentando aqui, não acho que seja o momento de ter outra criança.

Meu cérebro tinha parado neste pedaço de informação.

Ele também queria uma grande família.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Claro que se estivesse grávida, eu iria amar qualquer criança nossa — acrescentou, a voz calma e honesta. — Seria muito bem-vinda.

— Eu acho que isso faz de nós dois pais sensatos.

Ty beijou a lateral da minha cabeça. — O mundo agradece.

Depois de um momento, enfiei meus dedos entre os seus. Gostava de como minha mão se encaixava na dele muito maior que a minha.

— Quer mais filhos? Pensa nisso? Digo, não agora, no futuro.

— Claro. Por que não?

Vago. Evasivo.

— Gabriela...

— Tudo bem — resmunguei, querendo acabar com a conversa.

Ele me virou, para estarmos frente a frente, mesmo no escuro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu ainda vou te colocar em meus joelhos e estapear sua bunda bonita.

— Está louco — ralhei, tentando me virar.

— Você de deixa louco, de raiva, de frustração... de tesão.

Não respondi, não sabia o que dizer.

Ele exalou forte, e pareceu chupar uma respiração funda.

— Quero mais filhos... com você. Não é minha prioridade no momento, e duvido muito que seja a sua, também. Ainda estamos trabalhando em algo aqui. Isso é importante agora. Depois, bem, depois pensaremos no próximo passo.

— Eu sei. Desculpe. Concordo com você. — Exalei com força, chorosa. — Não sei porque estou agindo assim. Estou irritada e detesto me sentir assim.

Ty embalou meu rosto com as mãos, o sopro de sua respiração aquecendo minha pele, o olhar era

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

intenso e firme mesmo no escuro quando ele disse em uma voz profunda. — Não tem um só dia que olho para você e não te desejo mais do que o dia anterior, Gabriela. Está sob a minha pele. Em meu sangue. No meu coração.

Uma onda me tomou, não só de felicidade. Havia também uma pontadinha de desilusão. De algo que não me agradava, que odiava sentir.

— Eu te amo, Ty — falei, deixando as palavras saltarem como se isso de alguma forma tirasse o peso que até então não sabia que estava lá.

Preenchendo o espaço com as palavras que, secretamente, desejava ouvir.

O choro repentino agarrou minha garganta, mas segurei, agradecida por estarmos no escuro. Demorei a dormir, muito autoconsciente de sua presença física, de quão bom era tê-lo assim, estar dessa forma com ele. Não queria pensar. Só ficar ali.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Minha semana foi estranha.

Algo tinha ocorrido, mas nada diferente, de fato, tinha acontecido. Todavia, era como se tivesse acontecido, como se eu pudesse sentir isso em algum nível.

Ou estava ficando louca mesmo.

Possivelmente, estivesse enlouquecendo.

Estava cheia de pesquisas e leituras para fazer, além de trabalhos. Em poucos meses teria de entregar minha tese, e isso estava atacando meus nervos.

Desmarquei a consulta, remarcando-a para depois de 10 dias contando a partir do último dia da minha menstruação. Meus nervos estavam influenciando tudo, meu humor, meu período, uma dor na lombar persistente que me deixou mal-humorada.

Deus, eu odiava esse pedacinho abençoado de ser mulher.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ty estava fazendo de tudo, pisando em ovos ao meu redor depois da discussão séria que tivemos por um motivo tosco que se tornou grande demais. Eu só queria ser deixada em paz. Sua insistência e perguntas sem fim me puseram louca. Era como estar de TPM sem estar, de fato. Então, me irritava, porque nunca estive assim, tão no fio da navalha. Tinha sensações estranhas, sentimentos confusos que não podia definir, e uma causa desconhecida. Eu não gostava do desconhecido, da incerteza.

Ty se ofereceu para ir à médica comigo, mas neguei.

Não havia razão para isso.

Eu, honestamente, não fazia ideia de como saí do consultório, não podia me lembrar sequer de como entrei no carro, como vim parar aqui.

Eu só respirava.

Uma.

Duas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

E lá vai vezes.

O sufocamento não cessou, meu cérebro estava travado.

Toquei a campainha com os dedos trêmulos.

Meus olhos inundados a ponto de transbordarem.

Estava dando tudo de mim, cada grama de força para não desmoronar.

Eu me segurei até que a porta abriu...

— Ei... O que aconteceu?

... Então, eu quebrei junto com as grossas lágrimas fazendo uma trilha molhada em minhas bochechas. Uma careta de dor e tristeza mudou minha face enquanto enrolava o lábio entre os dentes, lutando sem grandes chances contra a devassidão abrindo espaço dentro de mim quando a anestesia do choque deixou de fazer efeito.

Meus dedos dormentes contra a bolsa segura na minha frente.

PERIGOSAS ACHERON

Julie apareceu detrás de Kendra, o sorriso morrendo.

— Porra do caralho. Dessa vez, eu o mato! Juro por Deus!

Não queria me sentir culpada.

Não queria culpar ninguém.

Não era culpa de ninguém.

O aborto espontâneo era uma das complicações mais comuns em uma gestação. Podia ocorrer com qualquer mulher, e sem nenhuma causa aparente. Praticamente indetectável no comecinho da gravidez. Facilmente confundido com a menstruação.

Ainda assim, culpava.

Ty. Eu.

Essa nossa vida falsa.

Esse casamento de fachada.

Essa vida de merda.

Eu podia ter feito algo se... se tivesse aceito Ty ir á farmácia. Se tivesse revelado minhas suspeitas antes, poderia ter sido capaz de fazer algo... Eu estive lá, sangrando, perdendo o meu bebê, completamente ignorante, e não fiz nada...

Era ilógico.

Eu não sabia que estava grávida.

Nem sequer tive tempo para me afeiçoar.

Não podia me culpar e a ninguém por uma fatalidade.

Ainda assim, culpava.

Sentia tristeza.

Decepção.

Estava enfezada e desgostosa na maior parte do tempo.

Por dias entrei em um estado depressivo, oscilando entre a culpa, a raiva e a aceitação. Uma confusão que pôs meus nervos à flor da pele.

Olhava para Ty e me enfurecia, cheia de
PERIGOSAS ACHERON

pensamentos hostis que minha censura não dava conta e me punha mais doente, ao mesmo tempo em que queria ser abraçada e cuidada. Mas cada vez que ele tentou fazer exatamente isso, eu fiquei furiosa.

Irritada, descontei nele as minhas dores.

Remoí a mágoa, ruminei as memórias amargas.

Ficava odiosa dele e de mim; ora, mais dele, ora, mais de mim.

Não falei da nossa perda, não estava pronta pra isso. Se bem que a sentia sendo mais minha do que dele. Além disso, nada ia mudar. Estava feito.

Desisti de ser sensata enquanto a confusão me assolava em seu auge. Envolvi-me em meu casulo protetor. Eu só queria o silêncio. Perdi algumas sessões de terapia, e nas que fui não conseguia me abrir, só depois consegui falar e escoar um pouco desse pandemônio me acossando. Estava de luto, oscilando nas fases. Ser consciente disso não fazia

nada mais fácil. Falar com minha terapeuta ajudou a ter mais lucidez e eu me acalmei. Ou assim pensei. Havia algo lá ainda, uma impressão, uma sensação bem no fundo. Era como ter diminuído o volume, isso não significava que o barulho não estivesse lá. Não gostava disso, da sensação de ameaça pairando, mas não havia o que fazer.

Sentada no vaso, enquanto fazia xixi, fixei no anel em meu dedo.

Era bonito, caro e cheio de significados... Consistentes? Vazios?

Cansada, eu bufei, estapeando-me mentalmente.

Ty devia saber, tinha o direito, e ainda que não tivesse, eu sentia essa necessidade de falar. Tentei negar, e por algum tempo consegui, porém havia esse incomodo, principalmente quando olhava para o anel e colocava meu pensamento em linha.

Dentro de um mês, faríamos quatro anos de
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

casados. Não tinha dado a resposta para Ty, mas usava o anel. Usei o tempo todo desde que ele enfiou a joia em meu dedo. Gostava da sensação, do peso quase imperceptível. O compromisso pesando entre nós, a expectativa pelo futuro, pelos desejos, pelos sonhos. Nunca tinha cogitado tirá-lo. Ty tampouco me pressionou por uma resposta, coisa pela qual eu agradecia.

Não saberia lidar com uma pressão.

Eu tinha meu próprio tempo.

Entrei na ducha, deixando o jato gelado me despertar.

Depois enrolei uma toalha no corpo e outra no cabelo. Sequei, vesti o robe. Sentei na poltrona de frente para a janela e passei hidratante nos braços.

Espiei para fora da janela.

O céu estava tão limpo que parecia uma tela azul.

Bonito. Calmante. Harmônico.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ty tinha saído cedo, levado Violet para escolinha, antes de ir para a gravação.

A casa estava silenciosa, espelhando meu próprio vazio.

Às vezes, gostava de ficar assim, era meu momento seguro, meu espaço para pensar em tudo. Ou em nada. Em outras vezes, ter um átimo só para existir.

Era como se houvesse só eu no mundo.

Não podia discernir meus sentimentos em relação a essa sensação.

Voltei o olhar para a minha mão.

Ninguém tem culpa.

Recordei minha sessão, repassando-a na minha mente. Resistindo a aceitar certas coisas, embora soubesse que era o certo a fazer. Mas não somos assim, 100% razão. Se assim fosse, tudo seria muito fácil e descomplicado, todavia, não é. Tampouco era tola. Tinha resistências e era

PERIGOSAS ACHERON

consciente delas, mudar isso era a parte complexa da coisa.

Não era certo manter Ty ignorante de algo tão importante.

Não sei por que não disse.

Eu estava cheia de “talvez” e “ses”.

Com raiva, e odiando estar assim.

Pensei na minha vida, em Ty, nosso casamento, nossa filha.

Tinha mesmo me entregado quando disse que o perdoei?

Tinha ressentimentos. Memórias. Nada disso podia ser apagado assim, do nada, de repente. Não dá para abafar sentimentos sem nos tornarmos reféns deles. Eles precisam ser vividos, sentidos, para então serem escoados e ressignificados.

Poderia mesmo passar uma borracha no passado e construir um agora?

Eu não tinha a resposta. Mas queria. Este era o

PERIGOSAS ACHERON

primeiro passo. Lembrei-me de como tinha sido depois que Ty e eu passamos a noite juntos... nossos momentos...

Não podia ficar estagnada, não era mais capaz de me manter nesse estado de inércia, na mesma situação. Precisava de uma mudança. Se com ele dentro ou fora da minha vida, eu precisava mudar, precisava dar um novo sentido a minha existência.

Tinha de verdade me entregado a essa chance?

Cobrei-me. Cobranças que, na realidade, não levavam a nada, exceto a mais um punhado de ressentimento, agora, comigo mesma.

Então, naquela manhã, eu sabia que tinha de tomar uma decisão.

Olhando para aquele anel, eu soube o que fazer.

Num rompante de excitação, com um novo fôlego, coloquei-me em ação.

Eu ia fazer um mergulho, cagada de medo, mas não desisti nem vacilei. Sobretudo, quando fiz uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

descoberta no escritório que me deixou sem ar.

Chocada, olhei os recibos sem poder acreditar no que via.

Nunca tinha sido os senhores Bryant...

Emoção me engolfou, amor inchando meu coração.

... Tinha sido Ty.

— Oh, meu Deus! — coloquei a mão na boca, os olhos alagados.

Por algum tempo, eu somente olhei para os papeis.

Por quê?

Por que Ty escondeu que foi ele?

Maravilhada, sensível, namorei aqueles papeis como se fossem pedacinhos preciosos de amor. Eu queria chorar. Chorei. Sorri. Ri. Apertei-os junto ao peito.

Se fosse possível amá-lo mais, eu teria feito exatamente isso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Era mais que isso, no entanto.

Foi como se de repente, assim, do nada, assoprassem o elixir da vida dentro de mim. Brilhante. Poderoso. Senti-me valorizada, amada, cuidada, confortada.

Isso faz algo em nosso ego, uma carícia tão preciosa e importante.

Peguei o que precisava, e depois conversei com Ariel.

— Caramba! Isso sim que é ousadia — exclamou ela do outro lado da linha, fazendo-me rolar os olhos. — Depois eu que sou a moderninha.

— É insuportável, sabia?

— Credo. Não acho ruim não. Muito pelo contrário, acho ótimo e fico feliz por vocês dois. Se está botando as garrinhas de fora, é sinal que estão indo muito bem.

Bufei. — Ainda está sendo insuportável. E sim, estamos ok.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Apenas ok?

— Só faça o que pedi, por favor.

— Sim, senhora!

Kendra e Julie não ficaram menos surpreendidas.

— Você tem certeza disso, Gabriela? —
Kendra questionou com cautela.

— Mais do que tive alguma vez na vida.

Julie arregalou os olhos. — Uau!

Kendra ainda estava receosa. — É, uau.

— Acham que estou sendo louca?

— Você se sente assim? — Julie questionou.

Olhei para elas, pensando. Não, eu não me sentia assim... Bem, talvez um pouquinho. Era um grande salto, eu não dava grandes saltos sem consistentes garantias. Eu não me arriscava. Também não era como se eu não as tivesse. Mas queria. Queria muito fazer isso, principalmente, depois da descoberta que fiz.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sei o que quero, e eu quero fazer isso.

— Bem, então, a gente tá dentro — Kendra disse.

— Conte conosco, fofa. — Julie me abraçou.

— Estou feliz por você, pela escolha que está fazendo.

Soltamo-nos, e eu olhei.

Ela sorriu, segurando minha mão e completou:

— Está escolhendo ser feliz.

Entendia a surpresa delas. Isto seria épico, um salto gigantesco, muito diferente de minhas ações. Sempre tão contida. Eu podia ser aventureira quando era necessário.

Tinha arriscado tanto de mim pelos outros.

Podia arriscar por mim mesma.

Eu não estava só feliz, estava em êxtase e tomada pela ansiedade.

Fiz minhas coisas com um novo ânimo, banhada de vontade, de tonsus de vida.

PERIGOSAS ACHERON

Naquela noite, quando Ty chegou, eu mal podia me suportar tamanha minha antecipação. Estava difícil disfarçar. Sentia-me acanhada, mas não podia controlar.

Depois do jantar, com Violet dormindo em seu quarto, tiramos um momento para nós na sala, minhas pernas jogadas sobre as suas, bebendo vinho e maratonando *Spartacus*. Trocamos beijinhos e alguns amassos quando a coisa na tela esquentou.

Dessa vez, eu não rejeitei seus avanços.

Sentia falta dele, dos seus beijos, nossos momentos, estar em seu regaço.

— Sinto muito — sussurrei baixinho.

Ty me olhou de lado, questionando.

— Estive sendo uma bruxa com você — e completei rapidamente. — Não que não tivesse motivo... M-Mas isso não justifica meu comportamento estúpido.

Ele parecia completamente perdido. — Fiz algo?

— Não!

Puxei uma respiração profunda, lambi os lábios ressecados. Tensa, de repente. Sob a sua maldição, bebi o resto da minha bebida e devolvi a taça para mesa.

— O que foi isso?

— Eu... Eu tenho algo pra te falar.

Ty esperou.

Fiz uma pausa, abri e fechei a boca.

As palavras estavam lá, elas só não saiam.

Seus dedos alcançaram meu queixo, chamando minha atenção para seu rosto preocupado. Seus olhos escuros me sondavam, amorosos e curiosos.

— Pode me dizer qualquer coisa, Gabriela.

Eu o olhei pelo que pareceu ser tempo demais então, meus olhos se encheram d'água. Espremi meus lábios juntos, recusando o tremor do meu

queixo.

Ty se transformou, seu rosto totalmente em alerta.

— Ei, qual o problema?

Só fiz chorar mais, e eu nem sabia da onde vinha tanto choro. Tapei o rosto com as mãos, chorando tanto que logo soluçava, meus ombros tremendo. O nariz ranhoso. Odiava isso. Eu já tinha chorado essa perda. Nem sequer tive tempo de me afeiçoar, eu só... Não sei... Tinha sido impactante. E agora, não podia parar.

Ty me puxou, abraçando-me, enfiei a cabeça na curva de seu pescoço.

Não havia como me recuperar. Por mais que tentasse lutar contra aquela emoção funda, mais forte e incontrolável ela se tornava, então desisti e deixei fluir.

Por algum tempo, Ty só ficou lá, me segurando.

PERIGOSAS NACIONAIS

Depois, sua voz baixa e calma passou a acompanhar o movimento de sua mão esfregando minhas costas, murmurando palavras reconfortantes.

Aos poucos me acalmei o suficiente para revelar meu segredo.

— Perdi nosso bebê.

Por um ínfimo momento, sua mão parou.

Fechei os olhos com força, chorando baixinho.

— O quê?

— Sinto muito... e-eu sinto muito...

Ele me puxou para encará-lo.

— Sente pelo que, baby?

— O bebê, eu...

— Não pode salvar todo mundo, Gabriela.

Franzi o cenho, limpei a cara e me afastei, como se tivesse levado um tapa.

Ele me atraiu de volta. — O que está fazendo?

Olhei, carrancuda, a voz seca.

PERIGOSAS ACHERON

— Não faz diferença pra você, não é?

Ele me olhou com raiva e rosnou. — O quê? Que caralho de pergunta é essa? De novo com essa merda de colocar palavras na minha boca, Gabriela?

Desta vez, Ty se afastou antes que eu pudesse replicar.

Puxei as pernas para cima, espiando sob meus cílios molhados me sentindo impotente e miserável. Fúria rolou através dele e bateu em mim. Encolhi-me.

— Não faz diferença pra mim — repetiu, a voz áspera e incrédula, perambulando pela sala, com as mãos apoiadas no quadril. Ty parou e me encarou, exalou forte e pareceu puxar uma respiração funda, depois veio até mim, sentou na mesinha central de frente para mim. — Quando decidiu que não faz diferença pra mim?

Eu olhei boquiaberta.

— Não estou chorando como deveria? Desculpe, estou chocado demais por saber que perdemos um bebê quando eu nem sabia que teríamos outro filho... Você desconfiava que estava grávida, mas menstruou... Deus, Gabriela.

Seu semblante contraiu com tristeza e cheio de consternação.

Ele parecia perturbado.

— Desculpe, Ty — pedi, chorando mais. — Eu sinto muito mesmo. Foi errado o que eu disse... o que fiz, esconder de você... eu só... sinto muito...

Ty se moveu para o sofá, puxando-me em seu colo.

— O que eu vou fazer com você?

Mal o ouvi, embalada pela culpa, meus lábios carregados de desculpas.

— Talvez eu deva começar a surrar sua bunda cada vez que me esconder algo ou me desafiar do jeito que faz, pondo palavras na minha boca,
PERIGOSAS ACHERON

tirando conclusões precipitadas. Percebe que isso somente faz mal a nós dois? Principalmente, a você?

Funguei, as palavras eram desajeitadas em minha língua. — Desculpe. Me desculpe. Eu sinto tanto, Ty. Não estava pensando direito, eu só...

— Fez o que está acostumada a fazer, mas, baby, isso está ferrando nossa relação, nós dois, você própria — murmurou com desgosto, a voz embargada.

Ele tinha razão, eu sabia, isso me fez chorar mais forte.

Não sabia como parar isso, como mudá-lo, como deixar de ser assim.

Estava tentando, mas, Deus, era difícil!

Deixe-o cuidar de mim, até que estive mais calma e recomposta.

— Talvez nós devêssemos buscar terapia de casal para trabalhar através de nossos problemas e

PERIGOSAS ACHERON

nosso vínculo de confiança.

Dei-lhe uma olhada surpreendida.

— Não me olhe assim... Vai me contar?

Assenti comedida, enquanto dava um suspiro longo. — Eu não sabia que estava grávida, desconfiava, disse a você, mas, mas...

— Sei, baby. Nenhum de nós podia ter certeza. Foi uma fatalidade. Não é culpa de ninguém. O que a médica disse?

— Ela disse que foi um aborto espontâneo. Aparentemente, sem causa. Isso é comum, sabe, no início da gravidez. Eu ainda estava no comecinho; 4, 5 semanas.

— Por que não me disse? Não precisava passar por isso sozinha. Eu teria gostado de saber, de poder dividir esse momento com você.

— Não sei.

Sua cabeça balançou.

— Ty...

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele limpou meu rosto, o seu próprio caído, a voz ferida. — Não estou feliz, Gabriela. Era o nosso bebê, não apenas seu. Sei que teve suas razões, posso respeitar e entender, mas isso não me faz mais confortável com essa situação.

— Não sei o que dizer. Foi errado e totalmente imaturo da minha parte. Eu sinto muito mesmo. Nunca o magoaria de propósito.

— Isso já é alguma coisa.

Descansei a cabeça em seu ombro, respirando o máximo do cheiro dele. Ele cheirava a casa... Lar... Bom e reconfortante. Estava segura e bem.

— Está mais calma?

Sorri, mas não chegou aos olhos. — Sim.

— Não pode continuar me escondendo as coisas. Precisamos nos comunicar sobre as coisas pequenas e triviais, bem como as grandes e importantes — disse ele, após um momento, a voz baixa e profunda cravando através de mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não vou esconder mais — prometi.

— Deve ter sido extremamente difícil e doloroso pra você, mas, baby, se quisermos construir algo sólido, precisa parar de achismo e confiar em mim.

— Você tem razão, eu fui egoísta e estúpida... Eu estou tentando, estou... É só que... — pausei. — Eu me sinto tão culpada. Não queria te magoar.

— Ainda assim, fez.

Escondi meu rosto em seu ombro, novamente. Não havia o que dizer, exceto pedir-lhe desculpas, mas, quanto mais me desculpava, mais inútil soava.

O silêncio abriu caminho entre nós enquanto as pontas de seus dedos percorriam meu braço, a carícia suave varrendo meu desconforto para longe.

— Eu não estava brincando sobre a terapia.

Levantei a cabeça para olhá-lo.

— Eu não sei, Ty. Não tenho uma resposta. Preciso pensar.

PERIGOSAS ACHERON

Ele balançou a cabeça, esticou a mão, limpando a umidade abaixo dos meus olhos enquanto murmurava com pesar. — Eu sinto muito pela nossa perda.

Engoli com dificuldade. — Eu também.

Levantei e lavei a cara no banheiro, então retornei.

Uma vez que sentei ao seu lado, eu avancei nele. Segurei seu rosto e o beijei com furor e desejo. Nunca tinha roubado um beijo na vida, e amei cada segundo. Ty, a princípio, não se moveu, parecia chocado, mas logo tinha suas mãos ao meu redor, a boca se movendo contra a minha, sua língua na minha boca, chupando minha língua.

Sobre seus lábios, ofegando, sussurrei. — Obrigada.

Ele também respirava forte, os olhos cheios de emoção.

Seus dedos infiltraram no meu cabelo,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

segurando-me para seu olhar ardente, que sempre me deixava acesa, ansiosa para estar com ele.

— Por?

— Por compreender, por estar aqui e me apoiar... e... — pausei, pensativa, as palavras impossíveis de segurar. — Sei que foi você quem pagou a faculdade.

Sua sobrancelha arqueou. — Sabe?

— Por que não me disse?

Ty sorriu então, riu com uma expressão inocente. — Culpado. Parece que ambos andamos escondendo coisas um do outro. — Sua boca encontrou a minha em um beijo quente e longo, até que quase perdi o fôlego, dobrando-me no sofá.

Segurei seu rosto, forçando-o a me olhar, mas deixei que ele se colocasse entre as minhas pernas. Um estremecimento sensual viajou sob minha espinha.

— Vai me responder?

PERIGOSAS ACHERON

— O quê? — murmurou faceiro, baixando os lábios para a minha garganta e colo, alternando entre beijos, lambidas e mordidinhas, enquanto se pressionava contra meu corpo, criando o atrito perfeito do jeito que me deixava louca.

Desta vez, puxei seus cabelos.

— Por que me deixou pensar que foram seus pais que pagaram a faculdade?

— Por que não faria?

— Responda.

— Que diferença faz? Está feito.

Estapeei seu traseiro quando ele empurrou de novo, desta vez, mais forte, mais duro. Gemi. — Pare com isso e comece a falar. Eu quero saber.

Ty sorriu com presumida diversão.

— Hummm... Está selvagem hoje. Gosto disso.

Dei-lhe um olhar.

Ele exalou forte, pairando sobre mim. — Sério, baby. Que diferença faria, além do fato de que você

PERIGOSAS ACHERON

recusaria veemente? Você precisava de ajuda e eu podia ajudar.

— Simples assim?

— O que esperava?

O que eu esperava? Eu esperava algo?

Sem resposta, eu disse, ao invés. — Não sei, Ty... As pessoas não são boas assim. Geralmente, dão algo querendo outra coisa em troca.

— Às vezes, as pessoas apenas querem o bem da outra. Ser útil... Queria vê-la bem, Gabriela. Era o que eu queria, e você me deu isso. Você já tinha passado por tantos momentos ruins, não era justo que passasse por mais esta dificuldade.

Meu coração inchou, e eu dei duro para não chorar.

— Eu podia ajudar e ajudei. Simples assim.

— Obrigada. Isso foi a coisa mais linda que já fizeram por mim.

— Nunca pense que você merece menos do que

PERIGOSAS NACIONAIS

o melhor. É maravilhosa, sabia? Juro por Deus que a cada dia você fica melhor.

— Eu preciso fazer algo pra você, não sei, eu...

— A única coisa que pode fazer é me amar.

— Isso eu já faço — gracejei, embaraçada e lisonjeada, ao mesmo tempo.

— Porra, graças a Deus.

— É um tonto!

— Pode me beijar agora? — pediu, pausando, a expressão se transformando em uma careta dissimulada de inocência. — E talvez outras coisas.

— Outras coisas parece bom.

Ty me enviou uma mensagem informando que estaria na casa dos pais com Violet. Respondi que almoçaria com minhas amigas, depois me encontraria com eles lá e iríamos juntos para casa. Precisava falar com Ariel. Ela estava atuando como minha investigadora particular, sondando o terreno

PERIGOSAS ACHERON

como pedi, e a partir disso, eu e as minhas garotas estávamos fazendo a parte prática, botando a mão na massa, ou melhor, dando vida a maior loucura de toda a minha vida. Isso era ousado, mais do que alguma vez me permiti ser. Mas eu estava sendo valente, dando à cara a tapa por algo que eu queria.

Parecia louco e bobo ao mesmo tempo, preparar uma cerimônia às escondidas, afinal, Ty queria renovar os votos. Esta, no entanto, era minha resposta, minha forma de dizer a ele com todas as palavras, com todos os gestos possíveis para não dar margens a qualquer dúvida, que eu estava aberta para um recomeço.

Era verdadeiro. Era certo.

Eu queria isso tanto quanto ele.

Seria perfeito.

Mágico.

Um casamento real.

Um momento nosso, do nosso jeito, com os
PERIGOSAS ACHERON

significados corretos.

Depois que nos reconciliamos e estivemos às claras, tudo melhorou. Falar com ele parecia ser tudo que eu precisava para ter essa nuvem negra longe da minha cabeça.

Senti-me melhor, mais leve, mais saudável.

Deixei Kendra e Julie em seu apartamento após nosso almoço, depois fui para o mercado para comprar algumas coisas que estavam em falta em casa.

Estava ansiosa para falar com Ty.

Nos últimos dias eu estava assim, sempre ansiosa para estar com ele.

Ontem ele tinha tentado falar comigo depois que chegou da gravação. Eles tiveram uma breve comemoração no set de gravação devido ao aniversário do diretor da série, que ele estava gravando. Ty parecia sério, mas eu estava exaurida, tanto que na sua segunda palavra já estava

dormindo feito pedra. Hoje ele tinha insistido, porém eu tinha horário marcado com o sacerdote da nossa cerimônia então, ficou para depois.

Se fosse realmente urgente, ele teria dito, certo?

De qualquer forma, teríamos oportunidade de conversar logo mais.

Na fila do mercadinho, esperando minha vez, levantei o olhar para a fonte de risinhos e exclamações abafadas de choque e me deparei com duas adolescentes que estavam a três pessoas depois de mim. Os adultos na fila apenas sacudiam a cabeça.

Adolescentes! Pensei, revirando os olhos.

Nunca tinha feito o estilo espalhafatosa.

Irritante e engraçado, até tinha certa beleza nisso.

Uma delas virou para trás, sorrindo, pegando-me em flagrante. Rapidamente, ela se endireitou, desviando o olhar. Entrecerrei os olhos,

estranhando. Podia jurar que ela tinha corado, o sorriso espontâneo diminuiu para um amarelo sem graça. Contudo, foi sua atitude que colocou uma sensação enigmática na boca do meu estômago. Nem sei o porquê de estar olhando. Elas mudaram, cochicharam, olharam para o que parecia ser uma revista na mão de uma delas. Não demorou para que, agora, ambas me espiassem quando pensaram que eu não estava vendo. Isto era comum. Nada novo sob o céu.

Porém, havia um enorme ponto de interrogação no ar.

Um incômodo persistente.

Isso era um monte de baboseira!

Não era como se não estivesse acostumada a ser encarada.

Era só que... Não sei...

Elas passaram no caixa, contudo, não saíram sem antes me devotar um último olhar que fez

minha curiosidade ganhar a estratosfera.

Estapeei-me mentalmente.

Não era uma criança, tampouco uma adolescente, podia conter minha curiosidade... Risque isso. Revirei os olhos para mim mesma.

Lancei-me para o monte de revista, mas parei no meio do trajeto quando o meu celular danou a tocar. Fucei na bolsa atrás dele, a tela se desligou. Sem bateria. Porém, antes pude ver que era Ty. Olhei para frente, agora com pressa, queria colocar o celular logo no carregador do carro e verificar o que ele queria. Poderia ser Violet.

Minha vez chegou.

Lembrei-me da revista e, rapidamente puxei uma.

Não costumava ler revistas de fofocas, achava um desperdício de tempo. Gostava das que falavam sobre casa&jardim, psicologia, neurociência, entre outras.

PERIGOSAS NACIONAIS

Coloquei minhas coisas no caixa, e por último, a revista.

Há aqueles momentos na vida que a gente deseja rebobinar. Só apertar o botão mágico e começar tudo de novo e esquecer todo o resto.

Esse era um desses momentos.

Um olhar de relance, e depois uma olhada fixa, que pareceu durar uma eternidade, a imagem e as letras se tornaram grandes demais, drenando meu sangue.

Era como se a capa gritasse na minha cara.

Encheu-me de um terror paralisante.

Respirando devagar.

Mais branca que papel.

— Senhora? Senhora?

Não sabia o que sentir, o que pensar, o que falar.

Era como se por aquele átimo, eu estivesse completamente vazia e em silêncio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu corpo estava presente, mas minha mente flutuava.

— Senhora?

Algo ou alguém me tocou... Olhei para cima, ainda sem reação. A caixa me olhava de volta, preocupada. Num rompante involuntário, puxei a revista enrolada.

— Tudo bem?

Assenti. Inalei pelo nariz com tanta dignidade quanto pude reunir.

— A senhora vai pagar no cartão ou em dinheiro?

Engoli, pigarrei, forçando minha voz.

Não sei como consegui não derrubar nada no chão e caminhar para longe dali sem dar vexame. Minhas mãos estavam tremendo, meu coração estourando, gelada, quando entrei no carro, deixando as coisas de qualquer jeito no banco do passageiro.

PERIGOSAS ACHERON

Olhei novamente para a capa da revista.

***“Escapadinha?
Ty Bryant trai esposa com ex-namorada”***

Folhee, olhei, olhei... li... reli...

Tinha lágrimas nos olhos, mas não chorei.

Mal podia ler, as letras rapidamente desfocaram e se embaralharam.

Uma sensação de asfixia agarrou minha garganta enquanto fixava a imagem turva... Ty e Tara íntimos. Tentei ser racional, mas o bolo de aniversário dizimou qualquer desculpa. Isso foi ontem... Meu castelo desmoronando de forma tão real que me fez sentir em pânico... Abaixei o vidro do meu lado, respirando aos trancos... Meu coração em estilhaços, batendo na garganta, pulsando tão forte que o sentia em cada parte...

Em segundos, era como se morresse por dentro.

PERIGOSAS NACIONAIS

Gelada até a medula.

Por quê?

Por quê?

POR QUÊ?

Humilhação me lavou, fazendo-me fraca.

Lágrimas grossas saltaram, percorrendo minhas bochechas.

Decepção e frustração, uma combinação desprezível, que me fez doente até os ossos. Respirei fundo, até que estava anestesiada o bastante, coloquei o carro em marcha até a casa dos meus sogros. Não havia nada, nenhuma raiva, nenhuma fraqueza, nenhuma dor, só uma compulsão viciante impulsionando-me. A revista na mão, pesando, queimando, ferindo, quando saltei do carro. Não toquei a campainha como costumava fazer. Entrei, dei três passos e parei. Fechei os olhos, respirando, como se cada tragada funda tivesse o poder de manter meus pedaços

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

juntos. Minhas mãos em punho ao lado do corpo num aperto firme o bastante para deixá-las dormentes.

— Gabriela? Eu estava te...

Meus olhos se abriram, mortais, perigosos. Ty recuou.

Sei o que ele via. Era o que eu sentia. Isso implodiu em mim no instante em que estacionei o carro no meio fio em frente à casa de seus pais.

Fogo. Fúria. Repulsa.

Uma raiva sem tamanho, torcida, escura, feia.

Uma dor que me fez dura até a alma e, de repente, tudo estava muito claro.

Puxei uma respiração forte, trêmula, minha voz dura e árida como lixa, e eu lutei muito para manter meu tom nivelado quando tudo em mim revolia em violência.

— Não fale. Acabou. Não me interessam suas razões. *Acabou.*

PERIGOSAS ACHERON

Tensa da cabeça aos pés, rígida ao ponto de doer com qualquer mínimo movimento. Eu estava fervendo, quebrando de dentro para fora.

Ele ergueu as mãos, cauteloso, dando um passo à frente, depois que seu olhar caiu em minhas mãos. — Gabriela, baby, seja lá o que pensa que viu, eu posso explicar.

Taquei a revista nele, bateu em seu peito e caiu aberta no chão aos seus pés.

— Nada do que você diga vai mudar a verdade e como eu me sinto. Não que seja uma novidade, não pra mim. Sempre foi assim, sempre...

— Não é assim, baby...

— Ela estava lá?

— Gabriela...

— Responda! É sim ou não. Ela estava lá?

— Estava. Mas eu não...

Eu não estava escutando mais.

Eu me movi... Ele se calou. Pisei até ele, minha

PERIGOSAS NACIONAIS

palma aberta imediatamente marcou o lado de sua cara. — Eu nunca, *nunca*, nunca vou te perdoar por isso.

Ty me fixou. Eu me afastei para me conter, tentando ainda manter a fúria sob controle. Encarei, assistindo-o se agachar para pegar a revista no chão e lê-la.

Sua aparente calma estava me enlouquecendo ainda mais.

Respirava forte, o dedo apontado, o peito subindo e descendo. — Quero a minha filha, quero os papéis assinados e quero você fora da porra da minha vida.

Ty me olhou cheio de terror, os olhos vermelhos e desesperados.

Eu não sabia que estava gritando, até que os senhores Bryant e Ariel surgiram.

— O que está acontecendo aqui? — Daniel tentou apaziguar.

PERIGOSAS ACHERON

— Por que estão gritando? Dá pra ouvir lá da cozinha — disse Cora. — Se acalmem. Violet está dormindo lá em cima e desse jeito irão acordá-la.

— Ty? Gabi? Qual o problema? — Ariel perguntou.

Nenhum de nós deu atenção.

Estávamos presos um no outro, no desastre iminente que éramos.

Ty focado em mim, com dor e súplica estragando seu rosto. Eu só tinha desgosto. Quanto mais olhava para ele, mais irada e enojada eu ficava. Mais eu queria queimar o mundo. Mais essa sensação de destruição ganhava terreno dentro de mim.

Eu me sentia agredida, violentada da pior forma possível.

— Sei como parece, mas não é assim, Gabriela. Eu realmente posso explicar.

— Explicar o que, Ty? Que você não presta?

PERIGOSAS NACIONAIS

Que nunca me respeitou? — gritei, chorando, louca de raiva, tapei meus olhos, balançando pra lá e pra cá como uma fera enjaulada, incapaz de ficar parada. — Ah, Deus! Como fui burra!

— Gabriela, você está nervosa agora, quando se acalmar e me ouvir...

— NÃO QUERO TE OUVIR. NÃO VOU TE OUVIR. — explodi enlouquecida, soluçando, mais furiosa a cada segundo. — Por que você não pode ser decente? Por que sempre tem que me machucar? Por que tem que estragar tudo? Por quê? POR QUÊ?

Ty se materializou na minha frente, as mãos em meus braços, mantendo-me, seu toque me queimando com ácido, e eu sequer tinha forças para afastá-lo.

Seu toque me debilitou, enfraqueceu minhas forças.

Seu desespero não me dizia nada, mas o meu

PERIGOSAS ACHERON

próprio me rasgava.

— Baby, está equivocada. Juro por Deus. Não é como pensa.

— Eu odeio te amar. Eu me odeio por te amar. Você fez isso. Sujou... manchou tudo de bom e bonito que poderíamos ter. Não dá pra construir nada sobre isso — áspera, rouca, minha voz refletiu toda a dor e a fúria dos anos passados.

Tinha cavado um buraco fundo e enterrado todas essas lembranças ruins, todos esses sentimentos podres lá no fundo, e agora, estava tudo aqui, espalhado.

— Eu amo você. Por favor, não faça isso. Nós podemos concertar. Eu não fiz nada de errado, juro por Deus, pela minha vida... Só me escute, por favor.

— Você sempre me sentir assim, inútil. Errada. Inadequada. Mas não sou eu, não é? É você. Sempre foi você o problema. Egoísta demais para

ver além de si.

— Eu não a chamei lá, Gabriela — grunhiu, duramente.

— Não importa! — gritei, sacudindo as mãos num acesso de raiva. — Ela estava lá! Você sabe como me sinto em relação a ela, a vocês... — me calei, a cada segundo me sentindo pior, mais agredida, mais machucada. — Eu estou cansada... Você me cansa.

Deixei meus braços e ombros caírem, exausta.

Em algum momento tinha desistido de tentar controlar o choro.

Podia ouvir o burburinho de vozes ao nosso redor.

— Gabriela, por favor, se só me deixar explicar...

— É por isso, não é? É por isso que estava tão ansioso para falar comigo antes que... antes que... O que pensou? Que me daria uma desculpa qualquer e

eu acreditaria?

— Não há desculpas, Gabriela.

Tudo aquilo me atingiu com força, uma bola de aço. — Eu fiz de você a minha casa e você quebrou ela... me quebrou... — chorei, minhas pernas moles cedendo.

Meus joelhos só não bateram com força no chão porque Ty me segurou.

Ele se ajoelhou na minha frente, ainda me segurando.

Não tinha forças para afastá-lo.

Tudo doía. Fustigada.

Minha garganta estava inchada, sufocada, doendo.

Meu rosto contorcido em uma careta de dor excruciante, de pura angústia, o nariz escorrendo. Tínhamos uma plateia. Não dei à mínima.

— Eu odeio você.

— Não odeia não, — ele disse tentando me

abraçar, lutei contra ele, mas eventualmente, desisti, entregando-me a derrota que me assolava.

Ele sempre seria mais forte, intocável.

Nada abalava Ty Bryant, não quando dizia respeito a mim e seus sentimentos. Eu era a confusão emocional, a boba apaixonada, não ele.

— O-Odeio que você me faça isso, q-que me faça sentir assim. Odeio que tenha esse poder. — Tapei o rosto com as mãos e chorei minha desilusão, toda frustração.

Tudo estava chafurdado em uma enorme poça de sujeira.

— O que...? Ty, filho, o que é isso? — Cora disse, após um tempo que não podia discernir quanto era. Estava presa em um átimo em que as horas não passavam.

Limpei meu rosto, puxando uma respiração funda, doeu minha traqueia, meu corpo todo doendo, os olhos, a pele, dentro e fora. Levantei,
PERIGOSAS ACHERON

ignorando Ty chorando aos meus pés e encarei sua família. Cora estava com a revista na mão. Não havia em mim um só grama de luta. Essas comportas estavam abertas, e eu estava exausta.

Nenhum cadeado. Nenhuma barreira. Nenhuma dignidade.

Estava nua. Vulnerável.

— Isso é seu filho sendo — olhei para ele — o que ele sempre foi.

Ty reagiu, enfurecido. — Nunca trairia você, Gabriela.

Não sabia em que momento exato tudo mudou, mas enquanto estava lá, olhando para ele, encarando-me de volta com sua fingida (ou não, não importava realmente) sinceridade, eu joguei a toalha. Não menos enraivecida e machucada. Minhas emoções ainda me comiam viva. Meus sentimentos eram como um festival de horrores. Todavia, por aquele momento, só por aquele

PERIGOSAS ACHERON

momento, tudo se calou e a frieza me tomou.

— Você me traiu mais vezes do que pode contar em seus dedos dos pés e mãos, fez pouco de mim em cada mínima oportunidade que pôde... O pior, aliás, o que faz isso pior é justamente você ter feito isso sem intenção. Não havia o mínimo de consideração, de respeito, de carinho em você por mim, para que você se desse ao trabalho de pensar em como eu me sentiria com suas saidinhas para festejar com seus amigos putos, para foder por aí, para trazer Tara para perto... de mim... da sua filha...

Olhei para cima, ignorando-o novamente, enquanto ele levantava.

— Não era real. Isso aqui... ele e eu, nunca existiu.

— Chega, Gabriela. Nós vamos para casa. Não adianta tentarmos falar agora q...

Ele tentou pegar meu braço e eu me esquivei,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

focada na nossa plateia e depois nele. — Se você tocar em mim, eu juro, sou capaz de fazer uma loucura... Não posso mais, não quero mais... A única coisa na qual você é bom é em me machucar.

— Isso não é verdade. Eu te fiz feliz... Isto é um engano.

— Engano é ter me enfiado em um casamento falso, engano foi me envolver com você, acreditar em você, amar você... Deixar que me sufocasse até que não me reconhecesse mais, até que... Você nem sabe, não é?

Balancei a cabeça lentamente.

Era inútil, tudo isso.

Foquei em seus pais.

— Onde está Violet?

Cora me encarou de volta, completamente desnorteada, a preocupação explícita em seu olhar. — Gabriela, filha, é melhor você se acalmar primeiro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Cora, você tem todo o meu respeito, mas se eu ficar mais um segundo na frente do seu filho, eu vou fazer uma besteira. Quero minha filha *agora*.

— Filha, eu entendo, mas você está muito nervosa para dirigir assim...

Eu estava a ponto de ser grosseira.

Daniel se posicionou.

— Tudo bem, filha. Só me permita levá-las, ok? Cora tem razão, está muito nervosa para dirigir. Me culparei se saírem daqui assim e algo acontecer. E você, depois que puder pensar com clareza, também irá se culpar... Por favor.

— Ok — mordeu.

— Eu vou buscá-la.

Daniel voltou com Violet dormindo e saiu para o carro.

Girei para ir atrás dele.

— Para onde você vai, Gabriela?

Parei, respirando, para dentro e para fora.

PERIGOSAS ACHERON

Olhei sobre o ombro para o homem que um dia me fez suspirar deslumbrada, e agora, sua destruição aparente só me fazia enojada, odiosa.

— Nós terminamos aqui, Ty.

Epílogo I

TY BRYANT

Ela não estava aqui, ainda assim, por onde olhasse era capaz de ver seu espectro, ouvir sua risada, sua voz, as passadas abafadas de Violet enquanto ela corria atrás da nossa menina. Gabriela estava em cada canto, a imagem tão viva que muitas vezes estendi a mão na esperança de tocá-la só para encontrar o nada... o espelho de como me sentia por dentro. Sentia falta da minha filha, e talvez deveria me envergonhar por me sentir como sentia, mas era o distanciamento de Gabriela que

me matava.

Violet era minha, não tinha como me tirarem isso.

Gabriela... Bem...

Duas semanas, seis horas, vinte e três minutos e segundos que corriam sem cessar, chafurdando-me ainda mais na minha própria miséria.

Gabriela tinha saído da minha vida naquele mesmo dia, deixando um rastro de angústia, de palavras não ditas, de desentendimentos... e remorso.

A casa estava como ela deixara, cada almofada, a disposição dos moveis e objetos, os brinquedos de Violet, suas próprias coisas. Ainda havia roupas suas no guarda-roupa, o vestido sobre a poltrona, sua toalha no grampo, seu cheiro impregnado nos lençóis, no banheiro... Não mexi em nada. Deixei tudo exatamente como estava. Como um tolo esperando que tudo não passasse de um sonho ruim

e ela iria passar pela porta a qualquer momento. Era um idiota iludido!

Tinha sido um canalha. Um completo imbecil. Por tanto, tanto tempo, que se pudesse chutaria meu próprio traseiro... Tempo que gastei com coisas inúteis, gozos momentâneos que não me serviram de nada. Tempo que não voltaria...

Não consegui fazer mais nada depois que ela me chutou.

Pedi folga no trabalho, e quando não deu mais, rescindi o contrato, não havia maneira de que eu pudesse ter minha cabeça livre para qualquer outra coisa. Nenhuma consequência era severa, tão importante quanto a que estava vivendo.

Gabriela preenchia tudo.

Respirava ela.

Sentia ela.

Sempre, desde quando ela ainda menina era alheia a minha sondagem curiosa carregada de
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

interesse masculino, tinha sido ela.

Que bastardo eu tinha sido!

Que má sorte!

Fui honesto com meus pais. Só deixei sair. Mesmo os sermões, os olhares chocados e decepcionados, não eram nada perto do terror que sentia...

... da perda iminente por ser um burro.

Lidar com meus pais, com a mídia sensacionalista, era nada vezes nada.

Liguei, deixei mensagens de voz, de texto.

Mandei flores.

Fui até ela, inútil. Implorei para que Gabriela me escutasse, ela estava errada em suas conclusões. Gabriela tinha que saber. No entanto, mesmo suas impressões estando erradas, eu sabia de quem era a culpa, dei trela, e deu no que deu.

Gabriela tinha todas as razões para enlouquecer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu, porra, teria feito pior.

Sentado no sofá da sala, eu não conseguia me mover.

Não podia beber. Comer. Dormir.

Esfreguei as mãos no rosto, a aspereza da minha barba arranhando a pele.

Odiava andar pela casa e ser recebido pelo eco de meus próprios passos.

Nenhum riso infantil.

Nenhuma voz feminina suave.

Nada havia acontecido entre Tara e eu. Nunca mais.

O fotografo havia sido um grande filho da puta. Se Tara tinha participação nisso, não me interessava. Esses vermes sempre estavam atrás de uma polêmica, farejando qualquer merda como abutres que eram. Ela tinha aparecido no set de gravação, querendo pedir um favor para uma entrevista para sua irmã, as fotos eram no ângulo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mais pretencioso possível. Nos primeiros dias, a mídia tinha sido implacável, e eu estava desesperado para que Gabriela me ouvisse, me desse ao menos à chance de falar, e quando não aconteceu, eu me tornei a porra de um missivista. Ela não tinha telefonado, mandado uma mensagem de texto, respondido de qualquer forma... até agora.

Sentado aqui, olhando para o pedaço de papel aberto sobre a mesa, qualquer esperança que ainda tinha caiu por terra, restando-me um punhado de arrependimentos.

Ty,

Não posso mais. Não podemos continuar fazendo isso com nós mesmos, nos torturando dessa forma doentia, pois é exatamente isso que estamos fazendo um ao outro, e eu estou cansada. Tão farta que isso está me matando... estive me matando por tanto tempo, e eu não posso mais. Não quero.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Entendi o que disse, e, honestamente, não sei se acredito, nem se isso me importa mais. Aliás, a única coisa importante nisso tudo, foi abrir meus olhos para o que eu não queria ver. Tara sempre foi uma parte da sua história, e eu permiti que ela fosse uma parte da minha vida também. Odeio isso. Odeio que a tenha tocado, que tenha fodido com ela, feito amor, beijado ela, estado no mesmo ambiente que ela, tudo isso me deixa doente... Isto é louco, porque eu sei que não era ela. Nunca foi ela.

Éramos nós. Você e eu.

Principalmente, eu.

Saber que você não me traiu, embora goste e (acredito), não faz isso doer menos, não faz eu me sentir de forma diferente do que me sinto.

Nós dois erramos. Escolhemos mal e o resultado está aí... Não há como voltar atrás, passar uma borracha, fingir que nada aconteceu. Não mais.

Chegamos a um ponto sem volta.

Você me deu vida quando eu estava morta por dentro.

Deu-me calor quando tudo que eu tinha era frio.

PERIGOSAS ACHERON

Deu-me luz quando eu tinha escuridão.

Deu um sentido para a minha vida quando eu estava vazia.

Mas hoje, hoje eu preciso aprender a viver só, fazer as pazes comigo mesma, com quem sou, com o que posso ser... apreciar minha própria companhia...

É, você tem razão. E eu estou aprendendo isso, a ver, e, principalmente, reconhecer as coisas boas que me eram ofuscadas, assim como meus próprios erros, minhas próprias falhas. Não é fácil. Não é bom... Nós tivemos coisas boas, também. Coisas que sempre terei comigo. Você sempre será uma parte importante da minha vida, que contém pedaços bons e ruins. Mas é minha parte, minha história. Eu pertenci a você por muito tempo... eu quis pertencer, eu sempre quis pertencer a algo, a alguém... Infelizmente, neste processo, de alguma forma nociva, eu deixei de me pertencer.

Não quero falar de culpa. Quem fez mais, quem fez menos. Erramos. Nós dois.

Sinto por termos chegado a este ponto, sinto pelo que vou dizer, mas não posso mentir, não posso continuar com isso, fingindo que tudo está ok, quando não está.

Amar você me adocece. Quanto mais eu insistia em nós, menos eu me amava, menos eu me respeitava. Isso é tóxico. E eu preciso deixar isso ir, Ty. Preciso que você deixe isso ir. Eu sei que da sua forma você me ama, mas não sei se é o suficiente para mim, e eu não quero descobrir isso. Não agora... Talvez nunca... Agora eu preciso apenas de mim. Me descobrir. Não sou tão forte assim, admito. Toda e qualquer força, por agora, só por agora, eu preciso colocar em mim... Então, por favor, respeite isso. Me respeite.

Se não conseguir respeitar minha decisão e me deixar ir, talvez seja o momento de você também repensar sua vida, seus sentimentos por mim, por você.

Nosso casamento acabou.

Nós acabamos.

Gabriela.

— Ty, meu Deus, há quanto tempo a Laura não vem aqui? Como pode viver assim? Isso está uma nojeira! Posso ver a poeira subindo, meu filho!

Recolhi a carta, amassando-a quando enfiei no bolso.

Esfreguei as mãos no rosto, limpando, e foquei minha mãe.

Cora fez uma pausa, suspirou, deixando os ombros caírem e veio até mim, sentando-se do meu lado. Segurou minha mão sobre a coxa e escovou a outra em meu rosto em um gesto materno enquanto me repreendia. — Não dá pra continuar assim, querido. Sinto em dizê-lo... Gabriela não voltará. E, se voltar, não será legal que a casa esteja neste estado. Nem parece que mora alguém aqui.

Meu maxilar travou, podia escutar o ranger dos meus dentes enquanto tentava conter minhas emoções. Meus olhos estavam vermelhos e feridos.

— Estamos preocupados com você — papai disse.

— Estou bem — garanti, com a voz rachada, feia pelo desuso.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você já se olhou no espelho?

— Eu vou chamar Laura e uma equipe de limpeza.

Levantei a cabeça, abruptamente. — Não!

— Ty?

— Não, mãe! Não quero ninguém mexendo em *nossas* coisas.

Pensar em alguém mexendo em nossas coisas, me enfurecia... Não eram mais *nossas* coisas... Nem minhas... Estava em um lugar onde não me sentia pertencer, não sem elas... Eram elas, Gabriela e Violet, que traziam sentido para aquela casa.

— Você não está bem, filho.

Encarei-a. — Não estou, mãe. A mulher que amo e minha filha me deixaram, fui um grande imbecil permitindo que as melhores coisas que aconteceram em minha vida fugissem. Não, eu não estou bem. E não ficarei por um bom tempo.

— Mas...

PERIGOSAS ACHERON

— Cora, deixe ele.

— Mas Daniel, ele não pode...

— Ty tem razão, ele fez besteira e tem de arcar com as consequências. — Papai colocou a mão no meu ombro. — Tome seu tempo, querido. Sempre estaremos aqui para você. E quando estiver pronto, sabe onde nos encontrar.

— Obrigado, pai. — Olhei para minha mãe. — Ficarei bem.

Ela me olhou aflita e resignada.

Não havia nada que pudesse fazer para melhorar essa catástrofe, a qual minha vida pessoal tinha se tornado, os estragos estavam espalhados. Não havia como fazer essa travessia imune a eles a as dores. Este caminho era só meu.

Causa e efeito. Bem simples.

Dias depois, chamei uma equipe de limpeza e, enfim, saí de casa.

Entrei no carro e enviei a mensagem, antes que

PERIGOSAS ACHERON

perdesse a coragem.

Marque a data, e eu estarei lá.

Encontrei-me com meu advogado, expus minhas condições. Eu não estava prendendo Gabriela, não estava resistindo, mas seria maldito se deixasse minhas garotas desamparadas. O quanto isso me custaria era minha última preocupação. Teria me desfeito de cada centavo para recuperá-la...

Então o dia chegou, e cá estávamos, dividindo o mesmo espaço, sentados em lados opostos de uma mesa com nossos advogados e um juiz.

O dia não poderia ser mais irônico.

Esta era a primeira vez que a via depois que ela me deixou.

Gabriela estava mais magra, o semblante cansado, ainda assim era a mulher mais linda que já tinha colocado os olhos. Havia algo nela,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

subjacente a sua expressão de desprazer, algo que eu sentia falta e que não vi por muito tempo.

Não tínhamos trocado nenhuma palavra.

Ela assinou.

Eu também.

Estava surdo para as palavras que se seguiram.

Eu precisava sair de lá ou iria enlouquecer.

Levantei. Gabriela me imitou. Entreolhamo-nos... abri a porta e esperei que ela passasse, seu perfume ficou e eu respirei saudoso daquele aroma de casa. Caminhamos, lado a lado, pelo corredor até o topo da escadaria, cada passo cimentando a ciclo que estávamos fechando. Ironia pura. Hoje, neste mesmo dia, estávamos nos casando.

E agora...

Resignação torceu meu estômago.

Parei no topo da escadaria, olhando para a rua abarrotada de carros e pessoas indo e vindo através dos cruzamentos e das calçadas.

PERIGOSAS ACHERON

Gabriela parou do meu lado.

Havia tanta coisa que gostaria de dizer, e ainda assim, tudo parecia ser insuficiente. *Era*. Não havia nada que eu pudesse fazer.

Puxei uma respiração funda, meu peito expandindo, doendo.

Minhas mãos estavam tremendo, meu coração disparado.

Eu sabia que seria assim.

Estava livre de todas as formas possíveis, mas nunca antes me senti tão escravo dos meus sentimentos. Essa liberdade, me deixando a deriva, não era agradável.

De repente, o toque gentil em meu braço fez-me olhar para o lado. Surpreso, encarei seus olhos enquanto me voltava para ela, não esperando seu assalto em mim. Gabriela me abraçou com força, senti sua respiração em meu pescoço. Demorou alguns segundos para que eu reagisse, envolvendo

PERIGOSAS NACIONAIS

os braços ao redor dela.

Respirei seu cheiro, tragando o máximo de seu perfume.

Estava morto de saudade.

Iria morrer de saudade daquela fragrância.

Talvez eu comprasse um frasco.

Foda-se!

Fechei os olhos.

Sentindo ela, seu calor, seu corpo macio.

Gabriela se afastou lentamente, enquanto eu dava um duro danado para não prendê-la a mim. Eu queria aqueles lábios, o último beijo... No entanto, prometi a mim mesmo que lhe daria isso. Não forçaria. Pegaria somente o que me fosse oferecido. Queria que ela ficasse, queria mendigar, mas não podia colocá-la nessa situação.

Um dia, se Gabriela quisesse, ela poderia voltar.

Senti seu fôlego em minha orelha, minhas mãos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

em seu quadril, sua voz sussurrante e baixa, uma carícia tenra que afundou em meu peito. — Obrigada.

Ela se afastou e me encarou com as bochechas coradas.

Eu acenei, mudo, era a única coisa que poderia fazer naquele momento, e então, impotente, observei Gabriela girar e se afastar sem nunca olhar para trás.

PERIGOSAS ACHERON

Epílogo II

GABRIELA DE NÓBREGA

Na primeira batida, Kendra tinha aberto a porta então, minha filha e eu estávamos acolhidas e cobertas de amor, de carinho e de conforto.

Tinha meu orgulho destroçado...

... Minha dignidade em frangalhos.

O tempo parou de correr enquanto eu lambia minhas feridas. Sei que se passaram dias, semanas. Isto porque clareava e escurecia. Um lembrete que, embora eu estivesse congelada na angústia, o mundo continuava girando, a vida continuava

PERIGOSAS NACIONAIS

seguindo seu curso. Ainda assim, não podia me mover, era como se estivesse presa àquele momento fúnebre, torcendo minhas emoções, minha aorta, entupindo as válvulas do meu coração murcho no peito e fazendo de mim uma poça de dor e sofrimento.

Tentei dar o máximo de mim para a minha filha, culpando-me, não era tola, bem sabia o quanto as crianças eram perceptivas, mas dentro de minhas opções tentei fazer o meu melhor. Entender isso era fácil. Senti-lo era a parte difícil, não me cobrar.

Ver Violet chamar pelo pai, pedi-lo, apesar das rápidas chamadas de vídeos e visitas, que eu sabia serem insuficientes devido ao hábito da convivência, me dilacerava.

O tempo era inútil.

Um verdadeiro tormento.

Um teste de sanidade que eu temi não passar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Era como viver um dia de inferno infinito, sem cor, sem brilho, sem nenhum aquecimento. Somente frio e um vazio opressor, que chegava a desesperar.

Cheia de terror, de medo, de dúvidas sobre que passo tomar, quais escolhas fazer, sobre minha capacidade para cuidar de mim mesma, da minha filha...

Demorou, não sei quanto tempo, entender que o que sentia falta, o que machucava e me fazia sofrer, sentir raiva e uma dor que não parecia ter fim, não era o que perdi, vivi, mas o que *poderíamos* ter sido enquanto família, casal, enquanto pessoa. Os “poderia” me revoltavam mais do que qualquer outra coisa. Enganei-me por tanto tempo que quando aconteceu, quando a verdade me estapeou a cara, não havia para onde correr ou se esconder... Fui obrigada a ficar e lidar com as consequências.

Chorei, enfureci-me, lamentei, fustiguei-me...

PERIGOSAS ACHERON

... Até me resignar ao fato de que as minhas próprias escolhas, conscientes ou não, levaram-me aquele momento. Era simples entender, não fácil.

Olhar no espelho e me encarar era difícil, até que, conformada e com lágrimas que não pareciam mais ter um fim, compreendi uma de minhas questões mais dolorosas... A falta que eu sentia crescer dentro de mim, mesmo quando recusava inconsciente, que busquei desesperadamente ao longo desses anos, não podia ser aplacada por meus falecidos pais e minha tia, nem por minha adorada filha ou mesmo por Ty.

Demorou perceber isso.

Demorou entender que a falta que sentia era de mim mesma.

Falta da minha essência.

De quem sou.

De quem eu ainda poderia me tornar, uma pessoa melhor e capaz de conquistar o mundo se

PERIGOSAS NACIONAIS

assim quisesse, se somente fosse capaz de encarar o espelho.

Então, eu fiz.

E odiei.

Torturei-me.

Repudiei.

Temi.

Consternei-me.

Admiti.

E entendi...

Por um longo tempo, mais do que gostaria de admitir, eu fui uma coadjuvante da minha própria vida, observei através do véu de Maia. Hoje não mais. Hoje, com todos os dissabores e delícias, eu queria ser a protagonista. Precisava me redescobrir como pessoa, como mulher, meu valor, meu amor próprio, minha importância.

Demorou, mas, enfim, compreendi, *somente* eu poderia mudar a minha vida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

E foi o que fiz.

Levou tempo, passo a passo, doeu, foi desafiador, e apesar dos momentos desesperadores onde desistir soava como o paraíso, eu prosperei.

Esta era minha maior obra...

... o mais doloroso...

... o mais prazenteiro...

... Meu maior investimento...

... Em mim mesma.

Aos trancos e barrancos, enquanto em terapia, fiz um compromisso comigo mesma e dei o melhor de mim, sem reservas. A vontade de desistir era enorme, mas ser consciente do quão importante era aquele passo da enorme jornada a minha frente, uma que possivelmente levaria a vida toda, me ajudou a persistir.

Precisei me perder para me encontrar.

E como doía, meu Deus!

Como foi bom reencontrar-me e descobrir

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pequenas partezinhas minhas desconhecidas até então, que completavam meu quebra-cabeça.

Em algum momento, o choro incontrollável, estava mais controlado, mais suportável, diminuindo, dando espaço para os tímidos sorrisos... as gargalhadas inesperadas... aos momentos de relaxamento e apreciação... ao equilíbrio...

Eu estava mais focada, mais determinada.

Fiz minha tese e apresentei, formando-me com honras.

Ty esteve lá, escondido entre a multidão, quando recebi o diploma da minha graduação. Ele não se aproximou, não tentou qualquer coisa, e tudo bem.

Meu orgulho era sem igual.

Então, minha vida seguiu, um dia de cada vez.

Perdi minha família núcleo, consanguínea. Entretanto, família queria dizer mais que isso,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

queria dizer laço de amor, de carinho, de querer bem, de empatia...

... e eu tinha uma linda, com minha filha, com meus amigos maravilhosos que me amavam e respeitavam, mesmo os Bryant. Não era o padrão, mas era a *minha* família.

Enquanto Ty, bem, recebi suas cartas, algumas eram bilhetes cheios de rogo. No início, queimei alguns, depois li... Eu acreditei nele. Isso, no entanto, não significava que as coisas entre nós voltariam a ser como eram antes. Não mais. Nunca mais.

Eu ainda estava tentando, elaborando todo esse pandemônio.

Eu amava Ty. Amava com todo o meu coração, cada parte minha, cada parte dele – boa e ruim. Esse homem sempre me seria importante.

Porém, neste momento, eu precisava só de mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Inteiramente.

Completamente.

Dias se passaram.

Semanas...

Meses...

Um ano depois...

Tanta coisa havia mudado desde que assinei aqueles papéis.

Eu mesma.

Tantas mudanças em uma só vida, em um só dia.

Mais forte. Mais segura. Mais eu.

Ainda assim, havia tanta coisa para melhorar...

... E tudo bem.

Andando calmamente, observando Violet correndo esbaforida na minha frente pela estrada ladeada de trailers para acomodar os atores e todo profissionais envolvidos na filmagem. Enchi meus pulmões com o ar puro da manhã de domingo.

PERIGOSAS ACHERON

Lembrei-me de quando Cora veio me ver em meu novo lar – um apartamento singelo, perfeito e seguro, para duas garotas – depois de quase um ano do divórcio, trazendo-me uma caixa que Ty havia mandado. Não tínhamos conversado depois que deixamos o tribunal naquele dia em que assinamos os papéis. Tínhamos a guarda compartilhada de Violet. Seus pais eram quem sempre a pegavam. As poucas conversas, que tivemos pelo telefone, foram cordiais e pontuais, era tudo sobre nossa filha.

Ainda podia recordar as emoções que abarcaram meu coração quando abri a caixa, deparando-me com a estatueta de ouro e seu nome gravado.

Assim como eu, Ty também tinha seguido a vida, engajado em seu trabalho e os frutos não demoraram a surgir quando seu nome foi aclamado na premiação do Oscar.

Era sua vitória.

Mas sentia como se fosse minha também.

E eu a compartilhei através da tela da minha sala.

Havia um bilhete, também.

Nada do que eu diga mudará o que aconteceu. Tampouco mudará como me sinto, quão importante você é pra mim. Não poderia estar mais orgulhoso do que agora de ver a mulher que você se tornou, das conquistas que tem acumulado.

Eu sempre acreditei.

Em você.

Sinto-me, apesar de tudo, o cara mais abençoado do planeta por ter tido a chance de tê-la em minha vida como mulher, companheira, minha amiga, minha amante.

Ter sido seu homem foi a maior honra que poderia ter.

Queria que estivesse aqui quando ganhei esse prêmio. Bem, de alguma forma, você estava lá, em minha mente e em meu coração. Se consegui, foi por você, pelo valor e importância que imprimiu em mim como pessoa, como seu homem e o pai de nossa filha. Sabe o quanto quis esse prêmio, não

sabe? E agora, bem, não faz muito sentido. Não posso olhar para essa estatueta e me sentir bem, orgulhoso. Sinto-o mais seu do que meu. E, de alguma forma, é assim. Nada, pra mim, é mais importante do que vocês duas. Não sei se alguma vez serei capaz de perdoar-me por ter perdido a mulher mais brilhante e honesta que já tive, e ainda que seja presunçoso de minha parte desejar tê-la mais uma vez, sigo esperando, desejando , orando por um milagre.

Eu a amo, Gabriela.

Sinto muito por tê-la ferido, por não ter sido o homem que você merecia.

Eu espero, com todo o meu coração, que um dia possa chegar aos seus pés, ser bom o suficiente para que você seja minha. Pois eu sempre, sempre serei seu.

Quando e se ainda me quiser, eu serei eternamente seu.

Amo-te.

Ty Bryant.

Seu discurso de vitória tinha me feito chorar

PERIGOSAS NACIONAIS

quase a noite toda, só não sabia se de tristeza ou amor, talvez ambos. Ele tinha sido real em cada palavra. Aclamado com aplausos da plateia, e do meu coração estourando no peito. Eu tinha olhado para o símbolo de seu trabalho árduo, abraçando-a como se fosse seu verdadeiro dono.

Não podia acreditar que ele havia me mandado seu maior prêmio.

Morri de orgulho...

... de amor.

Eu o amava, ainda amava, e nada mudaria isso.

Mas hoje, hoje eu me amava, também.

Violet gritou um sonoro *papai*, e eu sorri observando-o girar, buscando-a, logo pegando-a no ar quando ela se lançou em seus braços. Ty a ergueu e rodopiou sob seus gritinhos e risinhos.

Enquanto a abraçava, seus bracinhos presos firmes no pescoço dele, sua cabecinha descansando em seu ombro, ele me olhou, sorrindo.

PERIGOSAS ACHERON

Eu, enfim, estava pronta.

— Olá, Gabriela.

— Olá, Ty.

Outras Obras

[Box Série Dangerous](#)

[Indômitos](#)

[Remissão](#)

[Consequências](#)

[Febre](#)

[O Clã Castellammare](#)

[TKO](#)

[Uma Noite](#)

[I'm In](#)

[Game Over](#)

[Sedutora Revelação](#)

[Desejos Secretos](#)

[Indecente](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Contato

Espero que você tenha gostado de ler Casamento Arranjado.

Essa história é muito especial. Não posso pôr em palavras o quanto me orgulho dela, da trajetória do casal, em especial, de Gabriela. Nunca se tratou de culpa, senão de responsabilidade por sua própria vida, com todas as delícias e dissabores de ser ela. Um relacionamento só poderá ser apreciado e vivido de forma saudável quando sabemos viver sozinhos, quando aprendemos a ficar confortáveis em nossa própria companhia.

Nossa felicidade *sempre* dependerá de nós mesmos.

Sejamos então nossos próprios donos.

SEMPRE.

Outra coisa, eu gostaria de perguntar se você pode avaliar este livro. Avaliações são essenciais para a carreira de um escritor. Não só para promover os nossos livros, elas nos incentivam a continuar escrevendo, além do mais, seu feedback é importante para mim. Então, desde já, muito obrigada se você me deu uma avaliação.

Abaixo estão minhas redes sociais, onde você poderá me encontrar.

Com amor,
Daya Engler

[Wattpad](#) | [Instagram](#) | [E-mail](#) | [Skoob](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON